

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO–PUC-SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: *Método psicanalítico e as formações da Cultura.*

**O FORTALECIMENTO DA CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA COMO FATOR DE
SUPERAÇÃO DE TRAUMAS NA COMUNIDADE CARENTE.**

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO–PUC-SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: *Método psicanalítico e as formações da Cultura.*

**O FORTALECIMENTO DA CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA COMO
FATOR DE SUPERAÇÃO DE TRAUMAS NA COMUNIDADE CARENTE.**

Dissertação, realizada por **Raquel Barbosa de
Mesquita Batista**, para ser submetida à Banca de
qualificação do Mestrado em Psicologia Clínica da
PUC de São Paulo.

Orientador **Prof. Dr. Renato Mezan.**

São Paulo

2022

BANCA EXAMINADORA

TODO DISCÍPULO PERFEITO SERÁ COMO O SEU MESTRE

(LC 6:40)

Gente Humilde

Tem certos dias em que eu penso em minha gente[...] E aí me dá como uma inveja dessa gente que vai em frente sem nem ter com quem contar.

Chico Buarque

([HTTPS://WWW.VAGALUME.COM.BR/CHICO-BUARQUE/GENTE-HUMILDE.HTML](https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/gente-humilde.html))

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre está presente em todos os momentos da minha vida, ajudando-me e dando um sentido especial a ela;

A meus pais, que não mediram esforços para nos educar e nos orientar, com sabedoria divina, justiça, retidão e no acolhimento ao diferente. Foram esses incríveis pais que nos ensinaram a dar o valor aos estudos e ao trabalho perfeito para crescermos na vida;

A meu orientador, que me acolheu nesta nova etapa da minha vida, ampliando meus conhecimentos sobre psicanálise. Sem sua preciosa orientação e leitura deste trabalho, hoje eu não estaria aqui;

Ao meu sábio irmão que, com os olhos humanos, ajudou-me a compreender as injustiças cometidas com os excluídos e marginalizados da sociedade;

A minha cunhada Eliza, e sobrinhas Letícia Vitória e Rita Júlia, pela presença em minha vida;

A CAPES que financiou a bolsa para a realização dessa pesquisa;

A todos os entrevistados, pelos dados fornecidos, sem os quais não teria sido construir esse trabalho;

Ao líder comunitário da Ilha Santa Teresinha que me abriu as portas da comunidade para que eu pudesse fazer a pesquisa de campo, à AACA, cujos professores, funcionários, alunos e outras pessoas que ali encontramos, pela preciosa acolhida

Aos tios Roberta Maria e Gilberto Afrânio, meus padrinhos e, ainda, a Carminha, Broto, Chico Cordeiro, Joana Áurea, pelo companheirismo

A Rosa Maria Tosta, que foi um jardim florido na minha vida, cujas aulas tiveram um significado particular para este trabalho;

A Thiago Antônio Avellar de Aquino com quem aprendi muito desde a graduação

Aos professores que se disponibilizaram a participar dessa banca;

Aos amigos Marcos e Mônica que me ajudaram quando precisei.

RESUMO

Este trabalho dissertativo foi realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica. Partindo da hipótese de que a superação do trauma em adolescentes, moradores em comunidades carentes, depende do fortalecimento da capacidade de resiliência, elaborou as seguintes questões de pesquisa: Qual a realidade sociocultural dos sujeitos investigados e sua relação com possíveis traumas psicológicos? Quais as dificuldades enfrentadas para superá-los? Que fatores de resiliência ajudaram os sujeitos na busca da superação? O objetivo geral foi estudar a superação dos traumas em adolescentes, moradores da comunidade carente, a fim de descobrir um possível relacionamento com o desenvolvimento da capacidade de resiliência, considerando os seguintes específicos: contextualizar a comunidade escolhida dentro do escopo social a partir dos resultados das entrevistas com moradores adultos (líderes comunitários, professores e fundadores da AACA); descrever as modificações operadas na linha do tempo da comunidade, considerando o antes e o depois da atuação dos líderes comunitários; descobrir os traumas e seus eventos causadores nos adolescentes entrevistados; analisar a subjetividade dos portadores de trauma; considerar o perfil de uma pessoa resiliente, tendo em vista o sentido que dá para sua vida naquela comunidade; distinguir, nos analisandos, os fatores promotores de resiliência; considerar a relação entre psicanálise e resiliência a partir dos estudos realizados. O método utilizado nas análises foi qualitativo que é “*fundamentalmente interpretativo*”. Quanto à proposta teórica, destacaram-se alguns aspectos da proposta de Freud (quanto aos aparelhos de proteção psíquica) e de alguns neofreudianos, sobretudo no que diz respeito ao trauma psicológico e sua relação com os eventos sociais que os causaram. Além disso, estudaram-se autores como Edith Henderson Grotberg, Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda que desenvolveram trabalhos sobre a capacidade de resiliência, considerando os fatores que a promovem. O local de pesquisa foi a *Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente AACA*, localizada na comunidade carente Ilha Santa Teresinha em Recife-PE. Constitui-se de seis capítulos distribuídos da seguinte forma: Revisão teórica: Resiliência e Psicanálise; Metodologia de abordagem do *corpus*; A Ilha Santa Teresinha; Eventos causadores de traumas; O trauma psicológico; Resiliência: a força que faz superar os traumas. Observou-se que, mesmo vivendo em ambiente vulnerável como é a Ilha Santa Teresinha, os entrevistados são resilientes e conseguem superar as inúmeras dificuldades e ter uma expectativa positiva da vida com muitos sonhos para o futuro. A AACA proporciona essa força para superar as adversidades. Quando eles estão ali, esquecem os problemas que enfrentam em casa ou na comunidade e fazem suas escolhas para o futuro com o aprendizado dos professores e funcionários. Uma escola resiliente forma alunos resilientes.

Palavras-Chave: Psicologia Clínica; Trauma; Superação e Resiliência.

RÉSUMÉ

Ce travail a été réalisé à l'Université Pontificale Catholique de São Paulo PUC-SP pour obtenir le titre de Master en Psychologie Clinique. Partant de l'hypothèse que le dépassement des traumatismes chez les adolescents vivant dans des communautés nécessiteuses dépend du renforcement de la capacité de résilience, les questions de recherche suivantes ont été élaborées: Quelle est la réalité socioculturelle des sujets enquêtés et leur relation avec d'éventuels traumatismes psychologiques? Quelles sont les difficultés rencontrées pour les surmonter? Quels facteurs de résilience ont aidé les sujets dans la recherche du dépassement? L'objectif général était d'étudier le dépassement des traumatismes chez les adolescents, résidents de la communauté nécessiteuse, afin de découvrir une relation possible avec le développement de la résilience, en tenant compte des spécificités suivantes: contextualiser la communauté choisie dans le cadre social à partir des résultats de la entretiens avec des résidents adultes (dirigeants communautaires, enseignants et fondateurs de l'AACA); décrire les changements apportés au fil du temps dans la communauté, en tenant compte de l'avant et de l'après des actions des dirigeants communautaires; découvrir les traumatismes et leurs événements causals chez les adolescents interrogés; analyser la subjectivité des patients traumatisés; considérer le profil d'une personne résiliente, au regard du sens qu'elle donne à sa vie dans cette communauté; distinguer, chez les analysants, les facteurs qui favorisent la résilience; considérer la relation entre la psychanalyse et la résilience à partir des études menées. La méthode utilisée dans les analyses était qualitative, c'est-à-dire «*fondamentalement interprétative*». Quant à la proposition théorique, certains aspects de la proposition de Freud (concernant les dispositifs de protection psychique) et de certains néo-freudiens ont été mis en évidence, notamment en ce qui concerne le traumatisme psychologique et ses relation avec les événements sociaux qui les ont provoqués. De plus, des auteurs tels qu'Edith Henderson Grotberg, Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda, qui ont développé des travaux sur la résilience, en tenant compte des facteurs qui la favorisent, ont été étudiés. Le site de recherche était l'Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente AACA, située dans la communauté nécessiteuse Ilha Santa Terezinha à Recife-PE. Il se compose de six chapitres répartis comme suit: Revue théorique: Résilience et Psychanalyse; Méthodologie d'approche du corpus; L'île de Santa Teresinha; Événements traumatisants; Le traumatisme psychologique; Résilience: la force qui leur permet de surmonter les traumatismes. Il a été observé que, même vivant dans un environnement vulnérable comme L'île de Santa Teresinha, les personnes interrogées sont résilientes et parviennent à surmonter d'innombrables difficultés et ont une espérance de vie positive avec de nombreux rêves pour l'avenir. L'AACA fournit cette force pour surmonter l'adversité. Lorsqu'ils sont là, ils oublient les problèmes auxquels ils sont confrontés à la maison ou dans la communauté et font leurs choix pour l'avenir avec l'apprentissage des enseignants et du personnel. Une école résiliente forme des élèves résilients.

Mots clés: Psychologie clinique; Traumatisme; Dépassement et résilience

ABSTRACT

This dissertation work was carried out at the Pontifical Catholic University of São Paulo - PUCSP to obtain the Master's degree in Clinical Psychology. Based on the hypothesis that overcoming trauma in adolescents living in poor communities depends on strengthening their resilience, he elaborated the following research questions: What is the sociocultural reality of the investigated subjects and their relationship with possible psychological traumas? What difficulties did you face in overcoming them? What resilience factors helped the subjects in their search for overcoming? The general objective was to study the overcoming of traumas in adolescents, residents of the poor community, in order to discover a possible relationship with the development of resilience capacity, considering the following specifics: to contextualize the chosen community within the social scope based on the results of the interviews with adult residents (community leaders, teachers and AACA founders); to describe the changes made to the community's timeline, considering the before and after of the actions of community leaders; to discover the traumas and their triggering events in the interviewed adolescents; to analyze the subjectivity of trauma patients; to consider the profile of a resilient person, in view of the meaning they give their life in that community; to distinguish, in the analysands, the factors that promote resilience; consider the relationship between psychoanalysis and resilience based on the studies carried out. The method used in the analyzes was qualitative, which is “fundamentally interpretive”. As for the theoretical proposal, some aspects of Freud's proposal (regarding psychic protection devices) and some neo-Freudians stand out, especially with regard to psychological trauma and its relationship with the social events that caused it. In addition, authors such as Edith Henderson Grotberg, Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda who developed works on resilience, considering the factors that promote it, were studied. The research site was the AACA Child and Adolescent Support Association, located in the poor community Ilha Santa Terezinha in Recife-PE. It consists of six chapters distributed as follows: Theoretical review: Resilience and Psychoanalysis; Corpus approach methodology; Santa Teresinha Island; Trauma-causing events; The psychological trauma; Resilience: the strength that overcomes traumas. It was observed that, even living in a vulnerable environment such as Ilha Santa Teresinha, the interviewees are resilient and manage to overcome numerous difficulties and have a positive expectation of life with many dreams for the future. AACA provides that strength to overcome adversity. When they are there, they forget the problems they face at home or in the community and make their choices for the future with the learning of teachers and staff. A resilient school forms resilient students.

Key words: Clinical Psychology; Trauma; Overcoming and Resilience

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO TEÓRICA: RESILIÊNCIA E PSICANÁLISE	16
2.1. Discussões pertinentes	16
2.2. Resiliência	17
2.2.1. Conceituação e origem do estudo	17
2.2.2. Estudos sobre resiliência	18
2.2.3. Pilares de resiliência	21
2.3. A Psicanálise e seus direcionamentos	23
2.3.1. Fundamentos	23
2.3.2 A sexualidade humana	25
2.3.3. Funções do Ego	29
2.3.4 Autoconfiança: imagem de si e narcisismo	30
2.3.5 Subjetividade e self	32
2.3.6. Self: confiança relevante	34
2.3.7.Trauma: conceito e discussões pertinentes	35
3. METODOLOGIA DE ABORDAGEM DO CORPUS	41
3.1. Método de análise dos dados	41
3.2. Levantamentos dos dados	41
3.3. Sujeitos envolvidos na pesquisa: caracterização e papel social na comunidade	43
3.3.1 Considerações preliminares	43
3.3.2 Moradores da Ilha e funcionários da AACCA	43
3.3.3 Adolescentes	45
4. A ILHA SANTA TERESINHA	47
4.1 Criação e reconstrução	47
4.2 Associação de Apoio à criação e ao Adolescente – AACCA	55
5 EVENTOS CAUSADORES DE TRAUMAS	59
5.1 Considerações preliminares	59
5.2 Pobreza e suas consequências	59
5.3 Desigualdade social e preconceito	62
5.4 Eventos causados por Gangues e uso de drogas	64
6. O TRAUMA PSICOLÓGICO	66
6.1. Considerações iniciais	66
6.2. Resultantes de situações de pobreza e distúrbios familiares	66
6.3. Traumas resultantes de atuação de Gangues e uso de drogas	72
6.4. Feridos pelo preconceito	75

7. RESILIÊNCIA: A FORÇA QUE FAZ SUPERAR OS TRAUMAS	78
7.1 Considerações Preliminares	78
7.2 Resiliência nos moradores/reconstrutores da Ilha Santa Teresina e Funcionários da AACA	78
7.3 Resiliência nos Adolescentes	86
7.3.1 Considerações iniciais	86
7.3.2 Adolescentes que superaram os traumas com o desenvolvimento da capacidade de resiliência	86
7.3.3 Adolescentes não Traumatizados	89
7.3.4 Adolescentes com baixa taxa de resiliência	92
7.3.5 Pilares Gerais	93
8. CONCLUSÃO	103
9.BIBLIOGRAFIA	107
10. ANEXOS	113
1. Documentos e fichas	
1 1. Termos de consentimento Livre e Esclarecido	114
1,2. Consentimento pré – informado	116
1.3. Aprovação do Comitê de ética da Plataforma Brasil	117
1.4. Fichas para entrevistas	118
1.4.1. Adolescentes	118
1.4.2. Funcionários da AACA	119
1 4.3. Moradores da Ilha	120
2,Transcrições das entrevistas	121
2.1. Morador da Ilha	121
2.2 Funcionários da AACA	133
2.3.Adolescentes	155
2.3.1. Adolescentes Masculinos	155
2.3. 2. Adolescentes Femininos	183

1. INTRODUÇÃO

Sou psicóloga, com bacharelado e licenciatura em Psicologia, e escolhi como especialidade a clínica psicológica. Durante o curso, fui monitora da disciplina *Psicologia da Personalidade*, quando me envolvi, pela primeira vez, com uma pesquisa de campo cujo resultado foi apresentado, em forma de pôster, na SBPC. Desde então, venho participando de cursos de formação científica e de eventos, não apenas como apresentadora de pôsteres, mas como comunicadora oral e coordenadora em mesas redondas.

Depois do curso de graduação, realizei aperfeiçoamento e especialização em *Teoria e prática psicanalítica* na EPSI–Espaço Psicanalítico em João Pessoa quando, para cumprir uma exigência do programa, trabalhei como voluntária, durante onze meses, numa clínica pública do município de Cabedelo–PB, uma cidade litorânea próxima da capital, onde atendi crianças e adolescentes carentes. À época, o modelo teórico escolhido foi a proposta psicanalítica desenvolvida por Freud, que consiste em evidenciar os significados inconscientes das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito. Pelo fato de estar trabalhando com crianças e adolescentes, utilizei também as propostas de Manoni e sobretudo de Dolto, para quem os psicanalistas devem ser também educadores. Trabalhei, ainda, no hospital Universitário-HULW da UFPB, na divisão de Psicologia, tendo atendido, também, crianças autistas.

Através destas experiências e de outras posteriores, venho observando que as populações de baixa renda não têm muito conhecimento sobre a atuação do psicólogo, aproximando seu trabalho ao do médico. Mesmo entre pessoas de outros *status* (classes média e alta), não é costume a procura dos serviços psicológicos, devido ao preconceito de que o psicólogo trata de doidos. Nas populações de baixa renda, só se levam em conta as doenças físicas. As psíquicas não são dignas de importância. Os pais ou não têm conhecimento desse tipo de tratamento ou, não consideram importante perder tempo com isso. De um modo geral, as crianças gostam do tratamento, mas os pais, ou desconfiam dos resultados ou são apressados para que tudo chegue ao fim. O pai, em especial, ou não se importa com o problema do filho, ou é ausente. Portanto, não se pode falar de uma triangulação, na proposta de Dolto (1998), quando o sujeito aprende a falar de si num Eu referente a um Ele. Somem-se, ainda, os problemas na triagem, não se fazia a diferença entre doenças psicológicas e psiquiátricas.

Frequentei, também, como aluna, a Sociedade Psicanalítica da Paraíba, com carga horária de 96 h, sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Maia, onde participei da VII Jornada Interna do Instituto de Estudos Psicanalíticos Luiz Maia com a apresentação da análise do filme “De porta em porta”.

No período de outubro de 2015 à novembro de 2016, conclui outra especialização em Logoterapia, na Faculdade Católica de Fortaleza. Desta vez, o curso foi voltado para os Estudos de Logoterapia e Análise Existencial e concluído com um artigo sobre *A busca de sentido no filme Um sorriso tão grande quanto a lua*. Para mim, foi uma descoberta muito importante poder ajudar pessoas a buscarem o sentido para a própria vida.

Em 2006, comecei a ler sobre resiliência quando fiz um curso de aperfeiçoamento em São Paulo, cujo resultado foi a realização do trabalho *A resiliência na escola fundamental de comunidades carentes*, apresentado e publicado no III Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares e, também, na SBPC de Belém do Pará – 2007.

Constatamos que, na verdade, as escolas não têm desempenhado bem o seu papel na formação da capacidade de resiliência. Nem sempre tem condição de proporcionar ambiente adequado, de disponibilizar o tempo para atividades e tarefas que propiciem a aquisição da resiliência pelos alunos ou não contam com o apoio dos pais e às vezes dos professores e diretores. Muitos estão voltados para questões de ordem financeira e esquecem que é, no momento presente, que o homem se forma. Os próprios promotores da educação não são resilientes, ou não conhecem o assunto, necessitando educarem-se eles próprios para serem resilientes.

Essas experiências me fizeram pensar na realização dessa dissertação¹ que foi intitulada *O fortalecimento da capacidade de resiliência como fator de superação de traumas na comunidade carente* que pretende reunir a proposta teórica da psicanálise com os conceitos de resiliência extraídos, sobretudo de Grotberg (1997).

Ao ser levado ao campo da psicanálise, o estudo da Resiliência faz surgir muitas discussões. As opiniões são divergentes, uma vez que este conceito está comumente associado a contextos teóricos e clínicos da psicologia comportamental, da psicologia social, etc. No entanto, hoje muitos autores viram como necessário ampliar os conceitos psicanalíticos com sua inclusão, para acompanhar as investigações do psiquismo e

¹ Projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade para obter permissão de levantar e divulgar os resultados obtidos

melhor compreender o homem. Para justificar essa inserção, muitos retomam as formulações de Freud em *Projeto para uma Psicologia científica* (1920) quando considera o termo com outro nome, o de *Aparelhos de proteção da psique*, que funcionam como filtros contra excitações exteriores excessivas, o que confirma que a resiliência não uma noção estranha à psicanálise. O que precisamos fazer é atualizar e comparar, como estamos fazendo neste trabalho.

Em princípio, pensei em analisar a questão dos complexos descritos por Freud e as formas de superação. No entanto, ao longo das entrevistas, vi que a questão dos traumas psicológicos e os eventos sociais que os causaram parecia mais gritante, embora, nos discursos dos adolescentes, chegasse à tona, com frequência, um Édipo mal resolvido pela ausência de um dos genitores.

Partimos da hipótese de que a superação do trauma em adolescentes, moradores em comunidades carentes, depende do fortalecimento da capacidade de resiliência que pode estar vinculada ao funcionamento dos aspectos do ego (prova da realidade, apreciação das dificuldades, confiança, autoconfiança e realização pessoal). Para checar essa hipótese, elaboramos as seguintes questões de pesquisa: Qual a realidade sociocultural dos sujeitos investigados e sua relação com possíveis traumas psicológicos? Quais as dificuldades enfrentadas para superá-los? Que fatores de resiliência ajudaram os sujeitos na busca da superação?

O objetivo geral foi estudar a superação dos traumas em adolescentes, moradores da comunidade carente, a fim de descobrir um possível relacionamento com o desenvolvimento da capacidade de resiliência, considerando os seguintes específicos:

- Contextualizar a comunidade escolhida dentro do escopo social a partir dos resultados das entrevistas com moradores adultos (líderes comunitários, professores e fundadores da AACA);
- Descrever as modificações operadas no tempo na comunidade, considerando o antes e o depois da atuação dos líderes comunitários.
- Descobrir os traumas e seus eventos causadores nos adolescentes entrevistados
- Analisar a subjetividade dos portadores de trauma
- Considerar o perfil de uma pessoa resiliente, tendo em vista o sentido que dá para sua vida naquela comunidade;
- Distinguir, nos analisandos, os fatores promotores de resiliência
- Considerar a relação entre psicanálise e resiliência a partir dos estudos realizados

O método utilizado nas análises foi qualitativo que, segundo John W. Creswell (2007: p.85-86), “*emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análises de dados*”, sendo, portanto, “*fundamentalmente interpretativo*”.

Quanto à proposta teórica, destacaram-se alguns aspectos da proposta de Freud (quanto aos aparelhos de proteção psíquica) e de alguns neofreudeanos, sobretudo no que diz respeito ao trauma psicológico e sua relação com os eventos sociais que os causaram. Além disso, estudaram-se autores como Edith Henderson Grotberg, Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda que desenvolveram trabalhos sobre a capacidade de resiliência, considerando os fatores que a promovem. Foram destacados, principalmente, os quatro fatores propostos por Grotberg (1997), que foram organizados em categorias: **eu tenho; eu sou; eu estou; eu posso**.

O local de pesquisa foi a *Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente* AACA, localizada na comunidade carente Ilha Santa Terezinha² em Recife-PE. Esta comunidade era chamada Ilha do Inferno, devido às péssimas condições de infraestrutura (situada dentro de um mangue), tendo, como consequência, um alto índice de criminalidade, de prostituição e uso de drogas. Hoje a comunidade se chama Ilha Santa Terezinha e, entre outras iniciativas, foi fundada a AACA que é uma entidade que fornece às crianças e adolescentes, além de uma formação humana, aulas de música, dança, judô, etc.

A escolha da AACA como lugar do levantamento do corpus se deveu ao fato de ter sido fundada pelo grupo de Famílias Novas, um ramo do movimento dos Focolares, criado por Chiara Lubich, uma escritora cristã italiana e que está espalhado pelo mundo inteiro. Faço parte desse movimento, praticamente desde que nasci, uma vez que meus pais são membros atuantes de Famílias Novas. Participei, intensamente, do setor jovem desse movimento que se chama Gen ou geração nova do Movimento dos Focolares.

Como Gen3, fui para o chamado *Supercongresso* em 1992, em Roma. Foi um momento extraordinário, onde tive contato com outros garotos e garotas da mesma idade, de várias localidades do Brasil e do mundo, de culturas e religiões diferentes.

² Entramos em contato com o Líder comunitário EDJ que, não só, nos contou a história da ilha como nos passou os contatos das pessoas que coordenam o trabalho da AACA. Entre essas pessoas nos comunicamos com **ZEZ** que nos disse que estaria disponível para a entrevista e como poderia disponibilizar o local para as entrevistas com os adolescentes.

Ainda como Gen3, passei um mês na chamada *Baita Paraiso* (em São Paulo) com outras jovens do Brasil.

Na fase de Gen2, morei em uma Casa Gen no interior da Argentina, no Centro Mariápolis, em um lugar chamado O'Higgins. Ali, convivi com inúmeras pessoas de vários lugares da América do Sul e do mundo. Durante seis meses, para me manter, trabalhei numa pequena fábrica de doces, auxiliando uma focolarina argentina que me ensinou, não só um pouco de espanhol, mas a rotina do trabalho e a responsabilidade com o mesmo. Ela era muito alta e eu, muito baixa. Para falar com ela, eu precisava olhar para o céu e ela, para falar comigo, tinha que olhar para a terra, o que era motivo de riso entre nós. Aprendemos juntas a conviver com o diferente. Morava numa casa com mais nove Gens, de vários países sul-americanos. Fazíamos tudo em casa, com exceção do almoço que vinha de uma cozinha central. A cada dia, distribuíamos, entre nós, as tarefas de cuidado e manutenção da casa. Uma dessas tarefas era trazer, de um armazém central, o material para nossa manutenção. Tínhamos a chave do armazém e só trazíamos aquilo de que, realmente, precisávamos para não fazer falta às outras casas. Existia um aprender a viver pelo bem comum. Vejam mais alguma coisa dessa experiência na página 49.

2. REVISÃO TEÓRICA: RESILIÊNCIA E PSICANÁLISE

2.1. Discussões pertinentes

Os estudos sobre resiliência fazem surgir opiniões divergentes, principalmente quanto à sua inserção no campo da psicanálise, uma vez que este conceito está associado a outros contextos teóricos e clínicos.

Cabral e Levandowski (2013: p. 43) afirmam que o conceito resiliência integra o campo da saúde mental e constitui uma preocupação central da clínica contemporânea, pautada na saúde e nos recursos do indivíduo.

Na resiliência, a vulnerabilidade se apresenta como modelo dominante para investigação nessa área. Esse modelo está vinculado à patologia, aos problemas mentais que podem causar danos ao funcionamento do indivíduo (Anault, 2006; Bertrand, 2006; Laranjeira, 2007: p. 42-55). As investigações sobre resiliência podem trazer à tona vários aspectos da vida do ser humano, estando associadas aos fatores da genética, idades, fase de desenvolvimento, da experiência pessoal e de vida. São considerados, também, o contexto sociocultural e de ambiente.

Em princípio, a investigação da resiliência foi feita pela psicologia cognitivo-comportamental e pela psicologia social e ecossistêmica nas interações do indivíduo com o meio em que está inserido (Bertrand, 2006: p.42-55). Ainda cabe referir os estudos de resiliência na teoria sistêmica, divulgados por Delage (2002: p. 45) e Walsh (1996: p. 45) e os estudos em resiliência familiar que se apresenta como a capacidade coletiva de construir, organizar e/ou reorganizar-se diante de circunstâncias difíceis. Todas elas, entretanto, apontam para uma proposta que extrapola a investigação individual e se apresenta como um conceito contemporâneo de saúde ainda em construção. Sua investigação em uma abordagem psicodinâmica ainda é pouco explorada, mas aos poucos, a psicanálise tem procurado apropriar-se da noção de resiliência em seus pressupostos teóricos sem renunciar aos princípios da teoria, o que, segundo Golse (2003: p. 46), constitui um desafio enriquecedor para essa disciplina. Ainda para Golse (2006: p. 42-55) e outros autores (Laranjeira (2007: p. 42-55) e Lemay (2000:p.42-55) a resiliência corresponde a uma resposta complementar de vulnerabilidade que pode levar a uma flexibilidade e a uma adaptação.

Na contemporaneidade, uma atualização e produção de novos conhecimentos são urgentes e necessários à psicanálise que deve acompanhar o movimento de conhecer novas formas de entendimento e investigação do psiquismo e contribuir com novos

conceitos para reorganizar esse campo de saber, com o objetivo de melhor compreender o cuidado com o ser humano. Aí podemos incluir a noção de resiliência (Bourguignon, 2006:p.46).

O termo resiliência já estava presente nas formulações de Freud (1920), (obviamente com outra denominação). Ele mencionou em *Projeto para uma Psicologia científica* (1985) que a realidade psíquica tem relação com a realidade exterior, supondo a existência de aparelhos de proteção na psiquê, que funcionam como filtros contra as excitações exteriores excessivas, o que confirma que a resiliência não é uma noção estranha à Psicanálise.

Ao escrever sobre a topografia do aparelho psíquico criado por Freud em 1895, Tallaferro (2001: p. 37) afirma que não devemos considerar os atos psíquicos da forma como o fez a psicologia clássica. Segundo ele, a psicanálise cria uma vida psíquica com evolução incessante de forças elementares, antagônicas, resultantes dos conceitos do psiquismo.

Retomando Cabral e Levandowski (2003:p.42-55), vê-se que “o *referencial psicanalítico investiga o processo resiliente através da análise do funcionamento intrapsíquico do indivíduo*”. O processo resiliente é percebido após o trauma (situação adversa), por meio do efeito psíquico gerado pelo mesmo, chamado traumatismo, sendo a resiliência “um processo de reorganização psíquica do analisando perante o mesmo.” (Hanus, 2006: p. 42-55). Vejamos, a seguir, os conceitos atribuídos à resiliência, desde os mais gerais até chegar às formulações da Psicanálise.

2.2. Resiliência

2.2.1. Conceituação e origem do estudo

A palavra vem do latim *resilire* que significa *voltar atrás* (Aguilar e Viñas 2020), aplicando-se à capacidade humana de lidar com seus próprios problemas e de superá-los nos momentos difíceis.

Em 1945, durante a segunda guerra mundial, Grinker e Spiegel (2005: 65) observaram que algumas pessoas, embora tivessem sofrido graves estresses em relação a guerra, conseguiram superar e evoluíram positivamente. As pessoas mostravam-se fortalecidas de uma experiência aniquiladora, embora tivessem sido gravemente feridas. Hoje, constitui o novo paradigma do desenvolvimento humano, sendo defendido pelos existencialistas como um fenômeno que se encontra na essência do ser humano.

O termo foi emprestado das ciências físicas, significando, em sua origem, “*propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica.*” (Aurélio: 1999) Aplicado às ciências sociais, caracteriza aquelas pessoas que, apesar de nascerem e viverem em situações de alto perigo, desenvolvem-se psicologicamente sãs. As pessoas resilientes se sobrepõem às experiências negativas até se fortalecerem no processo de superá-las. Trata-se de uma propriedade da pessoa, uma potencialidade que independe do nível sociocultural e econômico.

Todos os seres humanos passam por situações adversas, mas nem sempre são absorvidos por elas. Os estudiosos consideram que as dificuldades são necessárias para ensinar o homem a crescer e sobreviver. As experiências negativas, quando superadas, servem para o fortalecimento da capacidade de resiliência e tornam as pessoas melhores do que antes. Essas tendem a levar uma vida mais significativa e desenvolver relações mais harmoniosas com aqueles que estão ao seu redor, pois são indivíduos que possuem uma visão mais otimista da vida.

Muitas são as definições propostas pelos autores para a resiliência: “*habilidade para sair da adversidade, adaptar-se, recuperar-se e ter acesso a uma vida significativa e produtiva* (ICCB, 1994); histórias de adaptações exitosas no indivíduo exposto a fatores biológicos de risco ou a eventos de vida estressantes, além disso, implica a expectativa de continuar com baixa suscetibilidade a futuros fatores de estresse; (Luthar e Zingler, 1999); *enfrentamento efetivo de fatos e circunstâncias da vida severamente estressantes e acumulativos* (Losel, Blieneser e Koferl, 1989); *combinação de fatores que permitem a uma criança, a um ser humano enfrentar e superar os problemas e as adversidades da vida* (Suárez, 1995); *capacidade humana universal para enfrentar as adversidades da vida, superá-las, inclusive de ser transformado por elas* (Grotberg, 1995).

A resiliência diz respeito à capacidade do psiquismo para deter o traumático, originando novas condições psíquicas por meio de ação transformadora que modifica condições adversas e destino pré-fixados.

2.2.2. Estudos sobre resiliência.

A investigação da resiliência está relacionada à análise de vários aspectos individuais, como aqueles associados à genética, idade, fase do desenvolvimento, sexo, experiência e histórico de vida. Também são considerados os fatores contextuais, como

o suporte social, o nível sociocultural e o ambiente. Ressalta-se que tal investigação prioriza a identificação de fatores de proteção, que podem modificar ou alterar a resposta do indivíduo frente a uma situação adversa (Lindström, 2000; Souza & Cervený, 2006: p. 44).

Os autores (Anault, (2006), Bailly (2006), Bertrand (2006) e Tychey & Lighezzolo (2006), relacionam a noção de resiliência com o traumatismo, isto é, como um processo de reorganização psíquica após um período de grande sofrimento. Segundo Hanus (2006: p.47) o traumatismo não deve ser visto apenas do ponto de vista do *“choque provocado por um agente externo, mas pelas possibilidades de reação da pessoa traumatizada frente ao mesmo.”* Ou seja, uma pessoa pode reagir de uma forma ao trauma enquanto outra pode ter uma reação diferente. O estudo da resiliência vinculada ao trauma pode descobrir as formas de reação dos analisados e ajudar a superar os traumas. Segundo Cabral e Levandowski (mar. 2003: p. 42-55) *“a resiliência implicaria, então, na capacidade do psiquismo para deter o traumático, originando novas condições psíquicas”*.

A investigação da resiliência difere da pesquisa sobre a relação com o risco. Esta focaliza indivíduos que têm problemas concretos (drogas, fracasso escolar, etc.), indaga a respeito da sua história, e encontra correlatos em suas vidas, ou seja, motivos que justifiquem os problemas detectados, como pobreza, abandono, clima escolar negativo. Mas é limitada, porque não mostra a relação causa e efeito: não diz se o problema detectado é a causa ou o resultado dos sintomas.

A investigação da resiliência, ao contrário, é um projeto evolutivo e longitudinal, no qual jovens e adultos são avaliados em diversos momentos durante o curso de seu desenvolvimento, a fim de melhor compreender a aparição de transtornos. Estudos deste tipo levaram os especialistas a constatar que, embora certa percentagem de crianças em situações de alto risco desenvolvesse diversos problemas em maior proporção que aquelas em situações normais, havia uma percentagem maior delas que se convertiam em jovens e adultos são e competentes, o que lhes permitiu considerar que nem sempre a resiliência estava ligada à ausência/presença de problemas.

A psicanálise leva a crer que este conceito não está relacionado somente com traumas graves e extremos como, por exemplo, violência e catástrofes (Bertrand, 2006: p. 42-55), mas também situações de possível fragilidade psíquica que fazem parte do desenvolvimento humano como aquelas encontradas na adolescência, na parentalidade e na velhice, (Chilland, 2006; Lemay, 2000).

Existem defesas consideradas maduras e adaptativas porque contribuem para um bom estado de saúde mental como, por exemplo, “a sublimação, o humor, a criatividade e o altruísmo”, que servem de suporte às frustrações e auxiliam na gestão das pulsões agressivas presentes na situação traumática, condição necessária à manutenção do equilíbrio intrapsíquico (Anault, 2006; Tychey & Liguézolo, 2006: p. 48). No entanto, as defesas podem ser consideradas imaturas/primitivas, tais como “a projeção e o comportamento passivo-agressivo” porque se contrapõem ao processo resiliente. (Tychey & Liguézolo, 2006: p.48). No trabalho psicoterápico, o agente do trauma não poderá ser mudado, mas o impacto do choque poderá ser reelaborado (Hanus, 2006: p. 48). De certo modo, o próprio processo terapêutico funcionaria como um fator promotor de resiliência.

Na perspectiva da teoria das relações objetais, a resiliência é construída nos primeiros anos de vida, em uma rede de vínculos significativos desenvolvidos pelo indivíduo que surgem da: intersubjetividade, que se manifesta na relação com o outro (Zukerfeld, 2005: p.48) que permite contribuir para a adaptação bem-sucedida frente ao traumatismo por serem importantes fontes de recursos intrapsíquicos (Bailly, 2006; Cyrulnik, 2004; Bertrand, 2006; Fonagy, 1999, 2000; Golse, 2006; Guedeney, 2006: p. 48). Destacam-se, aqui, as interações mãe-bebê que possibilitam a aquisição de recursos intrapsíquicos fundamentais para a promoção da resiliência no indivíduo, sobretudo a segurança interna e a autonomia da criança (Cyrulnik, 2004; Golse, 2006; Guedeney, 2006: p.48). Além disso, tem-se a capacidade de empatia da mãe para identificar as necessidades da criança que ocorrem gradativamente ao longo da gravidez (Winnicott, 1956: p. 49) até atingir, progressivamente, um grau de sensibilidade aumentada nas semanas anteriores ao parto quando ela direciona toda a sua atenção para o bebê, renunciando a alguns interesses pessoais nesse momento, o que dá suporte inicial à estruturação do ego da criança, propiciando a ela o sentimento de existir enquanto ser (Id Ib). Deve-se destacar, no entanto, que nem todas as mães conseguem desenvolver tal preocupação, o que pode prejudicar o desenvolvimento infantil. É em vista disso que Golse (2006: p. 50) analisa a resiliência como uma construção psíquica, com início no contexto da relação pais-bebê. Assim uma mãe afetivamente suprida e com suporte conjugal, familiar e social tem mais condições de compreender e atender as necessidades de seu bebê (Cyrulnik³, 2004: p.50). Isso possibilitará uma sustentação

³ Boris Cyrulnik é neurologista e psicanalista francês. Como uma criança judia, passou parte de sua infância nos campos de concentração, na Alemanha no período de guerra. Foi o único sobrevivente

inicial à criança no enfrentamento do contexto social, no qual estão presentes, por vezes, diversas outras adversidades (Cyrulnik, 2004: p. 50).

Malgarim (2017) considera que o conceito de Resiliência está compreendido na prática clínica psicanalítica, numa problematização de relatos de situações vividas, relacionadas ao trauma. Em um contexto de atendimento às vítimas de situações de trauma, a resiliência tem um potencial enorme no tratamento, especialmente no que diz respeito ao *insight*.

Uma pessoa resiliente foi traumatizada, mas é capaz de resistir às provocações e, por vezes, utilizar desses recursos para ser mais humana. Assim, para que uma pessoa seja considerada resiliente é preciso ter sido traumatizada.

O traumatismo não é constituído unicamente de um choque provocado por um agente externo, mas também pelas possibilidades de reação da pessoa frente ao mesmo (Hanus, 2006: p. 47). A resiliência constitui, então, a capacidade que tem o psiquismo para deter o traumático, originando novas condições psíquicas. O aparelho psíquico apresentaria um potencial criador de valor determinante para uma ação transformadora. Essa ação modificaria condições adversas e destinos pré-fixados (Zukerfeld, 2005: p. 47).

2.2.3. Pilares de resiliência

Ojeda⁴ (1997) chama pilares da resiliência aqueles atributos que se encontram com frequência nas crianças e adolescentes considerados resilientes, tais como: introspecção (arte de se perguntar e se dar uma resposta honesta), independência (capacidade de manter distância emocional e física, sem cair no isolamento), capacidade de se relacionar (habilidade para estabelecer laços e intimidade com outras pessoas), iniciativa (gosto de se exigir e se por à prova em tarefas progressivamente mais exigentes), humor (encontrar o cômico na própria tragédia), criatividade (capacidade de criar ordem, beleza e finalidade a partir do caos e da desordem), moralidade (estender o desejo pessoal de bem-estar a toda humanidade e capacidade de se compreender com valores), autoestima consistente.

depois de perder os pais, irmãos e amigos. Alguns vizinhos o adotaram. Fonte: <https://sobrare.com.br/como-nao-falar-de-boris-cyrulnik/>

⁴ Dr. Elbio Nestor Suárez Ojeda dirige o Centro Internacional de Estudos de Resiliência (CIER) na Argentina. É professor da Escola de Saúde Pública da Universidade de Buenos Aires. Foi secretário da saúde da província de San Luis. É membro do Comitê Internacional de Inclusão de Crianças com Deficiência. É coautor de 26 livros sobre saúde materno-infantil, crescimento e desenvolvimento, adolescente e desenvolvimento. Fonte: <http://www.medicos-municipales.org.ar/rep0903.htm>

O nível de resiliência que cada indivíduo carrega vai determinar se ele está preparado para lidar com situações adversas, com derrotas e fracassos que enfrenta. Grotberg⁵ (in: *Cinco blocos de construção fundamentais*) considera resiliente o indivíduo confiante nos desafios nos percursos de sua caminhada que responde com mais rapidez e flexibilidade às adversidades da vida e vai encontrando meios de se renovar para chegar ao seu objetivo maior e suas características são observadas facilmente por aqueles que estão ao seu redor (no trabalho, na família, na escola, etc). O resiliente deixa passar *autoconfiança* que é a certeza “*de que é capaz de fazer ou realizar alguma coisa, e de fazer muito bem, alcançando os objetivos desejados*” *persistência*, não desiste facilmente do que quer. Luta com *força de vontade* a fim de realizar seus propósitos. É consciente de que para “ir além”, vencer na vida, tem que levantar-se depois da queda. É *otimista*, pois acredita que as coisas podem mudar para melhor. É *proativo, eficaz e convicto* da capacidade de controlar a própria vida, busca soluções para os problemas que identifica. Possui *empatia* que consiste em uma capacidade de diálogo recíproco com as pessoas; *gratidão*, fala a linguagem do receptor, de tal modo que ele seja entendido e compreendido: *criatividade* que está associada a habilidade de produzir, de inovar, diferenciando-se dos meios comuns ou tradicionais. Adapta-se às diversas soluções ambientais. Essa flexibilidade permite um bom relacionamento interpessoal.

Grotberg (1997: p.7) organizou os fatores de resiliência em quatro categorias: eu tenho (apoio); eu sou; eu estou (refere-se ao desenvolvimento de força intrapsíquica); eu posso (remete à aquisição de habilidades interpessoais e de resoluções de conflitos). De momento, vejo como promissores os seguintes caminhos:

- A) *Eu tenho* remete a pessoas existentes ao redor do eu em quem ele confia, que lhe impõem limites para que aprenda a evitar os perigos, que mostram através de sua conduta a maneira correta de proceder, que querem que aprenda a se desenvolver sozinho.
- B) *Eu sou* uma pessoa por quem os outros sentem apreço e carinho; que fico feliz quando faz algo bom para os demais, e lhes demonstro meu afeto; que respeita a si mesma e ao próximo.
- C) *Eu estou* disposta a responsabilizar-me por meu atos, seguro ou segura de que tudo terminará bem.
- D) *Eu posso* falar sobre coisas que me assustam ou me inquietam; buscar a maneira de resolver os problemas; controlar-me quando tenho vontade de

⁵ Edith Grotberg é americana que trabalhou para as Nações Unidas durante muito tempo, dando ênfase ao estudo no desenvolvimento da resiliência em crianças e adolescentes. Seu referencial teórico partiu da perspectiva cognitiva.

fazer algo perigoso ou que não está bem; buscar o momento apropriado para falar com alguém ou atuar; encontrar alguém que me ajude quando necessito.

Da mesma forma que podemos encontrar pessoas com alta taxa de resiliência, encontramos, também, pessoas com baixa taxa de resiliência que precisam potencializá-la. A maioria das dificuldades apresentadas é: excesso e racionalidade para tomar decisões porque sua zona de conforto a impede de listar os pontos positivos de cada escolha; perda de autoconfiança, frustração e insegurança, pouca criatividade, dificuldade para ampliação dos conhecimentos, baixa inteligência emocional e incapacidade de tomar decisões, de reconhecer e avaliar os seus sentimentos e os sentimentos de outras pessoas e de resolver situações conflituosas. Por fim, o não resiliente tem dificuldades de relacionamento, de dar e receber, não sabe o momento certo de ouvir, ou melhor, só ele quer falar, e falar de si mesmo, tão somente. Não se interessa pela vida das pessoas, o que leva à vaidade, à soberba. Ser resiliente é, antes de tudo, saber como transformar toda forma de energia negativa em energia positiva.

2.3. A Psicanálise e seus direcionamentos.

2.3.1. Fundamentos.

Desde o início, a escola psicanalítica evidenciou os complexos. Breuer os discute quando emite opiniões de Janet sobre a histeria, ou quando enfoca a existência de representações “atuais, atuantes e, todavia, inconscientes” (*Estudos sobre a histeria*: 1895).

Freud define complexo a um conteúdo de representação capaz de influenciar a reação à palavra indutora. Essa influência manifesta-se ou porque a palavra indutora aflora diretamente o complexo, ou porque este consegue, através de intermediários, relacionar-se com a palavra indutora. O termo, instituído pela psicanálise, adquiriu grande popularidade a partir de Jung, embora de início Freud considerasse que não possuía valor teórico. Os estudiosos o utilizam de forma ambígua, considerando desde o sentido original de “dispositivo relativamente fixo de cadeias associativas” (Laplanche, 1998: p7) até a acepção mais ampla de um conjunto relativamente organizado de traços pessoais.

A Psicanálise considera que os complexos estão, intimamente, relacionados com a sexualidade, destacando-se a existência de figuras como o complexo de Édipo, o complexo de castração, os complexos parentais ou o de fraternidade, que designam o

conjunto de afetos relativos a um objeto interno, em particular a representação dos pais. Trata-se então de “uma estrutura fundamentada nas relações interpessoais e no modo como a pessoa aí encontra o seu lugar e se apropria dele.” (Laplanche, 1998: p 72). Na verdade, os complexos retomam, em cada caso, a estrutura edipiana, a grande descoberta de Freud que está inserida dentro da sexualidade infantil. Em seu livro *Introdução à Psicanálise*, ele assinala que a relação da criança com a mãe, o “interesse egoísta” da criança por ela, constitui o ponto de apoio da atividade erótica infantil. E foi, analisando o desejo infantil, base dos sonhos perversos e hostis, que o autor, constatou um fenômeno geral que caracteriza a tenra infância: o amor incestuoso do menino/menina pela mãe/pai, a que ele chamou de complexo de Édipo com base no mito grego que Sófocles utilizou em *Édipo Rei*. Este complexo está relacionado ao conjunto de desejos amorosos e hostis que uma criança (do sexo feminino ou masculino) sente pela mãe ou pelo pai. Na verdade, ele tomou, como base para o desenvolvimento de sua teoria, a paixão do menino pela mãe. A figura do pai, na visão do menino, é utilizada como sendo “um protótipo da consciência” (Winnicott, 1990).

A criança começa, muito cedo, a mostrar um afeto especial pela mãe, que considera propriamente sua, vendo o pai como um rival. Com os irmãos, pode ocorrer rivalidade ou desejos, dando origem ao complexo de fraternidade que, em si, deriva do complexo de Édipo. Este constitui o núcleo das relações familiares, nas quais todas as hostilidades são censuradas. É o ponto central da evolução individual. Representa a ampliação do esquema infantil que permanece no inconsciente e se perturba no adulto.

Segundo Freud (1990, p73. Apud Laplanche e Pontalis, p.77), o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca, para o menino, a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e superado com maior ou menor êxito durante essa fase. De forma geral, o complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano, e está na origem dos demais complexos.

Derivados do complexo de Édipo, encontram-se o complexo de castração e o de fraternidade. O complexo de castração se centra na fantasia de eliminação do pênis e nos motivos imaginários da sua ausência no sexo feminino; essas ideias respondem as indagações da criança sobre a diferença anatômica dos sexos. Tal diferença é atribuída à amputação do pênis nas meninas. A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa

angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar.

O complexo fraterno (Freud, 1909) é definido como sendo um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que uma criança mais velha exprime em relação aos seus irmãos mais novos. Na visão de Luis Kancyper⁶ (2004:p.), o complexo fraterno está relacionado com o aparecimento de um novo irmão, diferente dele e, ao mesmo tempo, complementar, que funciona como um fundador do seu eu, constitutivo de sua alteridade.

Os complexos fazem surgir fantasias que são imagens construídas na mente da criança a propósito do objeto amado. A fantasia está relacionado ao roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente (Laplanche e Pontalis 1998: p. 69).

Para Cabral e Nick (996/997: p.37) a fantasia: é formada de:

Imagens mentais de cenas ou, com frequência, de sequências de eventos ou experiências que, realmente, não aconteceram ou que aconteceram de modo diferente daquele que aparece na fantasia. Sobre o assunto, continua o autor: O conteúdo da fantasia, como sonhos, pode refletir importantes conflitos não resolvidos e um excessivo investimento na fantasia indica problemas psicológicos.

Uma vez que os complexos derivam da sexualidade, teceremos, a seguir, algumas considerações sobre o assunto, tentando fazer uma ponte com o que já foi descrito até aqui.

2.3.2. A sexualidade humana.

O termo sexualidade, não remete, apenas, às atividades e ao prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas a toda uma série de excitações e de atividades presentes, desde a infância, que proporcionam prazer e satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental e que se encontra, a título de componentes, na chamada forma normal do amor sexual (Laplanche e Pontalis,1998:476).

6 Foi psicanalista e membro titular em função didática da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) e da International Psychoanalytical Association (IPA). É autor de vários artigos sobre clínica, metapsicologia e técnicas psicanalíticas. Apresentou seminários e fez supervisões em sociedades de psicanálise da América Latina e da Europa. Fonte: <https://www.blucher.com.br/luis-kancyper-1258?pagina=null&GradesValores=&PrecoDe=&PrecoAte=&PrecoMinimo=&PrecoMaximo=&tamanho=24&ordenar=lancamento>

No volume III (893-899: p.289) das obras completas de Freud, o autor diz que, em todo caso de doença neurótica, devem ser procurados fatores emergentes da vida sexual. Os pacientes colocam obstáculos insuperáveis a uma investigação de sua vida sexual, o que obscurece os fatores sexuais para a produção das neuroses. Seria vantajoso se os pacientes doentes se deixassem interpretar pelos analistas em relação a suas neuroses para que pudéssemos descobrir sua etiologia sexual. Os pacientes deveriam ser estimulados a abandonar seus segredos para buscarem ajuda para seus sofrimentos. A etiologia das psiconeuroses reside no campo da sexualidade. Em cada neurose existe uma etiologia sexual: em cada neurastenia uma etiologia contemporânea e em cada psiconeurose fatores de natureza infantil.

No volume IX (907 [906]), quando Freud escreve para o Dr. Fürst, diz-lhe que deve ser justo conservar a pura imaginação de uma criança, mas não ignorar a perseverança da pureza delas. Em sua visão, uma neurose obsessiva completa é um organismo elementar que permite obter um apanhado da complicada organização de sua enfermidade.

A vida sexual humana, para o autor (Vol. XXIII: p. 77) consiste, essencialmente, numa busca de colocar o próprio órgão genital em contato com o órgão do sexo oposto. Pensava-se que esta busca pelo sexo oposto florescesse na puberdade e que estivesse a serviço da reprodução. Para Freud e a psicanálise, os principais achados da vida sexual humana são os seguintes:

- A) A vida sexual não começa apenas na puberdade, mas se inicia, como manifestações claras, logo após o nascimento;
- B) É necessário fazer uma distinção nítida entre os conceitos de “sexual” e “genital”. O segundo conceito é mais restrito e envolve a genitália, enquanto que primeiro é mais amplo e inclui muitas atividades que nada têm a ver com os órgãos genitais;
- C) A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução.

Na tenra infância, existem sinais de atividades corporais que, somente por preconceito, nega-se o nome de sexuais e acham ligadas a fenômenos psíquicos com que nos deparamos mais tarde na vida erótica adulta. Esses fenômenos surgem na tenra infância e fazem parte de um curso ordenado de desenvolvimento que acontece de forma regular, chegando a um clímax por volta do quinto ano de idade, após o qual, segue-se uma calmaria. Após o fim desse período de latência, a vida sexual avança mais

uma vez, com a puberdade. O primeiro órgão a surgir, como zona erógena, é a exigência libidinal da mente.

Anna Freud⁷ (1997: p.03) fala da existência do preconceito em relação à origem sexual da neurose dos adultos, embora ninguém avançasse ao ponto de negar a sua existência. Assim, a psicanálise se abriu para as críticas sobre o papel da sexualidade no adulto. A existência da sexualidade infantil tinha que ser estabelecida e provada pelo importante papel desempenhado na vida sexual em relação às neuroses da infância. Precisou-se de muita paciência e exaustivas demonstrações para convencer o público de que as tendências inconscientes seriam destituídas do seu poder quando lhes era facultada uma saída para o consciente. Conclui a autora (1997: p. 04) da forma seguinte:

Relegadas ao inconsciente, essas pulsões instintivas haviam permanecido fora de controle: desenterradas e trazidas ao nível da consciência, automaticamente passavam ao domínio da mente do paciente e podiam ser manipuladas de acordo com as suas ideias.

Alberti⁸ (2008: p.39) considera a diferença entre Sexualidade e sexuação. Para ela, é evidente a existência que vem ocorrendo de:

[...] mudanças dentro de nossos costumes, de ritos, das novas formas da presença masculina, das modificações da figuração feminina, homossexualismo, transvestimos, etc, que não deixam de convocar o olhar e a reflexão do psicanalista interessado nos movimentos culturais e sociais.

Essas mudanças requerem uma linguagem na qual surge a paixão do significante⁹ que introduz a uma nova dimensão da condição humana: *Isso fala*. Ela menciona duas palavras Sexualidade e sexuação (2008:p. 29). Sexualidade não designa, apenas, as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual. (op. cit. Laplanche e Pontalis, 1998: p.478). Quanto ao termo sexuação, trata-se de uma divisão entre os seres falantes em relação a dois modos de gozo e não em relação ao sexo anatômico. Lacan (1985)

⁷ Fundadora da psicanálise infantil, **Anna Freud** sendo a filha mais nova de **Sigmund Freud**, era muito devotada ao seu pai e teve uma íntima associação com a teoria psicanalítica e a sua prática.

⁸ Sonia Alberti é professora adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ. Psicanalista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do campo Lacaniano. Autora de vários livros. (*A Sexualidade na Aurora do Século XXI*, p.426). Retirado de ALBERTI, Sonia; FIGUEIREDO, Ana Cristina. (Orgs) **Psicanálise e saúde Mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006, p.204.

⁹ O significante se refere a palavra sonora (dita por alguém).

reúne suas elaborações acerca da diferença entre homem e mulher em fórmulas matematizadas, conhecidas como as fórmulas quânticas da sexuação.

Segundo Alberti (2008: p.3), Freud associou o traumatismo a uma cena sexual. A castração, por exemplo, seria uma ameaça que paira sobre o sujeito. No que diz respeito à sexualidade, o trauma está relacionado com o que o sujeito experimentou em algum momento de sua vida, mas que ele não consegue expressar em palavras ou dizer as consequências do evento traumático sofrido subjetivamente, o que pode levá-lo a experimentar uma angústia.

Frankl¹⁰ (2005: 83), considera que houve uma desumanização do sexo. Na visão dele, o amor é, na verdade, um aspecto de fenômenos humanos mais amplos que nos levam a uma autotranscendência. O homem não é, para Frankl, um ser levado a favorecer as necessidades e a satisfações de seus impulsos e instintos, mas age para manter ou restaurar a homeostase, isto é, o equilíbrio interno. O homem procura expandir-se para fora de si, em direção a outro ser humano na busca de um encontro de amor ou de realização de um sentido em sua vida. O amor é um fenômeno humano e o sexo começa no ser humano a partir do resultado de um processo de desenvolvimento. Frankl parte da diferenciação estabelecida por Freud sobre a meta dos impulsos, instintos e seus objetivos: a meta da sexualidade é a redução das tensões sexuais, enquanto o objeto do sexo é com o seu parceiro. Na visão de Frankl, isso só pode ocorrer com a sexualidade neurótica. Numa pessoa madura, seu parceiro não é um “objeto”, mas é um ser humano e que deve ser visto em sua verdadeira humanidade. A pessoa realmente ama seu parceiro e o vê como sendo outra pessoa em quem se pode ver, sempre, a sua unicidade. Essa unicidade constitui a personalidade de um ser humano e é só o amor que dá a uma pessoa uma condição de poder conquistar outro da mesma maneira. Desejar a unicidade do ser amado leva a uma união monogâmica.

¹⁰ Viktor Emil Frankl estudou medicina na Universidade de Viena e especializou em neurologia e psiquiatria. Organizou Centros de Aconselhamento para a Juventude e, de 1937 à 1940, trabalhou no Hospital psiquiátricos de Viena. De 1940 à 1942 dirigiu o departamento de Neurologia do Hospital de Rothschild. Em 1945 escreveu seu famoso livro *Em busca de sentido*, onde descreve sua experiência num campo de concentração a partir da perspectiva de um psiquiatra. O homem, para Frankl, deve encontrar uma razão para viver. É o fundador da terceira escola vienense de psicoterapia: a Logoterapia e Análise Existencial. Fonte: (Livro: O que não está escrito nos meus livros – Memórias. Viktor E. Frankl)

2.3.3. A função do Ego.

O termo **ego** nomeia uma das instâncias da mente humana (ao lado do **id** e do **superego**) que corresponde ao princípio da realidade e funciona como um centro da consciência, tendo como função principal manter o equilíbrio mental. Atua como um construtor de um conceito sobre a realidade.

Na visão de Freud (1923), o *ego* está relacionado com a imagem que o sujeito tem de si mesmo, determinando as ações e instintos de cada indivíduo perante as manifestações do mundo real. O termo egocêntrico refere-se a supervalorização do ego, a uma imagem exagerada que uma pessoa tem de si.

Na visão de Stratton e Hayes (1994: p.79), o ego significa parte da estrutura da personalidade que lida com a realidade externa e controla as energias do id. Literalmente, o termo ego está relacionado ao eu de cada pessoa e ao seu emprego, referindo-se ao senso de identidade ou ao self.

Para Laplanche e Pontalis (1998: p. 124/125), o termo nomeia o que Freud designou como sendo a segunda instância do aparelho psíquico, distinguindo-o, assim, do id, o reservatório inicial da energia psíquica e do superego que funciona como um juiz ou um sensor do ego. Para Freud, o ego nada mais do que uma parte do id modificada pelo impacto ou interação das pulsões internas dos estímulos externos. (Apud Tallaferro, 2001: p. 56). Assim, pode-se dizer que o ego está situado entre o mundo interno e externo. Na verdade, procura aplicar a influência do mundo externo para o nosso id e, assim, nele a percepção desempenha um papel fundamental. Na realidade, o ego é um representante da razão e do senso comum em contraste com o id que está associado às paixões.

Uma importância que fundamenta desse ego está em manifestar o controle sobre as abordagens que a ele compete. Assim, sua relação com o id, é como se fosse um cavaleiro que tenta manter as forças superiores do cavalo. A diferença é que esse cavaleiro tenta fazer com suas próprias forças, enquanto o ego pega emprestado.

As autoras Selma de Cassia Martinelli e Thelma Pontes Borges (Jan./Jun. 2006) falam que os aspectos intrapsíquicos estão relacionados ao desenvolvimento psicológico de cada ser humano e, principalmente, nas crianças. Estes indivíduos elaboram e vivenciam situações internas para poderem relacionar-se com o mundo externo, própria para cada fase do seu desenvolvimento. São vivências importantes na formação e na noção que a criança e o indivíduo adulto têm de si mesmo, de sua imagem perante

outras pessoas, do seu corpo, de seu autoconhecimento, de sua autoconfiança, de seu ego e dos mecanismos de defesa que seu ego utiliza para lidar com a realidade.

Trata-se de uma força que vem de dentro de cada ser humano, de fonte inconsciente, resistente o suficiente para aguentar uma alta carga de energia psíquica (TESTA: 4/02/2002). Não é, segundo a autora, a pessoa que se cala ou que está alheia ao mundo ao seu redor, nem tão pouco aquela pessoa que explode com tudo o que acontece de ruim em sua vida, mas que se “apropria” da energia psíquica, suportando as dificuldades e estresses externos para conseguir ter força o suficiente para superar essas situações inoportunas (Id ib).

Considerando a função que o ego tem dentro da dinâmica psíquica, o presente estudo centrar-se-á nos aspectos relativos à força do ego.

Na visão de Ebert (2002), Loosen (2002) e Nurcombe (2002) o termo função do ego está relacionado “a uma noção freudiana clássica de que o funcionamento psicológico dos pacientes pode ser avaliado de acordo com quão bem ou quão insatisfatoriamente eles lidam com o conjunto de estressores que os afetam”. São ainda esses autores que dizem estar o ego relacionado a um conjunto de comportamentos e mecanismos psicológicos que os pacientes utilizavam para evitar a dor psíquica que é variada de acordo com estado mental de cada indivíduo. Em alguns momentos, as manobras e os estilos defensivos fazem o ego se manter intacto; em outros ocorre uma divisão e uma desorganização da personalidade de forma a dar uma origem a uma grave patologia de caráter.

2.3.4. Autoconfiança: imagem de si e narcisismo.

A autoconfiança difere de autoestima. O primeiro caso é uma competência pessoal, enquanto o segundo tem um sentido mais amplo. Figueiredo (2007) afirma que a experiência de confiar, na clínica psicanalítica e no plano da cultura, traz à tona noção de autoconfiança. A desconfiança básica é uma suspeita paranoica, abalando as bases da confiança e da capacidade de confiar. O caminho para chegar a esse ponto é tentar traçar uma estratégia para uma desconfiança, explicitando melhor, o paciente deve exercitar certas funções pulsionais que, até certo momento, não era desempenhado de nenhuma forma ou, de outra forma, era exercido com muita ansiedade.

Balint¹¹ (1949/1985; 1952/1985) centra sua trajetória a partir do momento da análise quando surge uma desconfiança. Para chegar à confiança, ele orienta trabalhar a desconfiança, o que inclui um trabalho analítico árduo, com muitas idas e vindas. Em 1959, o autor retoma as categorias da confiança e da desconfiança que aponta como surgidas no momento em que o sujeito sai da primeira forma de relação objetal e entra na relação objetal propriamente dita. Em certo momento, ele usa o termo *Thrill* para indicar uma “vicissitude de saída da confiança primária”. O *Thrill* está relacionado tanto ao despertar pulsional quanto ao exercício de entrega, isto é, ao “objeto sob medida” e na “hora certa”. Ao mesmo tempo, o termo faz parte da “educação sentimental” de cada ser humano, quando surgir nele uma tarefa difícil de articular a desconfiança para surgir, depois, uma autonomia de confiança em si mesmo perante o ambiente em que vive. Esse *Thrill* vai estar sempre presente em toda a nossa vida, nas nossas culturas e nos momentos em que fazemos esportes radicais, etc. No momento em que instalamos esse *Thrill*, conseguimos uma boa confiança primária, fazendo desse termo um elemento essencial a saúde psíquica.

Quando falamos de uma confiança nos humanos, logo verificamos que a palavra nasce de uma sucessão feita de entrega, susto, medo e conforto recuperado. Winnicott (1997) foi um contemporâneo perfeito de Balint, mas foi com os estudos de Balint que se verificaram diversos aspectos da problemática da confiança e da desconfiança. Tanto a criação da confiança como o trajeto que pode levar da confiança à desconfiança dependem dos “acertos” e das falhas da mãe, basicamente de sua confiabilidade (*reliability*). Quando surge uma confiança, logo verificamos que se origina na *reliability* da mãe que, por sua vez, vai além da mera estabilidade. Mas, quando ocorre um fracasso na vida do bebê, surge aí uma condição de dependência ou a perda de um objeto significativo. O espaço da potencialidade de um bebê é preenchido com o produto da sua própria imaginação criadora.

¹¹ Michael Balint nasceu em 1896 na Hungria. Foi bioquímico e psicanalista, fazendo uma brilhante carreira. Qualificou-se em neuropsiquiatria, filosofia, química, física e biologia. Fez análise com Hanns Sachs, acabando insatisfeito com essa análise, Balint vai terminá-la com Sándor Ferenczi e torna-se seu aluno, amigo e sucessor. Lança a base teórica do terceiro grupo independentes dos neofreudianos. Foi presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise. De 1950 à 1961, foi consultor psiquiátrico da Clínica Tavistock.

Fonte: <https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2016/10/michael-balint.pdf>

2.3.5. Subjetividade e self.

A palavra subjetividade refere-se à ação do sujeito. Sujeito é o ser que age em busca do seu valor ou do seu sentido (sujeito ideológico) ou, ainda, possui um saber que o torna capaz de agir (sujeito cognitivo). Por exemplo, numa instituição religiosa, o Padre, o Bispo, os diáconos são sujeitos porque têm um sentido que é trabalhar para o reino de Deus. O professor é sujeito por possuir um saber que o torna capaz de dar aulas. A mãe é sujeito porque tem um objetivo que é cuidar do filho, da casa, etc. A subjetividade varia de acordo com o julgamento de cada pessoa. Permite a interpretação, reflexão e especulação individual sobre determinada coisa.

O sujeito mantém uma relação com outros sujeitos nos grupos sociais, o que se chama intersubjetividade, ou então, está voltado para uma relação no interior do próprio sujeito, ou seja, intrassubjetividade. A ação do sujeito sobre si mesmo se chama self. A palavra self vem de um pronome reflexivo, em inglês, que significa a si mesmo e foi adotada em Psicologia com ideia semelhante a do eu pessoal. Para Jung (1916-1918), o *Si-mesmo*, ou *Self*, é uma imagem arquetípica do potencial mais pleno do homem. Ele ocupa a posição central da psique.

As psicociências (ou seja, as ciências que trazem no nome o prefixo psi (psicologia, psiquiatria, psicanálise, psicoterapia, etc) tentaram explicar, de forma variável, a compreensão dos seres humanos sobre o fazer as coisas a si mesmo. Para Rosa (2011), o self era entendido como “coerente, delimitado, individualizado, singular, intencional, o lugar do pensamento, da ação e da crença e a origem de suas próprias ações.” Era caracterizado por uma profunda interioridade, conduta, núcleo condutor de nós mesmos, considerados normais e a partir daí pensar o anormal.

Hoje essa descrição está sendo questionado, tanto prática como conceitualmente. Tem-se posto em questão a unidade, a naturalidade e a coerência do self. As tecnologias: transplantes de órgãos, marca-passos, implantes cerebrais, etc mostram que o homem é um organismo cibernético híbrido, atado às máquinas. E, também, dividido em gêneros, raças, classes, etc, por fenômenos históricos e culturais, etc. A noção moderna do que é ser um agente humano é historicamente limitada, surgido no ocidente e, daí espalhado para outras partes do globo, tendo começo, no tempo e no espaço e pode ter um fim. Portanto, é socialmente construída, produto de uma cultura.

O ser humano não é a base eterna da história, mas um artefato histórico e cultural. Na concepção ocidental e moderna, a pessoa é interpretada como um self, uma entidade única e discreta, na qual os limites do corpo contêm a vida interior, a psique,

que guarda as experiências da biografia individual. A pessoa possui crenças e desejos, capacidades inerentes (próprias dela), capaz de agir e decisões, em diferentes contextos e épocas. (Rose 2011). Os seres humanos passaram a entender a si mesmo e a se relacionar consigo mesmo como seres psicológicos que tem uma identidade que eles devem descobrir e realizar.

Rose (2011) propõe uma abordagem particular deste assunto a que chamou genealogia da subjetivação que não é uma história de pessoas, enquanto entidade psíquica, nem da consciência, da moralidade, mas está preocupada com as práticas cotidianas pelas quais a pessoa se tornou problemática para os outros e para si mesma: na administração do asilo, no tratamento médico, no cuidado com as crianças, na elevação da autoestima para compreender e administrar esses problemas. *“Seu domínio de investigação é o das práticas e técnicas, ou do pensamento na medida em que procura ser técnico”* (Rose, 2011). Vale lembrar que não existe um modelo único de pessoa que se destaca numa cultura, mas uma heterogeneidade de modelos de subjetividade em diferentes práticas que se articulam com seus problemas.

O termo tecnologia refere-se a qualquer conjunto estruturado, governado de forma consciente e racional que agrega saberes e programas para cumprir objetivos disciplinares ou de orientação. A escola, a prisão e asilo são exemplos de tecnologias humanas que Foucault chamou disciplinares e a relação pastoral (o padre, pastor, fiéis e pessoas carismáticas) é de orientação espiritual. O setor jovem do Movimento dos Focolares, que será objeto do nosso trabalho, constitui uma tecnologia da relação pastoral que incorpora técnicas da exemplaridade.

À autoridade é atribuída a capacidade de falar a verdade sobre os seres humanos a elas confiadas. São várias autoridades dentro de um espaço tecnológico: presidente, chefe de setor, etc que são governadas por códigos legais, o mercado, a burocracia e éticas profissionais.

Ente as diferentes práticas de ação sobre a pessoa, estão profissionais que exercem sua vocação com sabedoria e imparcialidade, o militar que trabalha pelo outro, colocando o seu corpo em risco, o pai responsável que vive uma vida de prudência e moderação, o trabalhador que aceita um futuro melhor, a boa esposa que se esquece de si mesma para cumprir os deveres domésticos com eficiência.

Existem duas modalidades de governo: **as políticas**, as quais se outorgam um status político e as **não políticas** (conhecimento técnico dos especialistas, os organizacionais dos gerentes ou o natural da família, ou da mãe). Na verdade, o homem

precisa ter regras (critérios) que regulem sua vida. Como um ser que pertence a grupo social. Essas regras são e devem ter um responsável e a partir delas se podem configurar características desejáveis e indesejáveis da população.

Foucault (1999) concebe o governo como englobando todos os programas e estratégias mais ou menos racionalizadas para a condução da conduta. Sua concepção sobre a governamentalidade (mentalidade de governo) considera o **governo dos outros**, administração calculada das questões de cada um e de todos de maneira a alcançar certos objetivos e o **governo de si**, que está direcionada para a tecnologia do self – mecanismo de auto direcionamento para a maneira como os indivíduos experiência, entendem e conduzem a si mesmos.

2.3.6. Self: confiança relevante.

Winnicott (1975: p. 89), em seu livro *Brincar e a realidade*, fala na busca do eu. Ele insiste em certas condições necessárias na busca de se fazer sucesso, associada à criatividade. É no brincar que indivíduos adultos e crianças se tornam criativo e utilizam sua personalidade integral. É neste ser criativo que o indivíduo encontra seu eu. Somente no brincar, é possível a comunicação, exceto a comunicação que está ligada a uma patologia ou a uma imaturidade extrema.

Uma pessoa em sua busca do **eu**, fica interessada no que se está produzindo em termos de arte e outras expressões. No entanto, o **eu** (self), realmente, não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por mais valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista, através de qualquer forma de expressão, está buscando o seu **eu** (self), então se pode dizer que já existe certo fracasso no seu campo de viver criativo. As pessoas que procuram essas ajudas necessitam de uma nova experiência, de um novo ambiente especializado.

Winnicott (1975: p. 91) fala do termo *associação livre* que torna possível ao paciente que está em um divã da terapia ou a uma criança em uma brincadeira, comunicar suas ideias, pensamentos, impulsos, sensações sem conexões aparentes. Quando o autor usa o termo relaxamento, está retomando o sentido de confiança na aceitação da fidelidade profissional do ambiente terapêutico que é um lugar para ideia de sequência de pensamento aparentemente desconexa, as quais o analista fará bem em aceitar como tais, sem presumir a existência de um fio significativo.

Para o mesmo autor, ocorre uma repetição automática da experiência traumática que é atualizada, estando ligada a uma excitação para colocar em direção ao princípio do prazer, bem como, as respostas psíquicas que estão associadas. Winnicott (1997: p. 88-107) tenta descrever o movimento rápido e o não rápido dos olhos em três momentos dispostos a um relaxamento em condições de confiança baseada na experiência, de atividade criativa, física e mental que se manifesta na brincadeira e de uma soma dessas experiências para que seja possível a base do sentimento do **eu**. Com isso, uma soma ou uma reverberação dependem da reflexão do indivíduo e do comunicado ao terapeuta (ou a um amigo, familiar, etc) em que confia. O indivíduo, nestas condições de confiança, resume e existe como um ser único e que se expressa como sendo EU SOU, eu estou vivo e que eu sou eu mesmo.

2.3.7. Trauma: conceito e discussões pertinentes.

A palavra trauma vem do grego e significa ruptura ou perfuração, servindo para nomear uma situação dolorosa que um sujeito passa e não consegue lidar com ela, ou mais explicitamente, como afirmam Laplanche e Pontalis (1998: p.522):

[...] um acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelos transtornos e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização.

No momento da ocorrência, nem sempre é reconhecido pelo sujeito, sendo vivenciado, posteriormente, e ganhando importância por desencadear uma série de associações que trazem à consciência a situação traumática original.

Antes de Freud criar a Psicanálise, a histeria já era conhecimento como uma psicopatologia que tenha, em sua origem, um acontecimento traumático emocional, de conteúdo sexual. A histeria era a patologia clínica modelar, a partir da qual todas as outras psiconeuroses eram analisadas. O encontro de Freud com Charcot¹², em Paris, em 1884, ajudou-o a mudar essa percepção para reconhecer, como histeria, tanto os fatos psicogênicos como os sexuais.

Uma pessoa sujeita a um trauma pode não estar previamente doente ou trazendo a doença em sua hereditariedade. Sobre esse assunto, Freud (1895) dá um exemplo de um sujeito que sofreu um golpe no braço. Na hora, o braço enfraqueceu por uns

¹² Jean-Martin Charcot foi um médico e cientista francês, professor na Cátedra de Clínica de Doentes Mentais. Freud trabalhou de outubro de 1885 a fevereiro de 1886 no hospital em que Charcot ensinava. Charcot alcançou fama no terreno da psiquiatria e neurologia na segunda metade do século XIX. (Antônio Quinet. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.)

instantes, mas logo voltou ao normal. Pouco tempo depois, seu braço estava rígido e paralisado, embora, no período de incubação, tenha utilizado seu braço perfeitamente bem.

Na teoria inicial, o trauma era considerado como um acontecimento real que poderia gerar, depois, um acontecimento imaginário, o que permite fazer a diferença entre a concepção psicanalítica freudiana de trauma e as concepções médicas ou de outras psicologias sobre o mesmo tema. No primeiro caso, está a concepção chamada de *trauma empírico* (psicológico) que destaca os conflitos entre ideias presentes no consciente e inconsciente, nos conflitos do eu, fortemente encontrados, em um conjunto de representações fortes, no conflito entre desejos. O segundo corresponde ao da metapsicologia que se refere a um *quantum* de afeto, ou seja, a uma energia que pode movimentar-se parcial ou totalmente em relação às ideias a elas conectadas. (Fulgêncio, 2004).

Zanotti et al (Fortaleza, 2006) reafirmam a visão da psicanálise sobre o trauma devido à referência a experiências precoces e não a fatos atuais: a marca do sujeito confunde-se com o infantil. O autor retoma Freud (1939/1986a, p. 70) que afirma: "*Chamamos traumas a essas impressões de precoce vivência, logo esquecidas, às quais atribuímos tão grande significação para a etiologia das neuroses*", autorizando a pensar em um tratamento do trauma, uma vez que as vivências traumáticas se encontram na base da formação dos sintomas. E conclui Freud (1923/1989c, p. 239), "*o termo trauma está na raiz de toda a formação de sintoma, trazendo impressões traumáticas procedentes da vida sexual precoce*".

Winnicott¹³ (1956), bem como Ferenczi (1932/1990), consideram que o conceito de traumatismo deve ser usado para o que é realmente traumático e ligam o trauma ao meio ambiente.

Winnicott (1989) verificou que esse tipo de ocorrência na constituição pessoal e cultural do ser humano é fruto de energias que não foram descarregadas. O trauma leva a uma ruptura da linha da vida porque "*rompe a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, relativo ao fracasso deste objeto em desempenhar sua função*" (1965/1994: p.3).

¹³ Donald Woods Winnicott (1896) foi um pediatra e psicanalista inglês influente no campo das teorias das relações objetais e do desenvolvimento psicológico. No final da primeira guerra mundial, começa um trabalho como consultor em medicina infantil. Seus atendimentos com crianças foram evoluindo da pediatria para uma psiquiatria infantil de orientação analítica. Fonte: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6976/6976_3.PDF

Em Ferenczi¹⁴ (1932/1990, p.05), o trauma do nascimento está isento de perigo e não deixa traços substanciais, porque o mundo circundante ocupa-se, imediatamente, da reparação. O traumático não consiste no transtorno fisiológico provocado pela criança, mas na possibilidade da onipotência que permite o surgimento de desejos cada vez mais ousados e os pais precisam adaptar as necessidades de cada criança, fazendo com que cada situação de suas vidas sejam agradáveis e não traumáticas. (Ferenczi, 1913/1992). Isso remete a uma capacidade que tem cada família de fazer suas modificações fisiológicas em relação aos acontecimentos traumáticos. Assim, na análise, deve-se observar a forma como os adultos lidam com as angústias das crianças.

O traumático é essencialmente heterogêneo e, portanto, anterior ao conflito. Reunindo, dentro de si, um campo de forças constituídas de sentidos em oposição. Daí nascem o encontro e o desencontro. O modo mais primitivo e radical de lidar com esta situação é impedir que se evolua em direção ao campo conflitivo, isto é, que um conflito e suas tensões se instalem no psiquismo (1932).

Para Ferenczi (1913/1992) traumatismo não está mais na intensidade do acontecimento, mas na capacidade que tem a família de fazer com que as modificações fisiológicas relacionadas às excitações não tenham um efeito traumático. Trata-se de uma capacidade de os adultos de sintonizarem com a angústia infantil e, ao mesmo tempo, não se esquecerem de sua própria infância. O autor refere-se ao momento do desmame, da supressão dos “maus hábitos” e da passagem da infância para a vida adulta. O caráter da criança vai se constituindo na adaptação ao código social e o traumático vai surgindo no momento das dificuldades encontradas na relação da criança com o seu meio, ou seja, com sua família. Quando chegam à fase adulta, essas pessoas são incapazes de se adaptarem às necessidades da criança causando, assim, um dano, uma sombra que se projeta pelo resto de sua vida.

Souza (2003) nos fala que o trauma está relacionado ao relacionamento entre o sujeito e o outro e não com sua essência, ou seja, o sujeito vai sendo constituído como defesa contra o encontro necessariamente traumático com o outro. No primeiro momento de adaptação do adulto à criança, a experiência de onipotência é mantida e o bebê não precisa entrar em contato com a alteridade do outro.

¹⁴ Sándor Ferenczi foi médico neurologista, preocupando-se com a cura da dor psíquica. Em 1908, logo após o contato com Freud, teve início sua produção teórica na área. Dedicou toda sua obra a questionar a psicanálise, procurando ampliar seus limites terapêuticos. Fonte: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/sandor-ferenczi/>

Em 1911, Ferenczi afirmou que o traumatismo patogênico quando se manifesta como paralisia do pensamento e da motilidade frente às experiências excessivas; torna-se negação da realidade dos fatos, ou seja, a afirmação por parte do objeto de confiança de que nada ocorreu. A criança se sente abandonada, perde o prazer de viver e volta a agressão contra sua própria pessoa. As manifestações que se apresentam em análise, nesses casos, constituem a reprodução dessa agonia psíquica e física, cujo sentido lhes foi impedido, o que ocasiona uma dor incompreensível e insuportável.

Winnicott afirma que *“O trauma é aquilo que rompe a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, relativo ao fracasso deste objeto em desempenhar sua função (1965/1994, p.3)”*. O trauma refere-se a um fracasso relativo à dependência. Trata-se de um processo que conduz da dependência absoluta em direção à dependência relativa. No estágio da dependência quase absoluta, o trauma implica em um colapso da área da confiabilidade no meio ambiente expectável médio que tem como resultado o fracasso ou fracasso relativo ao estabelecimento da estrutura de personalidade e da organização do ego.

A reação ao trauma na visão de ambos os autores é da ordem de uma cisão, a clivagem narcísica segundo Ferenczi e a separação precoce entre self e meio ambiente para Winnicott.

Aqui convêm distinguir os eventos que causaram os traumas dos chamados traumas psicológicos propriamente ditos deixados pela experiência do evento.

Os eventos que causam os traumas são os mais variados possíveis: guerras, enchentes, mortes inesperadas na família, discórdias familiares (separação dos pais, preferências por outro filho, etc), sequestros, situação de grande estresse e desgaste emocional, situações de violência e medo, agressões físicas, assaltos, violência sexual (estrupe), etc.

Chama-se trauma psicológico as sequelas emocionais deixadas por uma experiência que causou muita dor que afetam o comportamento, os sentimentos e as emoções da vítima que luta, consciente ou inconscientemente, para esquecer o fato que o traumatizou e revive o acontecido em pesadelos ou pensamentos recorrentes durante o dia. Os sintomas mais frequentes desse tipo de trauma são: a tendência a reviver o acontecido, o medo excessivo, a hipervigilância (estar sempre em constante vigília, sentido como se algo estivesse prestes a acontecer), sustos exagerados por motivos tolos, insônia, irritação fácil, surtos de raiva, tendência ao isolamento, apego demasiado a um determinado objeto ou pessoa. Nos casos mais graves, desinteresse pelo futuro,

depressão, ansiedade e dificuldade de concentração e de aprendizagem. Como exemplo, de apego excessivo, conto um caso clínico que li (Jost,1995:p. 133) de uma menina que tinha um profundo apego a um casaco velho e esfarrapado. Não ia a lugar nenhum sem levar o casaco, mesmo que os outros rissem dela. A mãe tirava-o à noite, mas ela levantava e ia buscá-lo. Penetrando no assunto, a terapeuta descobriu que quando a menina percebeu a primeira infidelidade do pai, teve um tremor de frio apavorante. O pai buscou esse agasalho e colocou-o em suas costas *“a partir daí, o agasalho passou a simbolizar o pai fiel e amigo em substituição ao pai verdadeiro que era infiel a mãe e, portanto, infiel a ela”*.

Hoje em dia, considera-se que uma forte consequência psíquica está descrita em um transtorno do débito pós-traumático, constituindo uma forma de ansiedade que penetra na personalidade de cada indivíduo para se transformar em uma agressão. Na memória das crianças, aparece que toda sua personalidade está diante de um referencial assustador. Só existe um referencial, quando se desenvolve uma lembrança de um sonho que faz o psiquismo reviver a memória do tormento. Para que isso não ocorra, a criança descobre uma forma de adaptação: procurar não pensar no trauma, esforçar-se para não sentir apego às coisas a ele relacionadas, evitar as atividades e palavras que tragam à memória o horror que passou no passado, etc. E, como não pode expressar o sofrimento:

“por que era demasiado duro e por que o faziam calar-se, nunca aprendeu a dominar essa emoção, a dar-lhe uma forma humana, uma forma que pudesse ser compartilhada em sociedade” (Cyrulnik, 2000: p 37).

Assim, sendo afetado por um peso que não consegue governar, a criança alterna o sofrimento reprimido com explosões de cólera, a amabilidade com agressividade repentina, a indiferença aparente, com uma hipersensibilidade extrema (Id. Ib p. 37). Esse autor, também apresenta uma análise das variáveis desses efeitos.

A primeira variável de que fala é que somos indulgentes com as agressões da natureza como: inundações, os incêndios, terremotos, erupções vulcânicas, etc. Tentamos canalizar e amenizar as fúrias da natureza, projetando muros e outros benefícios para a humanidade, mas não nos perguntamos por que estas coisas acontecem. Se questionássemos, veríamos que o ser humano é culpado porque bloqueia estradas, provoca incêndios, aglomera-se nos leitos de rio ou numa encosta de um vulcão. Enquanto a natureza nos transmite certa euforia que nos reúne para contemplar, nas relações humanas, o agressor perde o poder de sedução. Assistimos uma cena de tortura em que um grupo de pessoas se reúne para humilhar outro e nos identificamos

com um dos grupos a ponto de ficarmos indignados. Ou ajudamos os perseguidores a torturar ou socorremos os torturados, caso compartilhemos de seus valores. Seria bom aprender a denunciar os torturadores, aqueles que roubam nossos pão ou casas, que insultam nossas crenças ou religião, que impõem normas sem nos perguntar se estamos de acordo, etc.

Outra variável importante para avaliar o efeito traumatizante da agressão é a idade. Por exemplo, uma criança sofre ao ver o sofrimento de sua mãe, pois ele habita um mundo sensorial que ela constrói. Já um adolescente, quando pretende se socializar, pode ficar chocado com a depressão de sua mãe, que está abatida com o desemprego do marido.

Quando uma criança está na idade do pré-escolar, o trauma se relaciona como um processo de separação ou perda emocional, reagindo a esse ferimento como um apego ansioso por um objeto. O vínculo de confiança que se refere ao tipo projetar gera uma sensação de separar-se desse objeto para poder explorar outros ambientes diferentes. É neste período que o efeito do trauma se manifesta por meio de comportamento regressivo, como por exemplo, enurese, terror noturno, perda de aprendizagem, etc. Entre os seis a oitos anos, a criança já tem uma experiência da morte de alguém como motivo de uma separação ou uma perda insubstituível.

3. METODOLOGIA DE LEVANTAMENTO E ABORDAGEM DOS DADOS.

3.1. O método de análise.

Na descrição e análise dos dados levantados, conforme dissemos na introdução, escolhemos o método qualitativo que, segundo John W. Creswell (2007: p.85-86), “*emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análises de dados*”, utilizando descrição de cenário ou de pessoas, identificação de temas e categorias e análise interpretativa dos dados levantados. Completando essas ideias sobre o método, Wolcott (1994) considera que este inclui:

O desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões de seu significado pessoal ou teoricamente, mencionando as lições apreendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas.

A capacidade “*fundamentalmente interpretativa*” está presente em todas as ciências sociais que, além disso, permitem historiar os fatos e compará-los entre (Rastier: 2002).

Aqui fazemos essa análise, partindo do geral para o particular, ou seja, da descrição do cenário, Ilha Santa Terezinha (comunidade carente localizada no Bairro de Santo Amaro em Recife Pe) e da AACA, para os sujeitos envolvidos na pesquisa, de que vamos observar o grau de vulnerabilidade a que estão submetidos, os traumas sofridos e, sobretudo, a capacidade de superação dos traumas pelo fortalecimento da capacidade de resiliência. Na verdade, trabalhamos com um percurso que tem início com a reconstrução da ilha, de que fizeram parte algumas dos entrevistados, passando pela criação da AACA até chegarmos aos adolescentes que foram beneficiados com os eventos que os antecederam.

3.2 O Levantamento dos dados.

Os dados foram obtidos através de entrevistas com adolescentes, funcionários e moradores da comunidade carente antes descrita e que se encontram em situação de vulnerabilidade com vistas a descobrir possíveis resilientes que conseguiram superar os traumas. Em princípio, pensávamos em entrevistar apenas os adolescentes, mas as várias visitas feitas à comunidade mostram-nos que era quase impossível compreender a situação dos adolescentes sem inseri-los dentro do contexto de surgimento e reconstrução da Ilha e de criação da AACA com o auxílio do Movimento dos Foculares. Assim o estudo, embora focado nos adolescentes, frequentadores da Associação de

apoio à criança e ao adolescente - AACA, da Ilha Santa Terezinha em Recife-PE, foi ampliado a funcionários e moradores da ilha para podermos compreender melhor o adolescente.

Para darmos início à pesquisa, marcamos encontro, por telefone, com o líder comunitário da Ilha. Durante o encontro, em sua residência, ele nos contou sua experiência de vida e atuação na Ilha, bem como nos levou até a AACA, onde entramos em contato com professores e funcionários e, com eles, discutimos a situação atual dos adolescentes e a forma de abordá-los. A AACA possui, hoje, 22 funcionários e atendem mais de 350 alunos. Fui informada pelos funcionários de que não deveria entrar na comunidade a pé e sozinha e assim o fiz: fui, ora com alguém da minha família, ora com uma amiga, conhecedora da comunidade.

Foram feitas entrevistas com os adolescentes de 12 a 16 anos, frequentadores da AACA e, também, com funcionários (moradores ou não da Ilha Santa Terezinha) entre os quais, foi destacada uma amostragem, para análise, constituída de vinte e oito entrevistas com: 1 morador, 3 funcionários moradores, 4 funcionários não moradores, 10 adolescentes femininos e 10 adolescentes masculinos, levando-se em consideração na escolha a coerência e a completude das respostas dadas.

Encontramos os adolescentes em duas ocasiões: na primeira, eles deram respostas curtas ou incompletas, e sem muita abertura (talvez com medo do desconhecido e de mim). Conversando com o meu orientador, ele me falou que eu retornasse lá e pedisse que eles contassem histórias de vida, experiências dolorosas ou alegres que vivenciaram. Assim eu fiz. Incentivei-os (com perguntas pré formuladas) e eles se abriram mais. Nessa segunda vez, eles já estavam familiarizados comigo e conversaram sobre a vida pessoal deles. No final de cada entrevista, muitos vieram me dar um abraço. Houve gente até que tocou uma música para mim: *Asa Branca*

Paralelamente, foi fotografado o ambiente externo e internamente. Para cada sujeito da pesquisa, foi feita uma ficha que resume os dados levantados para facilitar as análises. Foram feitas análises qualitativas e comparativas dos dados obtidos. A análise do material levantado foi realizada de acordo com a teoria estudada.

3.3 Sujeitos envolvidos na Pesquisa: caracterização e papel social na comunidade.

3.3.1 Considerações preliminares.

Em razão dos objetivos dessa pesquisa, que pretende analisar a superação dos traumas numa comunidade carente e, portanto, lida com pessoas, substituímos o nome próprio dos sujeitos informantes por um nome fictício para preservar a idoneidade do mesmo e ter mais liberdade de fazer as observações necessárias. Foram mencionadas pelo nome próprio aquelas pessoas que já haviam morrido, tendo sido sua atuação na Ilha mencionada por outras pessoas, como é o caso de Edna Simões e Francelino, citados em itens posteriores. Aqui, apresentamos as características de oito sujeitos adultos (sendo 4 moradores e 4 não moradores) 20 adolescentes, em idade de 12 a 16 anos, (sendo 10 masculinos e 10 femininos), todos moradores da Ilha.

3.3.2 Moradores da Ilha, funcionários da AACA e outros.

EdJ é morador da Ilha Santa Teresinha, com segundo grau completo e idade de 59 anos. Reside na Ilha desde os cinco anos: o pai veio de uma vila operária que existia nas proximidades e a mãe da Paraíba e ali se estabeleceram. É casado com Eliane, uma agente de saúde com 35 anos de trabalho no Posto da Ilha. Ele e Eliane tiveram quatro filhos biológicos. Mesmo não tendo concluído o curso superior, os filhos são todos formados: O mais velho é formado em licenciatura em música; o segundo é cineasta; o terceiro é sociólogo. Este foi a um intercâmbio em Roma e lá tornou-se tradutor. A quarta é uma moça (“ele a chamou, carinhosamente de menina”), mora com a família e está fazendo o sétimo período de psicologia. Na comunidade, **EDJ** é considerado uma liderança, mas, ele prefere dizer que é um moleque de recado das demandas da comunidade, ou melhor, se ele pudesse dar o nome certo seria, *carregador de recados*. Todas as experiências e conquista mencionadas no item 7.1.1 são resultados de suas reivindicações e militância na comunidade.

DAN é ex-morador da comunidade. Hoje mora em Paulista (na grande Recife). É casado, tem uma filha. Atualmente, tem a idade de 41 anos. Trabalha na AACA como coordenador pedagógico. Conhece o Movimento dos Focolares,

principalmente Edna, mais não participa como empenhado¹⁵. Esteve presente no velório de Edna (que ocorreu no centro Mariápolis de Recife) e prestou algumas homenagens a ela. Com a ajuda dele, de L, MJ e C tivemos todo o acesso e o apoio para a realização da Dissertação.

LAN mora em um bairro de Recife, casada, com filhos. Trabalha na AACA como secretária. Participa do Movimento dos Focolares como focolarina casada.

LAR é uma focolarina de vida comum que, atualmente reside no Focolare de João Pessoa e morou durante algum tempo na Casa Gen feminina da Ilha Santa Terezinha.

MJC é moradora de outro bairro de Recife e casada com **JCD**. Atualmente, preside a AACA. Participa do Movimento dos Focolares no setor das voluntárias, atuando, especificamente, na revitalização das paróquias, em outro setor do Movimento dos Focolares, chamado *Paróquias Novas*.

JCD é morador de outro bairro de Recife, casado com **MJC**. Trabalha na AACA como gestor. Participa do Movimento dos Focolares no setor dos voluntários, atuando, também, em *Paróquias Novas*.

JUD é pedagoga, moradora da comunidade, casada, com dois filhos. Trabalha na AACA como supervisora administrativa. Participa do Movimento dos Focolares, desde que era adolescente. Foi Gen e hoje está no setor das voluntárias.

DRS, de 42 anos, é morador da comunidade, casado, e possui filhos. Trabalha na AACA como educador Social, mais precisamente com os adolescentes maiores.

RHS é morador da ilha, com idade de 37 anos, casado. Trabalha na AACA como Educador Social, mais precisamente na parte esportiva.

RC é morador da ilha, casado. Trabalha na AACA na parte de Serviços Gerais.

WJF tem 46 anos, é casado, mora na comunidade e trabalha na AACA.

ArAMS trabalha na AACA como Orientador Educacional.

LSV trabalha na AACA como secretária.

WJ trabalha na AACA como professor de capoeira.

15 O empenhado no Movimento dos Focolares é aquele que tem uma tarefa a realizar.

AMPP é uma focolarina de vida comunitária que, atualmente, reside no Focolare de São Paulo-SP e morou durante a década de 80 na Casa Gen feminina da Ilha Santa Teresinha.

3.3.3 Adolescentes

RWA, idade de 13, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

MWF, idade de 13 anos, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

MHS, idade de 14 anos, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

MFL com 13 anos, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

CGA, com 12 anos, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

APN idade 14 anos, masculino, morador da comunidade e estudante da AACCA.

FSG comunidade de 13 anos, masculino, mora na comunidade e é estudante da AACCA.

KM, com idade de 14 anos, masculino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

FFF tem 15 anos, masculino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

ADML tem 14 anos, masculino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

GVC tem 12 anos, feminino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

MWD, de 14 anos, feminino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

MKS, com idade de 12 anos, feminino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

VMF com a idade de 13 ano, feminino, mora na comunidade e estudante da AACCA.

FES, idade de 13 anos, feminino, moradora da comunidade e estudante da AACCA.

HVS tem 13 anos, feminino, mora na comunidade e é estudante da AACCA.

FCL, idade de 12 anos, feminino, moradora da comunidade e estudante da AACCA.

LVO, com idade 13 anos, feminino, mora na comunidade e estudante da AACA.

MCC tem 15 anos, feminino, mora na comunidade e estudante da AACA.

4. A ILHA SANTA TERESINHA.

4.1. Criação e reconstrução.

O levantamento do material de pesquisa foi realizado na comunidade carente Ilha Santa Teresinha¹⁶, localizada no Bairro de Santo Amaro, em Recife-PE. Essa comunidade começou a existir quando as pessoas vinham da zona rural para a capital, na tentativa de buscar uma condição de vida melhor. Ao chegarem à capital, não encontram trabalho, moradia e alimentação e a proximidade com maré não os deixava morrer de fome. No início do surgimento da Ilha, as casas eram do tipo casebre, cobertos de palha de coqueiro, feitas de zinco, com papelão nas paredes.



Foto de um casebre à época

Não eram casas, mas um abrigo precário para proteger os moradores da chuva, do vento e do sol. O primeiro nome da comunidade foi *Ilha dos 3 Coqueiros* porque havia ali três coqueiros que auxiliavam os moradores no retorno para casa em busca de trabalho temporário no cais do porto de Recife. Não tinham luz, não tinham água. Muitos, além de viverem da própria pesca, faziam pequenos “biscates” no porto. Os três coqueiros ficavam na casa de Zacarias, um dos primeiros moradores (EDJ, 2022). Com o passar do tempo, esses barracos foram aumentando e a miséria dando margem para a violência e a revolta. Entre os revoltados, havia um rapaz que tinha o apelido de **Cão** e quando o delegado de polícia, na delegacia próxima da comunidade, ordenava aos policiais que fossem prender o Cão, eles se dirigiam para o delegado e diziam: “*vamos buscar o Cão lá no inferno*” (EDJ, 2022). A Ilha, que, no princípio era chamada pelos moradores de *3 Coqueiros*, a partir daí, passou a ser chamada de *Ilha do Inferno* (por associação com o local onde morava o Cão) e apresentava péssimas condições de

¹⁶ EDJ é um líder comunitário que, não só nos contou a história da ilha, como nos passou os contatos das pessoas que coordenam o trabalho da AACA. Entre essas pessoas nos comunicamos com MJC, a presidente, que tanto nos disse que estaria disponível para a entrevista, como poderia disponibilizar o local para as entrevistas com os adolescentes.

infraestrutura (situada dentro de um mangue), tendo, como consequência, um alto índice de criminalidade, de prostituição e uso de drogas.

No início da década de 60, chegou à comunidade, um padre canadense chamado Bernardo. Ele comprou um barraco a um dos moradores (Józimo), depois, elevou o piso e transformou-o num grande galpão de madeira coberto de zinco. Esse galpão servia de escola e de capela ao mesmo tempo. Como muitas pessoas viviam da pesca e nem sempre a pesca dava resultado, o padre Bernardo começou a ensinar algumas profissões elementares aos primeiros habitantes, tais como: fabricante de utensílios domésticos, material de cozinha ou móveis rústicos de madeira para vender nas feiras livres.



Foto do padre Bernardo com algumas crianças

Fala-se ainda de maletinhas para engraxate que foram fornecidas a alguns moradores para irem trabalhar como engraxates no centro de Recife. Ainda na década de 60, Dom Élder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife pediu ao Movimento dos Focolares — e do qual faço parte desde criança — fundado por Chiara Lubich¹⁷, uma escritora Cristã Italiana (que recebeu, em 1998, aqui na PUC-SP, um doutorado Honoris Causa) para continuar o trabalho de reconstrução da comunidade, já iniciado pelo padre Bernardo.

¹⁷ Chiara Lubich nasceu em Trento - Itália, no dia **22 de janeiro de 1920. Aos 18 anos, diplomou-se como professora primária e aos 23 anos**, enquanto ia pegar o leite a pedido da mãe, na localidade de Nossa Senhora Branca, em Trento, sentiu que Deus a chamava com a seguinte frase: «*Doe-se completamente a mim*». Ela não perdeu tempo e, com uma carta, pediu a um sacerdote capuchinho, padre Casimiro Bonetti, a permissão para fazer um ato de total doação a Deus. Obteve a permissão após uma profunda conversa. **No dia 7 de dezembro de 1943**, às 6 horas da manhã, ela se consagrou. Naquele dia, Chiara não tinha em seu coração nenhuma intenção de fundar alguma coisa: simplesmente desposava Deus. Nasce, assim, o *Movimento dos Focolares* que hoje está espalhado pelo mundo inteiro e do qual fazem parte pessoas de diferentes idades e classes sociais, solteiras ou casadas, de diferentes igrejas e religiões e até os ateus.



Foto de Dom Helder Câmara



Foto de Chiara com Dom Helder

A própria Chiara esteve na Ilha em 1963 e ficou chocada ao ver aquela realidade social e disse em seu diário: *“Eu estou (em Recife) numa casa tão luxuosa que eu nunca vi igual em toda a Europa, comparado com os mocambos que eu vi hoje”*. Para ela, era a própria expressão daquele Deus abandonado na cruz que ela via nas ruas da favela. E, concluiu: *“Eu fico me perguntando se estas pessoas daqui ainda têm esperança de que alguém faça alguma coisa por elas”* (Chiara Lubich).



Chiara Lubich

Durante a visita à comunidade, ela orientou suas seguidoras, as chamadas focolarinas¹⁸, as primeiras do Brasil, a se juntarem a Padre Bernardo, ao que elas logo aderiram e começaram a colaborar com ele. Conta Gisa (2022) que ali chegou *“para ajudar ao Padre no cuidado com as famílias, junto com outras pessoas do Movimento dos Focolares, entre elas uma médica, uma assistente social e alguns voluntários”*. Porém o padre Bernardo só ficou dois anos ali e o Movimento teve que arcar sozinho com o cuidado com a Ilha.

A mudança de nome da *Ilha do Inferno* para *Ilha Santa Teresinha* aconteceu de uma forma também espontânea: uma das moradoras foi à Paróquia batizar a filha, de

18 Os focolarinos (masculinos ou femininos) são consagrados a Deus e habitam uma casa comum (não um convento) que se chama Focolare. Vestem roupas comuns (calças jeans, camisetas etc) e levam uma vida muito simples.

nome Maria Tereza. Quando o Padre (que não era mais o Bernardo e sim Kevins) perguntou o lugar de moradia e a mãe respondeu que era na *Ilha do Inferno*, ele ficou indignado (pois desconhecia a história da Ilha) e disse: “*ilha do inferno não é lugar de ninguém morar*”. Pegou uma imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus, fez uma pequena peregrinação e batizou o lugar como Ilha Santa Terezinha.

A partir de então, houve uma intensa modificação nas condições da Ilha: as casas foram reconstruídas e as pessoas começaram a receber uma formação regular.



Algumas fotos atuais da Ilha

Na década de 1980, começa uma luta política, democrática, comunitária pela habitação: “todos os casebres foram reconstruídos, não pelo governo, mas pelo próprio Movimento com a ajuda de participantes do Brasil (sobretudo do Nordeste) que enviaram suas economias ou fizeram pequenas ações (venda de lanches nas feiras livres, rifas, festinhas regionais etc.)”¹⁹. O nome de *Ilha do inferno* vai perdendo peso e vai se consolidando o de *Ilha Santa Terezinha*. Uma dessas conquistas foi a criação da

¹⁹ Dito por uma participante idosa do MF (Fátima Batista) que se recorda de ter ajudado também.

primeira escola (que foi chamada *Escola Municipal Sede da Sabedoria, em homenagem à Mãe de Deus*) e da Associação dos moradores, na qual as decisões sobre a ilha eram tomadas em unidade (ou equipe) ou seja dentro do espírito mais democrático possível. A urbanização(calçamento, energia, telefonia, rede de esgoto etc) só vai ocorrer partir dos anos 90, também pela luta dos moradores da Associação.

No período em que **EDJ** foi presidente da Associação da Ilha Santa Terezinha, um cidadão o abordou na rua para pedir-lhe que colocasse o CEP em sua rua. Então ele pegou a planta da comunidade e foi até a agência central dos correios. Ali foi informado de que os correios fariam isso, mas antes, ele teria que passar na empresa de urbanização do Recife. Ao chegar à empresa de urbanização, encontrou a mesma planta da Ilha já com vários nomes de ruas. E eram nomes que não tinham nada a ver com a história da Ilha. **EDJ** sempre sonhou em homenagear os primeiros moradores, aqueles que ajudaram na construção da Ilha, os primeiros conselheiros, colocando os nomes deles nas ruas, mas foi muito mal atendido pelo agente público que o recebeu. Ele lhe disse que o que ele queria não era possível: o nome da rua tinha que passar por um projeto de lei de um vereador da Câmara. Como a comunidade da Ilha não se envolvia com política partidária, embora votasse e tivesse uma escolha política, ficava difícil, para eles, o entendimento com um vereador. Ele perguntou, então, ao rapaz se poderia falar com seu chefe. E, para a sua surpresa, ele permitiu e, ao falar-lhe, o chefe (que era uma mulher) confirmou a informação que **EDJ** já tinha. Foi quando ele teve uma ideia e perguntou-lhe se poderia colocar nome de Santo e Ela confirmou. Ele não perdeu tempo. Então, por exemplo, para homenagear seu Raimundo (o conselheiro e pedreiro que construiu as casas e as primeiras galerias de drenagens da comunidade), ele sugeriu que colocasse Rua São Raimundo. Depois, para homenagear o Padre Bernardo, ele colocou Rua São Bernardo. Para homenagear Genário, o animador cultural que todo ano fazia o pastoril natalino, o nome da rua ficou São Genário. Para homenagear Dona Joana, a parteira e curandeira, ele sugeriu que colocasse Rua Santa Joana; a Rua Arlindo remete a um cantor de frevo da década de 70. Quando acabaram as homenagens a pessoas, ele apelou para a natureza. Então, uma rua que começa com o sol é Rua do Sol Nascente, a outra, é Rua Luar de Prata porque dela se vê a lua. Depois, ele partiu para a convivência entre as pessoas: em busca da união, Rua da Unidade; em busca da integração, Rua da Integração e ainda Rua Arca da Aliança (ainda dentro do contexto religioso, do qual surgiu a comunidade) para homenagear a mãe de Jesus que é assim mencionada em sua “Ladainha”. Havia alguns nomes que eram horríveis e que se

assemelhavam a palavras de baixo calão. Assim, eles conseguiram colocar os CEPS nas ruas, sem precisar de político. Além disso, todos os nomes das ruas da comunidade são únicos e não existem travessas, nem becos.

Em relação à Associação, podemos dizer que ela teve muitas conquistas dentre as quais duas escolas, mas não tinha a própria sede. Quando conseguiram um terreno, a comunidade ficou dividida. Uma parte queria construir uma capela, a outra parte queria construir a sede da Associação. Sabiamente, foi construído um salão paroquial que dava, tanto para celebrar missa e atividades litúrgicas como, também, para reunir a comunidade. Inicialmente, nasceu como salão paroquial que atendia as duas necessidades. Depois foi mudada a terminologia de Salão para Capela. Para **EDJ**:

Hoje, a comunidade tem, aproximadamente, três mil habitantes. Morar aqui significa ter uma vida de pertencimento, isto é, saber que pertence a uma terra, a um local. É ter como valor ser agente ativo de transformação do local.



Foto atual da capela

Ele teve a oportunidade de sair dali e morar em outro lugar, mas, até hoje, não se vê fora da Ilha. As pessoas, em geral, dizem que ele tem liderança comunitária, mas, ele prefere dizer que é um “moleque de recado” das demandas da comunidade que teve suas lutas e conquistas, vitórias e derrotas. Suas principais conquistas foram em relação à habitação: por ser uma comunidade humilde que conseguiu ficar em Santo Amaro, um dos bairros centrais do Recife/PE, vizinho ao Shopping Tacaruna. Entretanto, uma de suas perdas deve-se, justamente, ao próprio Shopping que, aos olhos do sistema capitalista, pode ser visto como um empreendimento comercial, gerador de empregos, etc., mas construiu ali um muro, que EDJ chama *o muro da vergonha*, do qual falaremos melhor no item 5.3.



Muro divisório do Shopping para as casas da Ilha



Grade divisória do Shopping

Chiara, pensou em montar um Focolare na Ilha, mas, ao invés disso, colocou duas casas Gen²⁰. Primeiro veio à feminina e, depois, a masculina. Naquela ocasião, era muito difícil a adaptação do pessoal por conta da miséria. No entanto, essas casas gen, foram seguidas diretamente pelos Focolares de Recife. Os/as jovens tinham nas casas Gen uma preparação espiritual e humanística: aprendiam a conviver fraternalmente entre eles e a trabalhar como professores da AACA (de música, de inglês, de dança etc). Uma jovem, que morou nessa casa, diz que se preparou ali para enfrentar o mundo:

Quando eu cheguei lá, era muito inexperiente: não sabia fazer nada. Eu tinha um preparo intelectual, mas tudo teórico. Um dia as meninas me escolheram para ficar na cozinha porque todas iam trabalhar e não tinha quem fizesse o almoço. Fiquei aperreada porque não sabia cozinhar. Perguntei a uma das minhas colegas Gen o que devia fazer. “Ela disse: faça macarrão que é fácil”. Mas eu não sei fazer, disse a ela. Ela me ensinou o caminho de colocar na panela com água fervente etc, mas eu ainda tinha dúvidas sobre como saber se estava cozinhado e ela me disse: “sacode um bocadinho do macarrão na parede se pregar tá cozinhado” (ACGL).

²⁰ Os jovens do movimento dos focolares se chamam geração nova (Gen). Gen foi um apelido dado por Chiara, em 1967, aos jovens e adolescentes do Movimento. Ela propôs aos jovens lançar uma grande revolução de gritos: Unamo-nos, isto é, fazer uma revolução de amor. Eles aderiram e, em 1968, como gesto simbólico, foi feito um troféu que representava a passagem de uma bandeira da primeira geração (os adultos) para a segunda geração (os jovens). Hoje, temos os Gen2 (os jovens de 17 a 29 anos), os Gen3 (que são os adolescentes de 12 aos 16 anos), os Gen4 (as crianças de 04 a 8 anos) e os Gen5 (que são os bebês até os 3 anos). Casa Gen, é uma casa de experiência com diversos jovens, de diversas localidades (e países), culturas e religião, que vão morar (juntos), um ano ou seis meses nela. Eles trocam suas experiências, seus aprendizados, sua cultura, sua religião, o que sabem fazer, participam da vida da comunidade em que estão inseridos, etc. Também tem uma formação religiosa, moral, ética, etc. Fazem algum trabalho local para a sua sobrevivência e, também, para manter a casa onde vivem. Hoje, essas casas Gen existem no mundo inteiro.

Conforme disse na página 13 (Introdução), eu também morei em uma Casa Gen, aqui no Brasil, como Gen3 e, como Gen2, no interior da Argentina, no Centro Mariápolis, em um lugar chamado O'Higgins. Convivi com várias pessoas de vários lugares do país e do mundo e fiz, ali, minha primeira experiência de trabalho. Aprendemos juntas a conviver com o diferente. Foi uma experiência única, de formação humana, ética, social, de partilha, cultural e espiritual. Em minha visão, eu era o que se costuma chamar “patricinha” e como qualquer jovem, gostava de ir ao Shopping para ver as novidades e gastar o dinheiro à toa. Porém, convivendo com aquelas pessoas que viviam bem, somente com o necessário para viver, aprendi a valorizar as coisas e a viver com mais simplicidade. Também, eu não tinha irmã, apenas um irmão que já era casado e ali eu encontrei muitas irmãs que estavam dispostas a me ajudarem no que fosse preciso. Aprendi, com elas, a compartilhar os dons materiais e espirituais. Com isso, eu tive uma compreensão maior da minha igreja.



Algumas fotos da Mariápolis Lia

Hoje participo do PSICOM (Psicologia e Comunhão) que é um grupo de psicólogos, vinculado àquele Movimento. Surgiu em Malta, em 1999, quando Chiara recebeu ali o Doutorado *Honoris Causa* em psicologia. Estou, ainda, aprendendo, nessa linha, daí a realização desse trabalho.

A focolarina chamada Edna²¹ acompanhou o Conselho dos moradores da Ilha por muito tempo e em dois períodos: um pouco antes da década de 90 e, depois de uma estada na Itália por dez anos, até bem pouco tempo quando faleceu. Edna tinha uma grande força para superar as dificuldades. Nada a amedrontava: chegava à comunidade por volta das sete ou oito horas da noite e saía meia noite, meia noite e meia. Ela não estava nem aí com o perigo e, também, não tinha nenhuma preocupação com sua segurança. Para ela, o que importava “*era estar junto com a população, junto com a Associação, junto com essa luta*” (EDJ, 2022) Com ela, a maioria das vezes, vinha Francelino de Barros, que era um voluntário²², também ligado ao Movimento dos Focolares. Ele morava em Recife, em um bairro de pessoas de classe média alta e conta que, quando estava na dúvida sobre fazer uma coisa ou outra, ele escolhia a mais difícil: que era chegar até a Ilha, devido aos perigos que corria e o ter que deixar o conforto de sua vida pessoal, mas ali ele se sentia plenamente realizado em ajudar aquela população a resolver suas dificuldades. EDJ, o líder comunitário da Ilha Santa Terezinha, também foi GEN e hoje é ali um Voluntário do Movimento dos Focolares.

A criação mais importante do Movimento dos Focolares na Ilha Santa Terezinha foi a AACA, onde fizemos a maior parte do levantamento do *corpus* dessa pesquisa, entrevistando funcionários, professores e alunos. Veja-se, a seguir, a descrição desta iniciativa.

4.2. Associação de Apoio à criança e ao Adolescente- AACA.



Fachada da AACA

21 Uma focolarina de vida comunitária. É uma religiosa (sem hábito) que vive a serviço da humanidade. Existe, também, o ramo masculino que se chama focolarino. O termo focolare vem do italiano *focolari*, plural de *focolare*, que significa “lareiras”, sinónimo de casa, lar. Era intenção de Chiara tornar o mundo uma família, um lugar onde as pessoas se quisessem bem.

22 É a expressão do Movimento no aspecto social. Os principais responsáveis são leigos das mais variadas categorias sociais e profissionais, chamados “voluntários de Deus”, empenhados na renovação dos vários campos da sociedade, como: a política, a economia, a arte, o direito, a comunicação, etc.

Localizada no bairro de Santo Amaro em Recife-PE, a AACA é uma Organização não Governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, fundada, no ano de 1994 com a ajuda de um grupo de famílias, vinculadas ao Movimento dos Focolares, que adotam e mantêm uma criança da Ilha, enviando uma quantia em dinheiro. Já passaram por lá muitos alunos que hoje ajudam a outras crianças a superarem as dificuldades. É um Centro Educativo que tem por objetivo acolher crianças e adolescentes da comunidade e do entorno, fora do turno escolar para ensinar atividades culturais, como: dança popular, música, balé, esporte (futebol, capoeira etc.).

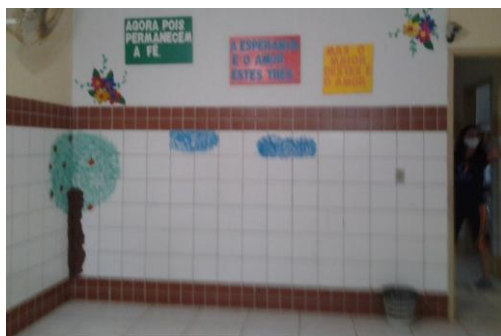
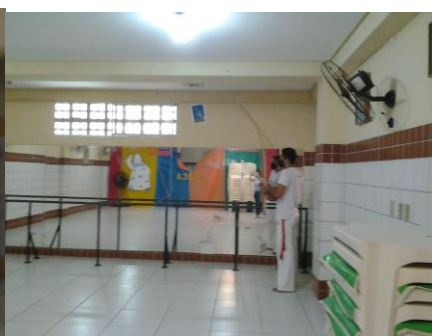


Foto do Hall de entrada



Atividades de dança e capoeira



Foto da Cozinha

É fundamental que a criança e o adolescente estejam matriculados na escola porque é um direito delas. A AACA tem, também, laboratório de informática para os alunos se conectarem com a internet e fazerem trabalhos de pesquisa, além de apoio pedagógico para a realização das atividades escolares. Oferta, ainda, cursos de preparação para o vestibular, nas proximidades de sua realização, a concluintes do segundo grau que pretendem fazer a universidade. Atende em torno de 200 crianças e adolescentes, fornecendo almoço e jantar aos alunos, professores e funcionários. Já atendeu mais de 3000 crianças, algumas das quais, voltaram para a AACA como professores ou funcionários. Muitas outras se formaram e estão inseridas no mercado de trabalho. O fato mais importante é que elas reconhecem a importância da AACA no seu progresso.

A permanência dos alunos na escola em outro turno constitui uma forma de prevenir a marginalidade social e melhorar a qualidade de vida das famílias através do desenvolvimento progressivo de uma ação educativa de inclusão social.

Quanto ao aspecto pedagógico, a associação trabalha com temas universais, focando a questão da construção da cidadania e da fraternidade no mundo de hoje, de acolhida ao diferente. As linhas pedagógicas de atuação, elaboradas paralelamente à prática educativa, têm como base o que nós chamamos educação para a paz tão fomentada por Chiara que embora fosse católica, abraçava pessoas de outras igrejas cristãs (diálogo ecumênico) de outras religiões (diálogo interreligioso) e ainda ateus. (ASEL:Vol, 25, nº3 — <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/issue/view/2573>) Reunia, também, pessoas de outros movimentos da Igreja. *A Arte de Amar* que Chiara desenvolveu para a formação Gen orienta o agir pedagógico. Como foi feita para criança, ela a escreveu nas laterais de um dado e, portanto, com seis faces e, em cada face, uma frase: ***Amar por primeiro; Amar a todos; Amar o inimigo; Fazer-se um, Ver Jesus no outro; O amor recíproco.*** Todos os dias, no início da manhã ou da tarde, o dado é jogado para estimular a por em prática a frase do dado que for apresentada e, posteriormente partilhar as experiências feitas na tentativa de vivenciá-las concretamente.

Historicamente, a parte Sul da Ilha era mais beneficiada porque as grandes conquistas: o Posto de Saúde, as duas Escolas, a Capela eram todas do lado Sul. Assim, os moradores do Norte começaram a se sentir desprestigiados. Foi quando a Associação dos moradores resolveu criar a AACA e a construíram no norte da Ilha, onde ficou também uma praça com campo esportivo.

Chegava muita ajuda dos membros do Movimento, de fora e de dentro do país, que era entregue às famílias da Ilha. Com o passar do tempo, os conselheiros observaram que as crianças não estavam sendo beneficiadas. O objetivo dessa doação — que são as crianças —, não estava chegando até elas. Foi quando pensaram em criar esse centro comunitário que é AACA: as doações que chegam vão para lá. As crianças são beneficiadas numa construção comunitária: recebem uma educação complementar à do colégio, são ajudadas nas tarefas escolares e ainda se alimentam duas vezes ao dia.

As doações estão ligadas a um Projeto que se chama “adoção à distância”. As crianças vinculadas a esse projeto recebem apoio financeiro de famílias de fora que sentem o prazer em ajudar a Instituição. Nem todas as crianças são adotadas ainda, mas todas recebem tratamento igual.

Desde o início, Edna encampou a luta de criação e manutenção da AACA que foi muito difícil porque a comunidade era muito pobre. Ela, muitas vezes, via-se em “*palpos de aranha*” para fazer o dinheiro aumentar, sem contar no desaparecimento de materiais que seriam utilizados na construção. Não havia um local fechado para estocar areia, brita etc. Tudo ficava exposto e as coisas começaram a sumir. Pensou-se, então, em procurar alguém para tomar conta do material e Edna pediu justamente à pessoa que tirava as coisas (e ela sabia). Desde que ela colocou esse rapaz para tomar conta, nunca mais sumiu nada.

Hoje AACA tem sede própria, com 9 salas de aula, biblioteca, sala para música e percussão, 2 refeitórios, 2 banheiros completos e 6 sanitários, salão para atividades culturais e reuniões, além de cozinha industrial com despensa, área de lazer mini parque, almoxarifado e 2 escadas de acesso.

Outra coisa muito importante que Edna fez, à frente da AACA, foi incentivar todo mundo a fazer a faculdade. Na AACA, hoje, existem muitas pessoas que foram alunos e hoje são professores porque foram incentivados por ela a fazerem um curso superior. Isso foi uma visão muito futurista que ela teve. Ou seja, muitas vezes, os jovens, devido à situação da comunidade, não têm uma visão do futuro. Então, casam-se muito cedo, constituem famílias muito cedo e aí passam a viver só para aquela família que foi criada precocemente. Edna fez esse jogo de despertar para o futuro, fazendo emergir o potencial que todos nós temos.

A AACA, como instituição (LEN, 2022), está ligada à Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente cujo desenvolvimento procura acompanhar. Tem como finalidade assegurar alguns direitos fundamentais e universais, como por exemplo: a saúde, a educação, a alimentação, esporte, a liberdade, o direito de crescer em uma família, etc. Os adolescentes e as crianças dispõem de recursos para enfrentar as situações onde existe vulnerabilidade social, independente de sua condição social, racial ou religiosa em todo o território nacional, tendo em vista o seu desenvolvimento completo junto ao grupo a que pertence e a sua comunidade, — conforme dispõe o artigo 2º do capítulo de seus Estatutos Sociais. Em alguns momentos, a AACA tem profissionais de psicologia, serviço social que os ajudam a acompanhar as famílias dessas crianças. Do ponto de vista pedagógico, quando identifica que uma criança tem algum problema, conversa com a família para poder enviar a um serviço especial que possa ajudá-la. A AACA se preocupa para que eles possam ter melhor desenvolvimento possível, seja no ponto de vista da aprendizagem, seja no ponto de vista da cidadania.

5. EVENTOS CAUSADORES DOS TRAUMAS

5.1 Considerações preliminares

Como vimos, os autores diferenciam traumas psicológicos dos eventos responsáveis pelo seu surgimento. Os eventos que causam os traumas são os mais variados possíveis: guerras, enchentes, mortes inesperadas na família, discórdias familiares (separação dos pais, sequestros, desgaste emocional, agressões físicas, assaltos, violência sexual etc). A Ilha Santa Terezinha como um todo, apesar do trabalho de reconstrução das casas, da luta pelo seu reconhecimento como comunidade, com uma Associação própria de moradores que vem lutando, constantemente, pela sua melhoria, tem sido palco das mais diversas situações ou eventos capazes de gerar traumas psicológicos, entre os quais: os resultantes da pobreza extrema, aqueles provenientes de gangues e, conseqüentemente, da difusão do uso de drogas e, por fim, o preconceito. Essa situação foi ressaltada pelos adolescentes e moradores nas entrevistas.

5.2. Pobreza e suas conseqüências na Ilha.

A situação de pobreza, podemos dizer, envolve aquelas pessoas que vivem em situações desumanas, devido a uma renda *per capita* mal distribuída que deixa milhares de indivíduos sem dinheiro e sem condições de sobrevivência. Na visão de Crespo e Gurovitz (2002), o conceito da palavra pobreza está relacionado a uma situação em que o indivíduo, quando comparado a outros, tem menos atributos de sobrevivência, isto é, renda, condição favorável de emprego ou poder. Isto acontece quando existe o nível mínimo necessário ou insuficiente para que a população, que se encontra abaixo desse nível, viva. Na comunidade estudada, a questão da pobreza, reuniu outros fenômenos sociais do tipo de falta de moradia ou moradia indigna para uma pessoa, desemprego ou salário insuficiente e condições precárias de saúde etc.

Em relação à moradia, apesar de terem sido reconstruídos os casebres antigos, algumas são muito apertadas para abrigarem um número grande de pessoas que vem crescendo com o passar do tempo. Assim, muitos vivem como se fossem em cortiços, isto é, com dois cômodos com várias pessoas. Aqueles que têm emprego e são economicamente estabilizados, constroem pequenos sobrados onde moram os filhos recém-casados. Uma adolescente relatou que chegaram a morar nas ruas porque a avó expulsou de casa a mãe dela, que engravidou:

[...] E, assim, passamos por um período muito difícil, sabe, que a gente chegou ao ponto de morar na rua, de passar fome, de tomar mingau azedo,

sabe?. E, para mim, lembrar disso me dá. [...]tipo nós passamos altos negócios Então, tem várias coisas, como a minha mãe conquistou as coisas. [...] Mas, como a minha mãe tinha saído, não estava mais morando com o meu pai tinha, porque tinha traído, a gente morou na rua, ela me deixou com a minha avó até arrumar um canto para ela. Mas, ainda passei uns dias com ela, aí ela me deixou com a minha avó para o Conselho Tutelar não me pegar. Depois da minha avó, fui morar com a minha madrinha. (LVO, 2022)

O acesso à saúde no Brasil é, geralmente, precário. Para conseguirem um atendimento, muitas vezes, as pessoas têm que chegar cedo para pegar fichas (que são limitadas) e, depois, esperam horas para serem atendidas pelo médico. Em relação aos exames, demora meses para se conseguir. Com as doenças mais sérias, são complicados os atendimentos porque os doentes precisam procurar hospitais de alta complexidade. Esses problemas não foram relatados pelos adolescentes em relação à ilha, mas muitos são os relatos que dão de doenças e mortes de familiares. Aconteceu com **FFF** que, assim, narra a morte da avó:

“[...]Minha avó morreu no quarto, quando foi dormir. Não sei de que ela morreu. Acho que foi uma coisa aqui (apontou para a garganta). Ela ficou com falta de respirar. Chegou no hospital morta”.

Outra história que nos chamou a atenção foi a de um adolescente cuja irmã adoeceu após subir um pé de manga da sua casa. Essa doença foi uma bactéria no joelho que levou a uma internação no hospital. Fez cinco cirurgias no joelho e, ainda, não está totalmente recuperada. **CGA** nos relatou:

*“[...] minha irmã. no ano passado, no começo do ano passado. Lá na minha casa tem um pé de manga. Aí, saímos na trilha para subir no pé de manga. Aí, ela sobe na trilha (do pé de manga). Sobe eu e ela. **Ela pegou uma doença e foi para o hospital.** Esqueci o nome do hospital. Ela ficou um bom tempo internada, **fez cinco cirurgia no joelho que a doença dela foi uma bactéria no joelho.** Fez cinco cirurgia no joelho, voltou e foi passar o natal com a gente, com a família. Ficou doente, de novo. Ficou sem andar de novo, não andava muito direito. Aí ela foi. Quando ela foi ela fez outra cirurgia, pela o que a minha mãe disse, que a médica falou que se ela ficasse mais um pouquinho lá ia morrer. Aí ela fez a cirurgia e voltou para a casa e voltou bem. Está andando direitinho. Ela tem nove anos, vai fazer dez anos em outubro”.*

Veja, em **MHS**, o relato sobre a saúde da mãe:

“[...] eu moro com o meu pai. Minha mãe mora sozinha porque ela é deficiente. Ela teve um AVC cerebral. Ela é cadeirante. Minha mãe mora com a minha irmã e com a menina que ela criou”.

Acreditamos que, se as doenças fossem tratadas a tempo com a medicação correta, esses casos teriam sido resolvidos ou minorados. É que, na maioria das vezes, estamos tão centrados nos nossos próprios problemas que nos tornamos indiferentes

aos pobres; eles passam ao nosso redor como pessoas insignificantes, dos quais queremos fugir. E assim não fazemos nada em seu benefício. Eles gritam por clemência e não escutamos, e não damos a devida importância. O que importa, nesta sociedade cruel, é lutar descaradamente em benefício próprio, enriquecendo cada vez mais e os pobres precisando cada vez mais de assistência básica, de melhoria na saúde pública, saneamento, igualdade nos salários, etc. Precisamos entender que a omissão pelas coisas que vêm dos pobres dificulta o crescimento da sociedade.

No entanto, nem todos agem assim e AACA é um exemplo forte disso. Eram pessoas, muitas vezes, moradoras de bairros nobres, ainda jovens, saídas da adolescência que se transferiram para ali, somente para “amar”, como elas/ próprias dizem. Não havia ainda um projeto elaborado, dentro dos princípios técnicos, mas uma grande vontade de ouvir o grito dos excluídos e ali, com eles, junto deles, foram resolvendo as dificuldades surgidas a cada dia e criaram o projeto da reconstrução, primeiro da Ilha (com a construção das casas, escola e igreja) e depois da criação da AACA que ampliou o processo de escolarização, formando crianças e adolescentes para a vida. Trezentos e cinquenta alunos são hoje beneficiados, mensalmente, com as aulas de inglês, música, judô, capoeira, dança etc. Alimentam-se na entrada e na saída porque ninguém consegue estudar de barriga vazia. A cada mês 350 cestas básicas são doadas às famílias indigentes. O processo de escolarização avançou com cursos semestrais de preparação para o vestibular. Cada vez mais o mercado exigia e exige da população conhecimentos científicos aprimorados porque o capitalismo exclui aquelas pessoas que não estão preparadas. E assim tornou-se necessário caminhar mais um pouco com os jovens. Foi assim que muitos entraram na universidade (pedagogia, música, arquitetura etc.) e alguns voltaram à AACA como resposta ao amor recebido.

Sabe-se que a sociedade se inicia no seio de uma família. É a família a célula mãe da sociedade. Sendo assim, a separação dos pais é, também, um forte evento causador de traumas na vida dos adolescentes. Um ou outro é que os pais ainda estão casados, mas eles não reclamam muito (pareceu-nos que era um fato muito pessoal para eles), aliás, eles não mencionam desajustes com as novas famílias dos pais. Porém, alguns deles deixaram escapar alguma coisa:

“[...] Moro com minha mãe, meu padrasto e minha irmã. [...]” (FES, 2022);

“[...] Tem eu e minha irmã. Na verdade, tenho 4 irmãos. Eu e minha irmã. A outra irmã e meu outro irmão é de parte de pai. Só de uma que é comigo que é de parte de mãe.” (MKS, 2022);

e, ainda:

“[...] O meu pai? Morreu não. Mora com a minha madrastra. Meu pai mora na casa dele. Eu moro com a minha mãe e meu irmão.” (FFF, 2022)

O desemprego é outra dificuldade enfrentada pelos moradores da ilha. Na verdade, quando falamos de desemprego, estamos tratando daqueles que não têm carteira assinada porque, na verdade, quase todos trabalham, excetuando os doentes. É que eles fazem “biscates”, um trabalho aqui, outro lá: um contrato temporário. Muitos trabalham no Shopping como faxineiros, cozinheiros em restaurantes, garçons, etc. Outros são motoristas, vigilantes, etc. De um modo geral, para as mães trabalharem, os filhos ficam com as avós ou com as tias e vizinhas.

5.3. Desigualdade social e preconceito.

A construção de um muro que separa a Ilha Santa Terezinha de um grande Shopping Center de Recife, o Tacaruna, tenta esconder o desnível social representado pela pobreza da Ilha e a riqueza dos frequentadores do Shopping. O muro limita a liberdade dos moradores, diminui sua integridade (EDJ, 2022) e mostra a grande desigualdade social entre riqueza e pobreza. EDJ chama “o muro da vergonha” e destaca:

*Uma das nossas perdas, derrotas, (é que) vizinho a nós, temos o Shopping Tacaruna que, aos olhos do sistema, do empreendimento imobiliário, gera emprego. No entanto, ele construiu ali um muro, que eu chamo **o muro da vergonha** [...] justamente para esconder a comunidade (pobre) da sociedade (rica). Então, as pessoas vêm, circulam de lá para cá e não sabem que, atrás do muro, existe uma comunidade (pobre). A princípio [...] era para ser uma tela de proteção para evitar que as crianças, brincando na rua de lá para cá, atravessassem a avenida e fossem atropeladas. Com o passar do tempo, mudou a construtora e, aí, a que assumiu depois construiu um grande muro, altíssimo e, ainda, em cima do muro, tinha uma cerca de arame farpado como se aqui fosse um presídio e que a gente fosse todos, digamos assim, pessoas a margem também.*

A comunidade e seus líderes tentaram evitar sua construção, mas os empresários começaram a comprar os moradores com colchões e ventiladores. E, com isso, o movimento comunitário começou a enfraquecer e os moradores a ficarem contra a liderança da ilha e a causa foi perdida. O líder diz que hoje, muita gente que aceitou os ventiladores e os colchões está arrependida, pois, não resolveu o problema do calor provocado pela barreira que faz o muro e tira a circulação do ar. Com o passar do tempo, a grade de arame farpado foi removida e feitas algumas aberturas que dão acesso às ruas. A firma contratou alguns grafiteiros que fizeram painéis bonitos no muro, com temáticas do momento, mas o problema da ventilação continua. Nos últimos tempos,

foram feitas fotos, pinturas, com rostos de moradores que ficam circulando ali perto do muro como forma de homenagear essas pessoas. Na verdade, para **EDJ**, (entrevista 4) é uma estratégia que eles (os donos do Shopping) têm de colocar o povo contra o próprio povo: “*Se hoje eu vou ali, defendo tirar aquele muro, as pessoas cujas fotos estão no muro, não vão querer que tirem. Então, a estratégia é colocar a gente contra a gente mesmo*”. E o fato é que a união da Ilha hoje não acontece mais como antigamente. Sobre o assunto, afirma ainda o líder:

A convivência, na comunidade, ela é mista pois, a proximidade das casas facilita uma aproximação e uma solidariedade, dependendo da circunstância e do momento. No passado era muito mais simples, mais fácil fazer uma assembleia com muitas pessoas (200 ou 300 pessoas). Hoje em dia, não é tão simples assim. Quando a gente levanta 50 pessoas temos que levantar uma depois, lutarmos para mantê-las porque, se não, você perde. Então, a convivência é, assim, estranha. Meia de amor, de bem querer e, algumas vezes, de discussão.

E **EDJ** conclui:

E, hoje, a minha estratégia é essa: Todo mundo que vem conhecer a comunidade, eu levo para conhecer esse muro. E aí, são essas pessoas que reverteram a minha fala. São elas que dão eco a esse meu protesto.

Parece que o Shopping tem vergonha de mostrar o outro lado da nossa realidade. Se ficarmos em frente a esse muro, temos a sensação de que voltamos à segunda guerra mundial, onde colocavam os judeus em guetos ou campos de concentração, dos quais eles não deveriam escapar.

Alguns adolescentes falaram do preconceito de que são vítimas, principalmente contra as pessoas afrodescendente quando vão ao Shopping. É comum sofrerem alguma discriminação. Se for branco, não tem nada, agora se for de cor, os seguranças ficam implicando com eles. Se dois brancos forem ao Shopping, não acontece nada, mas se um de cor vai o policial pergunta: *vai para onde, pirralho?* Ou, então, fica seguindo-o, de longe. Sobre o assunto, vejamos o que nos conta o adolescente **MHS**, de 14 anos:

Eu vi uma coisa assim: Estava eu e mais três meninos. Eu era dessa cor aqui (moreno). Tinha um menino mais moreno do que eu. Os outros dois eram tudo branco. Nós estávamos andando e o pirralho se separou e parou. Nós continuamos. Depois paramos. O segurança ficou só olhando para ele. Tipo, racismo. Isso nos incomoda. Ficamos falando várias coisas. Mas, não íamos falar para o segurança. Os dois brancos não aconteceu nada, mas o de cor o policial perguntou: vai para onde pirralho? Nós só estamos andando, mesmo. Ai, ele deixou. Ficou nos seguindo, de longe. Nós fomos embora. Eles não têm autoridade para prender os outros. Ele pode pegar a pessoa e chamar a polícia. Mas, tem vezes que ele vê a pessoa roubando, pega a pessoa e chama a mãe da pessoa.

LVO, apesar de não vê problema na existência do muro, fala na discriminação que sofre ali:

[...] O muro que separa a comunidade do Shopping eu sinto normal, mas sinto discriminação. O Shopping é um "O" porque você entra no Shopping e os seguranças já começam a seguir. Eu digo por mim por que você não pode nem entrar no Shopping e ele começa a seguir. Me dá até vontade de dizer: "eu vou comprar, moço". Eles são muito corruptos, como eu posso dizer, gente, aquelas pessoas que são homofóbicas. Um negro, não podem ver um negro que começam a seguir, pensando que vai roubar. Apesar de que o povo daqui, tem alguns que roubam o Shopping. O Shopping é muito preconceituoso.

5.4. Eventos causados por gangues e uso de drogas.

Em seus discursos, os adolescentes mencionaram a existência de várias gangues da própria comunidade e de outras comunidades vizinhas que, muitas vezes, entram em choque, provocando situações de guerra, o que dificulta a saída de casa para ir a escola e ao trabalho. Dois grupos de gangues, *Apolo e Santo Ângelo*, se juntavam, à beira de um canal ali existente, para guerrear, principalmente durante os jogos de futebol. Além disso, segundo **KM** (2002), os moradores de um local não podiam ir para a outra comunidade. Ou seja, ninguém de Santo Amaro podia ir para o Campo Ângelo e vice versa. Quem fosse, seria morto. “Era como uma guerra de armas”(id. ib). A infidelidade de uma mulher é duramente castigada: a mulher apanha, tem a cabeça raspada e é jogada no canal. Com isso, houve muitas mortes dos dois lados. Às vezes, uma das gangues pedia ajuda a outro grupo de fora e, certa vez, a coisa ficou tão feia que “o chefe da gangue da Ilha Santa Terezinha reuniu forças para proibir esse tipo de briga. Agora a situação melhorou bastante”(id. ib.). Eis o relato de **MHS**, de 14 anos:

[...] Tem vez, na época de carnaval, tem guerra aqui: se junta a beira do canal contra os Apolos. Depois, se junta esses dois contra Campo Ângelo. Depois, pega saquinho de carnaval, bomba e começa. Até que o que se diz chefe, ele proibiu esse tipo de negócio aqui porque fica batendo nas pessoas.

Pesquisador: Então, eu perguntei quem era o chefe?

O chefe, não sei o nome dele, não. Agora, melhorou a situação porque trocou de chefe.

No seu relato, **MKS** assim se expressa:

[...] me sinto feliz vivendo na comunidade porque quando não estou na AACA, sei lá, a comunidade, em si, é muito desrespeitada [...]. Tem muita briga, mesmo, aqui na comunidade. Vou dá um exemplo: quando uma mulher trai o cara, que é do crime, ou raspa a cabeça dela ou jogam ela no canal. Assim, quando um homem (não é uma mulher que escolhe. É um homem), gosta de uma mulher daqui da comunidade, um cara do crime, que faz coisa errada, eles querem ela. Elas aceitam ficar com ele. Só que,

quando elas os traem, ou cortam o cabelo dela (raspa) ou jogam ela no canal. A maioria das vezes, elas não morrem no canal. Tinha muito tiroteio aqui. Tinha, também, muitas brigas de gangues. Era de um bairro que não ficava junto daqui, que não se davam certo. Sempre brigavam esse grupo com esse. Vire e mexe, era faca, tiroteio, toque de recolhimento. Desde criança a idoso, eles matavam. '

Quanto à difusão de drogas, constatamos que as famílias ficam traumatizadas, com medo que aconteça alguma coisa com elas, principalmente naquelas situações em que os usuários são membros da família. Eles não têm dinheiro para comprar e saem vendendo tudo que encontram na casa, ou roubando. São resistentes aos tratamentos e, também, são ameaçados de morte. Uma adolescente (**MWD**) de 14 anos faz uma forte experiência sobre o assunto e afirma que o pai se droga:

Aqueles tipos de **drogas**, do **tipo de pedras**. Ai, ele só chega em casa no outro dia. Já faz uns quatro anos que ele se droga. Quando minha mãe estava na maternidade, ele vendia as coisas da minha mãe. Vendeu um perfume da minha mãe. Minha mãe não soube, só soube quando chegou em casa. Ai minha mãe chorou muito porque ele nunca foi de fazer isso, de mexer nas coisas da minha mãe e minha mãe não gostou. [...] Tenho eu, outro irmão de 12 anos, e um irmãozinho, tem um irmão que está namorando e mora com a namorada dele, e tenho uma irmã de 17 anos que está grávida.

MWD tem uma irmã, de 17 anos, cujo namorado está preso:

*[...] porque ele faz essas coisas que meu pai faz, vende **drogas**. Ele só vende drogas. Ai os homens pegou ele. Ele não era de fazer isso porque onde ele fica é aqui perto, ai ele viu os homens fazer isso, ai ele queria testar. Ai, ele faz isso. Nós descobrimos porque eu fico andando por ai, passeando e minha mãe deixa.*

O Professor da AACA, **DRS**, de 42 anos, afirmou que, no ano passado, a AACA fez uma sondagem e descobriu que alguns adolescentes já eram usuários de drogas:

[...] . Então, o ano passado procurei fazer uma sondagem para ver como estava a situação dele na comunidade. Então, procurei a situação das drogas, a vida sexual. Então, descobri que, através de bate-papo, interação com eles, que alguns já estavam sendo usuários de drogas e algumas meninas e alguns meninos já estavam na atividade sexual e duas acabaram engravidando.

Até aqui, falamos de eventos que afetam a estrutura social e são responsáveis pelo surgimento dos traumas, porém, no item seguinte, vamos falar dos resultados psicológicos propriamente ditos, deixados pela experiência do evento que estamos chamando, aqui, de trauma psicológico.

6. TRAUMAS PSICOLÓGICOS DETECTADOS NA PESQUISA,

6.1. Considerações iniciais,

Neste tópico, vamos falar de traumas psicológicos propriamente ditos, deixados por situações traumáticas vividas pelos entrevistados na Ilha Santa Terezinha. Conforme dissemos anteriormente, e com base em vários autores (Ferenczi, Winnicott, Cyrulnick, etc), o trauma psicológico são aquelas sequelas emocionais deixadas por uma experiência que causou muita dor e que afetam o comportamento, os sentimentos e as emoções da vítima. Há autores que chamam ainda de débito pós-traumático. Nos adolescentes entrevistados, essas sequelas vão desde a depressão, ao sentimento de ser um intruso numa nova família, à rejeição da própria família, à tristeza com os desajustes na família ou pelo corte/perda brusca da família de origem, ao complexo de Édipo mal resolvido pela ausência de um dos genitores e, ainda, à violência física e psíquica gerada pelo preconceito. Os traumas aqui levantados foram discutidos em três grupos. Os dois primeiros são de natureza subjetiva e resultam de situações de pobreza e distúrbios familiares, ou então da atuação de gangues. O último atinge um grupo dentro da comunidade que é o de cor negra e mestiça.

6.2. Resultado de situações de pobreza e distúrbios familiares.

MWF é um adolescente de 13 anos, masculino, morador da Ilha Santa Teresinha, filho de pais separados e que frequenta a AACA. Mora com a mãe (que está grávida), o padrasto e um irmão menor. Diz que sente solidão, estresse e não gosta de “zoada”. Acha a vida boa, mas tem umas “partes coisadas”. Não entendemos o significado da palavra “coisada” que ele utiliza por três vezes na entrevista, mas ele próprio explica. Primeiramente, está relacionada ao “estresse, à solidão e àquele negócio” (atividade sexual, imaginei) e, depois, a pensamentos e dúvidas que lhe chegam à cabeça (“*fico com a cabeça coisada*”) quando a mãe briga com ele e o manda voltar para a casa do pai. Buscamos no dicionário (*Priberon, org*) e encontramos dois significados para coisada: “*grande quantidade de coisas heterogêneas*” e “*ação ou coisa que não se quer ou não se consegue nomear*”. Na verdade, **MWF** gosta muito do irmão mais novo que ainda é muito pequeno e sente vontade de brincar com ele, mas, ao mesmo tempo, na casa do pai, estão construindo um primeiro andar e é mais espaçoso. Essa situação faz gerar o conflito: se ele for, perde a companhia do irmão, talvez a AACA e a própria escola porque parece que o pai vai colocá-lo para trabalhar na construção da casa (ele disse: “*fico pensando nas coisas que tem que fazer lá*”); se ele

fica, perde a companhia do pai e um espaço maior para morar. O estresse talvez venha do barulho (“zoada”), da falta de acomodação para os quatro membros da família, ainda mais com a proximidade da chegada de um quinto, e da falta de local adequado para a mãe e o padrasto realizarem as atividades sexuais (“aquele negócio”). Quem sabe se não é “aquele negócio” feito na frente dos filhos que o está deixando estressado? Ele é homem e, psiquicamente, a mãe é a 1ª paixão do filho.

Acreditamos que a vontade de estar só e o estresse com o barulho sejam resultantes de uma ansiedade que na visão de Cabral e Nick (1996\1997: p. 21) é um estado emocional desagradável e apreensivo, suscitado pela suspeita ou previsão de um perigo para a integridade da pessoa. Freud (1976, p.459) fala de uma *ansiedade realística* que transparece como “reação a um perigo externo”, isto é, como um dano que é “esperado e previsto” e pode ser visualizada como manifestação do “*instinto de autopreservação*”. No caso de **MWF**, é exatamente perder a escola, a AACA e as chances de subir na vida: ele quer construir uma família e ser um cirurgião. Uma vez que o estado de preparação para o perigo se manifesta por meio de um aumento da “*atenção sensorial e da tensão motora*” (id. Ib:p. 460.), **MWF** sente desejo de fugir do barulho para melhor resolver seu conflito interior.

FFF é um adolescente de 15 anos, masculino, morador da Ilha Santa Teresinha. Os pais são separados e ele mora com a mãe e o irmão na casa da madrinha da mãe. Ele afirma que é ansioso e que não gosta de ficar parado. Em sua visão, essa ansiedade é a de uma pessoa normal, porém, algumas vezes é:

[...] uma pegação porque fico triste. Não consigo falar com ninguém. Tenho um pouco de depressão. Não é de querer me separar de ninguém, não. É de querer ficar um pouco quieto, só isso, poxa!

A palavra *pegação* é apontada no *Dicionário online de Português* como um brasileirismo que significa:

Ação ou efeito de pegar, de agarrar ou de segurar alguém. Ato que consiste em beijar alguém na boca, abraçando essa pessoa com muita intensidade, buscando trocar intimidades, de maneira libidinosa; esfregação, bolinação.

Para o adolescente, a palavra remete à ação de apropriar-se dele, de tomar conta dele. Ele diz que o sofrimento toma conta dele de tal forma que ele não consegue conversar com as pessoas. Ele chamou pelo nome de depressão e foi, segundo ele, ocasionada pela morte da avó que morreu enquanto dormia, conforme seu relato apresentado na página 56. Ele não sabe o nome da doença, mas apontou para a garganta e disse que ela ficou com falta de ar.

A depressão, para Stratton e Hayes (1994: p. 61) consiste em um estado reduzido do funcionamento psicológico e mental, frequentemente associado com sentimento de infelicidade. O termo é empregado para referir-se a uma ampla gama de condições que vão desde um sentimento de infelicidade até a desordem psicológica. No caso do **FFF**, acreditamos que consiste em um sentimento de infelicidade motivado pela perda da avó, como foi dito antes, uma vez que ele apresenta autoestima elevada e tem consideração pelos amigos e parentes. É que a depressão é um transtorno maior que gera incapacidade. O que houve foi uma situação de luto, de sofrimento onde:

O enlutado sofre, porque deseja o objeto de amor, que está ausente. O luto é uma perda real, em função disso, é fácil compreender que a pessoa enlutada não tenha vontade de fazer nada. Na melancolia encontramos as mesmas características do luto profundo, no qual houve a perda real de uma pessoa amada. Porém, na elaboração normal do luto, espera-se que a pessoa enlutada retire todo o seu investimento libidinal do objeto perdido. (Mendes et al, 2014: p. 423-431

Para Freud (1917), no trabalho do luto, existe uma falha na constituição do narcisismo primário, gerando melancolia e sofrimento. Quando um problema psíquico é empreendido pelo enlutado, o seu ego torna o sujeito inadequado para quaisquer outros investimentos libidinais, considerando-se como um trabalho na ordem da saúde mental psíquica.

LVO é uma adolescente de 13 anos, do sexo feminino, moradora da Ilha Santa Teresinha. Diz entender todo mundo e que as pessoas gostam dela. Quando a mãe estava grávida dela, a avó não aceitou a gravidez e chegou a expulsar a filha de casa. Jogou tudo o que ela tinha na rua e ela foi morar na casa do companheiro, mas a sogra também não gostava dela e ela acabou indo morar na rua. Assim, quando **LVO** nasceu, ela e a mãe moravam na rua; Ali sofreu muito, passou fome e, muitas vezes, o que tinha para comer era “mingau azedo”. O pai ajuda a filha no dia que pode. A mãe teve outro marido que a maltratava muito. Esse marido dela era usuário de drogas. **LVO** gosta do atual marido da mãe e lhe é grata por tudo o que ele fez por ela e pela mãe:

Ele mostrou onde ele morava, acolheu a gente, me deu conforto e me deu comida. Ele poderia ser tudo, mas eu sou muito grata a ele pelo que ele fez por mim, pela minha mãe, por tudo. Sou grata a ele, sabe? Então, tem várias coisas, como a minha mãe conquistou as coisas.

Ela tem três irmãos: uma de três anos, um de cinco anos e um irmão autista que tem, também, um defeito nos pés, não anda (ver relato p. 66). A mãe conseguiu a aposentadoria desse irmão e o que dá para comprar, ela compra. Sua avó é surda, estressada e não gosta de seus irmãos, nem da mãe; só gosta dela. **LVO** sente

discriminação no Shopping: é perseguida pelos guardas e isso a incomoda. Ela se acha uma boa pessoa, uma boa amiga mas, em alguns momentos, é chata e ciumenta com as amigas que faz.

Convém aqui falar um pouco sobre o ciúme, do qual Freud (1922/1976: p269-281) afirma existirem três tipos: o projetado (ciúme intenso sentido por um companheiro infiel que projeta sua infidelidade sobre aquele a quem deve fidelidade); o delirante (paciente se esforça por livrar-se de sua homossexualidade por meio da projeção do ciúme sobre o companheiro) e, por fim, o competitivo que vamos explicar melhor aqui. É que, em nosso entender, trata-se do tipo de ciúme sentido por **LVO**, embora, para confirmar essa leitura analítica, seria necessário buscar outras cenas do mecanismo psíquico, envolvidas na constituição do ciúme, o que fugiria a finalidade e ao tempo exigido para esse trabalho.

Cada um dos tipos de ciúme considerados por Freud na obra citada apresenta um grau diferente de intensidade e de mecanismos emocionais que podem culminar numa patologia grave. Vejamos aqui o ciúme competitivo, também chamado normal, apesar de não ser completamente racional. Esta parte da realidade inconsciente, tendo, como fonte do ciúme o complexo de Édipo e sua relação com o par rival, pertencendo, portanto à estrutura do sujeito. A criança é criada por um dos genitores, por quem passa a nutrir um sentimento de amor forte que a impede de querer dividi-lo com alguém. É o caso de **LVO**, criada pela mãe, e distante do restante da família de origem.

Segundo Freud (op.cit. p. 271) a competição constitui-se de pesar, de sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado. Pittman (1994, p. 49) considera que o ciúme normal:

[...] provavelmente contém um elemento de dependência e medo de abandono. Ele pode ser o equivalente adulto dos medos de ser abandonado pelos pais que todos nós experienciamos quando éramos bebês.

As pessoas cujas relações de objeto estão marcadas por ciúmes apresentam, muitas vezes, incapacidade para ter um amor autêntico, devido a uma profunda ambivalência. Suas relações são mescladas com uma forte necessidade narcísica de ser amado incondicionalmente. Com **LVO**, porém, esse fato não ocorreu. Ela cuida dos irmãozinhos menores para a mãe trabalhar e mostrou uma grande capacidade para amá-los. Eis o relato dela sobre o irmão que é autista:

[...] Tenho um irmão doentinho e mais três irmãos. Meu irmão nasceu doente, sabe? Meu irmão nasceu com as perninhas para dentro e é autista.

[...] Sou louca por meus irmãos e eles por mim. Eu vivo pela minha família e minha família é viver para mim.

Um de seus nomes é Vitória, o que combina perfeitamente com sua vida: filha de uma mulher drogada, de um pai alcoólatra, ex-moradora de rua, essa adolescente de apenas treze anos é uma vitoriosa.

Melanie Klein (1991, p. 3) faz a diferença entre inveja e ciúme. Enquanto que a inveja implica o sentimento irado sobre uma única pessoa que desfruta de algo (objeto ou pessoa) que o impulso invejoso deseja tirá-lo dela; o ciúme se baseia na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas e diz respeito, principalmente, “*ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado ou se acha em perigo de sê-lo, por seu rival*”.

CGA, de 12 anos, masculino, é morador da Ilha Santa Teresinha. Vive com os pais e mais três irmãs. Gosta de jogar futebol, mas não gosta de perder e, quando perde, fica com muita raiva de si mesmo e do seu time. Quando está triste fica quieto. Além da raiva, já teve várias tristezas e uma delas foi quando uma das suas irmãs adoeceu e ficou sem andar por conta de uma bactéria. Ela teve que fazer cinco cirurgias no joelho (**cf relato p.56**). A tristeza é um estado interior, de sentir opressão e de vazio existencial. Pode ser descrito, também, como sendo a existência de um estado de insatisfação do mundo, podendo fazer desse estado de insatisfação sua existência para a promoção de realização pessoal.

ADML é um menino de 14 anos, morador da Ilha Santa Teresinha, aluno da AACA. Tem três irmãs: uma de sangue e duas “de consideração”. Perguntamos o significado de consideração e ele respondeu que “a mãe dele tinha criado as duas filhas da amiga e a amiga o tinha criado”. Para entendermos melhor, quando a mãe ia trabalhar, a amiga cuidava do filho dela e vice versa; quando a amiga ia para o trabalho, a mãe cuidava das filhas. Hoje, ele vive com os avós e a mãe. Esta chega tarde do trabalho (ele não sabe onde é), come e vai logo dormir. O avô, também, não lhe dá atenção: tranca-se no quarto. A avó não se importa que ele vá brincar lá fora e ele sai e faz, utilizando sua expressão, “um bocado de negócio” (desvios de comportamento). Um desses negócios foi que quebrou o vidro de um carro porque estava num pé de manga e a manga caiu no vidro. Outra vez, ele ia atravessar uma rua e um motorista de ônibus tentou atropelá-lo. Ele com outros companheiros quebraram o vidro do ônibus com tijoladas. O pai e a mãe sabiam das estripulias, mas não o castigaram. Trabalhou em um fiteiro (da tia dele) no Shopping, mas saiu de lá porque roubou um celular. Não

gosta de andar sem dinheiro. Diz a todo mundo que vai ser barbeiro, mas ninguém acredita.

A imagem que faz de si, do seu Ego, não é das mais lisonjeiras: considera-se um menino “maluquinho” porque é “maloqueiro”. Freud (1923) diz que o Ego determina as ações de cada indivíduo perante as manifestações do mundo real e é modificado pela influência direta do mundo externo. Pareceu que ele não é um “maluquinho”: são as pessoas que dizem que ele é. O ego mostra as vivências importantes na formação e na noção que a criança e o indivíduo adulto têm de si mesmo, *“de sua imagem perante outras pessoas, do seu corpo, de seu autoconhecimento, de sua autoconfiança, dos mecanismos de defesa que o ego utiliza para lidar com a realidade”* (Martinelli e Pontes Borges, 2006).

Na verdade, seu depoimento mostra que ele não é levado em consideração, não é importante para ninguém. *“Ninguém acredita”* quando ele diz que vai ser barbeiro. Talvez as “estripulias” que ele diz fazer, ele as faça para chamar a atenção da família, para que olhe para ele, mas ele não consegue, pois os seus não se preocupam com o que ele faz. Ele é um rejeitado. Não tem amigos e nem quer ter. Espantou-se quando o abracei e disse que era sua amiga. Pareceu-me que ele não foi capaz de devolver o carinho porque ficou meio parado. Trata-se de um menino inteligente, bonito, mas irrequieto que talvez precise de um tratamento psiquiátrico. A família parece vê-lo como aborrecimento, um caso para o qual, não existe solução. Ou não sabe que existe um tipo de médico, o psiquiatra, que pode tratá-lo, ou não acredita que ele possa ser curado, ou ainda ser capacitado para o convívio social. Sentimos como um caso típico de rejeição, *“um processo pelo qual se considera alguém destituída de valor, incompatível com determinada categoria ou inadmissível como objeto de sentimentos de afinidade ou vinculação”* (Cabral e Nick 1997: p. 339).

FES tem 13 anos, do sexo feminino e é moradora da Ilha Santa Terezinha. Vive com a mãe, a irmã (mais nova um ano) e o padrasto, pois os pais são separados. Diz não ser muito chegada à família; sente-se muito controlada por todos, que a comparam com outras pessoas, que a julgam demais. Ela tem suas próprias escolhas e gostaria de ser respeitada. Não fala com o padrasto, nem com a irmã, mesmo passando o dia inteiro com esta. Com o pai, a situação piora porque ele mora longe e a mãe passa o dia inteiro fora trabalhando. Gosta da AACA porque lá encontra pessoas com quem pode conversar.

Esse caso contrasta com todos os outros até aqui apresentados onde a dor psíquica não destruiu o amor pela família, a vontade de ser alguém, de progredir como iremos falar no item seguinte. Por trás de todas as certezas (“eu tenho minhas próprias escolhas e gostaria que fossem respeitadas”), trata-se de um ego em conflito que parece estar vinculado à situação do pai ausente, talvez o responsável pelo distúrbio familiar e, portanto, à perda da relação edipiana (não existe mais o namorado psicológico, enquanto que a irmã mais nova parece ter o seu), daí a raiva, a vontade de ir embora, de “mudar de vida”, mesmo sem um propósito definido (estudo, trabalho, amor etc), o que talvez impeça os familiares de deixá-la ir. Qualquer familiar normal, nessas circunstâncias, perguntaria: *você vai sair para fazer o quê?* Ninguém sai de casa sem um objetivo. A coisa que se destaca nessa entrevista é a ausência de diálogo: ela não fala com nenhum dos familiares para dizer o que a faz sofrer, para pelo menos brigar porque, na briga, o sujeito deixa transparecer sua dor. Ela diz ser “muito orgulhosa” e me pareceu que se tratava de um orgulho neurótico que é “*o reflexo de uma exagerada e irracional avaliação das características pessoais*”(CABRAL E NICK,1997, p.259). Ela é bonita, inteligente, alta e se diz segura das escolhas que faz: “*quando digo que estou errada, estou; quando estou certa, estou*”. Pareceu-me também uma atitude relacionada ao negativo. Este aparece definido em Winnicott (1958/1999) como “*uma tendência antissocial que se fundamenta em uma privação ocorrido no passado da criança em um momento em que ela já consegue perceber a falha ambiental, ou seja, quando ela apresenta uma diferenciação mínima entre o eu e a realidade*”. Em Freud (1925. apud Pitigliani), a negação aparece “*como um mecanismo psicológico, que tem a finalidade de reduzir qualquer manifestação capaz de colocar em perigo a integridade do ego dos sujeitos*”. Ambas as citações ligam-se, diretamente, ao caso de **FES**: tanto na tendência antissocial no seio da própria família, provocada por um trauma de infância (a perda do pai) como o desejo de reduzir o perigo para a integridade do ego (ela se encontra sozinha numa família que não parece ser sua).

6.3. Traumas resultantes de atuação de Gangues e uso de drogas.

MWD tem 14 anos, é adolescente, é do sexo feminino, é moradora na Ilha Santa Teresinha. Tem quatro irmãos: um irmão que mora com a namorada, um irmão de 12 anos; um irmãozinho com dois meses e uma irmã de 17 anos que está grávida. Já falamos dessa experiência na página 60. Aqui, estamos destacando o sofrimento que o

evento causou, isto é, a tristeza que a menina sente porque o pai deixa a família para se drogar:

*[.....] Já senti tristeza com o meu pai porque ele sai e minha mãe fica preocupada. Usa esse tipo de **drogas** e minha mãe fica preocupada, fica chorando e eu fico junto dela. Apelando para ela não chorar porque ela não pode ficar triste.*

A atitude que ela toma é ficar junto da mãe, apelando para que ela não chore e não fique triste, além de ir à igreja com ela (a mãe é evangélica). É interessante verificar que, apesar dos problemas causados pelo pai, “a mãe gosta dele, não quer se separar dele”. Já procuraram ajuda, mas não pensaram em uma ONG. Com a filha, acontece a mesma atitude de misericórdia, de aceitação do outro, tanto com o pai, como com o cunhado. O pai, além de se drogar, maltrata muito os filhos (já bateu inclusive nela), mas “nunca bateu na mãe” e o namorado da irmã, mesmo drogado, “quer bem a família e toda semana, quando a irmã vai visitá-lo, pergunta pelos familiares”. O fato é que **MWD** se sente “mais feliz quando sai com a família”.

É uma menina legal e brincalhona. Gosta de fazer amizade, principalmente com quem brinca com ela. Não acha normal o “muro da vergonha” separar o Shopping da comunidade, mas nada diz sobre como solucionar o problema.

MKS tem 12 anos, é do sexo feminino, mora na Ilha Santa Terezinha e tem 3 irmãos, sendo que dois por parte de pai. A mãe trabalha das 7 às 17 horas. Ela mora com a mãe e uma irmã, junto da casa da avó e das tias que ajudam muito à mãe a criá-las. Ela não gosta de morar na ilha porque tem muito *vandalismo*. Houve época que até toque de recolher havia por conta dos assaltos. Ela contou que, certa vez, pulou o muro da escola, com mais três colegas porque não a deixaram sair. Chamaram a mãe dela e contaram umas histórias falsas sobre o seu comportamento. Disseram que ela tomava o lanche dos meninos pequenos e os prendia no banheiro. Ela disse que ficou “arretada”, porque nunca fez isso. Ela diz que era muito arengueira e por tudo ficava com raiva, mas agora melhorou. Gosta de estudar ciências e português e dança em uma Quadrilha, o que a deixa feliz. Na AACA, gosta das oficinas de artes e de leitura. Ela gosta de ler e lê na biblioteca da AACA.

GVC tem 12 anos, é do sexo feminino e mora na Ilha Santa Teresinha. Em sua entrevista, constatamos que ela sente medo de morar na Ilha porque existem brigas e tiroteios. Um dia, ela quase desmaiou de tanto medo que teve. Dentro da sua família é uma pessoa agitada, que não consegue ficar quieta um minuto sequer e fala muito. Ela não sente o “muro da vergonha” como discriminatório, mas sente medo de uma parte

toda pintada que existe “ porque do outro lado tem muitas arvores e mato”, Mais adiante ela completa sobre o medo:

Aqui já teve tiroteio, brigas. Um tiroteio teve, uma vez, na rua da minha casa. Quase que eu desmaio. Não sei. Foi por causa de uma mulher lá que tinha feito não sei o quê. Só não sei o que foi. Não sei explicar.

A adolescente **LVO**, descrita no item anterior, também pode ser incluída nesse item. Quando foi expulsa da família, por estar grávida dela, a mãe foi morar na rua e segundo ela, fez muita coisa errada: roubava e vendia drogas. O pai era alcoólatra e acabou arrumando outra esposa que o ajudou a sair do vício.

Almeida, Alba (2010: p. 1 a 239), afirma que nas antigas civilizações, havia o uso das propriedades alucinógenas de algumas substâncias, com finalidades místicas, celebrativas, curativas, etc, Hoje seu uso pode estar associado a uma prática capitalista, a uma indicação clínica de dimensão humana etc.

Gerbase (2001, p. 2) descreve que, quando uma pessoa decide iniciar-se nas drogas, existe uma motivação inconsciente que a levou a isso:

A decisão de iniciar o consumo de uma droga é da natureza de um encontro, de uma fortuna. [...] O início de um consumo é da mesma ordem do desencadeamento de um sintoma, obedece a uma conjuntura de desencadeamento. O encontro com um significativo mestre pode desencadear uma psicose, uma neurose ou uma toxicomania.

Na visão de FREUD (1930), trata-se de um fenômeno diretamente ligado à intoxicação que se torna crônica. A pessoa passa a usar substâncias tóxicas para evitar bater de frente com a própria desgraça porque:

Certas substâncias tóxicas, quando presentes no sangue ou tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis (1930/1996, p.85).

As brigas entre gangues e entre moradores da ilha Santa Teresinha fazem gerar o medo de sair de casa. É inseguro, para os adolescentes, familiares e funcionários da AACA, morarem ou trabalharem ali. Tenho um relato que exemplifica o medo existente neste local. Fui ao aniversário dos 28 anos de existência da AACA, depois, pensei em ir a pé até o Shopping, para almoçar e, à tarde, voltar para continuar as entrevistas com alguns adolescentes, mas **DAN**, funcionário da AACA, me falou que eu deveria deixar as entrevistas para outro dia. Constatei, então, que é inseguro ir e vir do local. Acompanha as pessoas uma sensação de medo que, para Cabral e Nick (1996\1997: p.

227), é um estado emocional de agitação, inspirado pela presença real ou apresentação de um perigo concreto.

6.4. Feridos pelo preconceito.

No item anterior, falamos da existência do preconceito, surgido, principalmente, com a proximidade do Shopping. Agora, vamos falar da ferida causada pelo preconceito que é discriminatório e, muitas vezes, responsável pela violência.

A palavra preconceito, geralmente atribuída a pessoas, literalmente, significa uma concepção prévia que se faz de alguém ou de alguma coisa, antes mesmo que a realidade do fato seja considerada. Literalmente, significa prejulgamento (Straton & Haves, 1994:p. 180) A atitude preconceituosa é atribuída a alguém de forma discriminatória, podendo envolver a raça, o gênero, a classe social e a intelectualidade. Trata-se do ato de fazer prejulgamento ao outro, por meio de conceito concebido sem ter fundamentos críticos ou lógicos. Muitas vezes, trata-se de um problema que surgiu na cultura desde o início e vem se desenvolvendo com o passar dos anos, como a questão racial no Brasil desde a escravatura.

A inclusão do sujeito negro na sociedade brasileira tem sido marcada por uma experiência sistemática de discriminação, preconceito e ofensa à cor da pele, o que gera dificuldade para que ela possa reconhecer-se a si própria como pessoa (Barreto; Ceccarelli; Lobo, 2017).

O preconceito aparece nos mais diversos grupos sociais, dando legitimidade à intolerância e vai ganhando cada vez mais espaço na atualidade. Nestes termos, consideramos que estas duas figuras — preconceito e intolerância — estão numa relação muito próxima; isto não significa dizer que a intolerância é sempre fruto do preconceito, ou que o preconceito sempre redunde em intolerância. Também não se pode dizer que a falta de solidariedade é um caminho para o preconceito. Pode acontecer que pessoas solidárias sejam preconceituosas e as não preconceituosas não cheguem a ser solidárias.

Muitos dos adolescentes entrevistados nessa pesquisa referem-se à questão do preconceito de que são vítimas, quando se aproximam do Shopping, especialmente o de raça e de condição social. Vejamos os relatos sobre a discriminação no Shopping.

MKS relata:

“[...] Assim, no shopping, me senti excluída pela famosa discriminação de cor, principalmente nas lojas. É assim, porque é negro, tem uma pele mais escura, é criança que vai pegar alguma coisa. É sempre isso. Não podemos fazer nada, nem eu e nem minha família. Não podemos escolher nada que quer porque estão sempre no nosso pé, quer alguma ajuda, quer o quê?. De tanto a pessoa ficar muito no pé, isso enjoa. A minha visão, perante o Shopping, é bom porque é perto de casa e ajuda. Mas, em relação aos funcionários que discriminam a gente pela cor é muito ruim. Já senti raiva de alguma coisa. Eu tenho raiva de tudo.”

LVO afirma:

O muro que separa a comunidade do Shopping eu sinto normal, mas sinto discriminação. [...] porque você entra no Shopping e os seguranças já começam a seguir. Eu digo por mim por que você nem pode entrar no Shopping e eles começa a seguir. Me dá vontade de dizer: “eu vou comprar, moço”. Eles são muito corruptos, como eu posso dizer, gente, aquelas pessoas que são homofóbicas. Um negro. Não podem ver um negro que começam a seguir, pensando que vai roubar. Apesar de que o povo daqui, tem alguns que roubam o Shopping. O Shopping é muito preconceituoso. Quando eu entro no Shopping, me sinto, não tem explicação.

Nos relatos seguintes, apresentados pelos adolescentes, o preconceito está vinculado à violência e faz sofrer até mesmo àqueles que não tenham sido vítimas da violência, mas presenciaram o acontecido com um colega, como ocorreu com **MHS**, citado no item anterior (p.59) e **KN**, segundo o qual:

[...] os seguranças do Shopping pegam um negro e metem paulada. Alguns, eles levam para uma salinha para meter cacete. Pegam um pirralho e leva para lá. Ele sai de lá tonto e sangrando. Tem vezes que um tem raiva mesmo. As pessoas mesmo levam. Se não, dá na pessoa.

ADM conta ter sentido tristeza foi quando o tio morreu:

Ele trabalhava. Quando ele não trabalhava, ele vinha aqui me ver, saía comigo para onde eu queria. Só que, no país onde morava não aceitava branco. Só aceitava pardo como eu. Quando ele saiu para o trabalho, pela manhã, mataram ele. Ele morava em Angola. .

A violência impede o desenvolvimento humano integral e a ocupação de espaços sociais e de constituição de poder na sociedade brasileira. As ideias de preconceito e intolerância estão vinculadas as questões efetivas (Herzog, 2009) A violência fere a humanidade que está no homem. Ferir um homem é ferir toda a humanidade.

Freud ressalta que os conflitos de interesses entre os homens são quase sempre resolvidos pelo uso da violência. Em um texto intitulado *Por que a guerra?* (1932), o autor diz estar certo de que o instinto agressivo, peculiar ao homem, “opera em todas as instâncias” nas guerras pela intolerância religiosa e fatores sociais, em perseguições a

minorias raciais, entre outros. Porém ele considera que não pertence à essência do homem ser violento.

7. RESILIÊNCIA: A FORÇA INTERIOR QUE FAZ SUPERAR OS TRAUMAS.

7.1. Considerações preliminares.

Como vimos, a resiliência constitui a capacidade humana de lidar com seus próprios problemas e de superá-los nos momentos difíceis. Existe uma consciência do problema, mas, ao mesmo tempo, uma busca para resolvê-los. Ser resiliente é, antes de tudo, saber como transformar toda forma de energia negativa em energia positiva.

A construção da resiliência acontece nos primeiros anos de vida de uma pessoa, numa rede de vínculos significativos desenvolvidos pelo indivíduo que surgem da: intersubjetividade que se manifesta na relação com o outro (Zukerfeld, 2005). Tendo em vista essa questão, apresentamos, nesse item, uma leitura dos pilares de resiliência encontrado nas pessoas, considerando um percurso que caminha desde os primeiros moradores que reconstruíram a Ilha e formaram a comunidade até os funcionários/professores da AACA e adolescentes que ali estudam.

7.2. Resiliência nos moradores/reconstrutores da Ilha Santa Terezinha e Funcionários da AACA.

Começamos pelo padre Bernardo que foi motivado por um sonho: o de melhorar a comunidade. O desejo pessoal é estendido àquela comunidade. A primeira coisa que se destaca é a *iniciativa* de padre Bernardo que teve *confiança* de que podia melhorar a Ilha. Ele foi *proativo e criativo*. No *diálogo (empatia)* com os moradores, descobriu suas necessidades (eram pessoas pobres e desempregadas) como também possuíam talentos. Ele teve a ideia de comprar o barraco a Jázimo e de transformá-lo num grande galpão que servia de capela e escola para ensinar alguns trabalhos: a fazer utensílios domésticos e móveis rústicos para serem vendidos na feira. Ele se fez acreditar (foi *convincente*) pelos moradores e por Jázimo que vendeu o terreno por uma quantia ilusória. O trabalho de Padre Bernardo foi continuado pelos membros do Movimento dos Focolares que, com força de vontade e garra, não desistiram da luta; *perseveraram* até hoje, entre os quais, vale ressaltar o trabalho de **EDJ**, como Líder comunitário, a força de Edna na construção da AACA e a força daqueles que há vinte e oito anos, dão continuidade a seu trabalho, como os professores e funcionários.

A análise do líder comunitário da Ilha Santa Terezinha, **EDJ**, mostrou que se trata de uma pessoa com *integridade moral, responsabilidade* e que possui um grande *amor* pela comunidade: ele mora ali, desde criança (cinco anos) e tem uma forte

capacidade para se relacionar (*empatia*), daí o *espírito de liderança* e a capacidade para *conviver com as diferenças* que segundo ele são muitas:

A convivência, na comunidade, ela é mista. Digamos, assim, a proximidade das casas facilita uma aproximação e uma solidariedade, dependendo da circunstância e do momento. Então, tanto faz estar se abraçando, como discutindo, como estar batendo boca. Mas, no geral, é muito parecido como uma cidade do interior, onde vemos um menino na rua, já sabemos que é filho de fulano. Ai, todo mundo tem um cuidado com aquela criança. Menino, o que está fazendo na rua? Já sabe quem é aquela criança, de quem é. Existe uma preocupação. Depois, existe um problema que se dá, que alguém passou mal, tenta correr para ajudar de alguma forma (EDJ)

Além disso, ele é *proativo*. No início, eles viviam num mangue: não havia nenhuma estrutura sanitária: não havia luz, nem água e a Ilha era um alagado pelas chuvas, mas **EDJ** participou, ativamente, do processo de sua renovação: construções das casas e da capela, do calçamento, etc. Lutou perante as autoridades (sem engajamento político) para obter benefícios para a Ilha. O benefício não foi só em prol de si mesmo e de sua família, mas por todas as pessoas da comunidade, daí a grande liderança que lá exerce, o que se expressa nas reuniões que promove para a tomada de decisões sobre a Ilha, que não são feitas de forma autoritária, mas na escuta do pensamento de cada um. As pessoas lhe são agradecidas, pois o cumprimentam, alegremente, quando o encontram e acreditaram na sua *capacidade para resolver os problemas* da comunidade. Lembramos, aqui, o fato já descrito sobre a escolha do nome para as ruas que ele, com insistência, conseguiu reverter, de nomes de políticos famosos, para nomes que dissessem respeito à história da Ilha. Com isso, hoje eles têm todos os benefícios existentes em qualquer “bairro decente”, mas com a “cara” deles **EDJ** diz não ter feito nada sozinho, mas com a união de todos e acredita, fortemente, que a “união faz a força”. Entre os problemas não resolvidos, está a construção do que ele chamou “muro da vergonha” que separa o Shopping Tacaruna da Ilha Santa Terezinha, já mencionado nos capítulos anteriores.

Uma dessas pessoas, às quais **EDJ** se refere, que ajudaram à reconstrução da ilha foi **AMPP** que, na década de 80, passou ali um período de seis meses quando procurou reunir os moradores para conversarem juntos sobre a situação da Ilha que estava passando por um problema muito difícil com as enchentes constantes. Cada vez que a maré subia, as casas ficavam cheias de água. Decidiram levantar o nível das casas para as pessoas não sofrerem tanto com a maré e precisavam da colaboração de todos. A reunião acontecia a cada noite em cantos diversos para pegar toda a população dos moradores. Naquela época, não havia ruas delimitadas: cada um construiu seu casebre

no espaço que encontrou e o lugar ficou desorganizado e de difícil acesso, certamente para coibir a entrada da polícia. Se não podia entrar a polícia, certamente não entrava ambulância foi o que argumentou **AMPP** ao pedir, a cada um, que liberasse uma parte do seu terreno, um pedacinho de sua cerca para aumentar e organizar, juntos, as ruas. Obter isso foi uma abertura muito grande, pois alguns tiveram muita dificuldade, mas com um *diálogo convincente e muita perseverança*, ela conseguiu. Assim, ela ficou ao lado deles para ajudá-los a descobrir o que era melhor para cada um. Foram fazendo, também, um levantamento, com os moradores, do material que eles possuíam para darem início à reconstrução: faca, carrinho de mão, enxada, etc. Foram meses e meses nesse sentido. As dificuldades eram muitas como, por exemplo, a necessidade de terra para poderem aterrar e levantar o nível das casas. Junto com aqueles que aderiram a esse trabalho, conseguiram a areia com a marinha, mas precisavam de caminhões para trazê-las. Procuraram então uma grande empresa de transportes de caminhões. Ao expor todas as dificuldades do pessoal da Ilha, um dos diretores, virou-se e disse: “*mas ali só moram marginais, então, por que vocês querem fazer alguma coisa lá*”? Tal observação assustou a ela e à pessoa que a tinha levado à empresa. Naquele momento, **AMPP** sentiu que não podia ficar calada e respondeu:

Enquanto o Senhor diz isso, a gente fica na dúvida sobre quem são os marginais: se são aqueles que têm tudo fácil e não ajudam aos que precisam ou se são eles que vivem naquela situação, na lama, porque não tiveram uma oportunidade na vida. Às vezes, eu penso que a marginalidade está aqui e não lá. Naquele momento foi muito difícil porque um dos diretores me olhou com um olhar de grande reprovação e esse mesmo diretor saiu da sala, depois entregou à secretária a autorização para que, no final de semana, cinco caminhões fossem fazer o transporte de areia.

Essa foi uma das grandes experiências que fizeram com a ajuda do que elas chamam Providência (que vem de Deus). Também, naquele período, como em todo lugar, havia assaltantes. Mesmo assim, as pessoas do Movimento se sentiam muito seguras porque “eles” sabiam que elas não estavam em busca de benefícios pessoais: elas estavam ali pelos moradores da Ilha, para ajudá-los. Diariamente, “eles” as viam entrando nas casas, ajudando uma família, cuidando de um doente, cuidando das crianças, ensinando as crianças etc. Eram tantos os trabalhos que faziam que, ao invés de prejudicá-las, eles, realmente, queriam bem a elas. Narra Ainda **AMPP**:

Um dia, eu com mais uma GEN tínhamos contratado uma caçamba, para mais um transporte de areia. Quando foram fazer o pagamento ao dono da caçamba, estávamos ainda na rua conversando, quando dois assaltantes armados pegaram o dinheiro e os nossos relógios e foram embora. Naquele

momento, foi difícil, mas fomos para casa e, naquela noite, a certa hora, depois das nove horas da noite, bateram na nossa porta. Era um dos chefes de uma grande quadrilha. Então, ele veio com os nossos dois relógios, nos entregou e disse: «eu já disse a eles que a vocês eles não devem assaltar». Vimos, ali, uma resposta de Deus àquele pouco que nós podíamos fazer por Ele nos pobres. Como Deus nos retribuía, também, devolvendo os nossos relógios.

E, assim, foram inúmeras as experiências de acompanhar pessoas ao hospital, de ajudá-los no que precisavam etc. Foi um período luminoso, no qual ela pode dar o melhor de si, da sua vida, as suas forças, o seu sorriso. Muitas vezes, era só isso o que podia fazer porque elas também eram pobres. Ela foi *proativa* e *persistente ao perseverar* no trabalho. Ela agiu com *independência*, pois, apesar de estar vinculada a um Movimento religioso, muitas vezes, foi necessário que tomasse iniciativas próprias, de acordo com o momento, e ela assim o fez com grande *criatividade*.

LEV, com idade de 60 anos, é focolarina casada, representante, na Ilha, do Movimento Famílias Novas. Não mora na Ilha Santa Teresinha, mas trabalha na AACA como secretária. Ela define a AACA como uma obra social do Movimento dos Focolares, que trabalha com crianças e adolescentes e suas respectivas famílias, na comunidade da Ilha de Santa Terezinha, dando-lhes a oportunidade para exercerem seu papel de cidadãos e terem seus direitos assegurados com uma formação cidadã e de inclusão social, através de várias atividades educativas, esportivas e práticas da paz. Trabalhar nesse projeto social há mais de 15 anos, para ela, é uma alegria e satisfação, porque sente que a obra de Deus vai para frente. Sua tarefa consiste em manter um relacionamento de comunicação entre os adotantes²³, amigos e colaboradores do projeto, trabalhando juntos com a parte administrativa (constituída da diretora, do coordenador, do auxiliar administrativo e da secretária), em busca de realizar projetos e ações a fim de obter recursos financeiros para a manutenção da AACA e de todos os envolvidos no processo. O projeto vive totalmente de doações e durante todos esses anos (28 de existência da AACA) passamos por momentos de alegrias e também de grandes desafios quando pudemos comprovar a Providência Divina que nunca deixou faltar os recursos necessários. São inúmeras as experiências. Ela conta uma delas que a marcou profundamente:

Em um ano de grande crise financeira, quando não tínhamos mais onde recorrer e terminando todos os nossos esforços, sem resultado, nesse momento recebemos uma ligação de uma pessoa que tinha um valor para ser doado para a AACA e quando vimos era exatamente a quantia que precisávamos para saldar aquele débito.

23 Adotantes é o nome dado àqueles que fazem adoção à distância.

Uma alegria que todos sentem — como será mencionado em experiências seguintes — é saber os resultados da formação dada aos alunos e ex-alunos que chegaram a cursos universitários e hoje são profissionais competentes em suas áreas, inclusive professores universitários. Verifica-se, ainda, a existência de ex-alunos/as casados/as que desejam essa formação para seus filhos e trazem os filhos para a AACA e ex-alunos que hoje retornaram como educadores do Projeto ou como adotante e colaborador do Projeto.

Ela, ainda, descreve o reconhecimento da Igreja e dos responsáveis mundiais do Movimento dos Focolares que visitaram a AACA. Por exemplo, Dom Fernando Saburido, Arcebispo de Olinda e Recife que, em 2011, passou uma tarde na AACA para conhecer de perto o projeto e deixou uma frase emblemática para todos: “*Aqui se vive o Evangelho*”.

Outra visita, inesquecível e marcante não só para AACA, mas para toda a comunidade da Ilha de Santa Terezinha foi a de Emmaus e Giancarlo (2014), à época os responsáveis mundiais do Movimento dos Focolares. Eles deixaram frases memoráveis: “*Hoje estamos na AACA e vocês são os nossos professores*”. (Giancarlo) e Emmaus: “*Em vocês, existe a verdadeira riqueza, porque a riqueza é o amor a capacidade de doar, sinto-me honrada em fazer parte dessa família*”. LEN conclui sua entrevista, afirmando:

Essas palavras nos deixaram entusiasmados e cheios de grande emoção e alegria. Por isso que a AACA é para mim não é só um lugar em que trabalhamos dignamente, mas, sobretudo uma família, como Chiara nos deixou registrado em suas palavras: “Sejam sempre uma família”.

Por fim, consideramos **LEV** uma pessoa que cumpre com *independência* a tarefa para a qual foi escolhida, tem *iniciativa e integridade moral* para realizar as ações necessárias à AACA. Tem *senso de humor e criatividade* nas coisas que faz. Em relação aos pilares de resiliência de Grotberg, ela é *empática*, com grande capacidade de se relacionar com as pessoas que a procuram e de escutá-las, possui *autoestima* e confiança de que vai conseguir o que precisa. É *perseverante* e tem *força de vontade* para continuar seu trabalho e é *otimista*, pois acredita que as coisas vão mudar.

MJCS tem 72 anos e, atualmente, preside a AACA. É esposa de **JCS**, com 75 anos, que é gestor da AACA. Em 2011, ela e o marido receberam o convite para juntos administrarem a AACA que é uma OSC²⁴. São voluntários do Movimento dos

24 Organização de Sociedade Civil é um novo nome dado às ONGs. Não são governamentais, mas administradas pela sociedade civil e não têm fins lucrativos.

Focolares e, como são aposentados, não foi difícil dizer sim a esse convite. Quando chegaram, a AACA já estava formada com a arte de Amar, também chamada “o dado do amor”²⁵. O dia-a-dia da AACA é intenso, como em uma casa movimentada: todos os dias aparecem novidades que precisam de *criatividade* para resolver. Trata-se de uma pessoa *independente* e com *capacidade de adaptação* às novas situações. Mostra *iniciativa* para resolver as situações difíceis e inusitadas. Tem *força de vontade* para superar os inúmeros obstáculos e *persistência* na realização de uma tarefa difícil (e *gratuita*) que lhe foi dada há quase 12 anos atrás, quando ela estava aposentada e desejava somente descansar. Ela considera que estar ali é:

[...] ter a consciência de fazer a vontade de Deus. Recebemos o convite e fomos nos adaptando, procurando fazer da AACA a continuidade da nossa casa. As crianças, e adolescentes são como nossos filhos que precisam de oportunidades para que não sejam excluídos pela sociedade, mas que aprendam os seus direitos e deveres e exerçam a cidadania com respeito e amor ao próximo.

JUD, do sexo feminino, tem 46 anos, é casada e trabalha na AACA há seis anos. Tem dois filhos: Vitor José, de 16 anos, que já foi educando da AACA e hoje está ali contribuindo como aprendiz de educador musical e Pedro Vinicius, de 15 anos, que ainda participa da instituição como educando. Hoje ambos estudam música no conservatório de Música de Pernambuco. Interessou-se pelo violão no primeiro contato com a AACA onde descobriu o seu potencial. Hoje faz apresentações na Instituição, na igreja e na comunidade, o que a mãe afirma ser fruto da formação que recebeu na AACA. Ela é pedagoga e tem uma grande dedicação (*persistente e perseverante*) pelo trabalho (de oito horas) que realiza com as crianças e adolescentes. É *proativa* e, além do trabalho diário, organiza, com outros funcionários, momentos de lazer para comemorar datas importantes como o aniversário da AACA, o São João, o Natal e o Carnaval. Acredita, firmemente (*otimismo*), que as crianças podem ser melhores se tiverem um bom acompanhamento. Para ela:

[...] estar na AACA, hoje, é contribuir na formação de homens novos para uma nova sociedade onde reine, sobretudo o amor, a dedicação, o incentivo para construção de um mundo melhor, onde cada ser humano possa ser protagonista da sua própria história.

JUD possui *empatia* (capacidade para se relacionar) e cada pessoa que encontra trata como se fosse única e irrepetível. Um exemplo que vivenciou, neste sentido, aconteceu com uma adolescente, de 13 anos, em uma das festividades que organizou:

25 O dado do amor (ver o que foi dito na página 53).

Naquele dia, recebemos um grupo de pessoas que estavam ali para realizar algumas dinâmicas com os educandos e esta adolescente que irei chamar de Marcia estava muito brava, irritada, não queria cumprir regras. Tentando manter a calma e procurando amá-la como se fosse minha filha, pedi que fosse até a minha sala para conversarmos, sabendo que ela tem uma situação delicada, tem uma carência familiar muito grande pois os pais são separados, percebo a necessidade muito grande de querer sempre chamar a atenção. Procurei escutá-la e, depois do nosso diálogo, juntas, ela percebeu que errou, pediu desculpas e, no momento que ela saiu da sala, a acolhi com um abraço. Neste momento, chorou e eu me emocionei junto com ela, pois o amar o próximo é isso, é colocar-se no seu lugar, isto é, viver a empatia. Depois que saímos da sala, ela foi até o grupo e pediu desculpas e todos a acolheram fraternalmente.

Muitas vezes não é fácil, mas ela acredita que, aos poucos, vamos transformando o nosso mundo, começando primeiro na nossa casa, no nosso trabalho, na nossa comunidade, enfim na sociedade.

DAN é um funcionário da AACA, ex-morador da Ilha Santa Teresina que hoje mora em Paulista, uma cidade próxima a Recife. É coordenador pedagógico e, para ele, um dos grandes desafios é trabalhar na AACA que ele define como um projeto social que possibilita, às crianças e aos adolescentes, muitas outras atividades, além das mencionadas aulas oferecidas como, por exemplo, rodas de conversa, dinâmicas de grupos e diálogos individuais, para que eles possam expressar aquilo que sentem. Com isso, em alguns momentos, a AACA consegue identificar a criança ou o adolescente que esteja passando por alguma dificuldade familiar para poder encaminhar à mãe/pais e poder procurar o serviço médico ou psicológico. Hoje, a AACA, em pleno século XXI, está passando por muitos desafios como, por exemplo, a questão das redes sociais, principalmente da internet que é um benefício, mas, também, pode trazer problemas. Assim, procura trabalhar, nos alunos, as ferramentas positivas para a vida e que não propiciem o surgimento do individualismo. **DAN acredita** no diálogo para a aproximação dos jovens. *Tem capacidade para se relacionar* com eles, para escutá-los e ajudar a quem precisa. *Tem iniciativa* para descobrir e resolver dificuldades, *criatividade* para solucionar as dificuldades. Encontramos nele também uma *autoestima consistente* para enfrentar os desafios encontrados, uma *autoconfiança* naquilo que faz, *persistência* nas realizações das tarefas, uma *força de vontade* para desenvolver tarefas difíceis, uma grande *empatia* para dialogar com pessoas diferentes, um *otimismo* em acreditar que vai conseguir finalizar aquilo que faz, uma *gratidão* à AACA pelo aprendizado. Ele não pertence a nenhum setor do Movimento dos Focolares, mas conhece um pouco sua espiritualidade.

WJF, com 46 anos, é o mestre de capoeira, o que foi aprendido desde os dez anos de idade, na comunidade da Ilha Santa Teresinha. Em princípio, exercia uma capoeira muito violenta porque recebia a influência do aprendizado das ruas. Quando foi convidado a ministrar aulas na AACA, em 2004, ouviu falar na Arte de Amar: a cada dia se jogava o dado do amor e procurava colocar em prática a frase que era sorteada através do dado (**cf. o dado descrito na p. 53**). Parece uma brincadeira, mas isso mudou, completamente, sua forma de ministrar a aula: olhar as crianças com amor e trabalhar a capoeira como educação, esporte, lazer, cultura e não para vingar-se e maltratar os outros. A frase “*amar a todos*” foi muito forte para ele, pois marcou sua vida nesta *transformação* de repassar a cultura brasileira com olhos novos. Ele é *grato* à AACA pela oportunidade de ter conhecido a Arte de Amar e de ter aprendido a *relacionar-se com o outro*

ARS com 53 anos, educador, casado, morador da Ilha Santa Terezinha desde 1995. Conhece o Movimento há muito tempo e pertenceu ao grupo GEN. Trabalha na AACA como auxiliar de orientação educacional, desde 2001, quando tem se dedicado com firmeza ao Projeto. Considera que foi uma oportunidade muito grande de conhecer a vida de muitas crianças e ter com elas uma relação de amizade, de carinho paternal, de atenção que, muitas vezes, eles não têm em casa e que dá muitos frutos.

Ele não tem nenhum filho de sangue, mas tem vários filhos na comunidade. Com eles, conseguiu vivenciar muitas de suas experiências. Ele nos conta uma em particular:

Eu gosto muito de futebol e, certo dia, teve várias peneiras²⁶. Foram reunidas várias crianças: 100, 50, entre as quais vão sendo escolhidas as que jogam melhor. O pai de um garoto estava preso e ele não tinha como ir para a peneira. Ele chegou para mim e disse: eu gostaria de ir no dia tal, só que preciso que alguém me leve. Então, resolvi ir com ele e ele passou da primeira fase para a segunda fase, etc. No final, esse garoto chegou para mim e falou: eu gostaria muito de ter um pai como você. Hoje ele está jogando, ainda, no futebol. Ele é uma pessoa, profissionalmente, bem de vida e, até hoje, temos uma relação bem estreita. .

ARS tem *independência* no que faz, *iniciativa* para ver aquilo de que os adolescentes precisam, *empatia*, capacidade para se relacionar, dialogar, escutar o outro e *se fazer um*²⁷ com sua dor ou sua alegria. É *proativo* e confia em si mesmo e no grupo. É *persistente* no trabalho que faz, *otimista*, pois acredita que as coisas vão mudar, sobretudo com os adolescentes

26 Peneira — Termo utilizado no meio futebolístico para descobrir novos talentos para esse esporte e investir na formação desses jovens que forem escolhidos.

27 *Fazer-se um* é uma expressão do Movimento dos Foculares que significa esquecer-se de si para ajudar a quem precisa no momento em que ele está sofrendo, ou então, em um momento de alegria.

7.3. Resiliência nos adolescentes.

7.3.1. Considerações iniciais.

Aqui consideramos três naturezas de adolescentes: os adolescentes traumatizados que superaram o sofrimento com o desenvolvimento da capacidade de resiliência; os que não nos pareceram traumatizados, embora considerem a existência das dificuldades por que passa a Ilha, mas são capazes de superá-las positivamente; e aqueles pouco motivados psiquicamente para superar as dificuldades.

7.3.2. Adolescentes que superaram os traumas com o desenvolvimento da capacidade de resiliência.

Os adolescentes aqui estudados já foram mencionados no capítulo anterior (da p.61 á 73) quando falamos dos traumas psicológicos. Aqui, porém, retomamos para mostrar a capacidade de resiliência de que se revestiram para superar os traumas. Não fazemos mais a descrição deles, apenas a de **KM** e **MHS** porque a menção deles no capítulo anterior não permitiu apontar essa descrição.

MWF, citado na p.63-64, possui ansiedade devido ao um conflito interior entre escolher ficar na comunidade ou morar com o pai em outro lugar. Pelo menos, naquele momento, o sonho de ser médico o faz escolher ficar na ilha, pois ali ele frequenta duas escolas e tem chances de realizar o seu sonho. Além disso, ele gosta da companhia do irmão mais novo com quem interage, o que poderá perder se for ficar com o pai. Observa-se nele uma *capacidade de reflexão* que o ajuda a discernir entre o que é mais vantajoso fazer naquele momento. Ele *tem confiança em si mesmo* e acredita que poderá atingir seus objetivos. Considerando os pilares de Grotberg, ele diz *ser lindo*, diz que *quer* construir uma família, que *está disposto* a fazer as pessoas felizes e que *pode realizar o seu sonho* de ser um médico cirurgião.

FFF, citado na p.57, apresenta sentimento de infelicidade, ocasionado pela perda da avó, o que se configura como passageira, porque ele recebe apoio da AACA, da família e de amigos, pelos quais tem muita *consideração*. Apresenta *autoestima* elevada, ao se referir como *alto e forte*, *tem empatia* (bom relacionamento entre amigos e parentes) pelos quais *está disposto* a lutar. Diz ainda que *pode ajudar* a família e realizar seu sonho de ir para os Estados Unidos.

LVO, citada na p. 64, ex-moradora de rua, filha de pai alcoólatra e de mãe drogada vem superando as dificuldades pelas quais passou devido à acolhida que teve na ilha e na AACA, à empatia (diz entender todo mundo e que as pessoas gostam dela),

ao grande *amor* que tem pelos irmãos menores, dos quais *cuida* quando a mãe não está em casa, sobretudo , do irmãozinho especial e à *gratuidade* com aqueles que a recebem bem, principalmente ao atual marido da mãe por tudo o que ele fez por ela e pela mãe:

“ele mostrou onde ele morava, acolheu a gente, me deu conforto e me deu comida. Ele poderia ser tudo, mas eu sou muito grata a ele pelo que ele fez por mim, pela minha mãe, por tudo. Sou grata a ele, sabe? Então, tem várias coisas, como a minha mãe conquistou as coisas.”

Quanto aos pilares de Grotberg, ela se acha *linda, quer crescer, ter um trabalho, uma casa e cuidar da família*. Tem *autoestima elevada*, é otimista, possui força de vontade e persistência. Ela acredita que:

pode tudo o que eu quiser. Conquistar tudo que vem na minha cabeça e o que eu quero, trabalhar. Hoje temos tudo, temos uma faculdade e eu coloco na cabeça que quero fazer uma faculdade de medicina, não sei se vai dar certo. Faço faculdade, faço isso, faço aquilo. Vá que Deus queira e eu vire médica. Então, eu posso é fazer isso, sobre a fonte. Ter força de vontade e lutar.

CGA, citado na p, 66, apesar da tristeza pela doença da irmã, não apresenta o vazio existencial próprio da depressão. Sua tristeza, ele vem superando com a ajuda da família, constituída pelos pais que ainda estão unidos e de três irmãs. Ele faz referência especial ao pai a quem considera um bom amigo. Não fala em outros amigos, mas é *empático*, dentro da família que considera boa. *Tem autoestima*, pois se considera muito inteligente e *autoconfiança* elevada: afirma que vai ser jogador de futebol de um time importante na Europa. Além disso, *está disposto a estudar muito para crescer na vida e pode fazer tudo o que ele quer porque Deus está com ele*.

MWD, já mencionada na p.69, pelo sofrimento com o pai drogado e por ter sido, no Shopping, vítima de preconceito, consegue superar essas dificuldades porque apresenta uma grande *força interior*. Primeiramente, ela *é convicta* da dor que perpassa a família e *toma a iniciativa* de ajudá-la no que *pode fazer* (procurar o pai, acalmar a mãe na hora do sofrimento). Ela *é agradecida e amorosa* com a mãe. *É perseverante, convicta do que pode fazer*. É empática, tem vários amigos e tem uma família, apesar de tudo. *Acha-se uma menina legal, quer ajudar aos pais e ter uma casa*. E, ainda, *ser professora e jogadora de bola*.

KM citado na p.60 é um adolescente de 14 anos, do sexo masculino. Mora com os pais que estão desempregados (sem carteira assinada, mas ganham de outras fontes) e tem um irmão. Quando fazia coisa errada (do tipo de subir no muro do vizinho), a mãe o colocava de castigo, porém faz muito tempo que isso não acontece. Gosta de jogar futebol, bola de gude e pião. Sua família é animada e divertida. Ele gosta da

AACA. Lá oferecem alimentação, feira, e outras coisas. Gosta de sair com os amigos (todos juntos) e de jogar Free Fire, mas o que mais gosta é de jogar futebol. Foi ele que nos relatou sobre as gangues existentes na comunidade e os problemas que causam (p.59) e ainda sobre o preconceito que acontece no Shopping contra crianças negras (p.71). Trata-se de um adolescente que, apesar da pouca idade, tem *discernimento* para entender o conflito social existente na ilha e posicionar-se a favor do direito: contra a violência, gerada pelo preconceito e contra as gangues (“*não acho certo isso*”). Sabe da existência do chefe das gangues, a quem chama “chefe da coisa errada”, mas não entra no “jogo deles”. Ele apresenta o pilar da *moralidade* que lhe foi ensinado pela mãe ao colocá-lo de castigo quando fazia uma “coisa errada”, ou seja, algo que prejudicasse os outros. Ele tem, *facilidade de comunicação* e empatia, é *perspicaz* e *auto confiante*, o que é confirmado com a leitura dos pilares de Grotberg, pois **KM** se considera uma *pessoa legal, inteligente, que possui uma família, que quer ser jogador de futebol e está disposto a ajudar as pessoas que estão na rua*.

MHS, citado na p. 56 e 59, é um adolescente de 14 anos, do sexo masculino que mora na Ilha Santa Terezinha com o pai, a tia e outro primo. A mãe mora com a irmã porque é deficiente: teve um AVC e, atualmente, está numa cadeira de rodas. Gosta da escola e da AACA. Tem *empatia*, capacidade para se relacionar e *possui muitos amigos*. É *persistente e proativo*: gosta de jogar futebol e mexer no celular, frequenta as atividades da marinha e de uma igreja chamada o *Embaixador Real*. Também relatou sobre as gangues e o preconceito no Shopping. No entanto os traumas apontados , sobretudo, a ausência da mãe, são superados pelo amor generoso do pai e a companhia dos amigos. Diz que o pai sempre compra as coisas primeiramente para ele antes de comprar para si próprio e cuida dele quando está doente. Uma coisa que marcou foi que estava brincando com o primo num campo, pulou e feriu o pé e o pai fez os curativos até que ele ficasse bom. Considerando os pilares de Grotberg , ele diz que *quer ser um policial e que está disposto a ajudar à mãe* , a dar futuro melhor para ela e diz que *tem condições de fazer um concurso para a polícia militar*. Ele é um dos alunos que tem adoção à distância e assim se expressa:

Aqui, eu tenho um padrinho. Eu e uma menina. Só é nós dois que ganha presente. É todos os anos. É do tipo: nossos padrinhos são diferentes. Ninguém, daqui, ganha não. Só nós dois que ganha. É todos os anos. Mas, parou de dar por conta da pandemia. Ganho tipo: roupa, bolsa escolar. Meu padrinho não mora aqui não. Mora longe. Tipo Argentina e nos manda carta (adoção a distancia). Mandamos a carta desejando feliz natal. O eu que queria era uma chuteira, mas

nós não fazemos isso não. Nós não podemos pedir. Nós escrevemos, dizendo: feliz natal É eles que gostam de mandar mesmo. Eles que gostam de mandar.

7.3.3. Adolescentes não traumatizados.

RWA — É um adolescente de 14 anos, do sexo masculino. Tem um irmão e mora na ilha Santa Terezinha, com os pais que trabalham, sendo que a mãe trabalha no Shopping. Ele reconhece a existência de problemas na Ilha (brigas e desajustes), mas segundo ele, existem grupos que operam no sentido de melhorar essas situações. Sua família é tranquila e ele gosta de morar na Ilha por conta do aprendizado em duas escolas: a AACA e outra cujo nome não menciona. Tem diálogo com a família: conversa sobre a escola, sobre aquilo de que está precisando, sobre o uso do celular etc. O próprio pai é que lhe pergunta como está na escola. No celular, joga e assiste o Tik Tok, o Instagram. Tem bons amigos e se sente feliz em conversar com eles. Gosta de jogar bola e de fazer tarefas (principalmente de matemática e ciência), de mexer em chamas e de consertar peças de carro que não funcionam. Ajuda aos amigos a montarem os jogos: ele pesquisa na internet e monta junto com eles. Quando chegar à faculdade, vai fazer uma sobre jogos porque é o que ele sabe fazer. Sente-se rápido e ágil, mas quando chega o sono, quer adiar e não consegue. Uma história que lhe marcou foi um jantar com sua família onde as crianças não entendiam o que os adultos falavam.

Vê-se, neste menino, que a força para superar os obstáculos provém de uma família tranquila, na qual os pais são empregados, portanto, têm condições de manter a família e se preocupam com ele. Isso o leva, também, a ter sono à noite. Esse relacionamento positivo que existe na família, ele estende aos amigos e companheiros de escola a quem orienta nas brincadeiras. Também as preocupações referentes à Ilha, ele lança nas mãos dos responsáveis em quem acredita que vão solucionar os problemas. Quanto aos pilares de Grotberg, ele afirmou que é *rápido e ágil* e que *quer trabalhar com química* porque ajuda a várias atividades humanas e, ainda, com peças de carros, que *está disposto* a ajudar os outros a montarem brinquedos e *pode continuar* a ajudando. Portanto, ele apresenta as características de uma pessoa resiliente: tem *confiança* nos pais e nos dirigentes da comunidade, tem *independência* para agir, é *persistente, criativa*, tem *capacidade para se relacionar* com os amigos e é *consciente* de que pode ajudar mais.

FSG é um adolescente de 13 anos, do sexo masculino, que mora com os pais e um irmão. Tem outro irmão que já é casado e mora numa casa atrás da sua. A mãe faz o

trabalho doméstico e o pai trabalha fora: é feirante. Sua família é unida e todos se querem bem e se ajudam mutuamente. Por exemplo, ele ajuda no que precisa em casa, arma a barraca do pai e passeia com os cachorros do irmão, o que ele gosta muito de fazer. Sua família obedece às normas, como as da pandemia de usar máscara, de ficar em casa. A religião que frequenta é a Batista. Gosta de frequentar a igreja porque fazem brincadeiras (como gincana, competição bíblica), leitura da palavra de Deus e louvor. Gosta da ilha Santa Terezinha porque é calma, tem muitas festas e lá ele tem muitos amigos. Para ele, é bom demais morar lá: é um Paraíso. Sente felicidade porque o Shopping está perto: não precisa de carro para chegar lá. Gosta do convívio familiar e com os amigos, de escutar piada, de vir à AACA que, para ele, é um lugar muito bom. Ali, as atividades são boas: futebol, capoeira, música, dança, mas o futebol é o preferido porque é mais divertido: ele acha bom driblar.

Vê-se que é um menino realizado na família e na comunidade onde tem muitos amigos. Tem *empatia, capacidade para se relacionar*, inclusive com os animais, *otimismo e humor*. Essa realização pessoal tem origem na adequada estruturação da família, com o pai e a mãe vivendo e trabalhando para os filhos, norteados pela vivência evangélica. Quanto aos pilares de Grotberg, suas respostas e escolhas permitem confirmar que se trata de uma pessoa equilibrada e adaptada ao ambiente onde vive: *sou uma pessoa estudantil, tenho uma família e amigos, quero constituir uma família, estou disposto a lutar por um futuro melhor sem conflitos, posso conseguir que acabe a covid, obedecendo às normas e tomando as vacinas*.

MF gosta de morar na ilha, embora pretenda morar em outro lugar quando for possível. Parece ser um menino tranquilo e normal psicologicamente apesar de sua família encontrar-se em uma grave situação de pobreza. Ajuda a mãe nas tarefas de casa e joga futebol na escolinha do Sport. Ele se acha tímido e, excetuando a resposta ao *eu estou disposto a*, na qual ele diz que vai *ajudar minha mãe no que ela quiser*, as demais respostas aos pilares de Grotberg mostraram certa levandade nas escolhas: eu sou *bonito*; eu tenho um *celular e uma televisão*; eu quero ter *uma casa, um carro*.

VMF é uma adolescente de 13 anos, do sexo feminino cuja família está sempre com ela. Sente-se feliz em morar na Ilha e gosta da comunidade que, para ela, é boa e animada. Ela é empática e gosta de conversar com os amigos e familiares. Não fala dos problemas por que passa a ilha ou porque não desenvolveu uma consciência crítica para descobrir o problema ou porque, na família, não a deixam falar. Por essa mesma razão, não sabe explicar nada sobre o muro que separa o Shopping da comunidade. Não

menção atitudes em relação à família, mas os segredos só conta para os pais e amigos. Tem um alto conceito de si mesma: considera-se uma pessoa legal, gentil e amigável, que tem muitos amigos e, quando crescer, vai ser uma atleta. Está disposta a tudo para conseguir o que quer e pode ter muitas oportunidades.

HVS, é uma adolescente de 13 anos, do sexo feminino. Considera sua vida boa e não tem nada a reclamar. Sua mãe dá tudo o que precisa, portanto, ela não precisa trabalhar para seu sustento. Não é filha única: tem três irmãs e uma sobrinha que moram com ela. Sua escola é na ilha e, em sua opinião, é muito boa, como, também a AACA que frequenta desde os 4/5 anos. Quando tem dúvidas nas tarefas, trago para cá e eles a ensinam. Não pretende sair da ilha. Para ela, é normal morar na ilha onde tem várias amigas. HVS tem *empatia*, capacidade para se relacionar. Confia em si mesma e nos amigos e familiares. Quanto aos pilares de Grotberg, ela se diz perfeita, tem uma vida maravilhosa, vários amigos e a mãe. Está disposta a fazer tudo o que quiser.

FCL é uma adolescente de 12 anos, do sexo feminino que mora com os pais e o irmão. Sua convivência com os outros é boa. Se pudesse, mudaria de local, porém, na ilha, tem vários amigos e não pretende deixar. Não tem nenhuma dificuldade na AACA e nem na comunidade. Gosta de participar da AACA porque faz várias atividades. Tem confiança em si mesma. Gosta de animais. Acha-se boa e *independente*. Tem carisma e animação e quer ser veterinária. Por isso, está disposta a ajudar os animais da rua. Sua entrevista foi muito curta e não teve a segunda parte, razão pela qual, apresentou poucos dados a serem analisados.

MCC é uma adolescente de 15 anos que mora com a mãe, o padrasto e a irmã. A mãe e o padrasto trabalham. Ela e a irmã estudam e quando voltam do colégio, fazem as tarefas de casa. Considera sua vida boa e sem dificuldade. Gosta muito de estudar e morar na Ilha. Quer ser policial. Quer dar uma condição melhor para a sua mãe e sua família. Não teve nenhuma dificuldade na comunidade. Gosta de participar da AACA. Tem *autoestima*, *autoconfiança* e é muito *otimista*. Quanto aos pilares de Grotberg, ela se acha uma menina legal que tem muitas oportunidades para ser o que quiser, isto é, ser uma policial e comprar uma casa própria para a mãe; está disposto a tudo para realizar os seus sonhos e afirma que pode realizá-los.

7.3.4. Adolescentes com baixa taxa de resiliência.

ADML, (citado na p. 66), apresenta baixo nível de resiliência pelas razões elencadas a seguir: sua moralidade é fraca (rouba, joga pedra em ônibus etc) não tem capacidade para se relacionar, por isso não é empático e muito menos convincente: ninguém acredita nele e no que ele diz. Não conseguiu responder aos pilares de resiliência, mas vimos que não tem confiança em si mesmo, quer ser da marinha, mas “o povo diz que ele não vai se comportar bem”. Enfim sua autoestima é baixa, pois se considera um menino maluquinho. Entretanto, vimos que a rejeição da família é a causa de todos os problemas. Ele tem uma grande qualidade: é extrovertido, conta tudo o que está sentindo (sem cinismo), diz à própria família o que fez de errado, o que pode facilitar uma ajuda psicológica.

FES, (citada na p.67), com dificuldade de entrosamento com a família, gosta da AACAA porque lá encontra pessoas com quem pode conversar. Não é empática na família, mas fora sim, o que é contraditório. Trata-se de um Ego em conflito, motivado pelo complexo de Édipo mal resolvido, como vimos no capítulo anterior, que se diz orgulhosa, que não tem mais nada além de si mesma, que quer que as pessoas mudem e que sua família a entenda, mas não toma nenhuma iniciativa para que isso aconteça. Ela acredita que pode ter tudo o que quiser, mas não mostra como isso acontecerá. Retomando o que dissemos antes “ela é bonita, inteligente, alta e se diz segura das escolhas que faz: “quando digo que estou errada, estou, quando estou certa, estou”, mas não apresentou nenhum sonho concreto para sua vida, a não ser sair de casa.

7.3.5. Resultados.

A resiliência não nos pareceu ser um conceito simples, mas aponta em várias direções. Por exemplo, muitos pilares remetem a características do ser pessoa de cada um, como autoconfiante, independente, criativo; outros, como empatia, gratidão, disponibilidade e capacidade para dialogar acontecem na sua relação com o outro. Enquanto nos adultos, é mostrada uma situação estática acontecida no passado ou presente, nos adolescentes, pode-se descobrir, além do presente, uma perspectiva futura. A utilização dos pilares de Grotberg permite descobrir que: em “eu sou” as respostas se voltam para o próprio sujeito, em “eu tenho”, as respostas remetem à relação com o outro, ou com o objeto, ambos no presente; em “eu quero e eu posso” refere-se a uma perspectiva de alcance do objeto no futuro e “eu estou disposto a” também remete a uma disponibilidade de ação do sujeito para fazer o que for preciso no futuro. A seguir,

apresentamos os resultados da análise dos pilares encontrados por pessoa, quando, com a ajuda do aplicativo *Word Art Cloud*, foi feita uma representação visual da frequência em que um pilar aparece na análise, mostrando a importância de cada um. Primeiramente, vejamos os pilares mais gerais aplicados aos adultos e adolescentes

7.3.5 PILARES GERAIS

PE. BERNARDO: Proativo, criativo, empático, convincente, perseverante.

EDJ: Integridade moral, responsabilidade, empatia, espírito de liderança, convincente, proativo, capacidade para resolver os problemas, perseverante, capacidade para conviver com as diferenças.

AMPP: capaz de dialogar, convincente, perseverante, proativo, persistente, independente, criativo.

LEV: independência, iniciativa, integridade moral, humor, criatividade, empatia, autoestima e autoconfiança, perseverança, força de vontade, otimismo.

MJCS: criatividade, independência, capacidade de adaptação, força de vontade, persistência.

JUD: empatia, capacidade para se relacionar, otimismo, persistência e perseverança, proativo.

DAN: fé no diálogo, empatia, iniciativa, criatividade, autoestima, autoconfiança, força de vontade, persistência, otimismo, gratidão.

WJF: Gratuidade, empatia.

ARS: independência, iniciativa, empatia, proativo, autoconfiança, persistência, otimismo

MWF: autoconfiança, otimismo, realização.

FFF: consideração, empatia, autoestima elevada, lutar pela vida, que pode ajudar.

LVO: empatia, amorosa, cuidadosa, gratidão, autoestima elevada, otimismo, força de vontade, persistência,

CGA: autoestima elevada, inteligente, autoconfiança.

MWD: força interior, convicção, iniciativa, gratidão, empatia, legal.

KM: discernimento, moralidade, empatia, perspicácia, autoconfiança.

MHS: empatia, persistência, perseverança, proativo.

RWA: disponibilidade, autoconfiança, independência, persistência, criatividade, empatia, consciência.

FSG: empatia, otimismo, humor, equilíbrio, ambientada.

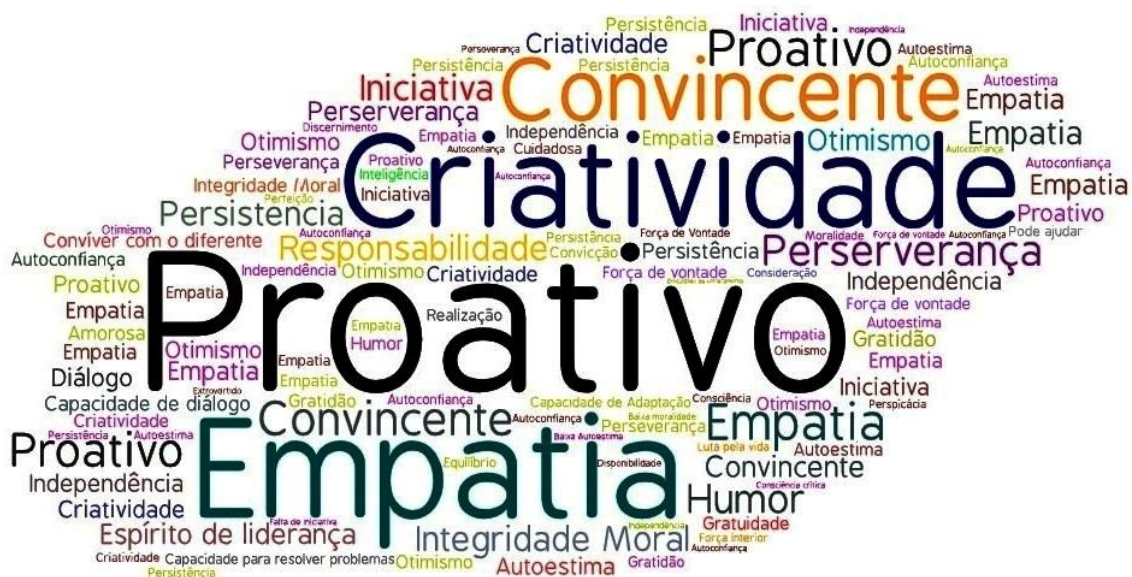
VMF: empatia, consciência crítica, autoconfiança.

HVS: *empatia*, autoconfiança, perfeita.

FCL: autoconfiança, independência.

MCC: autoestima, autoconfiança, otimismo.

FES: dificuldade de entrosamento com a família.



Essa nuvem resume os pilares gerais encontrados nos adultos e adolescentes e mostra que proativo é o mais encontrado, logo seguido por criatividade, empatia e convincente. Estão também em posição de destaque perseverança, humor, integridade moral, iniciativa e responsabilidade

EU TENHO

RWA: <i>saúde</i>	MWF: <i>paz</i>	MHS: <i>casa e família</i>
MFL: <i>celular, televisão brinquedos, cartas</i>	CGA: <i>família, parentes.</i>	APN: <i>sonho de um futuro bom, de dar um futuro bom para minha mãe e meu pai e viver a vida feliz.</i>
FSG: <i>família e amigos.</i>	KM: <i>família.</i>	FFF: <i>casa, família, amigos e considerações pela família.</i>
ADML: <i>Não tenho amigo e nem quero ter nenhum amigo.</i>	GVC: <i>um cachorro, dois passarinhos e uma tartaruga.</i>	MWD: <i>amigos, uma família e tudo o que eu quero.</i>
MKS: <i>vontade de tirar a minha família daqui.</i>	VMF: <i>muitos amigos.</i>	FES: <i>eu mesma.</i>
HVS: <i>amigos, mãe.</i>	FCL: <i>carisma, animação</i>	LVO: <i>13 anos.</i>
MCC: <i>oportunidades.</i>		



As respostas para “eu sou”, conforme afirmamos antes, remetem ao próprio sujeito, enquanto que as respostas para “eu tenho” se referem à relação do sujeito com o outro, (numa intersubjetividade) ou com o objeto. Nos casos registrados aqui, *eu tenho* foi respondido, na maioria dos casos, com *Família*’, seguido de amigos, de estados especiais (como: saúde, felicidade, paz, vontade, consideração, animação, sonho, futuro), por fim, de objetos (casa, televisão, cartas) e de animais de estimação (cachorro, tartaruga). Para Zilda Machado (2015:25,26) família, na a psicanálise, significa “cenários presentes nos desejos inconscientes que compõem o palco do drama edípico para a sua realização”.

EU QUERO

RWA: ser empresário, ajudar às pessoas.	MWF: construir uma família.	MHS: ser policial.
MFL: ter uma casa, ter um carro, ter filhos, casar.	CGA: ser jogador de futebol.	APN: ser um bombeiro, ser astrônomo.
FSG: criar uma família.	KM: ser jogador de futebol da seleção brasileira.	FFF: ser um jogador de futebol e professor de capoeira.
ADML: ter um celular, ter uma bicicleta.	GVC: ser uma pessoa na vida, crescer na vida.	MWD: ajudar a minha mãe e meu pai. Ter um celular. Dar uma casa para a minha mãe.
MKS: ser jogadora de futebol, ser professora, ousar policial militar	VMF: ser, jogadora de futebol, volei, fazer capoeira.	FES: que as pessoas mudem, que a minha família me entenda.
HVS: Tenho tudo, não preciso ter mais nada.	FCL: ser veterinária.	LVO: crescer, ter um trabalho, ter uma casa e cuidar da minha família.
MCC: ser policial e ter uma casa própria.		



.A categoria “eu quero” constroi dois principais subgrupos de respostas que estão na ordem do *ter* (querer ter) e do *ser* (querer ser). O destaque é dado a “ter uma casa”, o que resulta do contexto sócio econômico da Ilha e se vincula a mais duas categorias, também ressaltadas, que são “casar e construir uma família”.. O raciocínio parece ser o seguinte: para ter uma família, é preciso casar e para casar, é preciso ter casa.

Lembramos aqui o ditado popular que diz “quem casa quer casa”. As respostas na ordem do *ser* remetem ou ao inespecífico *ser alguém na vida*, ou a uma formação específica: *ser policial*, *ser professor*, *ser astrônomo* e, sobretudo, *ser jogador de futebol*. Existem,

ainda, uma resposta que remete a uma necessidade de mudança de vida, como *crescer*, ou a um desejo interior de *ajudar os outros*. Crescer pode ser em estatura física, ou ainda em realizações pessoais. Veja-se, ainda que, embora o querer esteja no presente, a perspectiva da alcance do objeto parece ser no futuro”

EU ESTOU DISPOSTO(A)

RWA: ajudar os outros	MWF: fazer as pessoas felizes.	MHS: ajudar a minha mãe. Dar um futuro melhor a minha mãe.
MFL: ajudar a minha mãe, crescer na vida, ajudar muito ela, ajudar a ela no que ela quiser.	CGA: a merolhar muito, estudar para crescer na vida.	APN: fazer tudo que eu puder na minha vida, ter um bom emprego, formar uma família futuramente
FSG: ter um futuro melhor, ter um futuro sem conflito.	KM: ajudar as pessoas que estão na rua.	FFF: mudar a vida da comunidade, lutar pela comunidade.
ADML: ficar em casa.	GVC: ser melhor do que eu sou.	MWD: fazer várias coisas, ajudar à mãe, ajudar à família.
MKS: estudar, estudar muito, Crescer, sair dessa.	VMF: fazer tudo	FES: a mudar de vida.
HVS: fazer tudo, Conhecer vários amigos. Dançar quadrilha. Ter amigos na comunidade inteira.	FCL: ajudar os animais	LVO: fazer tudo pela minha família.
MCC: fazer tudo o que minha mãe e minha família quer.		



Conforme dissemos no início desse capítulo, as respostas à categoria “eu estou disposto a”, também remete a uma disponibilidade de ação do sujeito para fazer o que for preciso no futuro, (p. 89). A resposta mais encontrada é “ eu estou disposto a ajudar” tanto aos outros, como a minha mãe. Nessa ajuda, destaca-se o *fazer o outro feliz*, o que pode estar vinculado a outras categorias, como eu sou bom, eu tenho uma

família, eu quero ter uma casa, ou seja, eu estou disposto a fazer minha família feliz, comprando uma casa para ela, estou disposto a fazer minha família feliz, sendo bom e assim por diante.

EU POSSO

RWA: continuar ajudando	MWF: ser um cirurgião	MHS: ser policial, fazer um concurso militar, estudar.
MFL: ser jogador de futebol, correr atrás, lutar, batalhar, ser policial.	CGA: fazer tudo o que eu quero.	APN: fazer tudo o que eu quiser.
FSG: acabar com a Covid 19, obedecer às normas, continuar tomando as vacinas.	FFF: ir aos Estados Unidos, lutar na comunidade, ajudar a comunidade, ajudara minha família.	ADML: tudo o que eu quiser viajar, trabalhar, fazer um bocado de coisa.
GVC: ser médica, ser veterinária.	MWD: ser professora, ser jogadora de bola.	MKS: fazer muita coisa para melhorar a minha vida.
VMF: ter muitas oportunidades na vida, conseguir o que eu quero.	FES: ter o que eu quero.	FCL: acolher os bichos.
LVO: fazer tudo o que eu quiser. Conquistar, trabalhar, fazer medicina, Fazer faculdade, Ter força de vontade, lutar.	MCC: realizar tudo o que eu quero.	



“Eu posso” remete às condições, ou à força interior que um sujeito possui para fazer alguma coisa. As respostas obtidas se assemelham ou completam àquelas já dadas para “eu quero”, podendo ser reunidas da seguinte forma: “eu quero” e “eu posso” ajudar à comunidade. Não é só um querer, uma vontade internalizada, mas um “ter condições” para realizar o fato, estar preparado para reslizar o fato. Nessa direção, eles

têm condições de fazer “tudo o que elas querem”, como ser policial, ser um cirurgião e lutar pela comunidade.

8 CONCLUSÃO

Essa pesquisa procurou estudar o fortalecimento da capacidade de resiliência como fator de superação do trauma psicológico na Associação de apoio à criança e ao adolescente-AACA, que foi fundada em meio ao processo de reconstrução da comunidade carente Ilha Santa Terezinha, empreendido pelo Movimento dos Focolares. Os sujeitos entrevistados foram adolescentes (de 14 a 16 anos), funcionários cuja maioria reside na Ilha e moradores (atuais ou não) que estiveram no processo de reconstrução da Ilha e de edificação da AACA.

Apesar de os estudos sobre a resiliência que são trazidos ao campo da psicanálise causarem alguns questionamentos, como dissemos a princípio, por estarem associados a outras áreas da psicologia, vimos como necessário incluí-los na discussão psicanalítica para melhor entendermos os entrevistados. Afinal, os traumas se abrigam na psiquê humana, onde se reúnem outras forças psíquicas que filtram as excitações exteriores excessivas, o que Freud (1920) chamou aparelhos de proteção da psiquê. Por isso, sem nos afastarmos dos princípios da teoria psicanalítica, que apresentamos no segundo capítulo, da página 22 a 39, utilizamos os pressupostos teóricos da resiliência, principalmente o estudo sobre seus pilares, como ajuda complementar da análise de superação de traumas em pessoas em situação de vulnerabilidade.

Ao visitarmos a comunidade, observamos que não era possível fazermos uma análise do adolescente sem vinculá-los a uma história comum que vai da reconstrução da Ilha à criação da AACA porque foi precisamente essa história que nos permitiu descobrir a existência de pessoas resilientes e, portanto, que foram capazes de mostrar aos adolescentes e seus familiares ser possível viver por um mundo novo, um mundo onde as pessoas se dão umas às outras sem se preocuparem com recompensa.

Em trabalho que apresentamos na 59ª reunião anual da SBPC, havíamos discutido sobre o fato de que “as escolas não têm desempenhado bem o seu papel na formação da resiliência” por falta de ambiente adequado e de tempo para as atividades que “propiciem à aquisição da resiliência pelos alunos”, por falta de apoio dos pais que não têm tempo para os seus filhos e, às vezes, dos professores e diretores “que não se preocupam em preparar os alunos para serem resilientes; eles próprios não são resilientes” (2009). Diferentemente, nesta pesquisa, que constitui nossa dissertação de mestrado, incluímos pessoas, de diversas idades, pobres (não miseráveis) profundamente resilientes, que deram tudo de si para reconstruir uma Ilha que ninguém queria, cujos moradores eram vistos com maus olhos pela classe alta e ali deixaram uma

escola, que se destaca pela formação humana que fornece, além de ser uma estrutura de apoio à pobreza. Os dados foram obtidos, através de entrevistas (transcritas e trazidas em anexo) com vinte e oito pessoas, sendo oito moradores/funcionários e vinte adolescentes, dez do sexo masculino e dez do feminino.

O estudo analítico propriamente dito teve início com os eventos causadores de trauma, (existentes desde a descoberta da Ilha pelo Pe. Bernardo) e que não redundaram em empecilho para sua reconstrução, pois as pessoas envolvidas eram maduras e haviam feito uma escolha daquela situação como sentido para suas vida. Por outro lado, os eventos acabaram sendo motivos para a formação dos chamados traumas psicológicos encontrados em muitos adolescentes. Desses eventos, primeiramente se destacam situações de pobreza extrema com país desempregado, tendo como primeira consequência a dissolução da família, da qual resta apenas a presença da mãe, a principal referência dos adolescentes. São ainda consequência da pobreza os problemas com a saúde e a moradia insuficiente. No processo de reconstrução da ilha, além da construção da capela e da escola (hoje mantida pelo governo), foi feito também um posto de saúde, mas as doenças graves devem ser atendidas fora da Ilha, como vem acontecendo com a irmã de CGA. Quanto à moradia, apesar de terem sido reconstruídos os casebres antigos, alguns são apertados para abrigar todo o crescimento da família.

Os outros eventos causadores de trauma são o preconceito de que são vítima os moradores, principalmente os afro-descendentes quando chegam ao Shopping, a existência de Gangues de rivais e a difusão de drogas que têm prejudicado grandemente a tranquilidade das famílias.

Quando nos referimos a eventos traumáticos, logo fazemos uma ligação com pessoas resilientes que superam esse tipo de situação, tornam-se pessoas fortes para desenvolverem um modo de vida próprio, adaptando-se às situações em que se encontram, em meio a uma sociedade capitalista e desumana. Foi o que aconteceu com as pessoas aqui entrevistadas, sobretudo com os adolescentes que, na AACA, vêm se preparando para o enfrentamento das diversidades.

O interesse maior do nosso trabalho, entretanto, foram os traumas psicológicos propriamente ditos deixados por tais eventos e que foram superados ou minimizados com o desenvolvimento da capacidade de resiliência, entre os quais se destacam: depressão, ansiedade, sentimento de ser um intruso numa nova família, a rejeição da própria família, tristeza com os desajustes familiares (fruto do desemprego, da pobreza extrema e uso das drogas), a perda brusca da família de origem, o complexo de Édipo

mal resolvido pela ausência de um dos genitores e, ainda, a violência física e psíquica gerada pelo preconceito que atinge, principalmente, um grupo dentro da comunidade que é o de cor negra e mestiça. Naturalmente, ao lado da consciência da existência dos traumas apontados, observou-se, nos sujeitos, uma busca para superá-los, o que foi estudado no capítulo sete, considerando, um percurso que caminha desde os moradores que reconstruíram a Ilha e formaram a comunidade até os funcionários e os adolescentes. Esse percurso da resiliência teve início, como dissemos, com o Pe. Bernardo que acreditou que a Ilha poderia ser humanizada e, com sua ida, com os membros do Movimento dos Focolares que ali se estabeleceram, em diferentes épocas, (a princípio, morando em duas casas GEN na comunidade e, depois, em suas próprias em Recife) que superaram as dificuldades e eventos traumáticos já elencados até chegarem aos adolescentes que, por sua vez, representam o futuro da comunidade. Existe, assim, uma questão temporal que gera uma diferença entre a atuação dos reconstrutores, dos funcionários dos adolescentes. Enquanto os primeiros apresentam uma performance de realização acontecida no passado, os funcionários representam a continuidade daqueles no presente e os alunos o serão no futuro. A realização futura deles está sendo construída com a participação daqueles que os antecederam: pais, professores, funcionários e construtores da AACA.

A leitura dos pilares permitiu considerar que a natureza da capacidade de resiliência caminha em várias direções, apontando ora para uma relação intrasubjetiva, que acontece na interioridade do sujeito, e outros na relação com outros sujeitos, dentro de uma intersubjetividade. Ser proativo, ser criativo, ter iniciativa e empatia foram os pilares que se destacaram. A maioria fala que tem muitos amigos com os quais se diverte, ajudando-se mutuamente. Quanto às categorias de Grotberg, muitas respostas do “eu sou” remetem para *legal, lindo, boa, maravilhosa, independente, perfeita* que traduzem uma avaliação altamente positiva do ego; “eu tenho”, com poucas exceções, teve como resposta *família e amigos*; “eu quero” teve como respostas *ter uma casa e ter uma profissão*, destacando-se *jogador de futebol, policial, professor, médico*; “eu posso” é respondido por *ajudar a meus pais, fazer o que eu quero, passar em concurso* e “estou disposto a” aparece respondido por *ajudar minha mãe e aos outros, estudar para crescer na vida, mudar a vida da comunidade*.

Transparece, nos discursos dos adolescentes, um grande desejo de ajudar os pais, sobretudo a mãe para a quem desejam comprar uma casa própria. É que alguns moram

com os pais ou padrastos e têm de um a cinco irmãos. Já outros, moram com a mãe, a tia ou a avó. Há pais que não trabalham, outros que trabalham sem carteira assinada e outros ainda que não têm emprego fixo.

A mãe tem um papel importante na condução da família. Na maioria dos casos, são elas que realizam os afazeres domésticos, servem de apoio e acolhimento e ajudam o adolescente a enfrentar as dificuldades. Muitos afirmaram ser muito ligados aos familiares e aquilo que mais gostam de fazer é estar com eles. Porém, encontramos, alguns adolescentes cujas mães não estão muito presentes em suas vidas; eles não sabem o que elas estão fazendo, pois trabalham e chegam tarde. Existe relato de um adolescente que quase não vê a mãe. Aqueles que cuidam dele o deixam brincar na rua. Por isso, na resposta que deu ao *eu quero*, foi *ficar em casa*.

Como esse menino cujo relato denuncia a rejeição sofrida, outros também utilizaram a oportunidade que tiveram de falar, nessa pesquisa, para denunciar, destacando-se a denúncia contra o preconceito no Shopping com moradores da Ilha, em especial com os afrodescendentes que sofrem danos morais e físicos (presenciados por muitos). Essa denúncia não partiu da pessoa que sofreu com o evento traumático, mas de seus próprios colegas que ficaram entristecidos e revoltados. Isso nos leva a pensar numa comprovação real da frase dos humanistas, segundo os quais ferir um homem é ferir toda a humanidade que existe nele. Estamos todos feridos na nossa humanidade: negra, pobre e doente sem cuidados e assassinadas nas ruas e pouco ou nada fazemos para melhorá-la.

Finalizando esse momento, quero — aqui falo em primeira pessoa porque brota da minha alma — dizer que fazer essa pesquisa não foi simplesmente um trabalho acadêmico, mas um momento de aprendizado humano. Conviver com os adolescentes e funcionários da AACA foi, não só adentrar e compreender o seu mundo, como trazê-los próximos a mim. Fiz muitos amigos: abracei-os e me emocionei com eles. A abertura que tiveram comigo, de contar seus sofrimentos e sonhos, providenciou o desfecho desse trabalho e por isso lhes sou muito grata. Fiquei impressionada porque, mesmo passando por muitas dificuldades, sendo pessoas vulneráveis, são alegres e satisfeitos com a vida. Vê-se que tem um sentido para vida, uma busca pela realização pessoal, familiar ou grupal. Apresentam valores que podem edificar suas vidas e a da comunidade.

.

9. REFERÊNCIAS

A) BIBLIOGRAFIA

ANAULT, M. (2006). La résilience au risque de la psychanalyse ou la psychanalyse au risque de la résilience. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience** (pp. 77-04). Paris: Odile Jacob.

ALBERTI, Sonia. **A sexualidade na aurora do século XXI**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: São Paulo: Fapesp, 2008

BAILLY, L. (2006). Résilience et psychanalyse. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience** (pp. 223-234). Paris: Odile Jacob.

BALINT, M. Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis. In M. Balint, **Primary love and psycho-analytic technique**. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1949).

BALINT, M (1985). New beginning and the paranoid and the depressive syndromes. In M. Balint, **Primary love and psycho-analytic technique**. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1952).

BALINT, M (1987). *Thrills & Regressions*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1959).

BERTRAND, M. (2006). Résilience et traumatismes: un point de vue psychanalytique. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience** (pp. 205-222). Paris: Odile Jacob.

BION, W. R. (99). **O aprender com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago.

BOURGUIGNON, O. (2006). Perspectives théoriques et réalités humaines. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience**(pp. 05-26). Paris: Odile Jacob.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva (orgs). **Dicionário Técnico de Psicologia**. Editora Cultrix: São Paulo, 1997, 406p.

CABRAL, Stela Araújo e LEVANDOWSK, Daniela Centenara. **Resiliência e psicanálise: aspectos teóricos e possibilidades de investigação**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 6,42-55, mar. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000100004>

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz e GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno Multidimensional**. RAE-eletrônica, Volume, Número 2, jul-dez/2002. (site: Conceito de Pobreza.pdf)

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CYRULNIK & P. DUVAL (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience** (pp. 05-26). Paris: Odile Jacob.

CYRULNIK, B. (2004). **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. **Resiliência: essa capacidade de construção humana**. Instituto Piaget. Coleção Horizontes Pedagógicos. Editora Odile Jacob. Lisboa, 2000

DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997, 350 p

DELAGE, M. (2002). **Aide à la résilience familiale dans les situations traumatiques.** *Thérapie familiale*, Genève, 23(3), 269-287.

EBERT, Michael H. LOOSEN, Peter T e NURCOMBE, Barry. **Psiquiatria Diagnóstico e Tratamento.** Editora Artmed. Trad. Maria Cristina Monteiro, Lúcia Porto, Alceu Fillmann. Porto Alegre, 2002.

FONSECA, V. W. O jeitinho brasileiro: quando a criatura desafia o criador. In: COELHO DOS SANTOS, T.; DECOURT, M. C. A cabeça do brasileiro no divã. Rio de Janeiro: Sephora, 2008, p.57-72.

FIGUEREDO, Luís Claudio. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea.** São Paulo: Escuta, 2003.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo.** Tradução: Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2005

FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo (1922). In: _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 269-281. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud das obras psicológica completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira. Volume III. Rio de Janeiro. Primeira edição em dezembro de 1979. Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud das obras psicológica completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira. Volume XIV. Rio de Janeiro. Primeira edição em dezembro de 1979. Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud das obras psicológica completas de Sigmund Freud.** Edição Standard Brasileira. Volume XIX. Rio de Janeiro. Primeira edição em dezembro de 1979. Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Das Unbeuaste, 95. G.W., X, 28; S.E.; XIV, 8: Fr., 2
_____ (1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 387-529). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

FREUD, Anna. O tratamento psicanalítico de crianças: preleções técnicas e ensaios. Tradução de Marco Aurélio Moura Matos. Imago Editora. 5º ed. 1997

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura.** *Rev. Brasileira de Psicanálise* [online]. 2007, vol.41, n.3, pp. 69-87. ISSN 0486-64X. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no collège de France. Tradução: Márcio Alves da Fonseca. 3º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FULGENCIO, Leopoldo. **A noção de trauma em Freud e Winnicott.** *Natureza Humana*. [online]. 2004, vol.6, n.2, pp. 255-270. ISSN 57-2430. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200003

GOLSE, B. (2003). **Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

GOLSE, B. (2006). **Le pédopsychiatre – psychanalyste face au concept de résilience. La résilience avant l’après-coup**. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), *Psychanalyse et Résilience* (pp. 6-76). Paris: Odile Jacob.

GUEDENEY, A. (2006). L’attachement et la résilience: théorie, clinique et politique sociale. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), *Psychanalyse et Résilience* (pp. 55-56). Paris: Odile Jacob.

GROTBERG, E. La resilienci en accion. Trabajo presentado en el Seminario Internacional sobre Aplicacion del Concepto de Resiliencia en Proyectos Sociales. Universidad Nacional de Lanús. Fundación Bernard Van Leer, 1997

HANUS, M. (2006). Freud et Prométhée, un abord psychanalytique de la resilience. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), *Psychanalyse et Résilience* (pp. 68-78). Paris: Odile Jacob.

KUPERMANN, Daniel e OSMO, Alan. Confusão de Línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LARANJEIRA, C. A. S. de J. (2007, jul.set.). **Do invulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, 23(3), 327-332.

LEMAY, M. (2000). **La résilience avant la violence**. *Revue Québécoise de Psychologie*, 22(), 35-48

LUTHAR, S & CUICCHETTI, D. Measurement issues in the empirical study of resilience: an overview. En Glantz, M; Johnson, J (EDS). *Resilience and Development: Positive life Adaptations*, New York, Plenum Publishers.

LINDSTRÖM, B. (2000, abr.). **O significado de resiliência**. *Adolescência Latinoamericana*, Porto Alegre, 2(3), 33-37.

MACHADO, Lisiane, KASSICK, Cristine e GEHLEN, Luciana. Resiliência como capacidade de adaptação no retorno ao mercado de trabalho em indivíduos do regime fechado. Site: http://sobrare.com.br/Uploads/20131205_resilincia.pdf

MARTINELLI, Selma de Cassia e BORGES, Thelma Pontes. **Desempenho acadêmico e integridade do ego**. *Psic: revista da Vetor Editora* [online]. 2006, vol.7, n 1, pp. 49-58. ISSN 676-734.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100007

MALGARIM, Bibiana Godoi. Resiliência entre trauma e tratamento: Um estudo qualitativo. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

MERLEAU-PONTY “**Le métaphysique dans l' homme**” (*Sens et non-sens*, Paris, Nagel, 1966)

MELILLO, Aldo & OJEDA, Elbio Néstor Suárez. **Resiliência: Descobrindo as próprias fortalezas**. Buenos Aires, Paidós: 2000

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez; RODRÍGUEZ, Daniel. **Resiliencia y subjetividade: Los ciclos de la vida**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

MORENO, Manuela Assunção e JÚNIOR, Nelson Ernesto Coelho. **Trauma, uma falha no cuidar? diálogo entre Ferenczi e Winnicott**

NETO, Alfredo Naffah. *Nat. hum.*[online]. 200, vol.2, n.2, pp. -8. ISSN 57-2430. **Falso self e patologia borderline no pensamento de Winnicott: antecedentes históricos e desenvolvimentos subsequentes.**

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200004&lng=pt&nrm=iso

PONTALIS, Jean. **Vocabulário de Psicanálise** Laplanche Pontalis. 3º ed. São Paulo, Martins Fonte, 1998.

P. RICOEUR, **Freud et la philosophie; essai sur l'interprétation**, Paris, Seuil, 965 (ed. atual: Seuil, 1995).

RASTIER, François – Directeur de Recherche au CNRS. *Sémantique Interprétative*. Presses Universitaires de France.

ROSE, Nicolas. **Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade**. Petropolis – RJ. Vozes: 2011

SOUZA, O. (2003). **Trauma, criatividade e defesa**. *Tempo Psicanalítico*, (35), 5-35.

STRATTON, Peter e HAYES, Nicky. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994

TALLAFERRO, Alberto. *Curso básico de psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TYCHEY, C. de & LIGHEZZOLO, J. (2006). La résilience au regard de la psychologie clinique psychanalytique. In B. Cyrulnik & P. Duval (Orgs.), **Psychanalyse et Résilience**(pp. 27-54). Paris: Odile Jacob.

WALSH, F. (1996, sept.). **The concept of family resilience: crisis and challenge**. *Family Process*, 35(3), 6-8.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago editora, 1975

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983.

WINNICOTT. **Da pediatria à psicanálise – Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (1997). *Poscript: D. W. W. on D. W. W.* In D. W. Winnicott (1997/1989a), *Psycho-analytic explorations*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1989[1967]; respeitando-se a classificação de Huljmand, temos 1989f[1967])

Winnicott, D. W. (1999). *The spontaneous gesture – selected letters of D. W. Winnicott*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1987; respeitando-se a classificação de Huljmand, temos 1987b)

WOLCOTT, H. T. (1994). **Transforming qualitative data: Description, Analysis, and interpretation**. Thousand Oaks, CA: Sage.

ZANOTTI et al. **Trauma e sintoma: da generalização à singularidade**. *Revista Mal-Estar e Subjetividade* [online]. 2006, vol.6, n.2, pp. 3-33. ISSN 58-648.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200003

ZUKERFELD, R. (2005,jun). **Psicanálise, psicossomática e medicina: sobre a vulnerabilidade e a resiliência**. Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

B) FONTES CONSULTADAS NA WEB

Como ser mais autoconfiante. Por Fãs da Psicanálise, 17 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.fasdapsicanalise.com.br/como-ser-mais-autoconfiante/>

Ego ideal x Ideal do ego / Eu ideal x Ideal do eu | Psicanálise. Ego ideal x Ideal do ego – Diferenças. Recuperado em 30 de maio, 2017. Disponível em: <https://psicoativo.com/2017/05/ego-ideal-x-ideal-do-ego-eu-ideal-x-ideal-do-eu-psicanalise.html>

Psiquiatria Geral.**CONSIDERAÇÕES GERAIS: FORÇA DE EGO E NIVEIS DE DEFESA**. Disponível em: https://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/ego_niveis_defesa.htm/

Trauma e sintoma: da generalização à singularidade. Fortaleza set. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Usor/Desktop/Psicologia%20e%20Epistemologia/Trauma%20e%20sintoma%20da%20generaliza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20singularidade.html/>

<file:///C:/Users/Usor/Desktop/Psicologia%20e%20Epistemologia/Trauma,%20a%20failure%20to%20care%20dialogue%20between%20Ferenczi%20and%20Winnicott.html/>

Sexo, Sexualidade e Sexuação. Disponível em: <https://www.associacaolivrepicanalise.com.br/sexo-sexualidade-e-sexuacao/>
Data: 09/03/2022

Tudo sobre resiliência. Edith Grotberg. Desenvolvimento. Pesquisa. Resiliência.Dra. Edith Grotberg: Eu posso, eu sou, eu tenho. Disponível em: <file:///J:/Texto/Tudo%20sobre%20Resili%C3%Aancia/Edith%20Grotberg%20no%20desenvolvimento%20de%20pesquisas%20sobre%20Resili%C3%Aancia%20%E2%80%93%20SOBRARE.mhtml>

O que é resiliência? Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/artigos/o-que-e-resiliencia/>

Trauma, uma falha no cuidar? diálogo entre Ferenczi e Winnicott. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000400005&script=sci_arttext#:~:text=Em%20seu%20texto%20O%20conceito,uma%20prote%C3%A7%C3%A3o%20quanto%20%C3%A0%20traumatiza%C3%A7%C3%A3o.&text=Esse%20processo%20constitui%20a%20base%20para%20a%20capacidade%20de%20ambival%C3%Aancia%20da%20crian%C3%A7a

Resiliência e psicanálise: aspectos teóricos e possibilidades de investigação. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 16(1), 42-55, mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/qRvRWKsThxSVRNMzkbzmsdF/?format=pdf&lang=pt>

A noção de trauma em Freud e Winnicott. São Paulo dez. 2004. Disponível em: <file:///H:/A%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20trauma%20em%20Freud%20e%20Winnicott.html>

Escola de psicanálise. Artigos. Conceito da semana. Disponível em: <https://www.escoladepsicanalise.com.br/blog/artigos/conceito-da-semana-trauma/>

Ego: o que é, qual a sua influência e como reconhecê-lo. Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/blog/ego/>

Terapia em dia. Disponível em: <http://www.terapiaemdia.com.br/?p=1239>

Que lugar para as drogas no sujeito? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WpxyYX5wnQ83v5tQ7JQFJvL/?lang=pt#:~:text=No%20interior%20do%20campo%20da,FREUD%2C%201930%2F1996.>

Toxicomania: uma abordagem psicanalítica. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16092/3/Toxicomanias%20uma%20abordagem%20psicanal%C3%ADtica.pdf>

Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37DZD4n/abstract/?lang=pt>

Manual Técnico de Psicanálise: uma revisão. Disponível em: <https://feapsico2012.files.wordpress.com/2015/04/manual-de-tecnica-psicanalitica-uma-revisc3a3o-zimmerman.pdf>

Luto e Melancolia: Sigmund Freud. Disponível em: https://clincasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luto_e_melancolia_-_sigmund_freud.pdf

A negação. Sigmund Freud. Disponível em: <https://www.efuturo.com.br/materialbibliotecaonline/2765A-Negacao.pdf>

A negação lógica e a lógica do sujeito. Disponível em:

[https://www.scielo.br/j/agora/a/p75pKdhxj7gPx5qDF5PnLyy/?lang=pt#:~:text=Freud%20\(1925\)%20compara%20a%20fala,%C3%A9%20reconhecido%2C%20mas%20n%C3%A3o%20admitido.&text=A%20primeira%20nega%C3%A7%C3%A3o%20da%20qual,nega%C3%A7%C3%A3o%20enquanto%20contr%C3%A1rio%20ou%20oposto](https://www.scielo.br/j/agora/a/p75pKdhxj7gPx5qDF5PnLyy/?lang=pt#:~:text=Freud%20(1925)%20compara%20a%20fala,%C3%A9%20reconhecido%2C%20mas%20n%C3%A3o%20admitido.&text=A%20primeira%20nega%C3%A7%C3%A3o%20da%20qual,nega%C3%A7%C3%A3o%20enquanto%20contr%C3%A1rio%20ou%20oposto)

Ciúmes: do normal ao patológico. Disponível em: <http://www.cbp.org.br/n43a04.pdf>

A família está viva! Uma abordagem psicanalítica: Disponível em:

<https://ibdfam.org.br/artigos/1047/A+familia+est%C3%A1+viva!+Uma+abordagem+psicanal%C3%ADtica#:~:text=A%20fam%C3%ADlia%2C%20para%20a%20psican%C3%A1lise,onde%20o%20sujeito%20se%20constitui.>

10. ANEXOS

Anexo 1

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados Pais de alunos e Coordenadores da AACA,

Eu, *Raquel Barbosa de Mesquita Batista*, mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, estou desenvolvendo a dissertação, intitulada *O fortalecimento da capacidade de resiliência como fator de superação de traumas na comunidade carente*, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientada pelo Prof^oDr^o Renato Mezan.

Gostaria de convidar seu filho/ sua filha a participar de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é estudar a superação dos traumas em adolescentes, moradores de comunidades carentes, a fim de descobrir um possível relacionamento com o desenvolvimento da capacidade de resiliência.

Para tanto, serão utilizadas entrevistas e análises de dados que, com o auxílio das respostas dadas vão me permitir realizar minha dissertação de mestrado, contribuindo para ampliação do conhecimento sobre o desenvolvimento da capacidade de resiliência como fator de superação de traumas.

Cabe ressaltar que os documentos acima são de baixo ou de nenhum risco e não vão gerar custo benefício para a pesquisa.

O local não oferece risco nem para o pesquisador, nem para os analisandos. A entrevista será feita numa sala que foi disponibilizada pela Associação de Apoio a criança e ao adolescente - AACA, vizinha a secretaria, para permitir aos funcionários ter acesso à sala em caso de necessidade.

Os entrevistados, tanto os adolescentes como adultos, não serão apontados pelo nome próprio, mas com uma sigla indicada pelo pesquisador. Portanto, o sigilo em torno da sua identidade será preservado e sua privacidade será mantida através destes termos.

Vamos necessitar fazer um pequeno questionário com os adolescentes e, também, colher informações da instituição pesquisada. Caso necessite de gravação, filmagem ou foto do local, será feito com o consentimento do pesquisando e da instituição pesquisada.

A pesquisadora vai colocar o trabalho à disposição a partir da defesa da dissertação para informar os resultados obtidos aos interessados. Os encontros poderão

ser marcados através de uma visita ao local pesquisado ou por telefone (conforme for necessário e assim que os celulares estiverem disponíveis para o contato).

Mantenho-me a disposição para qualquer esclarecimento acerca da pesquisa. Os resultados também ficarão disponíveis na biblioteca central da PUCSP Nadir Gouveia Kfourir. O presente consentimento foi emitido em duas vias, sendo que uma ficará em poder do pesquisador e a outra com o participante. Em qualquer momento da pesquisa, o participante poderá sair sem prejuízo.

Quaisquer dúvidas sobre as questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser esclarecido e sanadas através do comitê de ética em pesquisa da PUCSP no seguinte contato:

CEP – Sede Campus Monte Alegre. Rua Ministro Godoi, 969 – Perdizes – São Paulo – SP. 0505-00. Edifício Reitor Bandeira de Mello/ Sala 63 C/ Térreo
Telefone/Fax () 36708466 e mail: cometica@pucsp.br

Obrigada pela sua participação,

Atenciosamente,

TERMO DE CONSENTIMENTO PRÉ – INFORMADO

Eu, _____ declaro

haver compreendido o objetivo da pesquisa de mestrado intitulado *O fortalecimento da capacidade de resiliência como fator de superação de traumas na comunidade carente*; **haver compreendido as informações** sobre a necessidade de intervenção da pesquisadora e **concordar com a gravação**, filmagens e fotografias dos procedimentos da pesquisa, embora mantendo em sigilo o meu nome próprio.

Assinatura

PARECER DA PLATAFORMA BRASIL

Anexos 2
Fichas para as entrevistas

ADOLESCENTES

1. Identificação:

Nome completo

Pseudônimo com o qual vai ser referido nesta pesquisa

Idade: Sexo: Endereço: Bairro: Estado:

2. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACCA, etc)

3. Por favor, complete essas frases:

a) Eu sou.

b) Eu tenho.

c) Eu quero.

d) Eu estou disposto(a).

e) Eu posso.

FUNCIONÁRIOS DA AACA

1. Identificação

Nome completo:

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: Sexo: Endereço: Bairro: Estado:

Responda, por favor, a essas perguntas:

- A) O que é AACA? Quem os mantem? Que trabalhos são desenvolvidos aqui? Quantas crianças são atendidas? Como eram as crianças antes de virem para cá e como elas estão hoje?
- B) Você sente que seus alunos conseguem realizar tarefas propostas por vocês? Por quê?
- C) Como eles se sentem perante os desafios da vida?
- D) Aqui na instituição, eles já passaram por algum trauma? Poderia me dizer o que foi e como conseguiram superá-los?

MORADORES DA ILHA

2. Nome completo
3. Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:
4. Idade: Sexo: Endereço: Bairro: Estado:

Responda, por favor, a essas perguntas:

1. Poderia nos contar como surgiu a Ilha Santa Terezinha.
2. E, para você, como é sua experiência em morar aqui.
3. Já teve a oportunidade de morar em outro lugar? Se positivo, por que não foi?
4. O que você faz aqui na Ilha pela comunidade?
5. Como é a convivência entre as pessoas?
6. Participou de algum momento de dificuldade para a comunidade? Pode contar alguma coisa a respeito: dificuldades e soluções encontradas.

2. TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

3.1 Morador da Ilha.

1. Nome completo: **EDJ**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa: EDJ

Idade:59 Sexo: Masculino Endereço: XXX

Bairro: XXX Recife Estado: PE

P. Poderia nos contar como surgiu a Ilha Santa Terezinha?

EDJ. *Na tentativa de buscar uma condição de vida, (as pessoas) vêm da zona rural para a capital. Chegando aqui, não encontram trabalho, casa, não encontram nada e quem abraça eles é a maré. Então, os primeiros habitantes nossos ocuparam o mangue. Eles pegavam a lama e, quando secava, ali ficavam pequenas madeiras. Eles faziam seus barracos com isso. Isso deu o início ao primeiro nome da comunidade que era chamada Ilha dos 3 Coqueiros. E por que isso? Porque era uma pequena ilha, pequenos barracos rodeados de água por todos os lados. Era uma própria ilha. Não tinham luz, não tinham água. Então, muitos, além de viverem da própria pesca, faziam pequenos bicastes no porto do Recife. Quando retornavam para casa, está tudo escuro, e agora? Onde eu moro, onde me localizo. Então, na casa de Zacarias, que é uma das primeiras casas da frente, tinha 3 coqueiros que serviam de ponto de referência. Então, quando viam os 3 coqueiros, os moradores diziam: “ah, é ali que moro” e chegavam até aqui. Ou seja, os 3 coqueiros estavam como ponto de referência para os primeiros habitantes da comunidade, assim como o farol de Olinda está para os navios. Com o passar do tempo, esses barracos foram aumentando, a miséria também. E vocês sabem que, quando aumenta a miséria, dá margem para a violência, para a prostituição e revolta. Entre os revoltados, tinham um rapaz que tinha o apelido de cão. Cão para nós (da Ilha) é diferente do que vocês entendem: cão é o cachorrinho, né? Cão, para a gente, é o diabo. Por um fato pitoresco, o delegado de polícia, na delegacia aqui próxima, ao ordenar aos policiais que viessem buscar esse bendito desse cão, eles se dirigiam para o delegado nesses termos: “vão buscar o cão lá no inferno”. Então, a ilha, que até então, era de 3 coqueiros, a partir daí passou a ser chamada de Ilha do Inferno. O que acontece? Acontece que, com os passar dos anos, veio aqui um Padre Jesuíta, isso já na década de 60 (1962), era um Jesuíta Canadense, que se chamava Padre Bernardo. Conta-se que ele veio para cá, justamente, porque lá ele estava*

combatendo o racismo. Foi expulso de lá e veio para cá. Ao chegar aqui, Dom Helder Câmara²⁸, mandou que ele viesse para a ilha, no meio dos povos e seus barracos. Padre Bernardo, ao chegar aqui, comprou um pequeno barraco, um mocambo, pois era assim chamado os barracos da época, mocambo, a seu Jázimo. Seu Jazino era um dos primeiros habitantes da ilha e que mora na primeira casa quando entramos na comunidade. Para o nível social da comunidade daquela época, ele era considerado uma pessoa bem abastada. Mas, ele só tinha um simples camelo, que tinha um pequeno tabuleiro de vender na cidade. Mas, ele já tinha um barraco em que ele morava e mais um que vendeu a Padre Bernardo e quando esse padre disse para queria esse barraco, ele vendeu por uma quantia simbólica. Porque queria ajudar o padre. O que esse Padre fez? Pegou esse barraco, transformou num grande galpão de madeira coberto de zinco, elevou o piso desse galpão e aí esse galpão servia de escola e de capela ao mesmo tempo. Como muitas pessoas viviam da pesca, e nem sempre a pesca dava, o padre Bernardo começou a ensinar algumas profissões elementares aos primeiros habitantes, aos primeiros alunos dele, que acompanham ele. Então, ele ensinava a fazer utensílios domésticos, cozinha ou, então, móveis rústicos com madeira para vender nas feiras livres quando a pesca não desse.

O que acontece? Mas, o padre Bernardo só ficou dois anos aqui, entre nós. Quando uma Mística chamada Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, veio aqui no Brasil, ela esteve aqui, na comunidade e ela, com essa visita, orientou as suas seguidoras, as primeiras seguidoras daqui a se juntarem a Padre Bernardo. Elas vieram, começaram a colaborar com o Padre. Porém, em 64, o Padre Bernardo foi transferido por sua ordem para uma cidade no interior do Ceará. E aí, conta-se que o Padre Bernardo passou a noite inteira rezando para Nossa Senhora pedindo que mandasse alguém para dar continuidade a aquele trabalho que ele tinha iniciado. Ele ficou preocupado, e, agora, eu vou embora e como esse pessoal como vai ficar? Foi quando, praticamente espontâneo, as pessoas assumirem, as pessoas que eram ligadas ao Movimento dos Focolares assumirem a quantidade de trabalho que ele tinha iniciado. O Movimento dos Focolares ele, oficialmente, é registrado como Obra de Maria. Então, segundo a fé da católica é como Maria, Nossa Senhora, atendendo ao pedido do Padre, mandasse sua própria obra continuasse o trabalho que o Padre tinha iniciado.

²⁸O Arcebispo de Olinda e Recife

Como é que veio a mudança de Ilha do Inferno? Veio como uma parte pitoresca. Uma das moradoras foi batizar sua filha. Ao chegar deu o nome dela. Como é o nome dela? Maria Tereza de não sei das quantas. Endereço: Rua tal, nº tal, na Ilha do Inferno. Ai o Padre, que já não era o Padre Bernardo, já era o Padre Kevins, ficou indignado com essa história. Mas, ilha do inferno, não é lugar de ninguém morar. Pegou uma imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus, fez uma pequena peregrinação e fez um batismo simbólico disso. Agora, a partir de agora, esse lugar não vai mais ser chamado Ilha do Inferno. Será chamada Ilha Santa Terezinha. O que acontece? As pessoas que estavam ligadas ao Padre Bernardo ou ao Padre Kevins foi espontâneo absorver esse nome. Mas, para a grande maioria, que não via melhora nenhuma e que continuavam na mesma miséria então, continuava a ser Ilha do Inferno. É assim a vida, né?

O que acontece? A partir do momento em que surge a nossa Associação de Moradores, no ano de 3 de março de 1980. Essa associação surgiu e é orientada pelo Movimento dos Foculares. Essa associação começa uma luta política, democrática, comunitária pela habitação. Mas, veio outros contistas, né? A partir é que vai surgindo as conquistas sociais, ai o nome de Ilha do inferno vai perdendo peso e vai tomando e consolidando o nome Ilha Santa Terezinha. Ai, veio várias conquistas. Uma delas, uma das primeiras é esta escola aqui: Escola Municipal Sede da Sabedoria. Como já falei no início, era um grande galpão de madeira coberto de zinco, que passou por uma primeira reforma e, nos anos 2000, através de uma ação participativo, a gente conquistou esse prédio aqui com dois andares, 0 salas de aula, uma sala de computação, uma biblioteca, além de outras conquistas como o nosso posto de saúde, todas as ruas pavimentadas, água encanada. Um canal que absorve toda a água da chuva, ou seja, nos livra das enchentes, as ruas não alagam. Muitas vezes está todo alagado, mas aqui as chuvas não passam de uma simples chuva porque o canal absorve toda a água. Então, foi uma conquista nossa. E, assim, a comunidade tem, aproximadamente, três mil habitantes e, também, uma das nossas conquistas e, a principal, foi, justamente, as habitações. Eu falei no início da nossa conversa, que eram casebres, coberto de palha de coqueiro, feito de zinco, papel, papelão as paredes. Então, não eram casas, eram um abrigo precário para nos proteger da chuva, do vento e do sol. E, hoje, a gente conquistou, logicamente que essas conquistas tem um certo tempo, né? A urbanização foi a partir dos anos 90. De lá para cá, já se passaram três ou quatro gerações. E, ai, muitos que eram crianças, cresceram e construíram suas

próprias famílias. E, quando não tem condição de ir para outro lugar, local porque aqui não tem como mais absorver, a família, quando tem uma certa condição financeira, elevam o sentido da casa, a via porque não tem espaço para crescer dos lados. Então, cresce para cima. E, ai, o filho mora em cima ou em baixo, etc. Então, repartem a casa em vários pedacinhos para que os filhos fiquem ali, para não ficarem desamparados. Em linhas gerais, essa é a história da nossa comunidade, onde eu nasci e me criei, com muito orgulho. Eu sempre digo, com muito orgulho, que eu nasci e me criei aqui. Não fui nem para a maternidade. Nasci na parteira, aqui em casa.

P. Fale, um pouquinho, da divisão do Shopping Tacaruna com a Ilha Santa Terezinha?

EDJ— *A gente, na nossa luta comunitária, né, a gente temos conquistas, vitórias e, também, derrotas. Uma das nossas perdas, derrotas justamente (é que) vizinho a nós, temos o Shopping Tacaruna. Que, aos olhos do sistema, do empreendimento imobiliário, empreendimento comercial, gera emprego, etc e tal. No entanto, ele construiu ali um muro, que eu chamo o muro da vergonha. É um muro que foi construído justamente para esconder a comunidade (pobre) da sociedade (rica). Então, as pessoas vem, circulam de lá para cá e não sabem que, atrás do muro, existe uma comunidade (pobre). Que, a princípio, não era para ser daquela forma. Era para ser uma tela de proteção para evitar que as crianças, brincando na rua de lá para cá, atravessassem a avenida e fossem atropeladas. Era só uma tela de proteção. Com o passar do tempo, mudou a construtora e, ai, a que assumiu depois construiu um grande muro altíssimo e, ainda, em cima do muro tinha cerca de arame farpado como se aqui fosse um presídio e que a gente fosse todos digamos, assim, pessoas a margem também. Mas, ai, a comunidade, a gente até que tentou barrar, mas na comunidade tinha a gente que começou a aceitar a proposta de receberem colchoes e ventiladores. E, com isso, o nosso movimento começou a enfraquecer e o nosso povo começou a ficar contra a liderança, contra a nossa associação. Ai, a gente perdeu essa batalha. Hoje, muita gente que aceitou os ventiladores e os colchoes estão arrependidos. Por quê? Porque, a falta de circulação de ar, não resolveu o problema do calor provocados pela barreira que faz o muro. Ao ser questionado por isso no projeto da TV, o que fez o Shopping? Com o passar do tempo, ele tirou a grade de arame farpado que tinha em cima do muro, fez algumas aberturas que dá acesso às ruas da comunidade e contratou alguns grafiteiros que fazem painel bem bonito, ali com temáticas do momento. Então, se for Natal, fazem umas pinturas relacionadas ao Natal, São João, Carnaval e, assim por*

diante. E, nos últimos tempos, o que eles fizeram? Eles fizeram fotos, pinturas, com rostos de moradores que ficam circulando ali, próximo ao muro. Sobretudo, pessoas que são alcoolistas, né? Que estão sempre ali, tomando a cachacinha. Ai, uma forma de homenagear essas pessoas, fizeram uma figura deles. O que acontece? Na verdade, isso é uma estratégia que eles fizeram para colocar o povo contra o próprio povo. Por que ai, o que acontece? Se hoje eu vou ali, defendo tirar aquele muro, as pessoas cujas fotos estão no muro, não vão querer que tirem. Então, as estratégias é colocar a gente contra a gente mesmo. Mas, ai o que eu faço? É um muro que eu chamo de muro da vergonha. E, hoje, a minha estratégia é essa: Todo mundo que vem conhecer a comunidade, eu levo para conhecer esse muro. E ai, são essas pessoas que reverteram a minha fala. São elas que dão eco a esse meu protesto. Então, esse muro já está na internet questionando. Quando eles começaram a pintar, a abrir para ter acesso à rua, eu disse num programa de TV eu disse: Esse muro vai cair, vamos derrubar esse muro, mas não com vandalismo. Não do jeito que todo mundo faz. Vamos derrubar ele como o nosso jeito de fazer. E, como vai ser o nosso jeito? É, justamente, aos poucos, eles terem a consciência, e vão ter, porque eu aconselho de que aquilo ali é uma afronta para a comunidade.

P. E, para você, como é sua experiência em morar aqui. Já teve a oportunidade de morar em outro lugar? O que você faz aqui na Ilha pela comunidade?

EDJ. — Veja, para mim morar aqui é uma vida de pertencimento. Você pertence a uma terra, a um local. Que você fez parte da transformação desse local. Você não viu esse valor, você foi agente ativo de transformação desse local. Por exemplo, essa escola. Para transformarmos nessa escola que ela é hoje, eu tive que articular outros companheiros para conquistar votos para nossa participativa, para elegermos ela como prioritário. Então, se eu não tivesse feito essa articulação com outra comunidade, para dizer a importância, não tinha conseguido. Era um orçamento participativo. E a regra era: se a obra for prioridade, a gente faz. Para servir de prioridade, eu tenho que ter a maioria de votos. Então, é uma conquista. A mesma coisa com o nosso canal. Para mim, é motivo de orgulho morar e fazer parte dessa comunidade. Já tive oportunidade de sair daqui e morar em outro lugar, mas, até hoje, não me vejo fora daqui. As pessoas, em geral, dizem que tenho liderança comunitária. Eu prefiro dizer que sou um moleque de recado das demandas da comunidade. Então, todas as experiências adquiridas nessa minha militância, a gente vai reivindicando. Se

eu pudesse dar o nome, seria líder comunitário. Eu dou o nome de “carregador de recado”.

P. Como é a sua vida na família?

EDJ. — *Quando os meus filhos eram crianças, ainda não existia a AACA que vocês vão conhecer, amanhã. Então, o que nós fizemos: Ocupamos com o espaço extra curricular. Nós colocamos eles na escola de música, com um dos alunos de meu pai. Então, aluno do avo deles. Ai, foi muito interessante a experiência. Porque, ai, o mais velho continuou, o segundo não gostou muito. Nós fomos acompanhando até ele se encontrar na arte cênica. O segundo se formou em cineasta. Mas, o primeiro continuou na música, até que o professor, na época, lhe falou: procure uma escola que tenha mas recurso porque a minha já deu tudo o que tinha que dá. Mas, o potencial dele vai muito mais além. Depois, colocamos ele em outra escola municipal e, assim, se foi. Mas, ai, para a gente para ocupar o tempo. Até que ele chegou para a gente, eu e ela(a esposa), eu quero viver de música. Ai, a gente ficamos assim. Ficamos pensando que: viver de música, como assim? Não era. Você procura outra profissão e a música seria uma segunda opção, um hobby, sei lá. Mas ai, ele estava determinado que era isso que ele queria. Mesmo que ele ganhasse o mínimo possível, mas era isso que ele queria. Ai, nós dissemos: porque você não vai fazer direito. Falamos em várias profissões que, teoricamente, garantiria o sustento dele. Eu, como sou uma mistura de tudo que vocês conhecem, né: uma mistura de artista, de político, de não sei o que, mas sou uma mistura de tudo, fiquei calado sem saber o que dizer. Até que depois, conversamos. Nêga (carinhoso), se a vocação dele é ser músico, não adianta. O artista morre de fome, mas ele não faz nada se não for a própria arte. O que acontece? Fez vestibular para música. Quando ele terminou o curso de licenciatura de música, na Universidade Federal de Pernambuco, surgiu concurso para professor de música na secretaria estadual de educação. Uma só vaga no conservatório. Para essa vaga que ele se inscreveu. Novamente, outro desafio para a gente. Nos perguntávamos, mas meu filho porque se inscreveu para esse cargo aqui que tem uma só vaga. Porque você não procurou outros que teria mais vaga? Porque, nesta vaga aqui, eu me garanto. Eu só perco para alguém do Sul do país que tem mais currículo que eu, mas não na competência. Porque, os que vão concorrer aqui, do meu estado, estudaram comigo na universidade e eu sou melhor que eles. E assim foi feito e ele passou. Foram duas etapas. Na segunda etapa, só passou ele. Foi interessante que eu disse: olhe, faça a*

prova sem pensar nos concorrentes. É por isso que não estou pensando neles. O segundo continuamos a acompanhado para entender o que ele queria, até que ele descobriu que era o cinema. O terceiro se formou em sociologia e, depois, aí, foi fazer um intercâmbio em Roma e lá mudou para tradutor. A quarta é a menina, que mora conosco. Está fazendo o sétimo período em psicologia. Para termina. Todos foram criados aqui.

P. Como é a convivência na comunidade?

EDJ. — *A convivência, na comunidade, ela é mista. Digamos, assim, a proximidade das casas facilita uma aproximação e uma solidariedade, dependendo da circunstância e do momento. Então, tanto faz está se abraçando, como discutindo, como está batendo boca. Mas, no geral, é muito parecido como uma cidade do interior, onde vemos um menino na rua, já sabemos que é filho de fulano. Ai, todo mundo tem um cuidado com aquela criança. Menino, o que está fazendo na rua? Já sabe que aquela criança de quem é. Existe uma preocupação. Depois, existe um problema que se dá, que alguém passou mal, tenta correr para ajudar de alguma forma. No entanto, o fato de, eu acho, comparando com a minha infância e adolescência, eu diria que “se acomodou um pouco” porque todo mundo tem uma casinha mais ou menos, tem um certo conforto, tem a bendita da televisão, que leva a certo fechamento, a um certo isolamento. Então, no passado era muito mais simples mais fácil fazer uma assembleia com 200 pessoas, ou 300 pessoas. Hoje em dia, não é tão simples assim. Quando a gente levanta 50 a 100 pessoas temos que levantar uma energia muito grande, porque as conquistas, a gente tem que conquistar e, depois, lutarmos para mantê-las porque, se não, você perde. Então, a convivência é, assim, estranha. Meia de amor, de bem querer e, algumas vezes, de discussão.*

P. Fale, um pouco, dessa visita de Chiara Lubich na Ilha Santa Teresinha

EDJ. — *Chiara teve um choque de realidade muito forte. Então, ela coloca no diário dela: eu estou numa casa tão luxuosa que eu nunca vi uma igual em toda a Europa (Em Recife, na década de 60), comparado com os mocambos que eu vi hoje. Ela expressou aquele Deus, na rua. Eu fico me perguntando se estas pessoas da casa ainda esperam alguma coisa para se fazer. Chiara, sonhou (pensou) em montar um Focolare na Ilha. Mas, nunca colocou.*

Colocou duas casas gen²⁹. Primeiro, veio a feminina e, anos depois, a masculina. Porque, naquela ocasião, seria muito difícil a adaptação do pessoal por conta da miséria, era miséria total. Em relação a Edna³⁰, era uma focolarina e que faleceu a pouco tempo, ela teve aqui em dois períodos: o período da década de 90 (um pouquinho antes) e acompanhava o concelho dos moradores. Então, chegava aqui oito horas da noite, sete da noite e saía meia noite, meia noite e meia. Ela não estava nem ai. Não tinha nenhuma preocupação com sua segurança. Para ela, o que importava era está junto com a população, junto com a associação, junto com essa luta. Ela ia para lá, juntamente com Francelino de Barros, que era um voluntário³¹, também ligado ao Movimento dos Focolares. Francelino conta que, quando estava na dúvida entre uma coisa ou outra, ele escolhia o mais difícil: que era vir para cá. Dado ao conforto que ele tinha. Então, ele vinha para cá. Edna, hoje, vocês vão perceber quando forem a AACA que a AACA está em outro extremo da ilha. E, a gente teve essa ideia, por quê? A área fica ali próximo ao Shopping Tacaruna. Historicamente, o pessoal se sente menos do que o pessoal que mora do lado de cá. E, as pessoas daqui, historicamente, tem uma certa discriminação com o pessoal de lá. Eu chamo a área norte da ilha, porque está ao norte da ilha. O pessoal reclamava, muito, porque posto de saúde, escola, capela, tem duas escolas do lado de cá. Então, as grandes conquistas, os grandes equipamentos comunitários estão mais aqui, nesse trecho da ilha, geograficamente falando. E no trecho de lá, ainda, para aquela área de lá. Ai, foi quando eu e Edna, eu era o presidente e Edna estava à frente dessa ajuda que chegava para os moradores da ilha, que chegava em reais, em moedas mesmo, e ai, era passada para as famílias. Só que,

²⁹ Os jovens do movimento dos focolares se chamam geração nova (Gen). Os gen foi um apelido dado por Chiara, em 1967, aos jovens e adolescentes do Movimento. Ela propôs aos jovens lançar um grande revolução de gritos: Unamo-nos, isto é, fazer uma revolução de amor. Eles aderiram e, em 1968, como gesto simbólico, foi feito um troféu que representava a passagem de uma bandeira da primeira geração (os adultos) para a segunda geração (os jovens). Hoje, temos os gen 2 (os jovens de 8 a 29 anos), os gen 3 (que são os adolescentes de 0 aos 8 anos), os gen 4 (as crianças de 04 a 0 anos) e os Gen 5 (que são os bebês até os 3 anos). Essas casas gen, é uma casa de experiência com diversos jovens, de diversas localidades (e países), culturas e religião, e vão morarem (juntos), um ano ou seis meses nestas casas. Eles trocam suas experiências, seus aprendizados, sua cultura, sua religião, o que sabem fazer, etc. Também tem uma formação religiosa, moral, ética, etc. Fazem algum trabalho local para a sua sobrevivência e, também, para manter a casa onde vivem, etc. Hoje, essas casas gen tem no mundo inteiro.

³⁰ Uma focolarina de vida comum. É uma religiosa (sem hábitos) que vive a serviço da humanidade. O termo focolare vem do italiano focolari, plural de focolare, que significa “lareira” como sinônimo de casa lá. Existe, também, o ramo masculino que se chama focolarino.

³¹ É uma expressão de todo o movimento no aspecto social. Os principais responsáveis são leigos das mais variadas categorias sociais e profissionais, chamados “voluntários de Deus”, empenhados na renovação dos vários campos da sociedade, como: a política, a economia, a arte, o direito, a comunicação, etc.

ao passar do tempo, nós percebemos que as crianças não estavam sendo beneficiadas. O bem, cujo objetivo, era essa doação, não estava chegando até as crianças. Foi quando pensamos em criar esse centro comunitário que é AACA (Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente), onde as doações chegam, vão para a AACA e as crianças são atendidas neste equipamento comunitário. Nós pensamos, justamente, em colocar lá, nesta área, para quebrar um pouco esse sentimento de serem menos do que a gente, do que o pessoal do lado de cá. Foi por isso que a AACA foi construída no lado de lá. Sobretudo, Edna encampou essa luta, essa ideia desde o início. Então, a gente é grato a ela por ter feito essa compreensão, essa leitura. E, também, dela ter encarado e assumindo essa responsabilidade. Ter recebido essa doação que vinha de fora e repassado para as famílias. E, no começo, era difícil, imagine, você numa comunidade pobre, com estas necessidades e você recebe quantias em espécie para serem distribuídas, isso dá um certo rincho, né? Ai, a gente pensou, depois, criou essa AACA com a ajuda de Edna.

Uma história engraçada é que os materiais (da construção da AACA) não tinham onde estocar, em um local fechado. Então, comprava as areias, as britas, etc. Tudo ficava exposto. Então, sempre que alguém tinha alguma necessidade em fazer em casa, o povo pegava ali. Ai, Edna pensou: vou procurar alguém para tomar conta disso. Ai, ela buscou, justamente, alguém que, em tese, estava a margem da lei. Buscou alguém que estava envolvido com esse pessoal que tirava as coisas. Pronto, quando ela colocou esse rapaz para tomar conta, nunca mais sumiu nada. Então, ela tinha essas sacadas, essas inteligências. Outra coisa muito importante que Edna fez, à frente da AACA, foi incentivar todo mundo a fazer a faculdade, sempre na área de humanas: letras, pedagogia, geografia. Então, você encontra na AACA muitas pessoas que foram alunos e hoje são professores porque foram incentivados por Edna a fazerem um curso superior, nessas áreas. Isso, também, foi uma visão muito futurista que ela teve. Ou seja, é porque é o seguinte, muitas vezes, os jovens devido a essas situações, com a própria história da comunidade, eles não tem uma visão do futuro. Então, casam muito cedo, constituem famílias muito cedo e, ai, passam a viver só para aquela família que foi criada precocemente. Ai, Edna fez esse jogo de despertar para o futuro, a partir do potencial que todo nós temos. Então, ela fez emergir esse potencial que todo mundo tem. Eu, por exemplo, não cheguei na academia formal, porque a academia da vida me deu uma bagagem, uma informação. O que eu estou fazendo, aqui e agora, para vocês, é com base nessa academia.

P. Como você se sente perante os outros já formados?

EDJ. — *Eu não me sinto diminuído porque eu gosto disso daqui. No período da idade em que eu estaria, voltado para a faculdade, teria uma história bem bonita. Aquela história bem bonita, que passa na TV: olha negro, pobre, lutou e conseguiu se formar. Eu tinha tudo para ser. No entanto, acho que, pela formação que recebi do movimento, eu optei pelo inverso. Eu optei com as pessoas. Eu não pensei em crescer só, pensei em crescer com a comunidade e consegui. Porque, é o seguinte: quando eu passo nessas ruas, quando eu piso, quando não tem lama porque, na minha infância, na minha adolescência, tinha lama. Essas chuvas de agora pisávamos na lama ou, então, colocávamos tijolos para sair. Quando eu passo na praça e vejo as crianças brincando, você não tem ideia como era esse lugar, saber que você foi parte dessa transformação. Então, eu poderia hoje estar com o meu diploma, minha graduação, mas poderia a comunidade estar no mesmo nível mas, porquê? Não é que eu fiz tudo sozinho. Eu fiz com todo o grupo, com toda a comunidade. Mas, tem que ter sempre alguém que reúna ou, então, que dê a estratégia, a dinâmica política. Por exemplo, essa escola como conseguimos ela? Cresceu o número de alunos e a escola ficou pequena. Precisava de 3 salas de aulas. Então, eu fui na prefeitura reivindicar. Veio a vistoria e o pessoal disse a EDJ: por que fazer um remendo novo num tecido velho? Porque fazer três salas em vez de fazer um prédio? Porque não ampliar a escola como um todo? É por aí mesmo. Então, comecei a correr atrás para ter uma escola como um todo. Levou um tempão, mas conseguimos. Conversando com um, articulando com outro. Precisava de alguém para fazer isso.*

P. Como surgiu a capela?

EDJ. — *Essa capela, o que acontece: a associação, ela tinha conquistado várias conquistas: conquistas de escolas, etc. Mas, não tinha a própria sede. Aí, conseguimos esse terreno aqui. Aí, a comunidade ficou dividida. Uma parte queria construir uma capela a outra parte queria construir a sede da associação. O que os Franciscanos fizeram, na época. Sabiamente, eles construíram um salão paroquial que dava, tanto, para celebrar missa e as atividades litúrgicas como, também, reunir a comunidade. Então, inicialmente nasceu como salão paroquial porque atendia as duas necessidades. Obviamente, depois que os Franciscanos deixaram, e passou a ser dos Padres Diocesanos aí, mudou a terminologia de Salão para Capela. Porém, hoje a associação tem sua própria sede. Então, isso em breves palavras, a história da Capela de Santa Teresinha que nasceu, inicialmente, como salão paroquial.*

P. Como surgiu os CEPS e os nomes das ruas?

EDJ. — Quando eu era presidente da Associação da Ilha Santa Terezinha, certa vez eu passei na rua e um cidadão me pediu para ir nos correios para colocar o CEP na rua dele que não tinha o CEP. Então, eu peguei a planta da comunidade e fui até a agência central dos correios. Chegando lá, eu fui informado de que os correios fariam isso, mas antes eu teria que passar na empresa de urbanização do Recife. E, assim, eu fiz. Ao chegar lá, na empresa de urbanização, encontrei a mesma planta da Ilha já com vários nomes de ruas. E eram nomes que não tinham nada haver. E, eu sempre sonhei em homenagear os primeiros conselheiros da associação de moradores, colocando os nomes deles nas ruas. Mas, eu fui muito mal atendido por um rapaz, no primeiro momento. E disse que não era possível. Que, se eu quisesse colocar o nome de alguma pessoa, teria que passar por um projeto de lei por um vereador da câmara. Como a gente, todo o nosso trabalho, não queríamos envolver a política partidária, embora seja um trabalho político, mas a comunidade sempre procurou ser independente, eu perguntei se eu poderia falar com a chefe dele. E, para a minha surpresa, ele disse: fale, mas não vai adiantar não. E, para a minha surpresa, ao falar com a chefe dele, ela me tratou super bem, muito melhor que ele, obviamente, e confirmou a informação. Ai, eu tive uma ideia. Eu disse: pode colocar nome de Santo? Ela disse: pode. Ai eu não perdi tempo. Então, por exemplo, para homenagear seu Raimundo eu sugeri que colocasse Rua São Raimundo. E quem foi seu Raimundo? Seu Raimundo era o conselheiro, era pedreiro e foi quem construiu as primeiras galerias de drenagens da comunidade. Seu Raimundo já morreu. Depois, para homenagear o Padre Bernardo, eu coloquei Rua São Bernardo. Para homenagear Genário, Genário era o animador cultural que, quando eu era criança, quando era, ainda, Ilha do Inferno, todo ano ele fazia o pastoril natalino. Então, era famoso o pastoril do Genário. Para homenagear seu Genário, Rua São Genário. Para homenagear Dona Joana, que era Dona Joaninha que era parteira, curandeira, muitas vezes eu fui doente para ela me rezas e para eu meu curar. Até hoje eu não sei como, mas saia bonzinho das rezas dela. Enfim, sugeri que colocasse Rua Santa Joana. E ai foi. Quando acabaram as homenagens, ai eu apelei para a natureza. Então, uma rua que começa com o sol, rua sol nascente, a outra luar de prata. Depois, eu parti para a convivência. Em busca da união, Rua da Unidade. Em busca da integração, Rua da Integração. E assim por diante. E, porque eu fiz isso? Porque tinham alguns nomes que eram horríveis e que se assemelhavam a palavras de baixo calão. Eu já imaginava: eu moro na rua do.que eu

não vou dizer agora. De modo que, quando a pessoa vem para mim, pedindo alguma coisa ou dizendo que quer algum auxílio, eu pergunto onde mora. Eu moro aqui na comunidade. Pergunto qual é a rua que ela mora. Ai, dependendo da rua, eu sei se ela mora na nossa comunidade ou não. Porque eu sei todos os nomes das ruas da nossa comunidade. E, assim, a gente conseguiu colocar os CEPS nas ruas, sem precisar de político. E, tem mais: todos os nomes das ruas da nossa comunidade são únicos. E, tem mais, não tem travessa, nem beco. Por menor que seja a rua, é rua tal, e não travessa tal. A rua que eu passei com Emaus, é Rua Arlindo Melo. Arlindo Melo foi um cantor de frevo da década de 70, quando eu era, ainda, criança. Faleceu e colocaram o nome da rua. Alguns nomes, eu não mudei. Depois, tem rua Arca da Aliança que, por conta do contexto religioso da qual nossa história está situada, decidida, a Arca da Aliança é uma das ladainhas de Nossa Senhora. Então, para homenagear Nossa Senhora, Arca da Aliança. E, assim, por diante.

1. Identificação

Nome completo: **AMPP**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: 70 anos Sexo: Feminino

Endereço: XXX

Bairro: XXX Estado: São Paulo

Eu me chamo AMPP. Na década de 80, passei um período de seis meses na Ilha Santa Teresinha. O nosso trabalho diário era, primeiro, encontrar a comunidade para conversar com os moradores porque, a situação da ilha, estava muito difícil por causa das enchentes constantes. Cada vez que a mare subia, então, as casas ficavam cheias de água. E, para isso, precisava levantar o nível da Ilha, das casas para poder as pessoas não sofrerem tanto com a maré. Procuramos fazer, quase todas as noites, durante a semana, a gente visitava uma rua. Nos encontrávamos com os moradores porque, para fazer esse trabalho, precisávamos da colaboração de todos. Como, naquela época não tinha ruas delimitadas, eram becos. Uma vez nos perguntamos: mas porque não tinha estradas mas abertas. Cada um construiu seu imóvel, mas não queria perder seu espaço. Ai uma disse: certamente assim não entra a polícia. E, ali, juntos, conversamos se disse: mas, certamente, não entra a ambulância. Então, com os moradores, que foi de uma abertura muito grande. Eu queria estar juntos com eles para ajudá-los a descobrirem o que era melhor para eles. E, com isso, a gente começou a fazer um levantamento com os moradores daquela rua, o que eles tinham de material: faca, carrinho de mão, inchada, etc. Que pedacinho de terreno de sua cerca eles poderiam liberar e aumentar a rua. E, assim, foram meses e meses nesse sentido. Depois, precisávamos de terra para poder levantar o nível, aterrar. Quem não tinha, era muito difícil. As dificuldades eram muito grande. Então, junto com outros que estávamos conosco nesse trabalho, fomos visitar uma grande empresa de transportes. Primeiro, fomos conseguir a areia. Conseguimos na marinha: montanhas de areias, mas precisava ser transportadas. Então, um dia fomos nessa grande empresa de transportes: caminhões e fomos conversar com o gerente geral. Expomos todas as dificuldades do pessoal da Ilha. Um certo momento, um dos diretores, virou e disse: mas ali só mora marginais, então, porque vocês querem fazer alguma coisa lá? Naquele momento, eu senti muito forte dentro de mim, que não podia

ficar calada diante daquela afirmação. Então, eu disse para ele: quando a gente fica na duvidas quem são os marginais porque eles tem que viverem naquela situação, na lama e os outros não. Então, naquele momento foi muito difícil porque um dos diretores me olhou com um olhar de grande reprovação. E, ai, a pessoa que tinha me levado nessa empresa também ficou assustado. Mas, esse diretor saiu da sala depois voltou a sua secretária com a autorização que, naquele final de semana, com cinco caminhões com o transporte de areia. Essa foi uma das pequenas, mas que podemos dizer das grandes experiencias que fizemos da ajuda da providência para com aquelas pessoas. Depois, também naquele período, como em todo lugar, também tinham assaltantes. Mas, a gente se sentia muito segura porque eles nos queriam bem. Eles viam que nós não estávamos querendo coisas pessoais. Mas, estávamos ali por eles. Então, ver, diariamente, entrando nas casas, ajudando uma família, cuidando de um doente, cuidando das crianças, ensinando as crianças, etc. E, assim, tanto os trabalhos que fazíamos, eles nos queriam realmente bem. Um dia, já tinha passado o período daqueles caminhões, tínhamos contratado uma caçamba, para mais um pouco de transporte de areia. Estava eu com mais uma jovem, fomos fazer o pagamento a esse senhor, esse motorista dono da caçamba. Depois que fizemos o pagamento, estávamos na rua, conversando com ele. Certo momento, veio dois assaltantes armados. Colocaram as armas na gente, e disseram: passem tudo o que vocês têm. Tínhamos o relógio da minha amiga. Pegaram o dinheiro e o relógio e foram embora. Naquele momento foi difícil: poxa vida, acontecer uma coisa dessa. Bom, fomos para casa e, naquela noite, a uma certa hora, depois das nove horas da noite, bateram na nossa porta. Era um dos chefes de uma grande quadrilha. Então, ele veio com os nossos dois relógios, nos entregou e disse: eu já disse a eles que vocês eles não devem assaltar. Vemos, ali, uma resposta de Deus daquele pouco que nós podíamos fazer por eles. Como Deus nos retribuía, também, devolvendo os nossos relógios. E, assim, foram tantas experiências de acompanhar pessoas no hospital, de tantas coisa. Mas, ficou muito forte, naquele período: um período luminoso aonde eu pude dar o melhor de mim, a minha vida, as minhas forças, o meu sorriso. Muitas vezes era só isso que podíamos fazer. Mas, eu vejo, também, como um período luminoso.

10.2.2 FUNCIONÁRIOS DA AACA

FICHA DE PESQUISA:

Identificação

Nome completo: **DRS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: 42 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Como são os alunos em relação às drogas, a sexualidade, a gravidez na adolescência?

DRS. — *A gente procura amenizar a vida deles, sabe? Procuramos orientar eles de acordo com as necessidades deles. A gente faz foro de debate, procura saber deles qual é a necessidade. Ultimamente, o ano passado a gente fez um trabalho com eles, procura sondá-lo sobre o uso de drogas. Eu atendo uma parte dos adolescentes que são bem maiores. Então, o ano passado procurei fazer uma sondagem para ver como estava a situação dele na comunidade. Então, procurei a situação das drogas, a vida sexual. Então, descobri que, através de bate-papo, interação com eles, que alguns já estavam sendo usuários de drogas e algumas meninas e alguns meninos já estavam na atividade sexual e duas acabaram engravidando. Procurei Dan, na coordenação, procurei ,para buscarmos meio de como podemos ajudar esses adolescentes. No posto de saúde, procuramos pessoas especializadas que venham fazer essa orientação quanto à droga e a relação sexual.*

P. O que é AACA? Quem os mantem? Que trabalhos são desenvolvidos aqui? Quantas crianças são atendidas? Como eram as crianças antes de virem para cá e como elas estão hoje?

DRS— *A AACA, para a gente, é como se fosse a segunda casa. A gente temos esses adolescentes e crianças como filhos. Eu digo para eles, sempre, nas minhas atividades: vocês recebem, aqui, muitas informações, carinho amor, e, às vezes, nossos filhos em casa não tem. Eu tenho três filhos. Eu digo para eles sempre: meus filhos, às vezes, não recebem a atenção que eu dou a vocês aqui. Em termos de orientação, de carinho, de amor, de buscar do que estão passando em casa. As vezes eles não tem, mas aqui a gente procura buscar, procura melhorar, a gente se preocupa com vocês. Então, procuramos a melhor maneira possível de ajudar eles.*

P.Você é morador da comunidade?

DRS— *Sim, sou morador daqui.*

P.E o que é, para você, morar na ilha?

DRS— *A ilha já está dentro do meu coração. Desde pequeno, cresci e resido aqui desde o tempo que aqui era mato, tudo. Eu tenho uma convivência. E, para mim, a ilha é super importante. Eu tenho muitos amigos, cresci não posso dizer com vários amigos, vi várias pessoas morrerem, pessoas sendo assassinadas, vi amigos crescendo. E, depois, que entrei no projeto (da AACA) e, depois de ter vivenciado tanta coisa na minha adolescência, nascido aqui e criado aqui. Minha preocupação é passar para eles um pouco dessa minha vivência. Eu digo para eles a não caírem nesses erros que os meus amigos caíram. Dessa falta de desorientação. De buscar o melhor para eles.*

P.Se fosse para morar em outro lugar, você escolheria ou ficava aqui?

DRS— *Olha, eu não penso em sair daqui não.*

P.E o que é que você faz, aqui, na AACA?

DRS— *Na AACA eu sou Educador Social. Sou responsável por um grupo de adolescentes e, segunda, quarta e sexta de crianças que estão saindo da infância e entrando na adolescência. Aqui, eu tenho um pequeno grupo. Então, minha função é essa. Passar o produto que conhece. Todos os adolescentes são da ilha.*

P.Você sente que seus alunos conseguem realizar tarefas propostas por vocês? Por quê?

DRS —*Os maiores conseguem. Algumas vezes reclamam dagente parecer escola. A gente aqui procura está orientando e fazendo um acordo com a escola Não, fazendo uma certa alusão a escola, mas procurando fazer esse auxílio. E as crianças menores que eu tenho, que eu acompanho na segunda, quarta e sexta, eles é que tem maior dificuldades. Então, eu faço letramento, formação de palavras. Eu vou criando essas atividades com eles.*

P. Como eles se sentem perante os desafios da vida?

DRS — *Olha, eles, assim, são muito entregues. Hoje em dia, não como antigamente, mas eles são muitos entregues ao momento. Não importa o que vai ser, como vai ser o futuro deles. Eles não visam muito isso. Eles visam no momento. Se o momento, agora, é eu está num determinado local, com os meus amigos, fazendo alguma coisa, é um momento bom para eles. Cabe a gente, na função de*

educador/orientador para que eles vão buscar outros meios, para ele se livrar dessas rodinhas de amigos.

P. Aqui na instituição, eles já passaram por algum trauma? Poderia me dizer o que foi e como conseguiram superá-los?

DRS— *Não digo todos, mas alguns passam. Até eu estou com um adolescente, agora pela manhã, que está passando uma dificuldade com o pai. Ai, todo o dia, quando ele chega, eu estou batendo um papo com ele. E, ai, como foi, como está, como foi em casa hoje. Ai ele, sai desabafando. E as vezes, alguns momentos, ele chora. Então, procuro sempre conversar com ele. Tem outros que tem dificuldade na relação com a mãe. Procuro dar ouvidos. É uma situação que leva para a escola e as vezes traz para cá. É um pouco complicado. Mas, estamos procurando ajudar.*

P. Quando você era pequeno, como era a comunidade e como é a comunidade hoje?

DRS— *Olha, quando eu era pequeno, a comunidade, eu achava bem melhor. Era mais divertida, era mais caminhante. Apesar de que a questão de tráficos de drogas no jovem de hoje, se tem um respeito muito grande.*

Era só casa, era só mangue? Era mangue. Uma área de mangue, uma área que não tinha asfalto, não quando eu ainda brincava. Isso tinha um respeito muito grande. Ai, depois, quando passou a ser asfaltada, essas coisas, ai começou a vir outros grupos, outras coisas, ai começou a ser mais violenta. No meu ponto de vista, da minha adolescência para cá. Ai começou a ser violenta. Agora foi que ficou mais tranquila. Aquelas pessoas ruins vão morrendo, vai vindo outros que não está naquele meio, mas que não procuram prejudicar ninguém. Hoje a comunidade está bem melhor.

FICHA DE PESQUISA 2

Identificação

Nome completo: **RHS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 37 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX Recife

Estado: PE

P. Você sabe um pouco da história da Ilha?

RHS— Assim, no meu tempo eu não sei como foi assim, como era a Ilha como antigamente e, depois, assim as casas novas. Eu não sabia como era a ilha Santa Terezinha. Quando eu vinha crescendo, ai ia perguntando como era a Ilha Santa Terezinha. Quem mais estudou sobre a Ilha Santa Terezinha foi Jonhson e, aqui na AACA, tem um quadro de como era aqui antigamente a comunidade Santa Terezinha. Não chamava Santa Terezinha. Era a Ilha do Inferno Ai, vai voltando na memória de como era antigamente a comunidade.

P. E como é morar aqui, na Ilha?

RHS— Como você falou, como é a Ilha Santa Terezinha. Eu morava, aqui, era um mangue. Depois veio construindo casas, pistas, etc. Hoje, para mim, é ótimo morar aqui na comunidade. Aqui você mora perto de tudo: Shopping, temos hospital aqui perto, para mim é ótimo. Não tive nenhuma oportunidade de sair da Ilha. Continuaría morando na Ilha. Isso daqui é a minha vida, é tudo perto para mim. Eu não quero sair daqui.

P. O que você faz na Ilha e na AACA?

RHS— Na comunidade, eu ajudo as pessoas que precisam, principalmente um carinho, um amor. Estou precisando disso daqui. Cabe eu: eu não tenho isso, mas tenho isso e eu posso te ajudar. E, aqui, no projeto, eu quando entrei aqui, eu não sabia de nada. Mas, depois, fui crescendo. Ai, fui sabendo como como era aqui depois que o professor foi dizendo: não, isso aqui é a arte de amar, temos que explicar ao outro. Foi isso tudo. Depois, me chamaram para trabalhar. O que um dia aprendi, estou ensinando as crianças o que é amar, o que é respeito. Isso que é bom para eles e que foi bom para mim, também. Eu, aqui, trabalho na área esportiva.

P.O que é AACA? Quem os mantem? Que trabalhos são desenvolvidos aqui? Quantas crianças são atendidas? Como eram as crianças antes de virem para cá e como elas estão hoje?

RHS— *A AACA, para mim, é como fosse a minha casa. É uma coisa que tenha esperado ter esse momento, essa casa para mim. Depois que eu entrei aqui, eu não quero sair daqui.*

P.Você sente que seus alunos conseguem realizar tarefas propostas por vocês? Por quê?

RHS— *Consigno. Porque aqui a gente tem momentos de atividades: tem atividades na sala de aula e tem atividades: esportiva, capoeira. Cada um tem o seu horário. Por exemplo, nove horas, tem aula de futebol. No segundo horário, na sala para ver a dificuldade de leitura, de escrita. Então, cada um tem um momento.*

P.Como eles se sentem perante os desafios da vida?

RHS — *Eu não sei te explicar um pouco, assim, né. Mas, eu acho que não.*

P.Aqui na instituição, eles já passaram por algum trauma? Poderia me dizer o que foi e como conseguiram superá-los?

RHS— *Tem alguns que tem alguns probleminhas, assim, de dificuldade. Mas, a gente, aqui, pergunta o que ele está sentindo.*

P.E o que vocês fazem para ajudar?

RHS— *A gente conversa, diálogo, conversa e pergunta o que está acontecendo. Se está acontecendo com a própria criança, se é com a família, o que é que você tem. Então, vamos dialogando. Ai, chamamos a mãe da criança, conversa: ah, o menino não quer vir mais. Ai, dizemos a mãe: mande ele vir no outro dia: Conversamos. Não quero ficar aqui não. Tá endentando, conversamos com eles. Então, quando conversamos com eles, eles já entendem. Não, mãe, eu quero ir para o projeto, eu quero ir para a recreação, porque lá é uma coisa boa, lá tem muitas coisas para mim. Eu aprendo muita coisa. É a conversa.*

P.Você se lembre de alguma coisa que a comunidade passou algum momento difícil?

RHS— *Passar, passou. Assim, eu não sabia de nada. Mas, isso ai eu nem posso te explicar.*

FICHA DE PESQUISA 3

Identificação

Nome completo: **WJF**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 46 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX Recife

Estado: PE

P.O que é AACA? Quem os mantem? Que trabalhos são desenvolvidos aqui? Quantas crianças são atendidas? Como eram as crianças antes de virem para cá e como elas estão hoje?

WJF— *A AACA, para mim, é uma coisa que dá para a comunidade para dar o futuro da gente. O futuro da criança, o desenvolvimento da criança, devolver para a sociedade. Trabalha com amor e carinho pela criança.*

P.Que trabalhos são feitos aqui, na AACA?

W J F— *Atividades: tem capoeira, tem futebol, música e reforço escolar. Vai ter, também, aula de computação.*

P.Você sente que seus alunos conseguem realizar tarefas propostas por vocês? Por quê?

W J F— *Muitos conseguem realizar tarefas.*

P.Como eles se sentem perante os desafios da vida?

W J F— *Quando eles chegam aqui eles se esquecem das dificuldades lá fora. Aqui eles são bem recebidos. Os educadores fazem de tudo para deixarem eles bem à vontade, fazerem as atividades para deixarem eles esquecerem o mundo lá fora e ficar só aqui dentro.*

P.Aqui na instituição, eles já passaram por algum trauma? Poderia me dizer o que foi e como conseguiram superá-los?

W J F— *É difícil eu ver isso. Eu vivo mais fazendo arrumando aqui dentro e é difícil ver essas coisas. Estou aqui, depois estou lá em cima, volto. Nunca vi isso.*

FICHA DE PESQUISA 4

Identificação

Nome completo: **DAN**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa: DJS

Idade: 41 anos

Sexo: Masculino

Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife Estado: PE

P.O que é AACA? Quem os mantem? Que trabalhos são desenvolvidos aqui? Quantas crianças são atendidas? Como eram as crianças antes de virem para cá e como elas estão hoje?

DAN. — *É uma associação de apoio à criança e adolescente. Foi constituída, como associação, em 1994. A AACA é um trabalho social que surgiu aqui na Ilha Santa Terezinha por iniciativa do Movimento do Focolares. Então, é um projeto de adoção a distância. O que é uma adoção a distância? As crianças que fazem parte do projeto elas recebem apoio de famílias, de pessoas para poderem frequentar as atividades realizadas aqui na Associação. Então, a AACA ela ficou sendo vista como uma associação para acolher crianças e adolescentes daqui da comunidade e do entorno para realizar atividades em contra turno escolar. As crianças que estudam no turno da manhã vêm pela tarde e as que estudam a tarde estudam no horário pela manhã. Então, é fundamental que a criança e o adolescente, além de frequentarem a AACA, elas têm que estarem matriculadas nas escolas porque isso é direito da criança e do adolescente. Está matriculado regulamente na escola. Aqui na escola temos atividades culturais como: dança popular e Balé, temos o esporte com futebol, temos a capoeira, temos aula de música (questão de música popular). Também temos laboratório de informática para fazerem trabalhos de pesquisa, para que os meninos possam se conectar, ter acesso à internet e, também, trabalhos de apoio pedagógico onde os educandos que frequentam a AACA podem trazer suas atividades escolares para fazerem aqui mas, também, dentro desse apoio pedagógico, nós trabalhamos alguns temas transversais, focando a questão da construção da cidadania. Trabalha sobre o meio ambiente, sobre a saúde, alguns temas que consideramos importante para um bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Além disso, nós trabalhamos com a formação, que a gente fala, voltada a formação cristã. Não é uma formação voltada para um segmento religioso. Porque a AACA, enquanto associação, ela atende e recebe*

crianças de famílias com credos diferenciados. Tem criança que sua família é evangélica, tem criança que a família que é católica, tem criança que a família não tem uma religião, não adere a nenhuma religião. Mas aqui, como formação, como uma associação, que vem de um movimento religioso, fundado na igreja católica, temos uma formação cristã, uma formação universal que, independente da questão de credo, todo mundo, todo cidadão pode aderir. Mostrar aquelas frases do evangelho que qualquer pessoa, enquanto cidadão, enquanto pessoa pode aderir. Então, quando a gente fala amai-vos uns aos outros como eu vos amei, fizeti ao outro aquilo que gostaria que fosse feito a você e aquilo que não gostaria. Então, são frases que a gente, que entendemos como frases universais. Dependendo da questão da escolha da religião. A AACA é essa instituição, como falei, faz todos esses trabalhos com as crianças e, também, mais precisamente com os adolescentes. Também procuramos, sempre que possível, dialogar com a família em reuniões periódicas. Então, durante o ano, em diversos momentos do ano, a cada a cada dois meses, a cada três meses, nós nos encontramos com as famílias, seja para falar sobre as atividades desenvolvidas na instituição, como, também, alguns momentos a gente promove palestras, momentos formativos e informativos para as famílias porque acreditamos que não é suficiente, não basta, apenas um acompanhamento e a promoção da criança e do adolescente, mas procuramos trazer, também, para perto, para junto da família A AACA, hoje, atendemos em torno de 200 crianças e adolescente. A AACA, como instituição, em defesa de direito da criança e do adolescente nós acolhemos essas crianças e procuramos acompanhar o desenvolvimento. Em alguns momentos, nós temos profissionais: profissional de psicologia, profissional de serviço social que nos ajudam a acompanhar as famílias, essas crianças. Do ponto de vista pedagógico, quando a gente identifica que essa criança tem alguma dificuldade, conversamos com as famílias para podermos acompanhar para algumas instituições que possa dar o complemento. E assim por diante, seja no ponto de vista da psicologia, seja no ponto de vista da pedagogia, em diversos pontos. Nós trabalhamos, nos preocupamos para que eles possam ter melhor desenvolvimento possível, seja no ponto de vista da aprendizagem, seja no ponto de vista da cidadania. A AACA já atendeu, em média, mais de 3000 mil crianças e adolescente. Hoje nós temos diversos ex – alunos, através do trabalho de formação, que é feito aqui na AACA, esses jovens que passaram por aqui, eles cresceram, constituíram suas famílias, hoje muitos estão no mercado de trabalho, outros entenderam a importância e a relevância do estudo para a construção da

cidadania, para a sua construção enquanto pessoa e, aí, tentaram o acesso à universidade. Somos muito felizes porque a AACA, neste mais de 20 anos, enquanto instituição, enquanto associação, nós temos conseguindo impactar, de forma positiva, entregando para a sociedade, jovens que, no futuro, possam, realmente, fazer a diferença. Possam ser pessoa, possam ser cidadão que vai estar, aí na sociedade, contribuindo de forma positiva.

P.Você sente que seus alunos conseguem realizar tarefas propostas por vocês? Por quê?

DAN. — Bem, aqui na AACA, nós entendemos que a AACA é um espaço onde as crianças e os adolescentes, eles possam descobrir seus talentos. Então, a importância de termos a música, de ter o esporte, de ter a arte, esse leque de oficinas dá a possibilidade dessas crianças descobrirem os seus múltiplos talentos. Então, é uma coisa muito rica porque nós conseguimos, hoje, nós temos ex – alunos que, através de uma oficina de música, que ele fez aqui na AACA, durante a sua infância, ele pode, ao se tornar adulto, fazer a escolha de trabalhar com a música. E, hoje, sustenta a família trabalhando com a música. Então, isso é algo importante, nós consideramos importante. Veja, através de ter acesso a arte, fez com que esse jovem pudessem disser assim: “ eu gosto de música, eu quero trabalhar com música”. Hoje, ele está na sociedade fazendo o trabalho dele. Uma coisa que é importante, que eu digo sempre, que conversamos bastante, é que é preciso dar oportunidade. Se toda a criança da comunidade, tem acesso a cultura, ela tem acesso a arte, ela tem acesso ao esporte, essa criança vai poder descobrir seus talentos e aí ela vai poder dizer assim: “Ah, eu gosto de dança” Então, ela pode escolher, enquanto sua vida adulta, ser um profissional da dança, outro da arte, outro do esporte. A AACA ficou um projeto social, nós conseguimos, durante todos esses anos, fazer esse tipo de trabalho, despertar talentos. Em alguns momentos, essas oficinas puderam despertar talentos, elas também servem como terapia. Temos a dança: é uma coisa boa. A pessoa pode fazer a dança, não com a ideia de ser um profissional, mas fazer a dança como atividade terapêutica, para o desenvolvimento do corpo, para o seu desenvolvimento enquanto pessoa.

P.Como eles se sentem perante os desafios da vida? Aqui na instituição, eles já passaram por algum trauma? Poderia me dizer o que foi e como conseguiram superá-los?

DAN — Também é um desafio grande para o projeto social, também, dá para a gente a possibilidade de fazer com que essas crianças, esses adolescentes eles possam,

através das atividades de dinâmicas de grupo, eles possam expressar aquilo que eles sentem. Então, em alguns momentos, podemos identificarmos alguma criança ou adolescente que estejam passando por alguma dificuldade na família. Então, através de roda de conversa, de diálogo, de dinâmica a gente consegue identificar que aquele adolescente está assim naquele determinado momento e, aí, podemos fazer o encaminhamento para que aquela mãe possa procurar o pessoal de psicologia possa fazer um trabalho, uma terapia para que possa superar as dificuldades. Entendemos, também, tem sido muito desafiador, hoje, em pleno século vinte e um, termos um mundo muito desenvolvido. Temos as questões das redes sociais, as questões da internet que trazem contribuições importantes para a vida do jovem, mas, ao mesmo tempo, trazem alguns problemas. Essa questão da introspecção, a questão desse jovem voltar mais para si. A gente procura trabalhar, também, essa questão de que essas ferramentas de que, essas ferramentas, elas devem servir, mas que possam trazer contribuições positivas para a vida e não que cause tanto esse impacto dessa questão desse fechamento, desse individualismo. E, eu acredito, que hoje é bem mais difícil a questão da construção do diálogo, de conseguir essa aproximação, esse diálogo com o jovem justamente por conta disso. Isso tem causado, também, danos na questão de que muitos jovens, eles não conseguem construir, não consegue ter uma perspectiva de futuro para a própria vida. E isso é muito preocupante. Em alguns casos, encontramos, sim, alguns jovens que têm mais, sim, uma boa parte de jovens hoje se encontram, também, meio que (dentro) dessas situações. E, aí, que a gente procura fazer: procura tentar, de alguma forma, através de apoio psicológico, de apoio pedagógico, de diversas formas, de diversas estratégias e ferramentas ajudar a superarem essas dificuldades.

P.Como é que vocês trabalham essas questões de drogas, sexualidade, gravidez na adolescência. Como é que vocês trabalham essas dificuldades?

DAN — Bom, veja, eu digo que esse é um dos grandes desafios da atualidade. Infelizmente, nós vivemos ainda num país em que temos uma sociedade que tem uma dificuldades muito grande em trabalhar essas questões. Quando se trata de falar, por exemplo, da questão de sexualidade, ainda existem alguns tabus. Eu, enquanto educador, penso que quando mais cedo a criança tem uma formação sobre o conhecimento do seu corpo, o desenvolvimento do seu corpo, essa criança tende a se proteger mais. E, aí, quando a gente fala do tema de sexualidade, as pessoas confundem muito a questão de sexualidade com sexo, por exemplo. Sexo é uma coisa,

sexualidade é outra coisa. Então, existe muita dificuldade na sociedade brasileira, nas pessoas para falar sobre esses temas. Não é à toa que nós vemos, cada vez mais, crianças que são abusadas. E aí, meu pensamento, o que eu digo: se nós, enquanto educador, se o Brasil, se o ministério da educação, se a secretaria da educação fizesse um projeto bem desenvolvido para trabalhar essas questões com as crianças, nós teríamos um número muito menor ou, na verdade, quase nem existiria abuso sexual. Porque, quando vai ver uma criança que foi abusada, sexualmente, a gente vai ver que o abusador pega a pessoa que não tem o conhecimento sobre a questão do corpo. É muito complexo esse tema. É preciso, realmente, digo assim: nós queremos acabar com essa coisa do assédio sexual. É preciso nós abirmos uma conversa, possamos abrir um debate com a própria sociedade para falar dessa situação. Um número de adolescentes que são mães é ainda muito grande, mas porque tudo isso acontece? Aí, volto a dizer, na minha concepção, no meu ponto de vista, enquanto profissional de educação, eu acredito que é pela falta de conhecimento, pela falta de informação. Alguém até pode me dizer: ah, mas você acha que é falta de informação? Acho sim. Porque, a forma como trabalhamos essa temática, ainda é uma coisa muito superficial.

Identificação: **ARAMS**

Idade: 53 anos

Sexo: Masculino Endereço: XXX

Bairro: XXX – Recife Estado: PE

Orientador educacional da AACA.

A AACA começou em 1992, no início, o projeto era só nos sábados, na Igreja, no Salão paroquial, fazíamos os eventos todos os sábados. Nesse período, fazíamos esses eventos lá, uma programação com as crianças. Só que, no decorrer do tempo, Famílias Novas achou melhor que o projeto fosse diariamente com as crianças. Conseguiram uma verba e fizeram esse prédio que você veio, construíram o prédio e começaram a freqüentarem diariamente. Foi fundada através do Movimento Famílias Novas, num evento que houve de famílias novas sobre um projeto adoção à distância. Com isso, esse projeto à distância é para você adotar uma criança mesmo que seja distante. Por isso, ele mandam uma verba para cá, para as crianças e essas crianças fiquem aqui permanente. Uma das fundadoras foi Chiara Lubich, que seu esse pontapé nesse projeto social. Todos os dias, pela manhã, quando chegamos no trabalho, geralmente quem faz sou eu quem faço, Daniel ou Judite também. Chegamos, reúne o grupo canta uma canção ou duas que enfatize o momento que estamos passando e, depois, lemos uma palavra de vida. No início do mês lemos a palavra de vida e, durante, o restante do mês lemos um trecho do evangelho que é nos enviado todos os dias. É uma meditação curta que todo o mundo medita essa passagem do evangelho. Logo após isso, nós jogamos o dado do amor (o dado da arte de amar) e, onde cai, nós vive aquela frase naquele dia. E, quando termina, algumas pessoas, querem colocar alguma coisa e outras não. Falam o que viveu da arte de amar. Logo após, fazemos as orações. Essas orações, também antes de orar, pedimos intenções: pela paz, pelos doentes ou uma intenção particular de cada um. Rezamos um pai nosso e vamos para as nossas atividades, com as forças renovadas de paz. Isso (as orações) que fazemos aqui eu acho importante para a comunidade porque não é só aqui dentro da AACA, mas é um momento único que deveria ser colocado em prática, em todos os seguimentos profissionais: empresas. Essa parada que nós damos é muito importante porque, muitas vezes, trazemos cargas pesadas de fora: problemas familiares, problemas extras – familiares, etc. Essa parada, essa oração, essa conexão com Deus, essa liberdade, essa meditação faz com que nós tornemos mais leve e o dia se torne mais leve no trabalho. Isso, para mim, é muito importante. Isso é um exemplo que deve ser levado para muitas outras entidade, não só aqui na AACA. Porque é um momento de falar com o outro, de escutar, verificar a dificuldade do outro e, de uma forma ou de outra, tentar ajudar o outro. Para mim trabalhar na AACA é tudo porque é uma casa que me ensinou bastante, me formou. Hoje o que eu tenho devo quase tudo a AACA, uma formação humana, profissional, de conhecer o outro profundamente e socialmente. Ela me adaptou de uma forma que nunca imaginava. A AACA fez com que eu crescesse humanamente e

profissionalmente no projeto. A AACA tenta, cada vez mais, estreitar esse relacionamento (com os pais e a comunidade) porque a educação sem o relacionamento com os pais fica difícil. A AACA tem essa preocupação de chamar os pais, de visitar os pais, fazer reuniões com os pais, ver essa interação da AACA com os pais e os familiares. Isso é muito bacana porque temos feedback do que eles estão sentindo, o que eles gostariam que fosse melhorado, quais os anseios deles. Então, é muito importante porque, na minha concepção e no meu ponto de vista, não existe uma educação boa se não tiver uma relação entre entidade e família. Então, a AACA, por si só, tem uma filosofia de unidade, de amor, de acolher. Por si só faz essa ligação, acolhe a família, ela atende. Na hora que chega uma família aqui, a AACA atende. Se Daniel não tive, fala comigo ou com outra pessoa e fazemos o possível e o impossível de falar com ele. Tem experiência de, quando as famílias chegam, olha estou precisando disso. Se não tivermos, a AACA faz uma forma mais particular para ajudar de uma forma diferenciada. Essa relação com os familiares é muito importante. A AACA para a comunidade é, eu sou até suspeito de falar porque eu trabalho e moro aqui, a comunidade acolhe a AACA, ela é bem vista de um modo geral, todo mundo vê como algo importantíssimo para a comunidade. A ilha Santa Teresinha, posso até estar errado, tem um índice de violência muito maior, mas acolhe mais de 300 crianças dessa comunidade é muito importante. A comunidade vê isso e acolhe. A AACA interage com algumas atividades da comunidade. A AACA participa do conselho dos moradores, participa das escolas, com todas as entidades sociais, nas lideranças comunitárias a AACA está presente. Então, essa relação é forte. Se não tivéssemos essa relação com a comunidade, a comunidade conosco, você viu o prédio, não é depredado, não tem risco, não tem nada. É um prédio que faz 10 anos que estamos aqui e nunca quebraram nada, nunca roubaram nada, etc. Então, isso é o respeito que a AACA tem com a comunidade e a comunidade tem com a AACA. Esse respeito que AACA tem com a comunidade, esse zelo para a comunidade. Como projeto, a AACA visa muito essa relação estreita. São muitos frutos. Eu chequei aqui, eu era educador e foi uma oportunidade muito grande de conhecer a vida de muitas crianças e ter essa relação muito forte. É como se fosse uma relação de amizade, de pai, de carinho. Então, participar da vida de cada um. Essa relação muito próxima consegui viver muitas experiências. Um em particular, ele gostava muito de futebol e, um certo dia, teve várias peneiras, não sei se você sabe o que é peneira de futebol. Eles reuniram várias crianças: 100, 50 crianças e vão tirando os melhores. O pai desse garoto estava preso e ele não tinha como ir para a peneira. Ele chegava para mim e dizia: eu gostaria de ir no dia tal, só que preciso que alguém me levasse. Então, resolvi ir com ele e ele passou da primeira fase para a segunda fase, etc. No final, esse garoto chegou para mim e falou: eu gostaria muito de ter um pai como você. Hoje ele está jogando, ainda, no futebol. Ele é uma pessoa, profissionalmente, bem de vida e, até hoje, temos uma relação bem estreita. Eu não tenho nenhum filho aqui na ilha Santa Teresinha, mas temos vários filhos na comunidade. Eu sou morador da Ilha Santa Teresinha desde 1995. De 1995 até 2001 trabalhei na AACA, depois sai no ano de 2002 e 2003. Em 2004 voltei e estou aqui até hoje. A minha vida toda é dentro da AACA. Desde que cheguei aqui só dedicação ao projeto, a essas crianças que passar pela AACA, que damos carinho, muito amor. É um amor que, em muitas vezes, não temos em casa e que damos esse carinho, essa atenção. Muitas vezes dá frutos.

Identificação

Nome completo: **MJCS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: 72 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro:XXX– Recife

Estado: PE

MJCS, 72 anos, estou presidenta da AACA sou esposa de JCS, 75 anos, gestor da AACA. Em 2011 recebemos um chamado para juntos administrarmos a AACA, somos voluntários na Obra de Maria (Focolare), portanto, como somos aposentados, não foi difícil dizer sim a Jesus.

Quando chegamos na AACA, a OSC já estava formada com a arte de Amar, também chamado “o dado do amor”. O dia-a-dia da AACA é intenso, como em uma casa movimentada que todos os dias tem sempre novidades.

Experiência: ter a consciência de fazer a vontade de Deus. Recebemos o convite e fomos nos adaptando, procurando fazer da AACA a continuidade da nossa casa. As crianças, e adolescentes são como filhos que precisam de oportunidades para que não sejam excluídos pela sociedade, mas que aprendam os seus direitos e deveres e exerçam a cidadania com respeito e amor ao próximo.

Recife,

Recife, 28 de Novembro de 2022

Nome completo: **Jud**

Idade: 45 anos

Sexo: Feminino

Endereço: XXX

Bairro: XXX– Recife Estado: PE

1. Pergunta

Trabalho na AACA (Associação de Apoio a criança e ao Adolescente) há seis anos, sou casada, tenho 2 filhos: Vitor José 16 anos, que já foi educando da instituição e hoje ele está contribuindo como aprendiz e Pedro Vinicius de 15 anos que ainda participa da instituição como educando. Hoje ele (Pedro Vinicius) fazem, também, aula de música no conservatório de Música de Pernambuco. Se interessou pelo violão através do primeiro contato com a AACA onde descobriu o seu potencial. Hoje faz apresentações na Instituição, na igreja e na comunidade. Tudo isto fruto da formação que recebeu na AACA.

Está na AACA hoje é contribuir na formação de homens novos para uma nova sociedade onde reine sobretudo o amor, a dedicação, o incentivo para construção de um mundo melhor, onde cada ser humano possa ser protagonista da sua própria história.

Conto uma experiência que vivenciei com uma adolescente de 13 anos, em uma das nossas festividades. Naquele dia, recebemos um grupo de pessoas que estavam ali para realizar algumas dinâmicas com os educandos e esta adolescente que irei chamar de Marcia estava muito brava, irritada, não queria cumprir regras. Tentando manter a calma e procurando amá-la como se fosse minha filha, pedi que fosse até a minha sala para conversarmos, sabendo que ela tem uma situação delicada, tem uma carência familiar muito grande pois os pais são separados, percebo a necessidade muito grande de querer sempre chamar a atenção. Procurei escutá-la e, depois do nosso diálogo, juntas, ela percebeu que errou, pediu desculpas e, no momento que ela saiu da sala, a acolhi com um abraço. Neste momento, chorou e eu me emocionei junto com ela, pois o amar o próximo é isso, é colocar-se no seu lugar, isto é, viver a empatia. Depois que saímos da sala, ela foi até o grupo e pediu desculpas e todos a acolheram fraternalmente.

Muitas vezes não é fácil mais aos poucos vamos transformando o nosso mundo, começando primeiro na nossa casa, no nosso trabalho, na nossa comunidade, enfim na sociedade.

Nome completo: **LSV**

Idade: 60 anos

Sexo: feminino

Endereço: XXX

Bairro: XXX

Estado: Pernambuco

Minha experiência de trabalho na AACA A AACA é uma obra social do Movimento dos Focolares, que trabalha com crianças e adolescentes e suas respectivas família na comunidade da Ilha de Santa Terezinha, dando uma oportunidade para as crianças e adolescentes exercerem seu papel de cidadão e terem seus direitos assegurados. A cada uma dessas crianças e adolescentes é dado uma oportunidade de receber uma formação cidadã e de inclusão social, através de várias atividades formativas, educativas, esportivas e práticas da paz. Portanto para mim trabalhar nesse projeto social há mais de 15 anos é uma alegria e satisfação, pois sinto que essa é uma obra de Deus. Meu trabalho consiste em manter um relacionamento de comunicação entre os adotantes, amigos e colaboradores do projeto, trabalhando junto com a parte administrativa em busca de apoios financeiros, pois o projeto vive totalmente de doações e ações que possam arrecadar recursos para a sua manutenção e a manutenção de todas as crianças adolescentes e pessoas envolvidas. Através dessas ações e projetos realizados com a Diretora, MJ, o Coordenador, JC e o Auxiliar administrativo, Adj e eu como Secretária. Sendo assim, durante todos esses anos passamos momentos de muitas alegrias e também de grandes desafios para manter o projeto atuando; vivenciamos e comprovamos da Providência Divina que nunca nos faltou. São inúmeras experiência, e uma delas que nos marcou profundamente foi quando nos anos de grande crise financeira, quando não tínhamos mais onde recorrer e terminando todos os nossos esforços, sem resultado, nesse momento recebemos uma ligação de uma pessoa que tinha um valor para ser doado para a AACA e quando vimos era exatamente a quantia que precisávamos para saldar aquele débito. Outra alegria é saber dos resultados da formação dada aos alunos e ex alunos que hoje são profissionais competentes em suas áreas; também temos ex alunos e alunas que hoje são famílias e desejam essa formação para seus filhos; temos ex alunos que hoje são educadores do projeto e entre tantos resultados ao longo desses anos, cito também um ex aluno que hoje é adotante e

colaborador do projeto. Também vou descrever para finalizar, entre tantas visitas importantes que recebemos no projeto, uma delas foi a visita de Dom Henrique Saburido, (2011), ele passou uma tarde conosco para conhecer de perto o projeto e deixou uma frase emblemática para todos da AACA: “ Aqui se vive o Evangelho “. Outra visita de suma importância para todos, não só da AACA, mas para toda a comunidade da Ilha de Santa Terezinha, foi a visita inesquecível e marcante de Emaus e Giancarlo (2014) na época eram os responsáveis pelo Movimento dos Focolares. Também eles deixaram frases memoráveis: Giancarlo: “ Hoje estamos na AACA e vocês são os nossos professores.” E Emmaus: “ Em vocês existe a verdadeira riqueza , porque a riqueza é o amor a capacidade de doar, sinto-me honrada em fazer parte dessa família. “ Essas palavras nos deixaram entusiasmados e cheio de grande emoção e alegria. Por isso que a AACA é para mim não é só um lugar que trabalhamos dignamente , mas sobretudo uma família, como Chiara nos deixou registrado em suas palavras: “ Sejam sempre uma família.”

Identificação:

NOME COMPLETO: **ACGL**

IDADE: 51 anos

SEXO: Feminino

ENDEREÇO: XXX

Bairro: XXX

Quando eu cheguei lá, era muito inexperiente: não sabia fazer nada. Eu tinha um preparo intelectual, mas tudo teórico. Um dia as meninas me escolheram para ficar na cozinha porque todas iam trabalhar e não tinha quem fizesse o almoço. Fiquei aperreada porque não sabia cozinhar. Perguntei a uma das minhas colegas Gen o que devia fazer. “Ela disse: faça macarrão que é fácil”. Mas eu não sei fazer, disse a ela. Ela me ensinou o caminho de colocar na panela com água fervente etc, mas eu ainda tinha dúvidas sobre como saber se estava cozinhado e ela me disse: “sacode um bocadinho do macarrão na parede se pregar tá cozinhado”.

Nome completo: **WJ**

Idade: 46 anos

Sexo: Masculino

Endereço: XXX

Bairro: XXX– Recife Estado: PE

Formatura na Capoeira – Mestre WC.

Meu nome é WJ. Sou mestre em capoeira. Aprendi capoeira com 10 anos de idade, na comunidade da Ilha Santa Teresinha. Fui convidado a ministrar aula na AACA, em 2004. Aqui chegando, minha capoeira era muito violenta, na época. Chegando na AACA ouvi falar da Arte de Amar. E isso mudou completamente a minha forma de ministrar a aula. Ver as crianças com amor. Trabalhar a capoeira como educação, como esporte, como lazer, como cultura. E a frase Amar a Todos foi muito forte para mim, que marcou a minha vida nesta transformação de repassar a cultura brasileira que é a capoeira. Eu sou muito grato a AACA por essa oportunidade de conhecer e valorizar, cada vez mais, e repassar a Arte de Amar para todas essas crianças e adolescentes da AACA.

9.3.3. ADOLESCENTES

7.1.3.1 (M)

Identificação:

Nome completo **RWA**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: Sexo: Masculino Endereço: Bairro: XXX – Recife Estado: PE

1. Primeira entrevista:

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc)

RWA— *Eu tenho irmão. Moro com minha mãe e meu pai. É tranquila a minha família, eu acho. Tenho duas escolas: essa e outra. Eu acho bom morar aqui, mas tem algumas brigas, de vez em quando. Confusões. Tipo um desentendimento entre duas pessoas aí, muitas vezes, fazem um círculo de pessoas para poder separar. Dificuldade que tenho na comunidade: muitas, desajuste, sempre tem ruas abaladas, ruas um pouco alagadas. É bom participar da AACA. Aqui tem muitas coisas para fazer. Fazemos: capoeira, musica, aula de inglês, etc.*

P. Por favor, complete essas frases:

a)Eu sou: *empresário de produtos quimicos. A quimica pode servir para várias coisas.*

b)Eu tenho: *saúde.*

c) Eu quero: *ser empresário. Meu trabalho é bem feito e ajuda para várias coisas.*

d)Eu estou disposto(a): *ajudar os outros*

e)Eu posso: *continuar ajudando*

Segunda entrevista

RWA — Sou normal. Para mim, sou seguido pelo meu instinto, como se fosse um instinto animal. Emoções animais: preguiçoso, rápido, ágil. Me sinto mais ágil. Viver na comunidade Santa Teresinha é agitado porque o tempo passa rápido. Meus amigos, meu trabalho (tipo, tarefas da escola). É legal de se aprender e acaba bem rápido. Gosto, bastante, de morar na comunidade Santa Teresinha por conta do aprendizado. Tenho bons amigos, boa companhia. É porque não sou muito bom em explicar isso. Moramos juntos: eu, meu pai e meu irmão. **Lá em casa é bom, acho impactante. Meu pai pergunta como foi a escola. Lá em casa eu converso com a minha família, almoço e vou para a escola.** Normal minha convivência com a minha família: converso sobre a escola, sobre o que está precisando mais, o uso do celular porque, de vez em quando, eu saio. O celular, eu jogo algum jogo e assisto. Assisto vídeos do tipo tiktok, mexo no Instagran, etc. Minha mãe trabalha no Shopping. Ela trabalha num restaurante. Esqueci que meu pai trabalha. Eu, dentro da minha família, sou agitado: todos os dias, sou acompanhado por meu irmão, minha mãe e meu pai. Eu não me lembro de uma específica porque tenho bastante. **Uma história que me marcou foi um jantar em família. Quando tinha bastante gente, teve que separar os grupos.** Quando a pessoa senta no grupo de adultos, a pessoa sai. A gente fala de outras pessoas adultas, quando fala de trabalho, esse tipo de conto é onde ele queria viver. O que me marcou mesmo foi essa: que criança não entende. Não passo, muitas vezes, lá no muro não. Quando passo é um pouco longe. **Quando vejo o muro sinto que é estranho do tipo pichação.** Não sinto nem tristeza nem alegria quando vejo o muro. Deviam ser culpado os outros que fez. **Não acho nem bonito aquela pichação. Já tive raiva e tristeza.** Tive no jogo com os meus colegas. No vídeogame, a gente estava jogando, nós perdíamos muito aí passou a raiva. Foi bem rapidinho a raiva. Já tive alegria. Conversando com os meus colegas, sempre tem alegria. Participar da AACA tem bastante coisa para fazer. Do tipo: jogar bola, fazer atividades como tarefas, dança com música. O que eu gosto mais de fazer aqui é jogar bola e fazer a tarefa, principalmente matemática. Eu gosto de matemática. Quando eu chegar na faculdade, penso em trabalhar. Entrar na faculdade é mais ou menos que trabalhar, do tipo estágio. A faculdade que eu penso é sobre....esqueci o nome. É sobre jogos porque é o que mais entendo.

O tipo de confusões e brigas existentes na ilha é entre famílias que acontece algumas vezes, aí acumula muita gritaria. Escutamos tudo. Para acalmar, eu me afasto.

*Eu só vejo isso entre outras pessoas. Operação em grupo para melhorar essas brigas. Morar aqui é bom porque tem muitas coisas para fazer. Diversas coisas: do tipo, jogar bola com outros colegas, família, desenhar. Em grupo, jogos de capoeira. Eu e meus amigos, a gente sente numa mesa ou vai passeando pelas ruas. Conversamos sobre jogos. Os jogos que conversamos ou é do que estamos jogando ou outros jogos conhecidos que a gente acha bacana e que vai para casa jogar no game. O jogo é do topo: celta, Pokémon, Mailkrecht, freefreire, ohbrox. É tudo vídeo game. Não sinto nenhuma inveja. Minha emoção é do tipo preguiçoso: do tipo, com sono mas, mesmo assim, quero adiar um pouco mais. Não me sinto solitário. **RWA**, dentro da família, é preguiçoso, agitado pela ajuda, de vez em quando de conversinha. Não quero ser empresário. Eu disse, mas não menti. Era eu que fazia esses produtos químicos do tipo de ciências. Mexer com chamas, que é uma coisa básica, verificar peças de carro que não funciona. Tudo sobre o eclipse que aconteceu ontem. Eu vi bastante coisa. Fiquei curioso e fui pesquisar. Essa pesquisa foi que, quando a luz bate na terra, é como as cores do arco-íris, mas de olho só vemos uma cor só. Mas, ele rebate nas luzes ou se divide em partes fora, volta e está completo. A ajuda para as pessoas é do tipo de precisar de algo: de ajudar a montar os brinquedos que é difícil. Ai eu pesquiso um pouco, ai montamos juntos. Moro na comunidade Santa Teresinha.*

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **MWF**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P.Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACAA, etc)

MWF— *Eu acho a minha vida boa. Tem algumas partes coisada. Esse coisado relacionado ao estresse, solidão, aquele negócio. Minha mãe, meu padrasto, meu irmão e, agora, minha mãe está grávida. Tenho solidão porque tem vezes que minha mãe briga comigo, me manda ir para a casa do meu pai e eu fico naquela, com a cabeça coisada. Ai, fico pensando nas coisas que tem, que tem que fazer lá pois lá está fazendo um primeiro andar. Ela está sempre tocando no meu nome. É para eu ir para lá. Eu moro mais com ela. Não vou, também, por conta do meu irmão. Eu com ele: ai eu penso mais nele porque ele é muito pequeno. Esse meu irmão é filho do padrasto. Morar aqui na ilha é boa. Gostaria de sair daqui e ir para perto da pista que tem bem aqui ou perto da minha escola. Gosto de uma vida sem zuada. Não gosto de zuada não. Lá não tem isso não. Não tive nenhuma dificuldades aqui na ilha. Participar da AACAA é boa. Eu brinco, faço capoeira. Estou fazendo, agora, música.*

P. Por favor, complete essas frases:

- a)Eu sou: *lindo e sorridente.*
- b)Eu tenho: *paz.*
- c) Eu quero: *construir uma família.*
- d)Eu estou disposto(a): *a fazer as pessoas felizes.*
- e)Eu posso: *ser um cirurgião.*

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **MHS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 14 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc)

MHS— *Eu queria dar um futuro melhor para a minha família. Eu sou um menino que não consigo ficar quieto. Eu fico conversando. No meu futuro eu quero ser policial, como eu posso, também. Gosto de morar na Ilha porque nasci aqui e tenho muitos amigos aqui. Gosto da AACA. Desde os 3 anos que estou aqui. Aqui faço capoeira, futebol, eu dançava quando era menorzinho. Nunca enfrentei nenhuma dificuldade. Sou filho único.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **MHS**

- a) Eu sou: *um menino meio quieto, fico na minha.*
- b) Eu tenho: *uma casa com muitas pessoas. Meu primo, minha tia.*
- c) Eu quero: *ser policial.*
- d) Eu estou disposto(a): *para ajudar a minha mãe. Dar um futuro melhor a ela.*
- e) Eu posso: *ser policia quando eu crescer. Fazer um concurso militar. Estudar para ser.*

Segunda parte

MHS — *Tenho 14 anos e sou da comunidade da Ilha Santa Teresinha. Estou no nono ano e eu gosto da escola. Eu tava no campo, na minha cidade, ai eu estava brincando com o meu primo. Na hora que eu pulei, bati com o meu pé na grade. Ficou sangrando muito, com um corte profundo. Ai, ele falou: vai para casa. **Eu continuei lá. Inflamou. Quando cheguei em casa, meu pai ficou cuidando. Passei três dias sem ir para a rua.** Eu gosto de morar na Comunidade da Ilha Santa Teresinha porque é muita gente que eu conheço. Se eu for para muito longe, não vou conhecer ninguém. Não sinto nenhuma dificuldade aqui. Ai, agora se juntou: Santo Amaro é a João. Tem vez, na época de carnaval, tem guerra aqui: se junta a beira do canal contra os apolos. Depois, se junta esses dois contra campo Ângelo. Depois, pega saquinho de carnaval, bomba e começa. Até que o que se diz chefe, ele proibiu esse tipo de negócio aqui porque fica batendo nas pessoas. (eu perguntei quem é o chefe). O chefe não sei o nome dele, não. Agora, melhorou a situação porque trocou de chefe. A convivência minha com a minha família é boa porque é animada. E, quando tem uma criança pequena, ai fica mais animada ainda. Os amigos me chamam para jogar bola, jogar freefire (é um jogo de tiro que tem no celular). Tipo assim, gangue não, era: teve um jogo, agora, ontem mesmo. Daqui, de Santo Amaro contra o Blum, Delacelto contra Real Pilar ai, nós estávamos jogando lá. Do nada, começa uma briga. Porque estavam botando pirralho de 19 anos, 18 anos. Ai, os pirralho é de 14 anos. Ai, os pirralhos de 14 anos vão brigar com os de 18 anos. Porque o pirralho puxou ele, ai o pirralho daqui foi e chutou ele. Ai, ficou lá. Todo mundo separou a briga. Quando tem essas brigas nunca matou gente.*

Eu vou para a marinha. Vai de 13hs até as 17hs. Nós ficamos fazendo atividade e tem lanche no final. Tem dias que é de piscinas que é terça e quarta. Vai voltar ao normal que é quinta. Em julho começa a dar o lanche. Das 13hs faz o que quiser. Dia de terça faz o que quiser.

P. Eu pergunto: Como fazem para virem para a AACA? Lá é terça e quarta e aqui é terça e quinta.

MHS— *Eu também fico no “adolescer” que é só no dia de sexta feira. Dia de terça feira eu não vou para a Marinha. Eu prefiro vir para a AACA. Dia de quarta*

feira, eu vou para a Marinha. Ai dia de quinta feira eu já venho para cá e não tenho nada para fazer.

P. Pergunto: É na Marinha do Brasil?

MHS— *É sim.*

P. Mas, vocês acham isso importante na vida de vocês?

MHS— *Sim.*

P-- Por quê?

MHS— *Porque ensinam a palavra de Jesus, ali. O subtenente dá a palavra ali antes de começar as atividades. A minha, eu já fiz a primeira comunhão (já fui católico), mas me afastei. Agora, estou fazendo os embaixadores do rei. É evangélico. Só que eu ainda não aceitei Jesus ainda não. O embaixador do rei é para representar a palavra de Jesus Cristo aqui na terra.*

P.-- Tu, ainda, não aceitaste Jesus e já tinha feito primeira comunhão?

MHS— *Não, tipo assim: eu fiz a primeira comunhão e me afastei. Depois, eu fui e entrei na embaixada e, ainda, não aceitei.*

P. Onde é a embaixada?

MHS— *É dia de quinta, faço a palavra de Deus. Dia de sábado ou sexta ou qualquer dia assim é futebol para o lazer. Tem um negocio ai para saber sobre a bíblia. Quem ganhasse, ia para o Maranhão. Mas, nós não participamos porque só faz um ano que estamos participando. Eu não disse nada a minha mãe sobre ir para o Maranhão e eu moro com o meu pai. **Minha mãe mora sozinha porque ela é deficiente. Ela teve um AVC cerebral. Ela é cadeirante. Minha mãe mora com a minha irmã e com a menina que ela criou.** Gosto de fazer é jogar bola e mexer no celular. Mexo no celular para ver colllai, um aplicativo de assistir TV e FreeFire. Porque, quando vou ao Shopping eu quero sempre, como qualquer criança, comprar algo lá , mas não posso. Porque tem cada coisa cara. Uma chuteira, mesmo, eu queria uma chuteira, mas é R\$ 300 reais. Mas, não pode não. Tem chuteira de R\$ 150 reais e meu pai não quer comprar. Compra, primeiro, as coisas dele para, depois, comprar a minha. Já me senti perseguido no Shopping. Eu passava por lá. É caminho para ir para a escola. Eu entro pelo Shopping para passear, mesmo, e, depois, vou- me embora. Ai, tem vezes que o segurança fica perseguindo as pessoas. E de bolsa, piorou. Ele fala: não tem nenhum muro separando, não? Eu respondo: Tem sim. Ele fala: tem, aqui no final dos apelos. Não, eu fico normal quando eu vejo esse negócio ai. Eu nunca senti nada não.*

P. Eu pergunto: vocês já viram alguma diferença entre o comportamento que eles tem com vocês no Shopping? Pensar que vão tirar alguma coisa? E outro, por exemplo, menino de pessoa de filho de grã-fino? Já sentiram alguma coisa nesse sentido?

MHS— Não. Eu vi uma coisa assim: Estava eu e mais três meninos. Eu era dessa cor aqui (moreno). Tinha um menino mais moreno do que eu. Os outros dois era tudo branco. Nós estávamos andando e o pirralho se separou e parou. Nós continuamos. Depois paramos. O segurança ficou só olhando para ele. Tipo, racismo. Isso nos incomoda. Ficamos falando várias coisas. Mas, não íamos falar para o segurança. **Os dois brancos não aconteceu nada, mas o de cor o policial perguntou: vai para onde pirralho? Nós só estamos andando, mesmo. Ai, ele deixou. Ficou nos seguindo, de longe.**Nós fomos embora. Eles não têm autoridade para prender os outros. Ele pode pegar a pessoa e chamar a polícia. Mas, tem vezes que ele vê a pessoa roubando, pega a pessoa e chama a mãe da pessoa.

A AACA é um centro educativo para a criança. Eu entrei, aqui, com 3 anos e estou, agora, com 14 anos. Fazem 11 anos que estou, aqui, na recreação. Aqui tem de bom: esportes, tem capoeira, tem várias coisas. Eu gosto daqui. A capoeira é uma arte para a pessoa se defender. Aqui, eu tenho um padrinho. Eu e uma menina. Só é nós dois que ganha presente. É todos os anos. É do tipo: nossos padrinho são diferentes. Ninguém, daqui, ganha não. Só nós dois que ganha. É todos os anos. Mas, parou de dar por conta da pandemia. Ganho tipo: roupa, bolsa escolar. Meu padrinho não mora aqui não. Mora longe. Tipo Argentina e nos manda carta (adoção a distancia). Mandamos a carta desejando feliz natal. O eu que queria era uma chuteira, mas nós não fazemos isso não. Nós não podemos pedir. Nós escrevemos, dizendo: feliz natal É eles que gostam de mandar mesmo. Eles que gostam de mandar.

Eu tenho um sonho. Em primeiro lugar, ser jogador para dar um futuro melhor para a minha mãe como falei na entrevista. Segundo lugar, se eu não conseguir ser jogador, eu faço concurso militar. Ser jogador do Barcelona e ser jogador da seleção para ser campeão. Raiva eu tenho direto. Quando eu fico jogando bola, tenho tanta raiva. Ontem mesmo, eu fiquei com um arranhão (**mostrou onde foi. perto da bunda**) bem aqui. Porque eu estava agarrando, era para eu está jogando, mas faltou o goleiro. Quando eu peguei a bola e me virei, o pirralho me empurrou. Eu fiquei com raiva dele. Depois, quando ele pegou na bola fui para cima dele. Dei um chute nele que a bola quase entra no quartel.

P. Já pensou , quando está com raiva, em perdoar?

MHS— *Eu já pensei com um bocado de menino. Eu parei de falar com um menino que era meu amigo desde tempo que não nos desgrudava. Só por conta de uma besteira nós não falamos mais. Já pensei em falar com ele, mas pensei em deixar para lá. Foi porque eu estava aperreando ele. Ele não fala mais comigo, não. Ele fala brincando. Ai, eu já estava com raiva e disse: falo não, irmão. Nunca mais falei com ele. Ai, nós paramos de falar. Ainda não falo com ele. Eu falei: tem que aprender a se perdoar porque conseguimos muito mais coisa. É porque eu sou orgulhoso.*

P. Eu disse: não deve ser orgulhoso, não. Você é um menino bonito, inteligente, sabe falar bem. Quando você estiver, ai, bem grandão como vai ser em viver a vida. Precisa fazer muitos amigos.

MHS— *Eu queria comprar uma casa para a minha mãe porque ela vive de aluguel. Queria comprar uma casa para o meu pai, também. Meu pai desempregou porque ele tinha um comércio na praça, ai a prefeitura foi e tirou todos daqui e colocou em outro canto. Ele alugou a uma mulher. Ela fica pagando, direto, a ele. Ai, quero comprar uma casa para eles dois. Quero sair daqui.*

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **MFL**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13 ano Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc)

MFL— *Eu treino na escolinha do Esporte. Faço parte da AACA, também. Ajudo a minha mãe a lavar prato, essas coisas de casa. Eu moro com a minha mãe e meu irmão. Gosto de morar na Ilha. Pretendo morar em outro canto, mas agora não. Tive.... Minha mãe estava passando por muitas dificuldades com comida, não está tendo muita comida em casa, dinheiro. Gosto de participar da AACA porque aqui é muito divertido, eu aprendo matemática, português, essas coisas.*

P. Por favor, complete essas frases:

MFL

- a) Eu sou: *um menino, sou bonito, sou tímido.*
- b) Eu tenho: *um celular para ficar me comunicando, meus amigos, uma televisão que minha mãe comprou para colocar no meu quarto, fico assistindo. Dos brinquedos, as cartas.*
- c) Eu quero: *ter uma casa, ter um carro, ter filhos, também, quando eu casar.*
- d) Eu estou disposto(a): *ajudar a minha mãe, crescer na vida, ajudar muito ela, disposto a ajudar ela no que ela quiser.*
- e) Eu posso: *ser jogador ou não posso. Vou correr atrás, vou lutar, vou batalhar para chegar lá. Eu pretendo ser policial, mas não estou com muita vontade de ser policial não. Tenho vontade de ser jogador. Estou no foco de ser jogador.*

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **CGA**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 12 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

CGA — *Bom, minha vida é ótima, minha família é ótima, morar em Santo Amaro é ótima. Vivo com meus pais e 3 irmãs, inclusive uma está no nono ano, quase no ensino médio. Ele me ajuda bastante, principalmente meu pai, que é um bom amigo para mim. Gosto de morar aqui. Não temos nenhuma dificuldade. É muito bom participar da AACA. Ajuda a pessoa.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **CGA**

a)Eu sou: *um menino muito inteligente, baixo, magro.*

b)Eu tenho: *uma boa família, um bons parentes e eu seja mais.*

c) Eu quero: *ser jogador de futebol (do Esporte ou time da Europa), ter uma boa carreira e seguir minha vida.*

d)Eu estou disposto(a): *a merolhar muito, estudar para crescer na minha vida.*

e)Eu posso: *fazer tudo o que eu quero se Deus está comigo.*

Segunda parte

CGA — *Uma história que me marcou foi a história da minha irmã. que, foi o ano passado, no começo do ano passado. Lá na minha casa tem um pé de manga. Ai, saímos na trilha para subir no pé de manga. Ai, ela sobe na trilha (do pé de manga). Sobe eu e ela. Ela pegou uma doença e foi para o hospital. Esqueci o nome do hospital. Ela ficou um bom tempo internada, fez cinco cirurgia no joelho que a doença dela foi uma bactéria no joelho. Fez cinco cirurgia no joelho, voltou e foi passar o natal com a gente, com a família. Ficou doente, de novo. Ficou sem andar de novo, não andava muito direito. Ai ela foi. Quando ela foi ela fez outra cirurgia, pela o que a minha mãe disse, que a médica falou que se ela ficasse mais um pouquinho lá ia morrer. Ai ela fez a cirurgia e voltou para a casa e voltou bem. Está andando direitinho. Ela tem nove anos, vai fazer dez anos em outubro. Eu acho que foi a doença do rato, alguma coisa que a médica disse. Normal, com a minha família, com os meus primos que moram tudo por perto. Me sinto feliz morando aqui. CGA dentro da família é normal, eu amo tudinho e eles me amam. Não me sinto discriminado com o Shopping Tacaruna. O muro que separa a comunidade do Shopping não é nada porque foi construindo antes de eu nascer, então, para mim não me importo muito com esse muro. Não me sinto discriminado indo ao shopping. Já tive várias tristezas. Uma delas foi a doença da minha irmã. Outra, sei lá, para me lembrar agora vai ser difícil. Alegria, tive várias, também. Dentro da minha família, nos aniversários, nas festas, nos passeios que a gente ia com a família. Eu gosto de estar com a família. Quem faz a festa de aniversário são os meus pais. O aniversário tem o bolo, algumas vezes tem as minhas tias que ajudam a preparar ou, às vezes, a minha mãe faz o aniversário em família. Gosto mais de fazer é de jogar bola porque me sinto livre, feliz. Não tive nenhuma discriminação na comunidade. Meu estado de emoção é normal, não sei explicar, é normal. A minha vida é boa com a minha família, com os meus amigos da escola, gainbor que eu gosto muito dela. Da AACA é muito bom, dos amigos e da professora. O que eu gosto mais da AACA é jogar bola porque é bom, jogar com os meus amigos. Aprendo, na AACA, várias coisas estudar, ter respeito. Todo mundo já teve raiva. Situações de jogo, mesmo, tem raiva porque eu sou muito competitivo. **Eu não gosto de perder. Quando eu perco, ai fico com muita raiva de mim, do meu time. Já controlei essa raiva. Exemplo: meu time perde, tem menino que fica atiçando para você partir para a briga, você já na raiva, você já se controla naquele momento.** Não tenho inveja. Eu com os amigos é normal, brincando, rindo um do outro, naquela região, naquela*

brincadeira. Brincadeira do tipo: aqui estamos entre amigos, ela está contando um assunto aí eu começo a rir e todo mundo começa a rir junto. Me sinto feliz. **Gosto, por aí, de ajudar as pessoas.** Às vezes, quando estou com raiva não gosto de nem chegar perto da pessoa, de ninguém. Fico na minha, quieto. Quando eu ajudo, eu ajudo. **Para lembrar, agora, de ajuda a alguém é difícil. Já ajudei várias pessoas com dinheiro, com conforto, dando apoio, também. Fiquei ali, quando inha irmã estava no hospital, dando conforto a minha mãe, dando apoio a ela.** Não tive nenhuma dificuldade. Meu pai trabalhando, não tive.

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **APN**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade:14 Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

APN— Sou um garoto enérgico, faço algumas coisas. Gosto muito de andar de bicicleta, de jogar bola. Gosto de investigar o celular. Sobre a minha família, não posso dizer que é uma família unida, completa, mas quando precisamos um do outro, estamos sempre juntos. Natal, fazemos, de vez em quando, pique – nique, nos divertimos muito. No momento estou morando com o meu pai. Atualmente, estou morando com o meu pai. Meu pai e minha mãe se separaram faz uns 4 a 5 anos. Minha mãe trabalha na praça de alimentação do Shopping e meu pai trabalha no Hospital Santa Casa. Ele é segurança. Morar aqui na ilha é divertido. Cresci aqui. Sempre vivi aqui, mas, infelizmente, passei 3 anos da minha vida morando em Abreu e Lima e acabei perdendo vários e vários eventos que teve aqui. Quando voltei para cá, voltei com tudo: andar de bicicleta, jogar bola, conversar com os meus antigos colegas. Alguns amigos, infelizmente, faleceram por conta da pandemia e outros foram para outras cidades. A única dificuldade, a meu ver, é a chuva pois alguns telhados das casas, alguns são emburacados e, também, nas ruas que alagam tudo. As ruas enchem demais de, ao ponto, invadir algumas casas. Participar da AACA é bem divertido. Eu sempre me imponho, não só para acordar cedo, mas para vir para cá. A um ano atrás era bem mais divertido porque tinha mais alunos, mas gosto de vir para cá porque a AACA faz parte da minha vida.

P. Por favor, complete essas frases:

APN

a)Eu sou: *um garoto engraçado*

b)Eu tenho: *um sonho de ter um futuro bom, de dar um futuro bom para minha mãe e meu pai e viver a vida feliz.*

c) Eu quero: *ser um bombeiro, futuramente, se Deus permitir. Desejo me formar em astronomia porque eu gosto muito desses passos.*

d) Eu estou disposto(a): *a fazer tudo que eu puder na minha vida, principalmente a ter um bom emprego e formar uma família futuramente.*

E) Eu posso: *fazer tudo o que eu quiser.*

Segunda parte

APN— *Eu tenho 14 anos. Moro na Comunidade Santa Teresinha. Passei 12 anos aqui, depois passei 3 anos em Abreu e Lima. Sou uma pessoa divertida em certos horários, engraçado. Eu, geralmente, não sou um amigo perfeito. Eu sempre quis ser aquele amigo que apóia outro amigo do jeito que pode. Eu tenho amigos que sofrem de depressão. E, assim, eu sempre tento ajudar, mas, de vez em quando, não consigo. O máximo que faço é conversar. Eu quero ser melhor nisso. Em relação a alguma história que me marcou, não. Nunca tive nenhuma história que me marcou de verdade. Sempre gostei de morar na comunidade Santa Teresinha. Nasci e cresci aqui. Aqui eu sempre conheci todo mundo. Praticamente, sou conhecido do Malafeio até aqui porque eu saía com a minha mãe para fazer entrega da Natura e eu sempre pedia para ir com ela. Grande parte das pessoas que mora por aqui me conhece. Gosto daqui, né? Nem por causa disso, é porque aqui foi praticamente onde eu cresci e vivi, praticamente, toda a minha vida inteira. Me sinto feliz. Eu sempre fico feliz de estar aqui, finalmente estou morando com o meu pai, de novo. Sempre gostei de morar aqui. A convivência com o meu pai é uma convivência boa. É uma relação de pai e filho. A gente nunca esconde segredo do outro. Sempre que um precisa conversar com o outro, a gente conversa. Meu pai desabafa comigo, eu desabafo com o meu pai. A relação com a minha mãe é a mesma do meu pai. Só que ela mora um pouco longe de mim. Ai, quase nunca vejo ela. Nunca fui no muro que divide o Shopping da comunidade. O Shopping aqui perto é bem legal porque não precisa pegar ônibus para ir ao Shopping. A relação da minha família, se for pai, mãe e irmão, é bem tranquila. Minha irmã mora no Rio de Janeiro. De vez em quando, conversamos. Já sou tio desde os 7 anos. A gente conversa de boa. Mas, entre família a gente se une, mas aconteceu uns problemas ai, na semana passada. Não direto, mas, de vez em quando, tem problemas. Sempre tem que ter uma*

briga. Eu nunca me envolvo em briga de família porque só os adultos. Eu só tenho 14 anos. Para depois dizerem: ah, você só tem 14 anos, não entende nada. **Eu sempre evito me envolver em briga de família. Só fico olhando. Não tive tristeza em relação a minha família. Alegria eu tive sim. A minha avó sempre foi uma pessoa divertida comigo. Sempre foi legal. Ela me apoiava quando eu precisava. Ela faleceu a quatro anos.** Ela morreu, eu acho, de Chicogunha ou Zica. Ela acabou passando muito mal e eu não tive muito tempo para correr e chamar o meu pai e familiares. Quando foi de meia – noite, infelizmente, ela faleceu. Eu gostava dela. Ela, praticamente, era minha segunda mãe. Me criou grande parte do meu tempo quando minha mãe e meu pai trabalhavam. Não sinto inveja. Eu, ainda, gosto de investigar o celular. É algo assim: me dá muito prazer porque me sinto que tem outra pessoa comigo e que sempre me divirto com os meus amigos. Eu sempre procuro vídeos, no celular, de teorias, histórias. Gosto muito de astronomia. É o estudo de propedêutico. O copo estrelar, eu acho muito interessante. Sempre pesquiso isso. Eu sempre pesquiso sobre teorias de jogos que gosto. Sempre procuro dicas e coisas que devo fazer. E quando quero assistir, eu procuro filmes ou séries antigas. De vez em quando assisto pelo celular ou conecto meu celular a TV para assistir. Ah, sim, gosto sim, de andar de bicicleta. Mas, minha bicicleta está quebrada. Tem que fazer manutenção. **A brincadeira com a bicicleta é que, aos domingos, eu sempre ia ao Recife antigo. Eu e meu pai. De vez em quando eu chamo meus amigos, para sempre andarmos de bicicleta lá. Lá é um espaço grande divertido.** Eu participei de uma corrida a uns cinco anos atrás. Eu ganhei na brincadeira. Eu ganhei porque ninguém estava levando a sério só eu. Eu era muito competitivo em relação a bicicleta. Na família, eu sou aquele garoto quieto que quase ninguém lembra. Eu geralmente não sou de conversar com os outros. Eu me sinto um pouco constrangido, até mesmo conversando dentro da minha família. Dentro da comunidade, praticamente, uma pessoa normal. Que vive andando por aí, que os outros conhecem. Eu sempre cumprimento as pessoas que vejo e que conheço. E é assim, como eu vejo. Viver dentro da comunidade é tranquilo. Não tem muito barulho, não tem, como antigamente que era. É bem tranquilo. Não tem muito o que fazer. Gosto de morar aqui porque é um ambiente tranquilo, é um lugar bem, confortável. Aqui é calmo, como antigamente. Antigamente, aqui era como uma zona vermelha. E sempre tinha roubo, essas coisas. Foi melhorando, evoluindo. Aqui virou uma paz. Ninguém briga com ninguém. De vez em quando tem umas briguinhas, mas é normal. Eu com os meus amigos é uma relação normal. A gente briga, tira onda um da cara do outro. De

vez em quando nós brigamos, mas dá para encerrar, rapidinho. Eu vejo a ilha, como um lugar bem tranquilo. Não sei dar detalhes sobre isso, não. Mas é um lugar bem tranquilo. Me sinto feliz de está aqui. Sou uma pessoa enérgica porque sempre quando estou muito ansioso com algumas coisas. Quando fico brincando com os meus primos, o mais novo eu sempre sou enérgico em relação a isso. A gente sempre se reúne (a família). A família sempre dá dela. É uma das primeiras daqui da frente. Ela terminou o primeiro andar e, talvez, no Natal, no Ano Novo ou no São João vamos para lá e faça uma comemoração todo mundo junto. O trabalho do meu pai é um segurança comum. Ele passa, trabalhando, um dia e outro não. Ele é do período da noite. Minha mãe trabalha cinco por um. Ela é atendente de praça e trabalha no Shopping. Nunca tive dificuldades aqui. Aqui na recreação, nunca tive dificuldades. Fora não muitas. Foi quando o meu pai estava de férias e não tava com muito dinheiro. Tivemos que depender muito da minha mãe. Ai, comprava algum alimento e comíamos mesmo. Eu quero dar um futuro bem tranquilo para a minha mãe. Eu já conversei muito com o meu pai sobre isso e ele disse que a minha mãe, em primeiro lugar, porque ele está onde está hoje porque foi preguiçoso o suficiente para não estudar. Ele largou o estudo muito cedo e minha mãe, ela nunca teve oportunidade de estudar. Ela só estudou três anos, quando mais velha. Mas, quando teve que escolher entre o trabalho e o estudo, ela optou pelo trabalho e continuou trabalhando. Meu sonho de ser bombeiro era desde pequeno. Eu sempre tive a esperança de ser bombeiro. Eu já conhecia alguns bombeiros na minha frente. Já tirei fotos com eles. Porque, sempre achei muito legal esse negócio de você salvar vidas, ser um herói para aquela pessoa. Achei muito legal isso. Quando falo que posso fazer tudo o que eu quiser é, assim, na adolescência você pode fazer a estrutura que você quiser, de se divertir, de não ter a responsabilidade (de um peso nas costas) que um adulto tem. **Quando uma pessoa tem 18 anos, já tem que procurar emprego, já tem que se preparar mais para o futuro pela frente. É por isso que eu falo: eu posso ter tudo e tudo ao mesmo tempo.**

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **FSG**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

FSG— *Minha família obedecem as ordens. Minha vida é normal. Morar aqui na ilha é bom. Não tive nenhuma dificuldades morando aqui na ilha. É bom, incrível participar da AACA. Fazemos, aqui na AACA, atividades, tarefas, pesquisas, muitas coisas. Eu gosto daqui.*

P. Por favor, complete essas frases:

—**FSG**

- a) Eu sou: *FSG, sou uma pessoa estudantil.*
- b) Eu tenho: *minha família e meus amigos.*
- c) Eu quero: *ter uma vida e criar uma família.*
- d) Eu estou disposto(a): *ter um futuro melhor sem ter conflito.*
- e) Eu posso: *que acabe esses anos de covid 9. Possamos obedecer as normas e continuarmos tomando as vacinas.*

Segunda parte

FSG — *Minha vida é muito boa. Tenho muitos amigos. A família, como o ano passado, depois da pandemia, começo a se comportar. Esse ano está tudo bem. Todos tomamos a vacina. Se comportar é obedecendo às ordens da covid 19. Uso de mascar, essas coisas. O tipo de ordem é: lavar as mãos, colocar álcool, higienização (limpar os produtos) antes de entrar em casa e sempre usar a máscara quando for sair. Sempre obedecem às ordens. A religião que eu frequento é a Batista. Eu gosto de frequentar a igreja porque nós fazemos umas brincadeiras, às vezes. Uma gincana. Às vezes, se*

apresenta, faz competição bíblica, lê um pouquinho da palavra de Deus e um louvorzinho. Depois, nós ora. O professor, aos sábados, leva para jogar bola. Eu sou uma pessoa calma. Sou gentil. Ah, só a preguiça mesmo. Gostar de jogar bola. Tenho tanta preguiça assim, mas faço as tarefas. Gosto de viver na comunidade Santa Teresinha porque é uma comunidade calma. Aqui, é bom demais. Tem muitas coisas. Tem muitas festas. Poxa, eu esqueci porque aqui é um Paraíso. Paraíso porque aqui é divertido, é cheio de coisa. Às vezes, o prefeito faz festa aqui. Eu gosto. Me sinto feliz morando aqui porque tenho amigos. A convivência com os meus amigos é boa. Ficar brincando, ficar jogando. Tipo: futebol, bolinha de gude, jogando no celular. Às vezes, brinca de se esconder. Não fui ao muro que divide o Shopping da comunidade, mas soube que existe o muro. Perante o Shopping, **sinto que está perto. Sinto felicidade porque o Shopping está bem pertinho. Não precisa nem ir de carro. Algumas vezes, já fui só, outras vezes com a minha mãe e meus amigos.** Minha convivência com a família é boa. A gente faz muitas coisas. Eu amo eles, eles me amam. Eu ajudo minha mãe, as vezes. Ajudo a minha família, também, do tipo ir na feira, arrumar a barraca, ajudar em casa. Eu ajudo os meus irmãos nessas coisas também. Meu irmão que se casou, ele está morando atrás de mim. Ele me pede para levar o cachorro dele para passear. Eu levo. Eu gosto porque ela é fofinha. Ela é bem grandona. Esqueci-me da raça. A outra é misturada de pinscher com Hotweiler. A pequeninha é braba e nem sabe andar na coleira. Não tive sensação de tristeza. Já tive sensação de alegria. De piada. Meus amigos fazendo piada. Os meninos só fazem piadas e eu fico só rindo. Não tive nenhuma história importante que me marcou. Não me lembro de nenhuma. **A convivência com os meus pais é normal porque é uma família normal do tipo: meu pai trabalha, minha mãe fica em casa, faz o almoço da gente. Nós fica lá. Um ajuda o outro. Ai, as vezes, minha mãe trabalha, também, minha irmã vai para a escola, as vezes.** Eram três irmãos, agora só é dois porque um casou. Só tem nós dois em casa. **Eu gosto desse convívio familiar, dos amigos. Eu gosto de vir na AACA porque é muito bom.** As atividades são boas. Aqui faço futebol, capoeira, musica, dança. As vezes, Rico passa umas tarefas. Ai, ele passa algumas tarefas e deixa nós jogando, as vezes. O que eu gosto mais de fazer aqui é jogar futebol porque é divertido. É bom, driblar é bom. Não tive inveja. Inveja só as meninas que tem. Não sei explicar porque elas tem inveja.

P. Você coloca culpa nas meninas e não sabe. (Ele começa a rir)

FSG — Na AACA ensinam muitas coisas. Gosto de capoeira, também. **Me sinto amado aqui.** Me sinto, mais ou menos. Hoje não deu para nós jogar. Mas, normal. Nós ficamos lá em cima conversando, normal. **A minha visão na comunidade é um paraíso porque é sem prédio. Porque é uma ilha normal, com praia, piscina.** Eu gosto daqui porque as praias são boas. A única praia que não é boa é Boa Viagem. O Shopping é ele mesmo. **O muro que separa a comunidade do Shopping eu acho normal porque eles fizeram só para, quando chovesse, não alagar. Porque a Avenida Agamenon Magalhães era um canal enorme que não tinha nada. Ai, construíram o Tacaruna e o Shopping para parar um pouco o canal. É água do mar ai.** Todo os dias é um sufoco para ir na escola porque é um calor. Mas, os estudos é bom. Ir para a escola é boa. Nós, na escola, estuda matemática, português, **geografia (geografia nem tanto porque o professor, as vezes, está mal, outras vezes, está bem).** Nós já fizemos o primeiro bimestre da prova. Tirei nota boa. Tirei mais ou menos. Mas, tive um probleminha. Mas, fiz as provas e, ainda, não sei se passei. Nós, tem um intervalo. Fico conversando com os meus amigos. Depois, vou embora. Tenho, sim, amigos. Um dos meus amigos é o grandão que esteve aqui antes. Eu, as vezes, fico conversando com ele ou, as vezes, subo para ficar no celular. Depois, eu vou ver o lanche. Eu gosto de ver no celular é jogar ou assistir um filme. O tipo de filme que vejo é Animo. È do Japão esse filme. O jogo no celular é de futebol, de construir casas. Gosto de ir para a Igreja. Hoje tem igreja, mas não vai dar para ir porque vou na igreja da minha amiga. Vou assistir o culto, na igreja da minha amiga.

‘P. Você está satisfeito porque vai para lá.

FSG —Olha para mim, com um sorriso, e diz que não está. Eu quero ir é para a da minha que é mais fácil. É bem pertinho. A dela é mais longe. É depois da escola.

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: **KM**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: 14 anos, Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

KM— *Minha vida é boa. Minha mãe e meu pai. Tenho irmão. É bom morar aqui na Ilha. Nunca tive dificuldades aqui na Ilha. É bom participar da AACA. O projeto deles é bom demais. Aqui na AACA faço esportes. Faço: Futebol, capoeira, música, dança.*

P. Por favor, complete essas frases:

KM

- a) Eu sou: *uma pessoa legal, boa, inteligente.*
- b) Eu tenho: *irmão, família, pai e mãe.*
- c) Eu quero: *ser jogador de futebol da seleção brasileira.*
- d) Eu estou disposto(a): *a ajudar as pessoas que estão na rua.*
- e) Eu posso:

Segunda parte

KM — *Tenho 14 anos e sou da comunidade da Ilha Santa Teresinha. Estou no sétimo ano. Não me lembro de nenhuma história que me marcou.*

P. Eu falei: quer dizer que a tua vida é um mar de rosas.

KM— *Me responde: sei lá (e começa a rir). Quando eu faço coisas erradas minha mãe me coloca de castigo. Não me lembro quando foi a última vez que fiz coisa errada. Faz muito tempo. A coisa errada que a minha mãe dizia é do tipo: fazer besteira, subir no muro de alguém, dos outros. Ela via e colocava de castigo. Aqui, na comunidade da Ilha Santa Teresinha, é animação,. brincadeira. Tem dia que colocam*

uns parques ali. Ai, a gente vai. Não existe tristeza na comunidade. O tipo de brincadeira é jogar bola, bola de gude, jogar pião. Jogar pião é jogar o pião no chão e puxar com a corda. Com a ponteira. Não sinto nenhuma dificuldade aqui. Antes, aqui na comunidade era muita morte, negócio sobre a guerra do tipo: aqui vive Santo Amaro e aqui Campo Angelo. **O pessoal não podia ir para o Santo Amaro e nem o de Santo Amaro para o Campo Angelo. Quem viesse, matava. Guerra de arma, mesmo, de matar pessoas. Não acho isso certo. E o chefe de coisa errada, gangue, proibiu porque estava havendo morte dos dois lados. Agora, melhorou a situação.** A minha família também é animada, alegria, diversão. Essa alegria é sair para a praia juntos, sair para os cantos, etc. Eu gosto de sair com a minha família. Esse nome está em inglês. **FreeFire** significa “fogo livre”. É mais para pessoas que gostam de brigar, mesmo. O que eu gosto mais de fazer é jogar bola porque é emoção. Joga bola, faz vôlei, basquete. Tem dia que lá não tem, ai nós vem para cá. Eu ainda não faço parte. Gosto, também, de fazer esportes. Gostou de ver Youtube (pelo celular), jogos.

Eu nunca me senti perseguido no Shopping. Porque sabe que as pessoas vão roubar. Antes, minha avó comprava no Shopping. Ia até comprar uma chuteira de R\$ 300 reais, mas, depois, essa pandemia, acabou com tudo. Quando eu vejo as coisa, tenho vontade de ter. Mas, tem vezes que está muito caro. Ai, não tem como comprar. **O muro pintado de azul e branco? É ficam pensando que vamos roubar alguma coisa. O segurança pega um negro e mete paulada. Tem uns que leva para a salinha. A salinha é do tipo do negocio de cacete. Pega um pirraio e leva para lá. Sai de lá tonto, sangrando. Tem vezes que um tem raiva mesmo.** As pessoas mesmo leva. Se não, dá na pessoa.

Eu gosto daqui (**em referência à AACA**). A mesma coisa que ele disse. Eles oferecem, para nós, alimentação, feira, um bocado de coisa. Eles que mandam. Eu tenho um sonho: ser jogador de futebol. Se não conseguir, entrar no exército, quero ser jogador do Brasil. Quando a pessoa quebra a pessoa, a pessoa sente raiva. Quando estamos todo mundo bem, a pessoa está alegre. **Eu já fiz isso (de perdoar)**. Eu queria tirar a minha mãe daqui e dá uma casa nova a ela. Não gosto, não, em morar em favela. Antes, tinha muita morte, mas melhorou um pouquinho. Quando eu penso em bala, ai ninguém pode sair para a rua. Fica todos em casa, as mesmas coisas são os meus pais: eles dois são desempregados. O sonho é sair daqui porque não dá certo de morar.

ADOLESCENTES (M)

Identificação:

Nome completo: FFF

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 15 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACCA, etc).

FFF— *Eu sou um menino de 15 anos, moro no bairro de Santo Amaro, na Rua Cordeiro de Deus, Recife Pernambuco. Sou estudante, minha mãe trabalha no adolescer para adolescente. Minha vida familiar é legal também. Perdi a minha avó quando eu tinha 2 anos de idade. Minha avó morreu quando ficou sufocada. Se engasgou com a comida. Ela foi dormir e, do nada, sentiu uma coisa aqui... (ele apontou para o esôfago). Ai ela começou a se bater, ai meu avô levou ao hospital, ai ela faleceu. Gosto de morar aqui na comunidade. Não penso em mudar daqui. Nunca tive dificuldades. Gosto da AACCA porque frequento as atividades, quando tem eventos. A AACCA é um lugar que me faz feliz. Me sinto muito bem.*

P. Por favor, complete essas frases:

FFF

- a) Eu sou: *um adolescente alto e forte.*
- b) Eu tenho: *casa, família, amigos e muitas considerações por eles.*
- c) Eu quero: *ser um jogador de futebol e ser professor de capoeira.*
- d) Eu estou disposto(a): *a mudar a vida da comunidade e disposto a lutar por ela.*
- e) Eu posso: *realizar o meu sonho de ir aos Estados Unidos, lutando bastante aqui na comunidade, ajudando a comunidade, me ajudando, fazendo atividades em minha casa, ajudando a minha família e quem sabe, ir para os Estados Unidos.*

Segunda parte

FFF — Sou FFF, tenho 15 anos. Gosto de jogar Bola. Faço Capoeira. Gosto muito de praticar esportes. Sou muito ansioso. Não gosto de ficar parado. Gosto de me movimentar. Tenho preguiça. Essa ansiedade é de uma pessoa normal. **Tem vezes que é uma pegação porque fico triste. Não consigo falar com ninguém. Tenho um pouco de depressão. Essa depressão foi por causa da morte da minha avó. Não é de não querer me separar de ninguém, não. É de querer ficar um pouco quieto, só. Poxa.**

P. Fale de uma história que te marcou.

FFF — Me pegou essa pergunta. Me pegou de verdade.

P. Enquanto ele tenta lembrar-se de uma história que o marcou, pedi-lhe que me falasse mais da morte da avó. Ele ficou, por um instante, parado, olhando fixamente para mim. Eu falei: oi. Ele responde:

FFF — Minha avó morreu no quarto, quando foi dormir. Não sei de que ela morreu. Acho que foi uma coisa aqui (apontou para a garganta). Ela ficou com falta de respirar. Chegou no hospital morta. **FFF** vive na Comunidade Santa Teresinha é um garoto alegre, brinca com todo mundo, não se aperreia com ninguém. Eu gosto de viver na Ilha³². A minha visão da comunidade que é um espaço legal, que me sinto feliz de ficar nele. **Aqui, de vez em quando, tem confrontos. É guerra porque um invade lá, outro invade aqui. Fica sempre nessa. FFF, dentro da família, é um garoto normal, alegre, tira onda com todo mundo, brinca, respeita.**

P. Eu te pergunto: brinca de quê? Ele responde:

FFF— Nada, tiro onda³³, deixa as pessoas alegre, interagir. **FFF**, com os amigos, é normal, alegre, também, interagindo. O que eu gosto mais de fazer é jogar bola e fazer capoeira. Eu sonho ser jogador de futebol. Tanto faz de que time ou seleção. Só quero ser profissional³⁴. **Eu já vi o muro que separa o Shopping da comunidade e me sinto normal. Não sei explicar, não, como é esse normal. Não sinto nada ao ver o Shopping. Não tive nenhuma discriminação. O que eu gosto de fazer no Shopping é comer, fazer as compras com a minha mãe e só. Eu moro com a minha mãe e meu irmão.**

³²Quando eu falo: Comunidade Santa Teresinha, estou me referindo a Ilha Santa Teresinha. Foi Dan que me pediu que, nas entrevistas com os adolescentes, eu me referisse à comunidade e não ilha.

³³Neste momento, FFF gesticula muito para expressar o que está falando. No momento da entrevista, fica sempre bulindo num lápis grafite contendo uma borracha.

³⁴Nessa hora, FFF pega um violão que está perto e tenta tocar uma música.

P. E seu pai?

FFF —*Meu pai? Morreu não. Mora com a minha madrasta. Meu pai mora na casa dele. Eu moro com a minha mãe e meu irmão. Não tive nem alegria nem tristeza. Ah, já tive muitas. Eu gosto de jogar bola. Ai me sinto feliz. Quando fico só, fico triste. Só isso.*

P. Não quis falar se estava disposto a mudar de comunidade, mas conta uma historinha:

FFF— *Agora me lembro de uma historinha que me marcou foi quando eu viajei com minha mãe, meu irmão e minha família para uma casa. Lá, nos divertimos, tomamos banho de piscina, comemos juntos, sorrimos juntos, assistimos juntos. Fomos para uma casa com piscina, mas não sei a onde foi. Nessa viagem, foram eu, minha mãe, meu irmão, meus tios e tias e meus primos. O que me marcou, também, nesta viagem foi tomar banho de piscina. Meu sonho é ser jogador de futebol profissional. FFF, dentro da família, é normal. Minha família é normal. A convivência de FFF com os amigos é normal, legal. **Me senti feliz no batizado de capoeira pegando corda. Treinei muito tempo para chegar à corda que estou hoje. Responsabilidade. Eu gostei pra caramba. Batizado quando pega a corda. E eu me senti feliz quando pequei. Chama batizado de capoeira.***

ADOLESCENTES (M)

Identificação:³⁵

Nome completo: **ADML**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 14 anos Sexo: Masculino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Por favor, complete essas frases:

- a) Eu sou:
- b) Eu tenho:
- c) Eu quero:
- d) Eu estou disposto(a):
- e) Eu posso:

OBS. O adolescente respondeu a estas questões no decorrer da sua entrevista.

ADML — Eu sou um menino maluquinho porque sou maloqueiro e faço um bocado de negócio. Um desse negócios foi que quebrei o vidro de um carro porque estava num pé de manga. Estava no pé de manga para pegar manga. Ai, a manga caiu e o menino agarrou. O vidro só fez racha. Fez uma bola e um rachão para cá, outra para lá e outra para baixo. O galho que caiu de lá de cima. Eu tenho casa.

Eu fiz maldade com o ônibus porque o ônibus ia bater em mim e eu quebrei o vidro. Eu e os meus amigos. Ninguém me ensina a fazer. O cabra vem bater e eu vou ficar na polícia, é? Meu pai sabe que eu quebrei o vidro. Ele não disse nada. Ele quis bater em mim. Ele colocou para cima de mim. Ele nem estava na faixa de ônibus. Eu estava atravessando, quando o sinal fechou, ele atravessou o sinal. Ai, bateu em mim. Ai, eu corri. Os meninos ficaram falando: borá pegar esse bicho, borá. Ai, nós subimos no ônibus, falamos com ele e disse: tenha cuidado. E o motorista falou: ta bom. Nós descemos, pegamos um bocado de tijolo e batemos no ônibus. Ninguém me disse que eu sou mau. Eu não me acho mau. Só que não quero maldade para os outros nem para mim. O cara que faz maldade comigo está muito errado. Vai se vê mal, também. Vou tratar ele mal.

Aqui, na AACA, aprendi muitas coisas desde pequeno, mas já estou afim de sair. De ir para um lugar bom. Queria ir para a Marinha porque lá tem um bocado de

³⁵Este adolescente participou, apenas, de uma entrevista.

negócio que eu gosto que aqui também tem. Mas, o povo diz que eu não me comporto. O professor diz que eu não me comporto. Me manda eu ir para a casa. Eu vou, não faz falta, também. Faço o sétimo ano. Não faço nada, não, na sala. Só faço a tarefa. Quando manda, vou para casa. Ai, venho para cá. Eu tenho uma casa, celular, bicicleta. Eu quero um bocado de coisa. Queria um celular porque o meu quebrou, uma bicicleta de aro 29. A minha mãe me deu o celular de presente. Ela comprou um e me deu o dela. Não tenho amigo não e nem quero ter nenhum amigo. Tenho três irmãs: duas de consideração e uma de sangue. As de considerações são, também, da AACA. Minha mãe criou elas e a mãe delas me criou quando minha mãe ia trabalhar. Quando a mãe delas sai, manda elas fazerem as coisas, fazer as coisas não, liga para a minha mãe e pede para elas levarem algo para o trabalho da mãe delas. Ai, eu pego a bicicleta e vou com elas. Eu estou disposto a ficar em casa. Eu trabalhava nos fiteiros do Shopping mais minha tia. Eu saí de lá. Eu estava mexendo com coisa errada. Não quero falar não. Eu fazia coisas erradas do tipo que minha mãe não gostava, que ninguém gostava. Minha mãe só deu um conselho a mim e eu não ouvi. Nem ouvia. Chegava de noite e eu saía. Ela chegava do trabalho era para dormir e comer. Roubei, sim, um celular. Eu roubei o celular de uma menina da minha escola. O primeiro roubo foi assim: o menino pediu para eu pegar o celular. Eu peguei e coloquei debaixo da camisa e fui embora com a bolsa. Quando cheguei em casa, coloquei lá em cima e já fui com o celular. Nós íamos vender o celular, mas devolvi. O segundo eles me pegaram. Eu sem nada, ai tentaram ligar para a minha mãe. Cadê o celular, cadê o celular. Não está comigo não. Está com quem? Está com o meu primo. Ai, telefonei para o meu primo e o meu primo foi chegar uma 14hs da tarde. Quando chegou, levou uma tapa da mãe dele na cara. Deu o celular a menina e a menina foi embora. Ai, eu sai do trabalho. Minha mãe soube que eu roubei dois celulares. Meu pai não disse nada, não. Só disse: se você estivesse morando comigo ia só ficar de castigo sem pegar em nada. Isso é normal. Eu já fiz isso, também, mas hoje estou na boa. Já vou juntar dinheiro. Daqui pra lá que chegue. Só pro final do ano. Eu posso tudo o que eu quiser: posso viajar, posso trabalhar. Posso fazer um bocado de coisa.

Gosto de morar na comunidade porque fui nascido e criado aqui. Moro com a minha mãe. Meu pai mora, também, na comunidade, mas só, mais na frente. Me sinto feliz morando aqui. É normal a felicidade. Eu e minha família, é normal. Antigamente, aqui na comunidade tinha muito tiroteio. Morria gente. **Foi por volta de 2017 que começou a guerra do campo 11 contra aqui. Ninguém podia ir para lá. O que me**

marcou foi isso porque ninguém podia sair. Ficamos todos tristes. Agora, está tudo na paz. O muro que separa a comunidade do Shopping, eu me sito que deve tirar isso. É muito antigo. Gostar eu gosto dos desenhos, mas deve tirar os desenhos. Tinha até uns bons, antigamente. Quando vou ao Shopping me sinto normal. Nem vou ao Shopping direito porque não gosto muito. Gostar eu gosto, mas só para gastar. **Não gosto de ficar andando, sem dinheiro.** Não me senti com inveja. O povo é que tem inveja de mim porque o povo olha para mim como se esse menino não vai me reconhecer, não. Que não vai crescer, não vai realizar o sonho dele. **Eu digo para todo mundo que vou ser barbeiro. E o povo diz que não vou ser. Isso me deixa triste. O povo não acreditou.** Não gosto de estudar (mais ou menos). O que eu gosto mais de estudar é só arte. Gosto de desenhar. Gosto de desenhar boneco e um bocado de negócio. Pipa, a comunidade. Não vou e nem a minha família vai à igreja. Me sinto feliz e, as vezes, tristeza. Essa tristeza foi quando o meu tio, que foi embora, morreu. Ele trabalhava. Quando ele não trabalhava, ele vinha aqui me ver, saía comigo para onde eu queria. Só que, no país onde ele morava não aceitava branco. Só aceitava pardo como eu. Quando ele saiu para trabalhar, pela manhã, mataram ele. Ele morava em Angola. Ele vinha todo ano para cá. Minha prima, também, morreu. Teve uma dor, levaram para o hospital e lá faleceu. Ela era aluna, também, da AACA. Sinto saudades do meu tio e da minha prima. Ela teve uma dor, socorreram para um hospital muito longe. Não resistiu e morreu. Ela estava indo para a casa do namorado dela. Não tenho amigo porque não quero ter. Meu amigo é Deus e minha mãe. Só tenho amigo na escola, não tenho amigo aqui não. **Lá fora é uma escola de várias coisas. Hoje em dia os meninos estão entrando várias coisas: drogas, cheirando cola. Nunca cheirei cola. Sei o que é cheirar cola.**

7.1.3.2 ADOLESCENTES

7.1.3.2. (F)

Identificação:

Nome completo: **GVC**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 12 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro: XXX

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACCA, etc).

GVC Eu tenho uma irmã gêmea. Minha vida é boa. Tenho uma família que vivem bem. Moro com o meu pai, minha mãe e minha irmã. Gosto de morar aqui na ilha porque é um lugar bom. No meu ver é calmo. Gosto de participar da AACCA porque é um lugar reativo muito bom. As pessoas daqui são boas também.

P. Por favor, complete essas frases:

— **GVC**

a)Eu sou: *uma pessoa um pouco calma e um pouco agitada. Sou magra, também. Sou uma menina bonita. Alguém que me agita ou me agito por alguma coisa.*

b)Eu tenho: *um cachorro, dois passarinhos e uma tartaruga.*

c) Eu quero: *ser uma pessoa na vida. Quero crescer na vida.*

d)Eu estou disposto(a): *a ser melhor do que eu sou.*

e)Eu posso: *ser médica ou veterinária. Gosto de animais mas, também, de pessoas. Mas eu prefiro ser veterinária. Eu posso ser veterinária.*

Segunda parte

*GVC — Eu sou uma menina, de cabelo cacheado, moreninha e um pouco alta. Só isso. Tá difícil de lembrar uma historinha que me marcou. Aconteceu quando eu era pequena. Puxa, tá difícil de lembrar. Muita coisa na cabeça. Gente do Céu! Deixa eu me lembrar. Não dá para lembrar, não!**Sinto-me feliz vivendo na comunidade porque é muito bom, tem várias pessoas legais, tem várias coisas boas. Tem recreação. Eu amo a recreação. Minha irmã não gosta muito, mas eu gosto. O tipo de recreação é do tipo de brincar, faço capoeira, dança, muitas coisas. Eu, dentro da minha família, sou uma menina agitada porque não consigo ficar quieta nenhum minuto.***

Principalmente, a boca. Quando minha mãe e meu pai estão assistindo algo, eu fico fazendo mil perguntas. Oxe!, às vezes até eu fico calminha, mas agitada. Minha família tem muita gente. Eu tenho cinco irmãos homens e eu só tenho uma irmã mulher que é M, no caso. **Nosso dia a dia, em casa, é escola pela manhã, almoça, vem para a recreação dois dias da semana.** Mas, o resto da semana eu fico em casa assistindo porque a minha mãe trabalha aí eu fico assistindo de tarde. Quando ela chega à noite, ficamos assistindo novela. Eu assisto novelas e gosto de ver, também, séries e filmes. Série de comédia, suspense. **Minha mãe trabalha na creche, cuida de crianças. Meu pai é motorista de carro dos vereadores.** Eu gosto de conversar com os meus amigos, perturbar os meus amigos, também, dar abraços, fofocar. Várias coisas. Brincar. Eu gosto de falar: na escola eu gosto de falar de tudo e um pouco da sala. Mas, normal, né, faz bem.

O muro que é todo picado, né? Aquele muro eu não gosto muito porque não me sinto bem perto dele. Porque, do outro lado do muro, tem muita árvore e mato. Sinto medo (ao ver o muro). Ao ver o Shopping, a minha sensação é boa. Nunca me senti discriminada no Shopping. Quando eu vou ao Shopping, eu gosto de ir ao Shopping. É legal. Já fui muitas vezes lá. Só não vou muito lá, mas já fui algumas vezes. Já tive raiva: da minha irmã que fica me estressando. Eu estou quieta, ela vem mexer comigo. Ai, eu fico com raiva. Já senti alegria. Essa alegria foi muito boa. Uma sensação muito boa no coração. Já tive uma emoção, sim. De vez em quando, eu fico muito alegre, do nada. Às vezes, quando vou ao colégio, eu fico alegre. Eu gosto de ir para a escola. É bom. Antes de dormir, eu fico muito alegre, do nada. A comunidade, eu vejo como um lugar bom para morar, é calmo. É bom, muito bom.

Aqui já teve tiroteio, brigas. Um tiroteio teve, uma vez, na rua da minha casa. Quase que eu desmaio. Não sei. Foi por causa de uma mulher lá que tinha feito não sei o quê. Só não sei o que foi. Não sei explicar. Brigas, mais ou menos. De vez em quando. Uma vez perdida. Se eu tiver algum segredo, eu conto para a minha irmã.

P. Aqueles segredos bem cabeludos?

Ela começa a rir e não responde. Depois continua.

GVC — O meu sonho é virar veterinária porque eu amo bicho, os animais. Em casa, eu tenho um cachorro. Eu tinha três cachorros. Só que uma morreu quando teve os filhotinhos e a outra morreu agora a pouco. Tenho, agora, o meu pequeninho. Tenho quatro passarinhos. Eu gosto da AACA porque tem várias coisas

boas. Tem dança, capoeira, musica, artes. Tem várias coisas que eu gosto de fazer. Eu gosto mais de fazer é artes. Gente do Céu.

P. E sobre alguma historinha que te marcou. Você lembra?

GVC — *Ah, quando eu era pequena. Que eu me lembro até hoje é que fomos para uma chácara com a minha mãe e meu pai. Ia ter uma festa. Tinha uma piscina. Eu fui para a piscina. Quando eu pulei, eu pulei no fundo. Meu pai teve que pular junto, com carteira e celular junto porque eu ia me afogando. Estava fundo onde eu pulei. Depois, eu fiquei rindo. Gosto muito de brincar, de ficar em casa. Gosto, principalmente, de ficar em casa. Não gosto de rua. Eu gosto de brincar de boneca. Gosto de assistir desenhos de criança. Faço o sétimo ano. Gosto de estudar. Eu gosto de arte porque é mais fácil e legal. Você pode pintar, pode escrever, também. Antes, o meu sentimento é de cansado, agora eu estou alegre porque estava fazendo capoeira com os amigos.*

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **MWD**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 14 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

MWD— *Eu gosto de brincar com minhas irmãs. Ficar, sair com minha mãe, ficar em casa com a minha mãe. Moro com a minha mãe, meu pai e meus 5 irmãos. Gosto de morar na Ilha. Gostaria de morar só aqui. Eu gosto de participar da AACA porque aqui faço futebol, capoeira, dança. Não tive dificuldades, nem na AACA e nem na Ilha.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **MWD**

- a) Eu sou: *menina que gosta de fazer tudo. Sou legal. Gosto de fazer tudo. Sou magra.*
- b) Eu tenho: *vários tipos de amigos. Tenho minha família e tenho tudo o que eu quero.*
- c) Eu quero: *ajudar a minha mãe e meu pai. Quero ter um celular. Quero dar uma casa para a minha mãe.*
- d) Eu estou disposto(a): *fazer várias coisas. Estou disposta a ajudar a minha mãe. A ajudar a minha família.*
- e) Eu posso: *ser professora, jogadora de bola*

Segunda parte

MWD — *Não me lembro de nenhuma historinha que me marcou. Sou uma menina bonita, legal e brincalhona. Gosto muito de brincar, de fazer amizades. Amizades com quem gosta de brincar comigo. Morar aqui na Ilha Santa Teresinha é legal, bacana. Sinto-me feliz morando aqui. Gostando de morar aqui. É muito bom viver com a minha família toda. Só acho lindo viver com a minha família toda junto de mim. Eu gosto (dos amigos) que estão perto de mim que, para onde eu vou, eles vão, que gostam de mim. Eu saio para uma festa, uma festa que me convidam e que eu convido eles, também. Eles vão comigo.*

Já senti tristeza com o meu pai porque ele sai e minha mãe fica preocupada. Usa esse tipo de **drogas** e minha mãe fica preocupada, fica chorando e eu fico junto dela. Apelo para ela não chorar porque ela não pode ficar triste. Aqueles tipos de **drogas**, do tipo de pedras. Ai, ele só chega em casa no outro dia. Já faz uns quatro anos que ele se droga. Quando minha mãe estava na maternidade, ele vendia as coisas da minha mãe. Vendeu um perfume da minha mãe. Minha mãe não soube, só soube quando chegou em casa. Ai minha mãe chorou muito porque ele nunca foi de fazer isso, de mexer nas coisas da minha mãe e minha mãe não gostou. Minha mãe não gosta de se separar dele, minha mãe gosta de viver junto dele. Mas, minha mãe pensa que, como ele sai, para fazer essas coisas, minha mãe pensa que ele está traindo ela e ela não gosta. Ai, ela fica chorando toda a madrugada. Ai, ontem mesmo ele fez isso e só chegou hoje pela manhã e foi trabalhar.

Tenho eu, outro irmão de 12 anos, e um irmãozinho, tem um irmão que está namorando e mora com a namorada dele, e tenho uma irmã de 17 anos que está grávida. O namorado da minha irmã está preso porque ele faz essas coisas que meu pai faz, vende **drogas**. Ele só vende drogas. Ai os homens pegou ele. Ele não era de fazer isso porque onde ele fica é aqui perto, ai ele viu os homens fazer isso, ai ele queria testar. Ai, ele faz isso. Nós descobrimos porque eu fico andando por ai, passeando e minha mãe deixa. Eu chego em casa na hora na hora que ela quer, ai eu vejo meu pai e ligo para a minha mãe. Minha mãe fica logo nervosa, chorando porque ela não gosta disso. Minha mãe é crente. Eu vou junto com ela na igreja. Minha mãe não trabalha. Minha mãe trabalhava como faxineira mas ela está afastada para cuidar do meu irmão que tem, apenas, dois meses e ainda mama. Só sinto felicidade quando saio com a minha família para um canto que eu quero, que gosto e que eu gosto de ficar com a minha família. A minha visão da comunidade é agitado, todo mundo alegre. Me sinto normal ao ver o Shopping Tacaruna. Eu queria ir com a minha família lanchar, mas não tem como porque meu pai fica fazendo isso. A minha mãe não gosta de sair assim. Eu acho normal o muro, cheio de desenho, não acho normal o muro separando o Shopping. Me dá uma revolta porque não dá para vê as ruas direito, pois tem um muro tapando, tem uma rampa, também que é ruim porque os carros ficam ali preso. Algumas vezes me sinto excluída do Shopping porque não dá para ver, direito, o Shopping. O namorado da minha irmã liga toda segunda feira. Ele pergunta se minha mãe está bem, se a gente estamos bem. Já procuramos ajudar o meu pai. Ele vai para a igreja com a minha mãe. Eu acho que ele vai hoje, também. Nunca procuramos uma

ONG para ajudar o meu pai. Meu pai, algumas vezes, maltrata nós. Já me bateu. Nunca bateu em minha mãe. Minha mãe bate nele porque não gosto de vê-lo assim. Emocionalmente, me sinto triste ao ver meu pai assim porque não gosto de ver a minha mãe chorando. Tem hora que ele para de fazer, mas volta de novo. Na AACA me sinto acolhida, gosto. Aqui aprendo futebol, música, dança, informática. Não tenho nenhum segredo que contaria. Se eu tenho alguma dificuldade ou segredo conto a minha mãe. Ela me ajuda. Quero dá a minha mãe o que ela quer. No momento ela quer sair daqui e ir para outro canto para morar. Gosto, se ela quer eu gosto. Meu sonho é viver com a minha família em algum canto que o meu pai não faça isso.

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **MKS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 12 Anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACCA, etc).

MKS — *Minha vida, basicamente, eu vou à escola pela manhã, chego e participo desse projeto a AACCA que se chama Associação de Apoio à criança e ao adolescente. Minha família vive bem, graças a Deus. Minha mãe trabalha. Tem eu e minha irmã. Na verdade, tenho 4 irmãos. Eu e minha irmã. A outra irmã e meu outro irmão é de parte de pai. Só de uma que é comigo que é de parte de mãe. Minha avó, as minhas tias moram perto de mim e me ajudam bastante, principalmente quando minha mãe vai trabalhar, pois ela pega de 7 da manhã às 17hs. É basicamente isso a minha vida. Assim, tem algumas coisas que não gosto de morar na ilha porque tem muito vandalismo. Ai que parou, mas porque tinha toque de recolher antes, (gente) roubando aqui. Ultimamente, está mais tranquilo aqui. Mas eu consigo, eu posso, eu sei que posso tirar a minha família dessa comunidade. Morei nove meses em Itabajara. Nunca tive problema lá. Aqui também não. Só as vezes tem uma briga aqui e ali. Sou muito arengueira, mais já parei. Gosto da AACCA porque é meio um projeto recreativo, um passatempo, ficar com os amigos. É bem legal.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **MKS** —

- a) Eu sou: *uma menina magra, bonita, alegre, muito extrovertida, gosto de brincar com todo mundo. As vezes sou muito teimosa. Mas, nunca tive problema.*
- b) Eu tenho: *vontade de tirar a minha família daqui. Poder dá o melhor pois sei que posso.*
- c) Eu quero: *quando crescer, ser jogadora de futebol ou uma professora, ou uma PM.*
- d) Eu estou disposto(a): *estudar, estudar, estudar muito. Estou no sétimo ano. Estou disposta a mudar. Quando eu crescer (vou) poder sair dessa.*
- e) Eu posso: *fazer muita coisa para melhorar a minha vida.*

Segunda parte

MKS — *Sou magra, alta, tenho o cabelo pintado (descolorido), cabelo cacheado, não deixo as minhas unhas crescerem³⁶ e meu cabelo é muito grande. Uma história que me marcou foi que, um dia, eu pulei o muro da escola porque eu queria sair da escola. Não estavam me deixando sair. Não queria ficar nela (na escola). Eu gosto de estudar, sim. Mas, neste dia eu estava muito brava. Essa brabeza foi porque chamaram a minha mãe que fosse na escola. Minha foi na escola e inventaram várias coisas que não eram verdade (para a minha mãe). Então, eu fiquei muito arreitada. Ai, eles disseram que eu só saia de lá com a autorização da minha mãe. Não vou deixar você sair. Tá bom, na hora do recreio vocês vão ver se eu estarei na escola. Ai, deram meia hora de recreio e eu pulei. Eu e mais três colegas. Contaram uma história falsa para a minha mãe. Disseram que, toda vez que eu descia para o lanche, eu encontrava um menino pequeno e eu sempre roubava. Sempre batia nos meninos, prendia os meninos nos banheiros. Só que não era verdade. Quem contou isso foi o povo do colégio. Essa história foi o ano passado. Gosto de estudar. Gosto de estudar ciências e português. Meu sonho é sair daqui, tirar minha família daqui, morar onde minha tia está e arrumar um emprego bom, um trabalho bom para dar tudo de bom para a minha mãe e a minha avó. Eu moro com a minha mãe, minha irmã e meu padrasto. Eu gosto do meu padrasto.*

MKS, dentro da família, não é muito boa. M dá exemplo³⁷. MKS, defende os primos dela, briga dentro da família, MKS é uma menina muito imperativa, MKS é preguiçosa, MKS, às vezes, é malcriada. Tipo: eu brigo com os outros quando não fazem o que eu quero.

P. Como assim, como é a sua família?

MKS — *Ah, sim, a minha família é alegre e braba.*

P. Eita! Então puxou a MKS, né MKS?

Neste momento a entrevistada começou a rir. Depois continuou:

MKS — *Minha convivência com os amigos é boa porque eles me apoiam em tudo o que eu faço. Tentam sempre me levar para o melhor caminho. Às vezes, não, mas, na maioria das vezes sim. Estão comigo quando preciso. Não, muito, me*

36 Quando fala que não deixa as unhas crescerem, me mostra a sua mão com os cinco dedos e dá um sorriso.

37 Faz aspas com os dedos.

sinto feliz vivendo na comunidade porque quando não estou na AACA, sei lá, a comunidade, em si, é muito desrespeitada com as pessoas da comunidade. Tem muita briga, mesmo, aqui na comunidade. Vou dá um exemplo: quando uma mulher trai o cara, que é do crime, ou raspa a cabeça dela ou jogam ela no canal. Assim, quando um homem (não é uma mulher que escolhe. É um homem), gosta de uma mulher daqui da comunidade, um cara do crime, que faz coisa errada, eles querem ela. Elas aceitam ficar com ele. Só que, quando elas os traem, ou cortam o cabelo dela (raspa) ou jogam ela no canal. A maioria das vezes, elas não morrem no canal. Tinha muito tiroteio aqui. Tinha, também, muitas brigas de gangues. Era de um bairro que não ficava junto daqui, que não se davam certo. Sempre brigavam esse grupo com esse³⁸. Vire e mexe, era faca, tiroteio, toque de recolhimento. Desde criança a idoso, eles matavam. A minha visão perante esse muro que divide o Shopping da comunidade é que gosto. **Sinto, assim, perante o muro, senti, senti eu não senti porque deu apoio e tem o nome da barbearia do meu tio lá. Assim, no Shopping, me senti excluída pela famosa discriminação de cor, principalmente nas lojas. É assim, porque é negro, tem uma pele mais escura, é criança que vai pegar alguma coisa. É sempre isso. Não podemos fazer nada, nem eu e nem minha família. Não podemos escolher nada que quer porque estão sempre no nosso pé, quer alguma ajuda, quer o quê. De tanto a pessoa ficar muito no pé, isso enjoa. A minha visão, perante o Shopping, é bom porque é perto de casa e ajuda. Mas, em relação aos funcionários que discrimina a gente pela cor é muito ruim. Já senti raiva de alguma coisa. Eu tenho raiva de tudo.** Vamos dá um exemplo: do tipo, agora, estou sem fazer nada, estou com raiva. De tudo eu fico com raiva.

P. Mas você não está falando comigo?

MKS — Não, é porque estou quieta. Era para está brincando, agora. Já senti alegria. A alegria foi de ver a minha avó. Eu passei muito tempo em Pau Amarelo³⁹ na casa da minha avó por parte de padrasto. E, daí, quando eu vi a minha avó eu fiquei muito alegre. Eu fiquei triste quando fui e me despedi dela. Mas, quando voltei fiquei muito feliz. Eu fico muito feliz, também, quando vou para a quadrilha. Eu faço parte de uma quadrilha.

38Nessa hora, ela mostra, segurando um lápis em uma mão, um grupo. Na outra mão, sem nada, outro grupo.

39Pau Amarelo é uma praia famosa da Ilha de Itamacá – Paulista-PE

P. Olha, vamos fazer uma coisa: quando você estiver na quadrilha, você pede para alguém tirar uma foto de você na quadrilha e mandar para mim. Pode ser?

MKS — *Pode, sim.*

P. Quero ver uma foto bem bonita, de uma matutinha, porque vou querer colocar num quadro para ficar sempre me lembrando de você. Continuemos a entrevista. Você tem algum tipo de inveja? E quanto as suas emoções pode falar algo?

MKS — *Inveja de quê porque tenho tudo o que quero. MKS fica pensando e pede para pular a pergunta da emoção dela. A visão minha perante a comunidade é igual a que falei porque é das piores, tirando a AACA porque é o que acontece. Então, eles têm que dar uma segurada. Tenho muitos segredos. Eu conto esses segredos a uma menina perto da minha casa. Ela é minha amiga. Eu gosto de fazer, na AACA, as atividades das oficinas e de comer, também.*

P. O que a AACA oferece a vocês?

MKS — *Oferece artes, que são as melhores, as oficinas, também. Tem uma biblioteca, aqui, para as pessoas ler. A pessoa fica fazendo exercício físico para ajudar muito ao corpo. A AACA também oferece alimento: o lanche e o pão. Gosto do lanche. O que eu gosto mais de fazer na AACA é estar nas oficinas e de ler, também, na biblioteca. Eu, até, perdi o meu livro que estava lendo. Livro normal do tipo: história, diário. Gosto muito de ler diário. Gosto muito de estudar português e ciências. A faculdade que penso em fazer é técnica em enfermagem. Fora técnica, penso em ser policial.*

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **VMF**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa: Nessa

Idade: 13 Anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

VMF— *Minha vida é legal. Tenho muitos amigos. Moro com a minha mãe, meu pai e minha irmã. Morar aqui na Ilha é legal. Tudo legal, normal. Não tive dificuldades enfrentadas na Ilha. É muito bom estudar na AACA.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **VMF**—

- a) Eu sou: *legal, gentil, muito amigável.*
- b) Eu tenho: *muitos amigos.*
- c) Eu quero: *ser, quando crescer, jogadora de futebol, volei, fazer capoeira.*
- d) Eu estou disposto(a): *a tudo*
- e) Eu posso: *ter muitas oportunidades na vida, conseguir o que eu quero.*

Segunda parte

VMF — *Na família, eu ajudo. Não me lembro de nenhuma historia que me marcou. Não sei falar, como eu vejo a comunidade. Gosto de estar na comunidade. Não sei explicar o muro que separa o Shopping da comunidade. Me sinto normal (minha emoção). Nem é alegre nem é triste. É normal. Não sinto tristeza, nem, também, alegria. O Shopping eu vejo como um local que está lá para várias coisas. A comunidade é boa porque tem pessoas que eu conheço, tem várias coisas que acontece. Não me senti, nenhuma vez, com raiva. Não senti, em nenhum momento, inveja. Me sinto feliz vivendo na comunidade. A minha convivência com os meus amigos e familiares é muito boa. É bom porque eles sempre estão comigo. Eu sempre estou com eles, brinco, converso. As conversas com os amigos, nós fala. Converso alguma coisa de escola, algum segredo, Não tenho nenhum segredo. Só conto para os meus amigos (se eu tiver segredos). Os meus segredos, também conto aos meus pais. **Quando tenho alguma dificuldade, meus pais me ajudam.***

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **FES**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13 anos Sexo: Feminino Endereço XXX

Bairro: XXX – Recife Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc)

FES Eu não sou muito chegada a minha família não porque tenho muito problemas por lá. A minha família me julga demais. Eu não gosto que ninguém me compare a ninguém. Eu tenho as minhas escolhas, minhas opiniões e, ai, eles não respeitam. Querem sempre mandar em mim. Moro com minha mãe, meu padrasto e minha irmã. Moramos aqui na Ilha e eu gostaria de morar em outro lugar porque não me sinto bem aqui. As dificuldades que tenho aqui são com as pessoas. Meu pai não fala comigo, somos distantes mesmo. O meu padrasto, também, não falo com ele e a minha mãe trabalha o dia inteiro e a minha irmã fica comigo o dia inteiro, porém não fala comigo. A minha irmã é um ano mais nova que eu. É bom participar da AACA porque esquecemos um pouco, brincando e conversando com outras pessoas.

P. Por favor, complete essas frases:

— FES —

- a) Eu sou: *muito orgulhosa. Eu sempre tenho raiva das minhas coisas (rasgo), quando digo que estou errada eu estou, já que estou certa eu estou. Por mim, é tudo igual.*
- b) Eu tenho: *eu mesma. Comigo mesma.*
- c) Eu quero: *que as pessoas mudem, que a minha família me entenda eu sair daqui.*
- d) Eu estou disposto(a): *a mudar de vida.*
- e) Eu posso: *ter o que eu quero.*

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **HVS**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

HVS Minha vida é muito boa. Não tenho o que reclamar. Minha mãe me dá de tudo. Não sou filha única. Tenho 3 irmãs e uma sobrinha. Sou a mais nova. Faço o 8º ano. Minha escola não é na Ilha. É na vila. Minha escola é boa, tenho vários amigos. Amo a AACA. Estou aqui desde pequena, desde os 4 anos. Normal mora aqui na comunidade. Não me sinto mal em morar aqui na comunidade. Acho muito bom. Tem mais gente para brincar, mais pessoas para conhecer. Não pretendo sair da Ilha. É um sonho em participar da AACA. Na verdade, estou aqui desde os 4/5 anos. Sou daqui e não tenho nada de reclamar daqui. Aqui, estudamos, jogo bola, queimado, capoeira, dança, aula de música. Tem reforço do colégio. Quando tenho tarefa do colégio para fazer em casa e tenho dúvidas, eu trago para aqui e eles me ajudam a entender a tarefa. Eles, na verdade, ajudam em muito na tarefa, na sala. Não tenho o que reclamar daqui.

P. Por favor, complete essas frases:

— **HVS** —

- a) Eu sou: *H. Tenho 13 anos, moro na comunidade, faço tik toque, estudo na AACA, estudo no José Maria, tenho vários amigos e me acho perfeita. Minha vida é maravilhosa.*
- b) Eu tenho: *Tenho vários amigos, minha mãe, minhas amigas, várias pessoas.*
- c) Eu quero: *Tenho tudo, não preciso ter mais nada.*
- d) Eu estou disposto(a): *A fazer tudo. Conhecer vários amigos. Danço quadrilha. Tenho amigos na comunidade inteira.*

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **FCL**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa:

Idade: 12 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX

Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

FCL É boa nossa convivência. Se eu pudesse, eu ia morar em outro lugar, porém aqui é legal, tenho amigos aqui. Moro, aqui, com minha mãe, meu pai e meu irmão. Não teve nenhuma dificuldade na comunidade, na AACA. Participar da AACA é legal, fazemos atividades aqui tipo: Judô, caráter, dança, etc. Atividades escolares faço em casa.

P. Por favor, complete essas frases:

— **FCL** —

- a) Eu sou: *boa, independente*
- b) Eu tenho: *carisma, animação.*
- c) Eu quero: *ser veterinária.*
- d) Eu estou disposto(a): *a ajudar os cachorros da rua, gato também.*
- e) Eu posso: *acolher os bichos*

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **LVO**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa

Idade: 13 anos Sexo: Feminino Endereço: XXX

Bairro: XXX – Recife Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACA, etc).

LVO — *Não moro com o meu pai, pois meus pais são separados. Minha mãe trabalha e eu fico com os meus irmãos, porém dois dias venho para a AACA. De manhã, eu estudo, largo de meio dia e as 13hs venho para AACA. Moro com a minha mãe e irmãos. Morar na ilha é tudo de bom. Eu sou muito apegada aonde eu moro, não consigo me mudar não. Não penso em morar em outro canto. A não ser para viajar, conhecer outro lugar, morar não. A dificuldade foi falta de dinheiro, falta de recurso, mas já passou. O meu pai mora no Brun (no Pilar). É muito bom a AACA, eu gosto daqui. Fazemos atividades, saímos, brincamos.*

P. Por favor, complete essas frases:

— **LVO** —

- a) Eu sou: *linda, moro em Recife.*
- b) Eu tenho: *13 anos*
- c) Eu quero: *crescer, ter um trabalho, ter uma casa e cuidar da minha família.*
- d) Eu estou disposto(a): *a fazer tudo pela minha família.*
- e) Eu posso: *tudo o que eu quiser. Conquistar tudo que vem na minha cabeça e o que eu quero, trabalhar. Hoje temos tudo, temos uma faculdade e eu coloco na cabeça que quero fazer uma faculdade de medicina, não sei se vai dar certo. Faço faculdade, faço isso, faço aquilo. Vá que Deus queira e eu vire médica. Então, eu posso é fazer isso, sobre a fonte. Ter força de vontade e lutar.*

Segunda parte

LVO — *Eu vou dizer com sinceridade, eu sou uma boa pessoa, uma boa amiga, gosto muito de várias pessoas, mas de viver o meu momento, sou chata, sou ciumenta com as minhas amizades que tenho um afeto muito grande, assim, eu sou na medida do possível. Mas, eu sou aquela menina que entende todo mundo, que conversa com todo mundo, que se dá com todo mundo. Assim, todo mundo gosta de mim, do que eu saiba, que gosta de mim e eu gosto deles, meus amigos. Eu sou assim, sou essa menina. Que marcou a minha vida? Rapaz, não tem história que marcou a minha vida, não, só tem lembranças, sabe, mas bem lá no passado, **quando eu morava na rua**. Assim, já passei por momento difícil com a minha mãe, vários momentos em que **o ex-marido dela batia nela e eu ia para cima dele** porque a minha mãe, sabe, por vários motivos. **Moramos na rua porque a minha avó não aceitava que a minha mãe estava grávida de mim**. Minha mãe tinha saído, quando minha mãe voltou, minha avó tinha jogado tudo no chão, na rua. Minha mãe foi morar com o meu pai, passou altos e baixos com a minha avó (por parte de pai) que não gostava dela. E, assim, passamos por um período muito difícil, sabe, que **a gente chegou ao ponto de morar na rua, de passar fome, de tomar mingau azedo**, sabe? E, para mim, lembrar disso me dá.....tipo nós passamos altos negócios e esse marido da minha mãe nos mostrou onde ele morava, acolheu a gente, me deu conforto, me deu comida. Ele poderia ser tudo, mas eu sou muito grata a ele pelo o que ele fez por mim, pela minha mãe, por tudo (sou grata) a ele, sabe. Então, tem várias coisas, como a minha mãe conquistou as coisas. Minha mãe, no passado, a gente arrumou um canto. Mas, como a minha tinha saído, não estava mais morando com o meu pai tinha, porque tinha traído, a gente morou na rua, ela me deixou com a minha avó até arrumar um canto para ela. Mas, ainda passei uns dias com ela, ai **ela me deixou com a minha avó para o Conselho Tutelar não me pegar**. Depois da minha avó, fui morar com a minha madrinha. Ai, minha mãe achou uma invasão. Ai, foi morar ela e ele. Nisso, minha mãe era errada, sabe. Minha mãe roubava, minha mãe vendia droga. E, também, a irmã do ex-marido dela, ela tava grávida, muitos anos depois que chegou na invasão, fez um escândalo porque viu tudo o que minha mãe conquistou. E pegaram ela, a irmã do ex-marido dela e botaram a cabeça dela num tonel, sabe?. Muitas coisas eu passei para estar aqui, agora, quer dizer na minha vida. E a parte mais difícil (**passei**) com meus irmãos. Eu*

agradeço a Deus. Tenho um irmão doentinho e mais três irmãos. Meu irmão nasceu doente, sabe? Meu irmão nasceu com as perninhas para dentro e é autista. Ele se aposentou, minha mãe correu atrás para receber a aposentadoria dele. Queria ter tudo lá em casa, mas não dá porque o que dava para comprar, ela comprava. É de mês em mês o dinheiro. Um exemplo, hoje é dia 5, é hoje, né? Ela compra tudo o que precisa. Ai, mantemos até onde dá porque somos 5 pessoas em casa: minha Irma que tem 3 anos, meu outro irmão de 5 anos, esse meu irmão autista, minha mãe e eu. Tem que manter todos, né, 5 pessoas em casa. Como acaba as coisas rápido, minha mãe tem que fazer dívidas para ter dinheiro para comprar, sabe?. Não tem como ter as coisas porque ela tem que pagar as coisas. Tem manhã que é horrível não ter as coisas, sabe. Minha mãe não pode arrumar trabalho porque meu irmão doente é beneficiado. Mas minha mãe faz bicos. Meu pai ajuda: me dá a pensão. Ele ganha pouco, mas dá o que ele pode. Meu pai faz bico. Ele trabalha para ele. E ele ajuda como pode. E o ex-marido da minha mãe era, também, usuário de drogas. Mas, isso, agora, ele mudou. Mas, o ex-marido da minha mãe ajuda também. Dá tudo. Meu pai, chegou um tempo, que foi alcoólatra, sabe? Mas, ele arranjou uma mulher que o ajudou e, agora, ele está bem. E é assim a minha vida, tudo o que eu tenho. Peço todo o dia a Deus para que mude. Minha mãe tem 4 filhos para criar. É ela só, sofre. Meu pai dá no dia que pode para comprar as minhas coisas. E é ela só, para tudo. Ai fica difícil. Mas, é assim, essa é a minha vida, sabe?. É de altos e baixos, eu posso dizer a você que eu estou rica por tudo o que eu passei, eu to viva porque, por tudo o que eu passei. Assim, desde que eu cheguei aqui na comunidade, fui acolhida por todo mundo, me ajudaram, tem pessoas de bom coração, me deram de tudo: roupa, remédio, feira, etc. O ex-marido da minha mãe brigava com ela. Teve tempo que eu ficava um tempo com os vizinhos e um tempo em casa. E, assim, foi a minha vida. E, morar aqui na ilha Santa Teresinha é muito legal, eu gosto daqui, nem que me dê dinheiro eu quero sair daqui. Teve um dia que minha mãe saiu, foi morar em Águas Lindas e meu irmão adoeceu. As pessoas, na comunidade, acolhedoras. Morar aqui é tudo, as pessoas aqui acolheram, me ajudaram em muitas coisas. Aqui, também, na comunidade, me ajudam no que podem. Na AACA, também, me ajuda no que podem, em muitas coisas, com uma pequena feira. A comunidade também da feira quando pode. A única ajuda, assim, fora o material era quando eu estava doente, eu corria para a AACA e eles me davam

remédio, dava um curativo. Nunca cheguei aqui para pedir algum aconselhamento. Cheguei até faltar coisa em casa, mas nunca pedi. Sou uma menina sem stress. Na minha família tem de tudo, sabe. Minha avó é surda, não gosta dos meus irmãos, só de mim. Às vezes, nós vamos para lá. Na AACA é a mesma coisa da comunidade. Sou uma pessoa comigo mesmo. Viver na minha família é aperreio. Tem stress, sim. Minha família é um pouco de tudo. Minha mãe arranja alguma coisa para a família. Minha avó mora aqui, na comunidade, mas ela é surda. Nós vamos para a casa dela, ajudar a ela. Minha avó nunca acolheu minha mãe e nunca gosta dela. Minha avó é muito stressada. Ela é surda, mas os outros não entendem. Meus irmãos não gostam de ir para lá porque, no que eles mexem, minha avó não deixa. Mas, eu sei como ela é e me dei com ela, sabe? Ela vive com os filhos e ela não tem nem o direito de viver só. E nisso, ela vivendo com o dinheiro dela Não sei se ela está aposentada, agora. Um dia desse, minha avó tinha 49 anos. Minha família vive dentro dela. Eu gosto muito dela. Sou louca por meus irmãos e eles por mim. Eu vivo pela minha família é viver para mim. É bom demais. É stress é choro porque minha mãe é muito esquentada pois é a minha mãe só. Minha mãe é muito esquentada.

O muro que separa a comunidade do Shopping eu sinto normal, mas sinto discriminação. O Shopping é um “O” porque você entra no Shopping e os seguranças já começam a seguir. Eu digo por mim por que você não pode nem entrar no Shopping? e ele começa a seguir. Me dá até vontade de dizer: “eu vou comprar, moço”. Eles são muito corruptos, como eu posso dizer, gente, aquelas pessoas que são homofóbicas. Um negro, não podem ver um negro que começam a seguir, pensando que vai roubar. Apesar de que o povo daqui, tem alguns que roubam o Shopping. O Shopping é muito preconceituoso. Quando eu entro no Shopping, me sinto, não tem explicação porque eu entro no Shopping como se eu estivesse entrando numa loja. Nunca tive inveja. Ao contrario, os outros é que tem inveja de mim. Olha, já chegaram tantas amigas minhas para dizer assim: “antes de te conhecer, eu pensava que você era metida”. Ai eu pergunto a elas, o que elas viam em mim para acharem que era metida. Nunca fui metida. Sempre fui uma pessoa legal, sou humilde, gosto de todo mundo. Meu emocional é de chorar por tudo. Do tipo, vamos dizer, eu sou do tipo daquela pessoa que chora por qualquer coisa. Sou doida pelas pessoas. A senhora chega chorando, eu vou chorar também. Vou ter pena, vou tentar ajudar de alguma forma, do meu jeito,

mas vou tentar. E a minha emoção é, assim, chorar por qualquer coisa. Me sentirei feliz algum dia. Eu perguntei: e se você encontrar uma pessoa bem arrumada, você se sente complexada? Rapaz, vou dizer a verdade, viu, tem uma menininha que é metida. Eu vou ser sincera com vocês, que aqui em Santo Amaro que pega de rica, sabe, que é toda metida. Eu não gosto dessas coisas. Não tenho nenhum segredo.

ADOLESCENTES (F)

Identificação:

Nome completo: **MCC**

Pseudônimo com o qual gostaria de ser referido nesta pesquisa: Clara

Idade: 15 anos, Sexo: Feminino, Endereço: XXX Bairro: XXX – Recife

Estado: PE

P. Fale sobre a sua vida (incluindo a família, moradia na ilha, dificuldades enfrentadas, participação na AACCA, etc).

MCC— Tenho uma vida muito boa. Tenho algumas dificuldades. Minha mãe trabalha, meu padrasto também. Mora eu, minha mãe, meu padrasto e minha irmã. Eu e minha irmã estudamos e quando chegamos em casa, fazemos as coisas. Gosto muito de estudar. Quero ser policial, se Deus quiser. Dar uma condições melhor para a minha mãe e minha família. Morar na Ilha é bom. É onde eu nasci e quero simplificar por resto da minha vida. Não teve nenhuma dificuldade na comunidade. Participar da AACCA é muito bom porque tem muitas coisas e é legal estar sempre aqui.

P. Por favor, complete essas frases:

— MCC —

- a) Eu sou: MCC, sou uma menina legal de se dá.
- b) Eu tenho: muitas oportunidades para ser o que eu quero.
- c) Eu quero: muito realizar o meu sonho e a da minha família. O meu sonho é ser policial e o sonho da minha mãe é ter uma casa própria.
- d) Eu estou disposto(a): a fazer tudo o que minha mãe e minha família quer.
- e) Eu posso: realizar tudo o que eu quero.